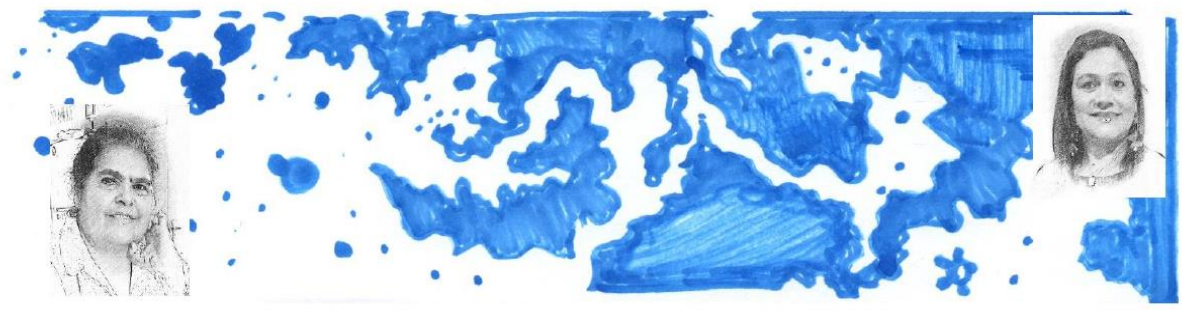
**ELISANDRA TOMASCHESKI**

# HISTÓRIAS SUBALTERNIZADAS: MULHERES PARAGUAIAS E A MIGRAÇÃO BRASILEIRA NA FRONTEIRA



**DOURADOS - 2023**

**ELISANDRA TOMASCHESKI**

# HISTÓRIAS SUBALTERNIZADAS: MULHERES PARAGUAIAS E A MIGRAÇÃO BRASILEIRA NA FRONTEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH-UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações.*

**Orientador:** Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi.

**DOURADOS – 2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

T655h Tomascheski, Elisandra

HISTÓRIAS SUBALTERNIZADAS: MULHERES PARAGUAIAS E A MIGRAÇÃO BRASILEIRA NA FRONTEIRA [recurso eletrônico] / Elisandra Tomascheski. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Losandro Antonio Tedeschi..

Tese (Doutorado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023. Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio

1. Mulheres paraguaias. 2. Migração. 3. Colonização. 4. Fronteira. 5. Coexistência. I. Tedeschi., Losandro Antonio. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**ELISANDRA TOMASCHESKI**

# HISTÓRIAS SUBALTERNIZADAS: MULHERES PARAGUAIAS E A MIGRAÇÃO BRASILEIRA NA FRONTEIRA

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

**Aprovada em 21 de novembro de 2023**

BANCA EXAMINADORA

Orientador e presidente: Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi (PPGH/UFGD)

Titular – externo: Ivo Santos Canabarro (PPGDH/UNIJUI)

Titular – externo: Marisa de Fátima Lomba de Farias (PPGS/UFGD)

Titular – interno: Leandro Baller (PPGH/UFGD)

Titular – interno: Claudia Regina Nichnig (PPGH/UFGD)

Suplente (interno): Adriana Aparecida Pinto (PPGH/UFGD)

Suplente (externo): Jiane Fernando Langaro (PPGH/UFG)

*À minha mãe Maria Leni Tomascheski, ao meu pai Clóvis Tomascheski e ao meu esposo Luis Fernando Teixeira Nobre.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um momento de reflexão, de pensar em todas as pessoas que contribuíram para que nos tornássemos o que somos, que nos apoiaram na caminhada, que suportaram nossos piores momentos, nossas ausências, lamurias, quando o único assunto era esta tese e que mesmo assim acreditaram que tudo seria passageiro e se mantiveram fortes ao nosso lado, sendo apoios fundamentais.

E eu tenho muita sorte porque existem várias pessoas assim na minha vida, deste modo agradeço:

Ao meu orientador Losandro Antonio Tedeschi, pela paciência, partilha de conhecimentos, conselhos, incentivo e principalmente pela autonomia e confiança dedicados a mim durante a pesquisa, sem dúvida um exemplo de ser humano.

Aos docentes do PPGH-UFGD, Leandro Baller, Ana Maria Colling e Losandro Antonio Tedeschi, pelos conhecimentos brindados durante as disciplinas da caminhada do doutorado. Ao Walace Gomes de Lima, por ser tão solícito, por estar sempre disposto a sanar minhas dúvidas (que não foram poucas) e principalmente pela paciência.

Agradeço aos membros da minha banca de qualificação Cláudia Nichnig, Marisa Lomba, Leandro Baller e Ivo Santos Canabarro pelas contribuições a minha pesquisa.

As mulheres entrevistadas para o desenvolvimento desta tese, por me concederem um tempo precioso de suas vidas e confiarem a mim suas histórias, sem vocês esta pesquisa não seria possível e tampouco teria sentido.

Aos meus pais Maria Leni Tomascheski e Clovis Tomascheski, por todo apoio ao longo da minha caminhada, vocês são incríveis, meu mundo não seria nada sem vocês.

Ao meu esposo Luis Fernando Teixeira Nobre, meu companheiro de vida, meu grande incentivador, você tornou minha trajetória mais bonita, obrigada por ser esse exemplo de ser humano, te amo!

Ao meu sogro Heleno Oliveira Nobre e minha sogra Neide Teixeira de Macedo Nobre, por todo apoio e amor, obrigada por me receberem na família como uma filha e por me incentivarem a ser melhor a cada dia, vocês são admiráveis.

Aos meus irmãos Antonio e Arlei, que me acompanharam mais de perto nessa trajetória, que frequentemente me perguntavam como estava a pesquisa, por se interessarem pela minha trajetória acadêmica. As minhas irmãs Veronica, Sandra e Denise que deram suporte ao meus pais, quando não pude me fazer presente.

As minhas cunhadas Marilene e Nancy por serem minhas melhores amigas, minha vida é muito mais feliz quando estou com vocês duas, vocês são incríveis.

As minhas sobrinhas Samanta, Daiane, Tchaila, Daiana, Aline, Andreia e ao meu sobrinho Lucas, vocês trazem cor e alegria para minha vida. As minhas sobrinhas netas e afilhadas Maria Victória, Maria Candela, Arissa e Mariana vocês são os novos amores da minha vida.

A minha amiga Silvana Piva, minha ouvinte fiel desses últimos anos, você trouxe risos, alegria de viver e claro muito treino na academia pra espairecer, cada vez que você disse que eu ia dar conta me fez acreditar que seria capaz, obrigada por tanto.

As minhas amigas Bruna Soares, Ana Souza e Paula Sampaio, presentes do mestrado, que de uma forma ou de outra me deram apoio nessa nova trajetória da pós-graduação, vocês são maravilhosas.

As minhas amigas Taysa Brender e Rosimeire da Silva, por terem ficado ao meu lado, mesmo quando eu não aguentava minha própria companhia, vocês me ouviram e deram bons conselhos, tornaram minha vida melhor.

A minha amiga Katia Aline, presente que o doutorado me deu, por todo o incentivo, conversas, desabafos sobre a pesquisa, você mudou a minha vida e sabe disso.

Ao José Carlos de Brito e Felomena da Conceição Brittes Popowski, diretor e diretora adjunta da Escola Estadual Nova Itamarati, por todo apoio e incentivo, vocês são incríveis.

Ao Marcelo Barbosa, coordenador pedagógico da Escola Estadual Nova Itamarati, por adequar meus horários de aula, facilitando o processo de pesquisa e de leituras para o desenvolvimento da tese, sua ajuda foi imensurável.

A Odosia Mabel Ferreira de Depper e família que me acolheram em sua casa, em Kumanda kai, possibilitando o desenvolvimento das pesquisas presenciais e também por terem organizado tão prontamente a assinatura das autorizações das entrevistas, vocês foram peças importantes para que este trabalho se concretizasse.

Ao meu aluno Gabriel Soares Valdês de Souza, por desenvolver a capa deste trabalho, seu talento e dedicação são extraordinários.

Aos meus demais amigos/as e familiares que partilham a vida comigo, pelo carinho dedicado em cada conversa, por tornarem a caminhada mais leve e tranquila.

A todos/as meus/minhas colegas de trabalho da Escola Estadual Nova Itam
conversa, cada risada, toda vez que perguntaram sobre o meu trabalho me incentivou
pessoa melhor, trabalhar com vocês é uma dádiva.

A todas as mulheres do passado e do presente, pelas existências e resistências, por terem lutado para que hoje eu pudesse ter a chance de trilhar uma vida acadêmica, somos o resultado de muitas lutas que começaram antes mesmo no nosso nascimento.

**RESUMO**

A migração brasileira ao Paraguai, a partir de meados do século XX, alavancou diversas pesquisas científicas que objetivavam compreender o processo migratório; muito já se escreveu, no entanto, ainda existem questionamentos sem respostas que movem os/as estudiosos/as. Esta tese assimila o olhar da mulher paraguaia sobre esse/a outro/a que chega, evidenciando um contato colonial do tempo presente, onde a linguagem e as formas de domínio se encontram e subjugam um/a em relação ao outro/a. A situação de terras no Paraguai, durante o Governo de Alfredo Stroessner (1954-1989), passou por diversas transformações a partir de planos governamentais e de reorganização populacional. Tal fenômeno pôde abrir espaço para a chegada e permanência de um número significativo de fluxos migratórios, primordialmente do Brasil, acarretando transformações sociais, econômicas e culturais naquele país. Dentro de todo esse panorama historiográfico, as mulheres, tanto brasileiras quanto paraguaias, foram invisibilizadas e esquecidas nas produções históricas, reafirmando o papel tradicional dessa área, costumeiramente pautada na valorização dos feitos masculinos. Assim sendo, com o intuito de romper com padrões hierárquicos da construção histórica, busca-se ouvir as vozes femininas desse processo, usando como metodologia de pesquisa a História Oral, deste modo utilizamos entrevistas realizadas com mulheres paraguaias pobres dos municípios de Katuete e Nueva Esperanza, localizadas no departamento de Canindeyu. Para além destas fontes, utiliza-se, de tal modo, discursos da imprensa paraguaia, sendo os jornais Ultima Hora e ABC Color. Não obstante, almeja-se construir um contraponto entre as duas exposições, fazendo um paralelo entre as narrativas das mulheres e o discurso publicado pela imprensa, objetivando uma aproximação da realidade social vivenciada com a necessidade de coexistência entre povos diferentes. A escolha da localidade advém do número do número expressivo de mulheres e homens brasileiros que ali viveram e ainda vivem. Deste modo, esta tese foi construída por meio dos labirintos silenciosos, no quais as mulheres predominantemente foram colocadas. Apresentar-se-á uma nova face desse processo migratório construída a partir das nuances do cotidiano feminino.

**Palavras-chave:** Mulheres paraguaias. Migração. Colonização. Fronteira. Coexistência.

**RESUMEM**

La migración brasileña al Paraguay, a partir de mediados del siglo XX, impulsó diversas investigaciones científicas que tuvieron como objetivo comprender el proceso migratorio; Ya se ha escrito mucho, sin embargo, todavía quedan preguntas sin respuestas que motivan a los estudiosos. Esta tesis asimila la mirada de la mujer paraguaya sobre este otro que llega, destacando un contacto colonial en la actualidad, donde lenguaje y formas de dominación se encuentran y someten uno en relación al otro. La situación agraria en Paraguay, durante el Gobierno de Alfredo Stroessner (1954-1989), sufrió varias transformaciones como resultado de planes gubernamentales y de reordenamiento poblacional. Este fenómeno abrió espacio para la llegada y permanencia de un número importante de flujos migratorios, principalmente provenientes de Brasil, generando transformaciones sociales, económicas y culturales en ese país. Dentro de todo este panorama historiográfico, las mujeres, tanto brasileñas como paraguayas, fueron invisibilizadas y olvidadas en las producciones históricas, reafirmando el papel tradicional de este ámbito, generalmente basado en la valorización de los logros masculinos. Por lo tanto, con el objetivo de romper con patrones jerárquicos de construcción histórica, buscamos escuchar las voces femeninas de este proceso, haciendo uso de la Historia Oral como metodología de investigación, utilizando así entrevistas realizadas a mujeres paraguayas pobres de los municipios de Katuete y Nueva. Esperanza., ubicada en el departamento de Canindeyú. Además de estas fuentes, se utilizan discursos de la prensa paraguaya, como los diarios Última Hora y ABC Color. Sin embargo, el objetivo es construir un contrapunto entre ambas exposiciones, estableciendo un paralelo entre las narrativas de las mujeres y el discurso publicado por la prensa, con el objetivo de acercar la realidad social vivida con la necesidad de coexistencia entre diferentes pueblos. La elección del lugar se debe al importante número de mujeres y hombres brasileños que vivieron y viven allí. Así, esta tesis se construyó a través de laberintos silenciosos, en los que se ubicaba predominantemente a las mujeres. Se presentará un nuevo rostro de este proceso migratorio, construido a partir de los matices de la cotidianidad femenina.

**Palabras clave:** Mujeres paraguayas. Migración. Colonización. Frontera. Coexistencia.

**ABSTRACT**

The Brazilian migration to Paraguay, starting from the mid-20th century, has spurred various scientific research efforts aimed at understanding the migratory process. Much has been written already; however, there are unanswered questions that attract scholars to want to conduct new research. This thesis assimilates the perspective of Paraguayan women regarding this 'other' who arrives, highlighting a present-day colonial encounter in which language and forms of dominance intersect, subjugating one in relation to the other. The land situation in Paraguay during the government of Alfredo Stroessner (1954-1989) underwent various transformations through government plans and population reorganization. This phenomenon opened the door for the arrival and establishment of a significant number of migratory flows, primarily from Brazil, resulting in social, economic, and cultural transformations in that country. Within this historiographical panorama, both Brazilian and Paraguayan women have been rendered invisible and forgotten in historical productions, reaffirming the traditional role of this area, often focused on the valorization of male achievements. Therefore, aiming to break with hierarchical patterns in historical construction, we seek to listen to the female voices in this process, employing Oral History as a research methodology. In this way, we use interviews conducted with poor Paraguayan women from the municipalities of Katuete and Nueva Esperanza, located in the department of Canindeyu. In addition to these sources, we also utilize discourses from the Paraguayan press, specifically the newspapers Ultima Hora and ABC Color. Nevertheless, the goal is to construct a counterpoint between the two presentations, drawing parallels between the narratives of women and the discourse published by the press, aiming for an approximation of the social reality experienced with the need for coexistence between different peoples. The choice of the locality arises from the significant number of Brazilian women and men who lived there and still live there. Thus, this thesis was constructed through the silent labyrinths in which women have predominantly been placed. A new aspect of this migratory process will be presented, constructed from the nuances of daily female life.

**Keywords:** Paraguayan Women. Migration. Colonization. Frontier. Coexistence.

*Em nossas existências colonizadas, racialmente engendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna.*

María Lugones

**LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Fotografia 1 - Olga Victória Vera Cañeta ..... 28
Fotografia 2 - Blanca Estela Ramires Flecha ..... 29
Fotografia 3 - María Carmen Morel de Viera ..... 30
Fotografia 4 - Elva Antonia Mareco Romero ..... 31
Fotografia 5 - Nilda Ramona Torres de Brizuenã ..... 32
Fotografia 6 - Lenir Marciniak ..... 33
Fotografia 7 - Luciana Bustamante Rodrigues ..... 34
Fotografia 8 - Espaço Mulher ..... 168
Fotografia 9 - Bairro vale do Mel ..... 172
Fotografia 10 - Loja de roupas ..... 176

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - As aquisições de terras por estrangeiros em alguns países da América Latina ..... 64

**LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 — Ocupação Brasileira no Paraguai.....59
Mapa 2 — Como as terras estão divididas no Paraguai .....65

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... **17**

**CAPÍTULO I** ..... **37**

**AS FRONTEIRAS E SUAS IMIGRAÇÕES: O OUTRO, O ESTRANHO E AS MULHERES PARAGUAIAS** ..... **37**

1.1 Situação de terras no Paraguai entre 1954-1989 ..... 37

1.2 Transformações territoriais com a chegada dos/as migrantes ..... 50

1.3 As mulheres paraguaias e a chegada do outro migrante ..... 69

**CAPÍTULO II** ..... **86**

**PERCEPÇÕES DE SI E DO OUTRO: A PRESENÇA DA DIFERENÇA** ..... **86**

2.1 "Existe um mini Brasil aqui": Nueva Esperanza y Katuete: municípios paraguaios com forte influência brasileira ..... 86

2.2 Dificuldades de convivência: culturas se sobrepõem ..... 101

2.3 O contato se estreita: meios de adaptação para coexistir com o/a outro/a ..... 112

**CAPÍTULO III** ..... **123**

**"LO QUE HIZO CRECER LA REGIÓN FUE EL TRABAJO DE LOS MIGRANTES": O TRABALHO SUAS NUANCES, REPRESENTAÇÕES NA VISÃO DAS MULHERES PARAGUAIAS** ..... **123**

3.1 "Os migrantes trouxeram o progresso" visão capitalista do uso da terra ..... 123

3.2 "Brasileiros trabalham de dia e de noite se precisar, os paraguaios não fazem isso": a representação do que é ser trabalhador/a ..... 135

3.3 Aproximações e distanciamentos: trabalho e cultura transformados após a radicação dos/as migrantes brasileiros no Paraguai ..... 146

**CAPÍTULO IV** ..... **157**

**O PRESENTE: A COEXISTÊNCIA NA ATUALIDADE** ..... **157**

4.1 Trabalho doméstico como marcador da diferença entre mulheres brasileiras e paraguaias ... 157

4.2 A dominação e seus rostos ..... 168

4.3 Coexistir: um caminho só de ida ..... 177

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... **187**

**REFERÊNCIAS** ..... **194**

**FONTES ORAIS** ..... **204**

**FONTES DA IMPRENSA** ..... **206**

**ANEXOS** ..... **208**

# INTRODUÇÃO

A pesquisa para o desenvolvimento desta tese de doutoramento defende a percepção das mulheres paraguaias, residentes nos municípios de Nueva Esperanza e Katuete, sobre os deslocamentos migracionais de brasileiros/as ao Paraguai. Levando em consideração que muito já se produziu no campo da historiografia, ainda assim, este assunto é pouco explorado, tanto sobre a migração entre os dois países, quanto em relação à questão das mulheres. O interesse sobre o tema foi despertado ainda no processo de graduação, durante a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC, no qual realizamos uma pesquisa sobre os brasiguaios[1] no Assentamento Itamarati e utilizando como técnica a História Oral.

O contato com esse objeto despertou em mim uma série de inquietações a respeito das mulheres brasiguaias, porquanto ao ouvir as narrativas dos/as brasiguaios/as, sobressaiam-se, predominantemente, os feitos masculinos. Essa inquietação me guiou ao mestrado, onde a proposta foi pesquisar a história das mulheres brasiguaias, que atualmente vivem no Assentamento Itamarati. O trabalho foi construído através de entrevistas, das quais foram utilizadas seis para a escrita da dissertação, que contou também com fontes da imprensa, sendo elas: jornais brasileiros e paraguaios que apresentaram conteúdos sobre o assunto com o recorte temporal almejado.

Deste modo, ao estudar o processo migratório de mulheres e homens brasileiros/as ao Paraguai, em uma perspectiva feminista e com olhar daquelas que migraram, surgiu, novamente, uma outra inquietação, ela efervesceu ao buscar compreender como a chegada do/a outro/a, o/a migrante brasileiro/a afetou a vida das mulheres paraguaias, pobres, trabalhadoras, desejando conhecer essas mulheres que coexistiram[2] no mesmo espaço e por analisar como sua existência foi transformada com o advento de um novo sujeito em seu território nacional.

[1] De acordo com Baller: O sujeito social brasiguaio surge, num primeiro momento, com uma nova e diferente bandeira de luta pela terra tanto no Paraguai quanto no Brasil, na medida em que ele se diferencia dos demais integrantes de movimentos sociais de luta pela terra. Com o passar do tempo, o tratamento do termo passa a ser de uso corrente, especialmente difundido pela imprensa e representando o brasileiro que está no Paraguai, que está ou esteve ligado as atividades rurais no país vizinho (BALLER, 2014, p. 71).

[2] A categoria coexistência perpassa toda a tese, partindo do pressuposto que o partilhar a vida entre brasileiros/as e paraguaios/as no Paraguai necessita de uma outra categoria de análise e coexistência neste trabalho tem por objetivo descrever o existir de grupos sociais diferentes, que não tiveram a opção de escolha ao coabitar no mesmo território, vai além da convivência, uma vez que ela pressupõe a predileção, e não foi o que ocorreu com essas pessoas, que movidos principalmente por questões políticas e econômicas, passaram a habitar um mesmo espaço geográfico, cada um carregando seus pressupostos culturais, alimentados por relações etnocêntricas, num sistema de aproximações e distanciamentos, onde a alteridade foi construída paulatinamente, e por vezes de forma unilateral, na qual uma aceitação e adequação maior ocorreu por parte dos/as paraguaios/as.

As pesquisas que realizamos estão diretamente ligadas à nossa vida e como ela desabrocha, eu como filha de migrantes, vivi no Paraguai a maior parte da minha infância e juventude, este trabalho é o encontro com minhas origens e também a compreensão do ciclo de trabalho e exploração que se desencadeia a partir do capitalismo. Minha família pobre, trabalhadora rural, encontrou naquele país a possibilidade de melhorar de vida, financeiramente falando, o Paraguai se abria como esperança para uma vida melhor, nas idas e vindas, nos arrendamentos e desmatamentos, na agricultura, na caça e na pesca, em meio ao desconhecido, meus pais moraram do lado de lá por mais de trinta anos, meus irmãos/as e eu, fomos criados dentro de um paradoxo cultural bastante atípico, ao mesmo tempo nos sentíamos estrangeiros e também paraguaios, pois sabíamos que estávamos em um país que não era o nosso, mas que era dele que sobrevivíamos, falávamos português em quase todos os espaços, nossos professores exigiam de nós o espanhol.

Depois de anos de trabalho e migração, inclusive dentro do Paraguai, trabalhando e vivendo em várias regiões, (Santa Rosa de Monday e San Alfredo – Alto Paraná, Encarnación, Cabyretá, Narajito – Itapúa, Marangatu, Agrícola Paraguaya e Nueva Esperanza – Canindeyu) o progresso financeiro não chegou para a minha família, o medo e a necessidade de voltar para o Brasil pairavam no ar, a vontade do regresso era latente, mas não se enxergava uma solução, meus pais já em idade avançada, meus irmãos e irmãs trilhando os caminhos da vida adulta, eu adolescente com 13 anos, a porta que se abriu e apresentou uma solução foi a reforma agrária, assim, através de vizinhos/as meu pai soube dos sem-terra do Mato Grosso do Sul e da promessa do governo de distribuir terras para as pessoas, a decisão foi tomada, voltaríamos para o Brasil e então passamos a fazer parte do Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST.

No começo não foi fácil, eu particularmente não queria a mudança, abandonar meus amigos, a escola, o conhecido para me aventurar no desconhecido era algo impensado, mas não tive escolha, a mudança aconteceu, curioso olhar para trás e perceber que eu gostava de morar no Paraguai, mas sempre fui ensinada que lá não era o meu lugar, que era brasileira e que deveria voltar para o Brasil, porque aqui tudo era “melhor” ao contrário de lá.

A mudança me levou, depois de alguns anos para a UFGD e para a iniciação científica, onde curiosamente o professor queria estudar sobre os brasiguaios no Assentamento Itamarati, e assim se desenrolou minha caminhada acadêmica, na busca por produção científica e também por um reencontro pessoal, com a história da minha família e de outras tantas, que migraram e transformaram espaços e pessoas, me trazendo até o presente momento, onde almejo

compreender como esse processo migratório afetou o cotidiano e a vida das mulheres paraguaias.

Importante ressaltar que, ao falar do/a migrante brasileiro/a no Paraguai, refere-se a um grupo heterogêneo, com características diversas, uns com posses e recursos para comprar terras e instaurar as raízes do agronegócio, outros/as pobres e desterrados no Brasil, que encontraram na migração a oportunidade de continuar trabalhando com a terra, haja vista as mudanças estruturais pelas quais seu país estava passando. Esses sujeitos, cada qual a sua maneira, instauraram mudanças no Paraguai a partir de sua chegada, no entanto, nosso objetivo não está centrado na definição de quem chega, mas no de compreender o olhar da mulher paraguaia sobre esse/a outro/a.

Estudar a mobilidade de brasileiros/as ao Paraguai e os impactos que esse processo causou no cotidiano das mulheres paraguaias, permite emergir uma nova forma de escrever a história a partir de outros sujeitos. Essa tese busca empreender uma análise sobre as leituras de mundo e as histórias pessoais e comunitárias que as mulheres paraguaias construíram sobre os migrantes brasileiros/as que adentraram ao Paraguai a partir da década de cinquenta do século XX.

Como fontes de estudos, utilizamos entrevistas realizadas com mulheres paraguaias dos municípios de Katuete[3] e Nueva Esperanza[4], localizadas no departamento de Canindeyu e também jornais paraguaios, como *Ultima Hora*, *ABC Color*, que retratam a entrada e a permanência massiva de brasileiros/as nessa região. A escolha dessa localidade advém do número expressivo de mulheres e homens brasileiros/as que ali viveram e ainda vivem.

Para análise das entrevistas utilizamos como metodologia na produção de fontes a História Oral, uma vez que a partir dela, busca-se um rompimento com padrões sociais no qual, tradicionalmente, emudecem alguns sujeitos históricos, como por exemplo as mulheres. A História Oral é uma ferramenta capaz de ampliar as possibilidades do fazer historiográfico, na luta contra o esquecimento ao trazer à tona novos/as protagonistas sociais. Segundo Silveira:

[3] Katuete é um município paraguaio, do departamento de Canindeyu, fundado em 24 de maio de 1994, localizado a cerca de 350 km da capital Assunção, com uma população de aproximadamente dez mil habitantes. Sua história remonta a década de 1970, quando se desencadeia a migração de brasileiros/as para a região, poucos dados são encontrados sobre o referido local, nas pesquisas aparecem predominantemente as questões relativas a migração. Para a construção de um panorama geral sobre o assunto pode-se acessar o seguinte endereço eletrônico: http://katuete.weebly.com/historia.html.

[4] Nueva Esperanza, município paraguaio, do departamento de Canindeyu, fundado em 10 de outubro de 2009, localizado a cerca de 294 km da capital Assunção, com uma população de cerca de treze mil habitante. Sua história remonta o final da década de 1970 e início de 1980, também com a chegada de migrantes brasileiros/as na região. Conhecida como a "Capital del granero", por conta do expressivo número de empresas de grãos e do plantio e comercialização dos mesmos. Recentemente o jornalista Efrain Martinez Cuevas publicou um livro sobre a história da cidade e da influência migrante no local, intitulado "El auge de Nueva Esperanza".

“O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à história, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito a memória” (SILVEIRA, 2007, p. 39).

Optar por esta metodologia, procede da oportunidade de compreender novas possibilidades, de conhecer novas realidades, para assim poder formular um outro entendimento a respeito da migração, levando em consideração a voz de outros sujeitos históricos que, por incontáveis vezes, foram deixados à margem desse processo. De acordo com Alberti: “A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2019, p. 164).

Deve-se ainda levar em consideração que a História Oral não acontece de maneira disjunta, uma vez que gestos, entoações, escolhas de situações específicas para narrar, também são analisadas. Meihy destaca que:

> Convém lembrar que a palavra dita e gravada não existe como fenômeno isolado. Muito do que é verbalizado ou integrado a oralidade, como gesto, lágrimas, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo expressões faciais – que na maioria das vezes não tem registros verbais garantidos em gravações - , pode integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista de história oral (MEIHY, 2017, p.14).

Trabalhar com a História Oral significa então lidar com as sensibilidades, sentimentos, memórias e escolhas dos sujeitos entrevistados, mas não significa que se deva adotar expressamente aquilo sobre o qual foi narrado. Neste caso, o historiador necessita analisar e interpretar cuidadosamente esses dados, pois, caso contrário, corre-se o risco de transformar as fontes em revelação da realidade. Desta feita pontua Alberti:

> O equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é a “História”, e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise. Em nome do próprio pluralismo, não se pode querer que uma única entrevista ou um grupo de entrevistas deem conta de forma definitiva e completa do que aconteceu no passado (ALBERTI, 2019, p. 158).

A memória narrada a partir da entrevista é parte do arcabouço cultural de quem fala, como encontro e também defesa da identidade. A História Oral inaugura um novo fazer histórico, dotado de subjetividade, alcançando sujeitos sociais diversos, desconstruindo balizamentos arbitrários consolidados por uma sociedade patriarcal e androcêntrica.

Para as mulheres esse novo fazer histórico a partir da História Oral traduz-se na construção de um olhar diferente para o presente e passado, evidenciando o lugar social feminino e como suas construções se pautaram em papéis tradicionais destinados recorrentemente a reprodução das desigualdades entre os gêneros e suas posições sociais hierárquicas. Conhecer as mulheres a partir das mulheres, segundo Tedeschi:

> A história Oral na ótica de gênero nasce como um conteúdo simbólico presente no imaginário coletivo que nos revela um atuar histórico que muitas vezes não foi percebido pela comunidade, ou mesmo pela história. Assim, podemos conhecer o sujeito da história, no caso das mulheres, conhecer a vida e o trabalho e seu fazer cotidiano, não desde a interpretação de uma visão patriarcal da história, mas pela consciência própria dessas mulheres (TEDESCHI, 2014, p. 29).

Escrever a história a partir das narrativas femininas demonstra como o fazer historiográfico está rompendo com padrões sociais hierarquizantes. Sabe-se que há um longo caminho a ser percorrido quando se trata de desigualdades de gênero, visto que as bases da nossa sociedade estão alicerçadas no patriarcado e sua disseminação não cessa facilmente.

A constituição social e suas ramificações culturais carregam em seu âmago diversas formas de desigualdades, que persistem de geração em geração, e o patriarcado se mantém enquanto estrutura social em diversos âmbitos sociais, sua permanência continua se concretizando com a colonialidade das subjetividades, na qual recorrentemente se percebe como normal a dominação masculina, segundo Saffioti: "[...] o patriarcado, que como o próprio nome indica, é o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens". (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Romper com esses padrões hierárquicos se faz necessário, lutar por uma sociedade mais justa e igualitária é preciso, deste modo, escrever sobre a história a partir de uma ótica feminina apresenta um enfrentamento simbólico e concreto aos padrões patriarcais, modelo social que por anos a fio justificou diferenças e desqualificou papeis sociais que não fossem o masculino, e infelizmente dentro de uma sociedade conservadora e tradicional como a vivenciada na atualidade, continua a proliferar esse *modus operandi*. De acordo com Lima e Souza: "O modelo patriarcal ainda desempenha, e não somente no Brasil, importante papel na estruturação das relações conjugais de gênero, legitimando desigualdades de direitos entre homens e mulheres." (LIMA & SOUZA, 2019, p. 581)

As relações patriarcais consolidaram as desigualdades de gênero, as sociedades ocidentais se adaptaram e propagaram as hierarquias, nas quais os homens ocupavam os espaços

sociais considerados mais relevantes, relegando às mulheres o mundo privado e suas atribuições de cuidar da casa, dos/as filhos/as, marido, funções de suma importância para a continuidade da vida humana, que, no entanto, não eram valorizadas, e frequentemente desqualificadas. Sabe-se que além dessas atribuições especificadas e reconhecidas como femininas, as mulheres realizavam outras tantas, que foram invisibilizadas e esquecidas dentro da história, a partir de uma abstração arquitetada para a conservação do poder patriarcal, que postulou a mulher, o feminino como inimigo, não sendo confiável, ardilosa, segundo Corvalán:

> El poder patriarcal es un poder monopolizado por los hombres. Se esgrimen también otros valores y alternativas que pueden ser percibidas como peligrosas, que muerden, porque están destinadas a eliminar la dominación de género. Quienes no están de acuerdo lo hacen lo que siempre se hace en la lucha política: idealizar el enemigo, en este caso, las mujeres y feministas (CORVALÁN, 2013, p. 56).

As tentativas das mulheres de sair da dominação patriarcal são desqualificadas recorrentemente, uma vez que se desconsideram as classificações de gênero que se construíram ao logo da história, tomadas como naturais e estabelecidas como regra, deste modo compreender as separações sociais, traz à tona as ordenações sociais pautadas nas diferenças. O conceito de gênero é de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois, nas palavras de Veiga e Pedro: "Gênero buscaria então dar conta das relações socialmente construídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social". (VEIGA & PEDRO, 2019, p. 330).

Desalinhar discursos que fecham as mulheres em espaços e situações, quebrando a noção de natureza como organização social da desigualdade é uma luta constante, pois os discursos separatistas, organizados segundo a sexualidade, fazem parte de um processo de longa duração, ainda coadunado nas subjetividades. Segundo Lugones: "As designações revelam que o que se entende por sexo biológico é socialmente construído". (LUGONES, 2020, p. 63).

Estes conceitos e categorias nos ajudam na compreensão das construções sociais, estipuladas e naturalizadas através do tempo, tocar nesse assunto, falar de mulheres é um ato de quebra de paradigmas, evidenciando um novo fazer histórico, com novas narrativas e sujeitos, para tanto a História Oral faz parte de um arcabouço teórico de grande valia para o desenvolver desse outro lado da historiografia, de acordo com Tedeschi: " A história oral como ferramenta metodológica tem na memória das mulheres, através do relato, da entrevista, suas lembranças como fonte de múltiplos tempos." (TEDESCHI, 2014, p. 33)

À vista disso, faz-se necessário conhecimentos e estudos diversos acerca do objeto de estudo, com o intuito de que se possa realizar uma análise satisfatória para a construção do trabalho historiográfico. Nesse ensejo, a fim de construir uma análise histórica ainda mais contundente, utilizaremos também como fonte de pesquisa os materiais da imprensa paraguaia, almejando comparar as narrativas das mulheres com os discursos da imprensa.

É válido ressaltar que a imprensa, ao publicar suas matérias tem intencionalidades, disputas por espaços de poder e ainda, em alguns casos, pode, inclusive, buscar a aprovação de certa fração da sociedade. De acordo com Martins e Luca: "[...] não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. " (MARTINS & LUCA, 2006, p. 11).

Tomemos como exemplo uma matéria publicada pelo jornal *Ultima Hora*, no ano de 2003, intitulada, "Aqui é Paraguai, mais você 'tein' que falar em português" [5], onde se ressalta a predominância de brasileiros na cidade de Katuete, além de trazer imagens de placas de comércios, onde impera o português e o "portunhol"[6].

Ao analisar uma publicação, deve-se levar em conta vários parâmetros, porquanto, cada matéria busca atingir um público-alvo. Ao escrever sobre o idioma que deve ser falado no referido município, o autor da matéria pode ter a intuição de demonstrar como a migração brasileira tem alterado culturalmente o Paraguai. Segundo Luca:

> [...] os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam, a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (LUCA, 2019, p. 140).

A imprensa fala de um lugar e representa algumas pessoas, assim, compreender seus discursos se faz bastante pertinente para estudar o processo migratório de brasileiros/as para o Paraguai e, conquanto, como estes eram percebidos pelos habitantes do referido país.

Não apenas o jornal *Ultima Hora* publica matérias relacionadas à chegada e à permanência de migrantes em solo paraguaio, mas também o jornal *ABC Color* faz parte deste rol de produções que denunciam a presença massiva de brasileiros/as no Paraguai. Em outubro de 2010, o referido periódico noticiou um texto intitulado "Hay mas de 500.000 brasiguayos en Paraguay". Nele, elucidava as transformações ocorridas na sociedade paraguaia com a chegada

[5] ULTIMA HORA, 22 de setembro de 2003.
[6] Expressão linguística caracterizada pela mistura de português com espanhol.

dos estrangeiros e bem como a carga de estranhamento entre os/as nativos/as e aqueles/as que chegam:

> La vasta y perdurable inmigración brasileña al Paraguay es una realidad no solo insoslayable, sino irreversible, por mucho que les pese a algunos. No se trata de un fenómeno marginal. Todo lo contrario, tiene profundas raíces en la historia reciente y en la propia conformación estructural de la sociedad paraguaya de hoy. Se estima que casi uno de cada diez habitantes del país es brasileño radicado en forma permanente o su descendiente directo. Un hecho que nos enfrenta a la tal vez incómoda, pero ineludible, tarea de redefinir la identidad nacional. […] No obstante, a los efectos prácticos, en esta nota nos permite la licencia de denominar así (brasiguayos) a los inmigrantes brasileños y sus descendientes de primera y segunda generación nacidos en el Paraguay que todavía conservan rasgos distintivos de sus orígenes.[7]

Esta reportagem abrange um arcabouço de construções identitárias fundamentadas nas diferenças. O jornalista aponta que o número de brasileiros e seus descendentes no Paraguai acarretou a execrável tarefa de redefinir a identidade nacional e enfatiza a marca indelével construída pelo migrante que não renunciou aos hábitos e aos costumes de sua nação de origem. Ao apontar as culturas nacionais Hall destaca:

> As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e as imagens que dela são construídas (HALL, 2015, p. 31).

Ao olhar para as matérias publicadas, em consonância com o conceito de identidade nacional postulada pelo autor, nota-se como a chegada dos/as brasileiros/as acarretou uma mudança na cultura nacional paraguaia, tendo em vista que todo grupo faz parte de um imaginário social e tem sua própria organização. De acordo com Baczko: "Todas as coletividades têm seus modos de funcionamento específicos." (BACZKO, 1985, p. 309).

É perceptível que as duas matérias mencionadas têm o objetivo de denunciar como a chegada e a radicação dos migrantes em solo paraguaio transformou suas realidades e apresentou uma nova forma de vida. É possível analisar que as suas intencionalidades buscavam recordar à população da presença massiva e invasiva do/a outro/a, porque tudo o que a imprensa produz vem carregado de significações. Segundo Sosa,

[7] DIÁRIO ABC COLOR, 23/10/2008, versão digital.

> O jornalismo, ao selecionar e transmitir a notícia, procede a uma manipulação do conhecimento apreendido pelo público leitor. [...] A imprensa escrita atua, desse modo, em um cenário com o qual interage com o discurso; fazendo parte de sua atividade e enquanto órgão de informação e de formação, é capaz de manipular a opinião pública, colocando-a ao lado de um ou de outro discurso (SOSA, 2006, p. 118).

Em alguns casos, matérias publicadas pela imprensa podem contribuir para se criar estereótipos entre determinados grupos, produzindo aproximações e distanciamentos baseados em jogos de interesses. Ao mencionar o número de migrantes no Paraguai, assim como o idioma que está sendo falado em determinado município, denuncia-se um lugar sendo usurpado por aqueles/as que chegam. De acordo com Cyrre:

> [...] a produção da matéria-notícia - enquanto processo de atualização de acontecimentos detentores de um discurso ideológico – também pode (re)velar uma articulação de nível simbólico que produz mitos e preconceitos sobre algumas personalidades ou movimentos sociais (CYRRE, 2013, p. 43).

Cabe ao historiador/a, que se propõe trabalhar com as fontes da imprensa, analisar e discutir os impactos dessas produções no imaginário social, levando em consideração suas intencionalidades e como se deu sua assimilação pelo público. Com efeito, ao discorrer sobre a presença e a transformação acarretada pela chegada do/a outro/a, pode-se interpretar que a imprensa almeja denunciar como a migração pode usurpar o lugar e as pessoas daquela nacionalidade.

Outra matéria publicada pelo jornal *Ultima Hora*, intitulada "Una marcada influencia de Brasil se observa en los distritos paranaenses", refere-se à situação encontrada nos municípios do departamento de Alto Paraná, mas que também pode ser notada em outras localidades ao abordar como a cultura brasileira tem marcado o território paraguaio:

> Los brasileños trajeron sus valijas y también su cultura que hoy 30 años después se refleja en los detalles de las ciudades, por ejemplo, en la cartelería de locales comerciales que generalmente están escritos en portugués o portuñol (una mezcla de español y portugués). Así como en los nombres que le dan al churrasco o asado, cocinado en sus más variadas versiones que ya se vuelve tradición en cada distrito.[8]

Uma vez mais é perceptível um tom de denúncia na reportagem, quando afirma que além das malas, os/as migrantes levaram também sua cultura que foi apropriada e está se

[8] ULTIMA HORA, 22 de setembro de 2013. Versão Digital.

transformando em tradição. Assim, o Paraguai se torna um país com identidades plurais, como destacou a autora supramencionada, situação incômoda para os habitantes originários daquelas terras, que em alguns casos notam suas tradições sendo suprimidas. Baller, ao estudar as migrações naquele território, pontua:

> Há a dinamização dos espaços de coexistência onde vivem diferentes povos como no interior do Paraguai, esse espaço é marcado pelas populações estrangeiras que vivificam práticas culturais e sociais que anteriormente já vivenciavam em seus locais de origem. É o que ocorre atualmente com descendentes dos grupos que já estão instalados no Paraguai desde o século XIX, como: os alemães, do início do século XX os menonitas, e por último os brasileiros após a segunda metade do século XX, com maior concentração nas três últimas décadas. Esses estrangeiros seguem os costumes dos seus pais, avós e assim por diante (BALLER, 2016, p. 237).

Muda-se de país, mas os hábitos permanecem os mesmos e o Paraguai se torna um conglomerado de pessoas de diferentes nacionalidades, às quais coexistem com os povos paraguaios sem abandonar suas identidades nacionais. De acordo com Fiorentin: "Sendo as migrações resultado de um processo amplo de mudanças é necessário considerar que elas trazem consigo um conjunto de novas relações que vão se estabelecendo no lugar de destino." (FIORENTIN, 2017, p. 58).

A mídia, deste modo, busca vivificar como aqueles/as que chegam passam a ocupar espaços, modificar tradições, trazer novas línguas, alterando o cenário do país. Nesse sentido, além de notar que a imprensa tem um lugar de fala, é relevante destacar para quem ela cria suas matérias, uma vez que, segundo Sosa: "O jornalista, ao expressar suas opiniões, está canalizando os anseios da sociedade e o contexto de sua época." (SOSA, 2006, p. 113).

Compreender o lugar social da fonte da imprensa, os motivos de sua produção, entendendo que tem objetivos pré-definidos, um público-alvo, faz-nos assimilar que a mídia busca ser uma formadora de opinião, na qual, em algumas circunstâncias, instiga o estranhamento entre os povos, ocupando as mentalidades do público leitor com as matérias escolhidas e trabalhadas a respeito de determinado assunto.

Nosso intuito, com a realização desta pesquisa e ao utilizarmos as fontes supramencionadas, é analisar como os discursos proferidos pela imprensa atingem a população e como são percebidos especificamente pelas mulheres paraguaias, uma vez que elas têm o poder de desenvolver juízos de valor. Além de poder gerar impactos positivos e negativos, pois em consonância com Barbosa: "Nenhuma produção documental é neutra e sua durabilidade

também indica certa propensão a já ter sido produzida visando a uma possibilidade futura." (BARBOSA, 2018, p. 22).

Esta pesquisa, apresenta uma compreensão a respeito das transformações suscitadas na vida de mulheres paraguaias a partir da imprensa e do contato com o/a outro/a para o desenvolvimento das percepções construídas acerca dos/as migrantes brasileiros/as em solo paraguaio. Formando uma nova historiografia do processo migratório entre o Brasil e o Paraguai narrada por mulheres.

Escrever sobre as mulheres paraguaias e suas percepções de vida rompe com padrões hierarquizantes da historiografia em vieses diversos, pois, a maioria dos escritos que a elas fazem menção dizem respeito à Guerra da Tríplice Aliança ao focar em seus papeis na reconstrução do país. Deste modo, esquecendo-se de outras faces das vidas femininas, geralmente despercebidas. De acordo com Tedeschi: "A crítica às narrativas históricas, introduzida sobretudo pelo feminismo, passa a mostrar que a própria história de mulheres não teria sido idêntica para todas as mulheres." (TEDESCHI, 2018, p. 02).

Contamos com oito entrevistas, sendo elas seis com mulheres paraguaias moradoras da região de Nueva Esperanza e Katuete, uma com uma mulher brasileira e uma com uma mulher filha de migrantes brasileiros/as da mesma localidade. Tendo como objetivo fazer um contraponto nas narrativas, anelando assim um resultado que mais se aproxime da realidade vivenciada por essas mulheres. Optou-se por deixar as entrevistas e citações em espanhol para não comprometer a análise das fontes. As entrevistas foram gravadas com consentimento e as autorizações escritas constam no anexo desta tese. Uma das mulheres paraguaias preferiu participar deste trabalho com pseudônimo, escolhendo o nome Lorena Morel, por esse motivo a autorização não foi incluída no anexo para preservar sua identidade.

Para apresentar as mulheres, protagonistas deste trabalho, far-se-á um breve relato sobre cada uma delas, seguido de uma foto, escolhida por elas, para assim ficarem registradas de maneira imagética nas laudas que narram as suas próprias histórias.

Olga ao escolher o local para ser fotografa, optou por sua cozinha, e também destacou que gostaria de registrar seu “mate” uma bebida paraguaia a base de água quente e erva-mate, afirmando que é parte da sua identidade e uma representação cultural de seu país.

**Fotografia 1 - Olga Victória Vera Cañeta**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 29/04/2023

Olga Victoria Vera Cañete, 63 anos, nasceu em Coronel Oviedo, residente no município de Nueva Esperanza, trabalhou como enfermeira. Mudou-se para poder trabalhar, chegando na região povoada pelos migrantes em 1989, quando teve seus primeiros contatos com os/as mulheres e homens advindos do Brasil, atualmente é aposentada e realiza afazeres de costuras,

Blanca como professora apaixonada pela profissão, escolheu ser fotografada com seu uniforme, destacando que sente muito orgulho em ser professora e que nesses anos todos trabalhando nessa comunidade de migrantes brasileiros/as aprendeu a gostar da cultura e da convivência com os estrangeiros.

**Fotografia 2 - Blanca Estela Ramires Flecha**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 26/09/2022.

Blanca Estela Ramires Flecha, 47 anos, nasceu em Valenzuela – departamento de Cordillera, mora há 23 anos na região de Nueva Esperanza, é professora e atualmente trabalha na secretaria de educação. Migrou para poder trabalhar e foi onde teve contato com os/as brasileiros/as em território paraguaio, trabalhando, inicialmente, com alunos/as predominantemente filhos/as de migrantes.

María Carmen escolhe posar para a foto em frente a sua propriedade, afirmando que é a realização de um sonho, depois de tantos anos de trabalho e sofrimento ter um lugarzinho para chamar de seu.

**Fotografía 3 - María Carmen Morel de Viera**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 29/04/2023

María Carmen Morel de Viera, 73 anos, nasceu na região fronteiriça de Ipehú, trabalhou de maneira predominante na roça e também com atividades domésticas. Afirma que sempre conviveu bem com os/as migrantes brasileiros/as, destacando que os bens construídos ao longo da vida só foram possíveis graças ao trabalho proporcionado por eles/as.

Elva ao ser questionada sobre como e onde gostaria de tirar a foto escolheu posar perto do mandiocal de seu sítio, afirmando que a planta é uma das principais formas de identidade do povo paraguaio.

**Fotografia 4 - Elva Antonia Mareco Romero**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 29/04/2023.

Elva Antonia Mareco Romero, 64 anos, nasceu em Hernandárias e se mudou para a região de Nueva Esperanza quando tinha por volta de vinte anos. Foi visitar sua mãe e recebeu a proposta para trabalhar como professora em uma fazenda, na qual viviam predominantemente migrantes brasileiros/as, momento em que teve seus primeiros contatos com a nova cultura chegada em seu território nacional.

Nilda escolheu posar com seu uniforme de trabalho, afirmando que nessa foto se sente realizada como docente, uma profissão com a qual sempre se identificou, compartilhar a vida com as crianças que ama tanto, almejando a formação humana em todas as suas dimensões é o que da sentido a sua existência.

**Fotografia 5 - Nilda Ramona Torres de Brizuenã**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 07/08/2023.

Nilda Ramona Torres de Brizuenã, 57 anos, nasceu em Coordillera, no distrito de Santa Helena, situada cem quilômetros antes de chegar na capital Asunción. Também migrou para a região de Nueva Esperanza para ter a oportunidade de trabalhar atuando na sua profissão como docente, ensinando, predominantemente, filhos/as dos brasileiros/as que povoavam a localidade.

Conversamos também com uma mulher brasileira, moradora dessa região que migrou para o Paraguai ainda na adolescência, acompanhando os pais, Lenir optou em enviar uma foto de quando estava grávida de seu filho caçula, destacando a importância da maternidade na sua vida.

**Fotografia 6 - Lenir Marciniak**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 30/10/2020

Lenir Marciniak, 46 anos, narrou sobre as dificuldades da mudança, da chegada e sobre a convivência com o/a diferente e as trocas e desafios culturais, ela morou cerca de trinta anos no Paraguai, retornando ao Brasil no ano de 2023, atualmente vive na cidade de Eldorado, Mato Grosso do Sul, afirma que o retorno ao seu país de origem é um sonho realizado.

Dialogamos, além disso, com uma mulher, filha de migrantes, sendo o pai argentino e a mãe brasileira, nascida no Paraguai, Luciana ao escolher um lugar para realizar o registro fotográfico, opta pela praça da cidade ao lado de suas filhas, narra que ao ser obrigada a sair da casa dos pais, após ser vítima de abuso sexual por parte do pai, essa praça foi seu lugar de refúgio por muito tempo, uma vez que não tinha pra onde ir, hoje quando passa por ela ou leva seus filhos para brincar, sente muita gratidão por ter superado tantas coisas difíceis na vida e por ter construído uma família e um lar seguro.

**Fotografia 7 - Luciana Bustamante Rodrigues**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 30/04/2023.

Luciana Bustamante Rodrigues, 35 anos, narrou as dificuldades, trocas culturais e de como é se sentir brasileira, viver em um lugar que parece ser Brasil e mesmo assim ser parte do Paraguai.

Lorena Morel, 85 anos, filha de mãe brasileira e pai paraguaio, nasceu em Paranhos, Mato Grosso do Sul. Viveram em constante mudanças na fronteira, morando ora do lado paraguaio, ora do lado brasileiro. Ela teve uma educação pautada na cultura paraguaia, desta forma fala espanhol e guarani, e migrou para a região de Nueva Esperanza e Katuete muito

jovem para trabalhar como professora. Foi responsável pela construção de várias escolas, quase todas em localidades com predomínio da migração advinda do Brasil, desta forma atuou principalmente com os/as filhos/as dos/as brasileiros/as. Lorena não quis tirar foto, destacando que não se sentia à vontade com a proposta, o que foi respeitado terminantemente.

As entrevistas que compõem este trabalho foram efetuadas em duas etapas, as primeiras, empreendidas em 2021, foram mediante as tecnologias de informação e comunicação, uma vez que o quadro pandêmico da COVID-19 enfrentado recentemente limitou o contato físico. Desta forma, a pandemia inaugurou uma nova maneira de fazer pesquisa.

No ano de 2022 foi realizada uma visita no Centro de Documentación y Estudios,-CDE[9], na cidade de Asunción, momento no qual, dialogamos acerca da história das mulheres paraguaias, como ela está sendo escrita, como sofre influências da história patriarcal e androcêntrica, mas que continua a quebrar paradigmas sociais hierarquizantes. A visita possibilitou um novo olhar ao fazer historiográfico feminino e nos brindou referenciais teóricos para abalizar a escrita deste trabalho.

No ano de 2023, para finalizar a tese e ajustar alguns detalhes, foi realizada uma visita as mulheres, que teve também como objetivo mostrar o andamento da pesquisa e vivenciar o cotidiano delas, em seu local de vivencia.

Andar pelas ruas de Nueva Esperanza e Katuete, é sentir de maneira concreta a influência migrante no lugar, desde o português conversado nas ruas, as placas dos comércios nesse idioma, as crianças brincando na rua, tem-se a impressão de estar caminhando por uma cidade brasileira.

A capa deste trabalho tem a intencionalidade de representar essa porosidade e fluidez da fronteira através das bandeiras que se fundem, mas que ao mesmo tempo se separam, um não existe sem o outro, no entanto persistem marcadores sociais da diferença. Os rostos das mulheres foram dispostos de maneira proposital, de acordo com suas opiniões sobre a migração, na bandeira brasileira estão aquelas que mais se identificam com a cultura migrante, paralelamente o mesmo acontece com a bandeira paraguaia.

Diante disso, o primeiro capítulo apresenta uma análise da situação de terras no Paraguai durante o período da ditadura de Alfredo Stroessner, afunilando para as transformações do espaço causadas pela presença massiva de migrantes e no momento final desta primeira parte busca-se fazer um apanhado histórico da vida das mulheres paraguaias, estabelecendo uma

[9] Para mais informações sobre o tema, pode-se acessar o site: https://www.cde.org.py/.

relação com a migração, objetivando quebrar paradigmas sociais patriarcais que invisibilizam a história das mulheres.

No segundo capítulo se constrói um panorama sobre a migração de brasileiros e brasileiras ao Paraguai, com destaque aos municípios de Nueva Esperanza e Katuete, explicitando como esse processo transformou as referidas localidades e simultaneamente as pessoas, em particular as mulheres paraguaias. Na sequência apresenta-se um delineamento a respeito da suplantação cultural promovida pelos migrantes em relação ao povo paraguaio, e na parte final deste capítulo se discorre sobre os meios de adaptação construídos por esses povos para coexistirem.

O terceiro capítulo apresenta inicialmente uma análise das transformações causadas pelos migrantes brasileiros/as no Paraguai, posteriormente constrói-se um panorama sobre as diferenças laborais entre brasileiros/as e paraguaios/as, partindo do ponto de vista das mulheres, e na parte final deste capítulo se apresenta as aproximações e os distanciamentos resultantes da obrigatoriedade da convivência.

O quarto capítulo que representa a parte final deste trabalho, expõe as relações sociais vivenciadas na atualidade, apresentando uma análise dos vínculos construídos entre as mulheres brasileiras e paraguaias, as diferenças e os acercamentos que transformaram o cotidiano de ambas. Na segunda parte se discorre acerca das cidades paraguaias, habitadas de forma massiva por migrantes brasileiros/as e de como se construiu uma nova forma de colonização desses espaços a partir da proliferação do português. Para finalizar o capítulo, se apresenta uma análise sobre como estão as relações entre os/as brasileiros/as, seus descendentes nascidos no Paraguai e os/as paraguaios/as, sinalizando no que se refere as novas formas de vida, que ocorrem numa codependência.

A história da fronteira ainda continua sendo uma história abissal[10], as mulheres paraguaias, no contato com o/a outro/a, constroem uma nova percepção de vida e de existência, há um contato entre duas culturas, um encontro colonial do tempo presente, onde linguagens, formas de domínio e o capitalismo agrário convergem na subjugação de um em relação ao outro.

[10] SANTOS, 2018.

# CAPÍTULO I

## AS FRONTEIRAS E SUAS IMIGRAÇÕES: O OUTRO, O ESTRANHO E AS MULHERES PARAGUAIAS

*"No hay como pensar que ellos están invadiendo un lugar que es de otro, si es suelo paraguayo, es Paraguay, pero a ellos se les invito venir". Elva Antonia Mareco Romero*

**I**nicialmente este capítulo apresenta uma análise da situação de terras no Paraguai durante o período do governo do presidente Alfredo Stroessner, entre os anos 1954-1989, momento histórico caracterizado por uma ditadura militar altamente repressiva e pela entrada massiva de estrangeiros, principalmente, de origem brasileira.

Posteriormente, faremos uma análise sobre a transformação do espaço ocorrida com o advento da migração brasileira, evidenciando a inauguração de uma economia baseada no capitalismo, em detrimento da cultura dos povos originários. Esta mudança exauriu formas de vida e de produção.

No último momento deste capítulo, buscamos fazer uma leitura da história de vida de mulheres paraguaias, estabelecendo uma relação com o contexto da migração, buscando por labirintos silenciosos ouvir a voz feminina, almejando romper com hierarquias classificatórias que subjugam o feminino e suas ações.

### **1.**1 **Situação de terras no Paraguai entre 1954-1989**

O Paraguai é um país marcadamente disputado por hierarquias políticas de cunho exploratório. Lutas partidárias pelo poder levaram o país a estagnação social e econômica. Em se tratando da ditadura de Alfredo Stroessner Matiauda, a situação foi se tornando cada vez mais crítica devido ao fato de sua administração se basear numa democracia de fachada, como destaca Nickson:

> A finales de 1960, el régimen había adquirido un control total sobre el Partido Colorado y la oposición tolerada en el país, pues las figuras más preeminentes de la oposición colorada estaban en el exilio. [...] Al mismo tiempo, se fue construyendo una fachada de democracia parlamentaria desde 1963 cuando el grupo «renovación» - una muy pequeña facción liberal – fue oficialmente reconocido como Partido Liberal (NICKSON, 2010, p. 268).

A ditadura de Strossner ficou marcada por sua duração, corrupção, crueldade e abertura comercial à países estrangeiros, mas como é sabido, nenhum governo se apresenta mostrando seus reais ideais de enriquecimento ilícito. Por este motivo, quando chegou ao poder, ele era a representação da esperança para um povo sofrido e explorado, pois antes de ser eleito, ele já vinha fazendo uma grande movimentação política e estava ganhando a confiança de alguns setores e de alguns países. Segundo Fiorentin:

> Con el firme control de las Fuerzas Armadas, el general Alfredo Stroessner inclusive le daba tiempo a hacer visitas protocolares a las repúblicas de Brasil y de los Estados Unidos. Recibido por autoridades militares y civiles em ambos países, Stroessner iba haciéndose de contactos y proyectando su carrera política futura. Así por ejemplo la Embajada de Paraguay em Washington resumió las opiniones de los anfitriones sobre el general Stroessner el 15 de julio de 1953 en una sola frase: "Un gran jefe" (FIORENTIN, 2014, p. 71).

Com esse cenário de apoio estrangeiro e das Forças Armadas, em um país desestabilizado politicamente, no qual estava acontecendo uma troca constante de presidentes, com o aumento da inflação, bem como sobre os interesses pessoais acima dos políticos, foi fácil obter sua ascensão ao poder e a concretização de um mandato favorável aos seus interesses e de seus apoiadores. Como destaca Fiorentin:

> Ocho presidentes en menos de siete años hacían el récord de los colorados en el poder poco o nada diferente del anarquismo liberal al que tanto criticaron. [...] La promesa de paz y orden, como le gustaba plantear al gobierno de Stroessner, seducía por igual a políticos y militares que buscaban un retorno a la estabilidad (FIORENTIN, 2014, p. 100).

Devendo favores e promessas políticas, o período de governo de Stroessner foi baseado em uma troca de benefícios, situação na qual uma pequena camada social pôde receber suas benesses. Villagra destaca que: "[...] efectivamente se dio mayor libertad y menos control a las empresas y al capital privado, por ejemplo, en la fijación de precios". (VILHAGRA, 2014, p. 30).

Para compreender como esse cenário de corrupção e de abandono do povo paraguaio foi se desenhando a favor do capital, faz-se necessário discorrer sobre os motivos pelos quais o Paraguai chegou nessa situação precária, sendo colocado e permanecendo por tanto tempo nas mãos da ditadura. No que tange a situação econômica, Masi destaca:

> Hasta comienzos de 1960, la economía paraguaya se caracterizaba por la existencia de enclaves agroindustriales, latifundios improductivos y

> minifundios de subsistencia, así como una escasa industrialización e inexistencia de un mercado interno. La economía nacional mostraba niveles de estancamientos importantes y el país se encontraba aislado tanto interna como externamente (MASI, 2017, p. 63-64).

Outro fator foi a superpopulação da região de Central em detrimento do restante do país, conjuntura que acabou gerando uma luta entre os latifundiários e as pequenas unidades de produção familiar. Os grandes detentores de terras temiam a invasão por parte daqueles que possuíam propriedades menores, estes por sua vez, reivindicavam o direito de terem mais terras para produzir. Neste cenário, outro agravante era a falta de mão de obra barata para abastecer o capitalismo emergente e, segundo Fogel: "La concentración de la tierra ciertamente constituye uno de los problemas centrales de nuestra sociedade" (FOGEL, 2001, p. 18).

Ao almejar solucionar parte do problema e beneficiar seus apoiadores políticos, Stroessner lançou um programa de colonização e reforma agrária no país, visando a ocupação dos territórios ditos inóspitos[11]. Buscou ainda a liberação de espaços na região de Central em benefício de uma aristocracia latifundiária, ultrajando novamente os/as pobres paraguaios/as. Villagra explica que as nuances dessa decisão do governo foram:

> Mas allá del número de colonias, de beneficiarios y superficie involucradas se puede afirmar que la colonización más que un proceso de reforma agraria que incorpore a la población campesina a los circuitos de producción y comercialización, mediante el acceso a tierras, créditos y asistencia técnica, fue un proyecto de incorporación de territorios mayormente vírgenes a la frontera agropecuaria del país. Al mismo tiempo fue una manera de descomprimir las tensiones de la densamente habitada zona central donde los campesinos, entre ellos muchos de los pynandi que habían defendido al régimen colorado en la Guerra Civil del 47, exigían tierras en mayor cantidad (VILLAGRA, 2014, p. 51).

O projeto de reforma agrária, cunhado no Paraguai nesse período, paulatinamente foi o motivo de exclusão das pessoas pobres, tanto da região de Central quanto do trabalho com a terra propriamente dito. Suas vertentes propulsoras continuaram com suas bases na acumulação de capital nas mãos de poucos. Segundo Fiorentin:

[11] Se faz relevante salientar que territórios tidos como inóspitos no Paraguai daquele período, eram áreas habitadas por povos indígenas, entretanto como já é sabido pela ótica do capital, quem não produz lucro é invisível ou dispensável, de acordo com Rodrigues: Cuando se inició la presidencia de Alfredo Stroessner los bosques del Paraguay eram todavia hogar de muchos pueblos. La revolución verde, la expansión de la empresa, el mercado de tierras, las represas hidroeléctricas ignoraron a los habitantes originarios o cambiaron sus condiciones de vida en forma catastrófica, lo que llevo a una matanza y a un sufrimiento evitable. En los papeles el Paraguay se había atribuido como estado, en propriedad fiscal o privada todo el territorio nacional. En la realidad material, los bosques no estaban vacíos, estaban poblados, pero sus habitantes no fueron tomados en cuenta como sujetos individuales y colectivo de derecho (RODRÍGUES, 2014 p. 61).

> [...] os campesinos paraguaios não tiveram políticas públicas que lhes permitissem o acesso à terra nem tampouco a inserção como pequenos produtores rurais já que não possuíam capital financeiro para adquiri-las. Assim, eles se tornaram trabalhadores independentes, empregados domésticos, assalariados do campo ou do comércio nas cidades que passam a se formar (FIORENTIN, 2017, p. 79).

Duplamente excluídos, campesinos/as paraguaios/as continuaram em uma situação de subserviência, não alcançando o desenvolvimento e a estabilidade financeira sonhada com a posse de Stroessner. Para completar seu domínio alienante o seu governo também implantou a mentalidade patriótica, ao ambicionar a dominação ideológica da população pelo amor à pátria, sem notar que ela estava sendo usurpada.

> El stronismo fundo una escuela del nacionalismo, bien particular, apologético del héroe militar. Promovió un culto a la patria, a las reliquias históricas, a los desfiles militares, a los himnos marciales y a la conducta viril de los ciudadanos (FARINA, 2014, p. 81).

Enquanto a população pobre estava preocupada em obedecer e a venerar os símbolos nacionais, o Paraguai pouco a pouco estava fazendo grandes alianças externas que não beneficiavam seu povo, carente de políticas públicas efetivas. Segundo Glauser: "La venta masiva de tierras estatales significó la expulsión de familias campesinas que no estaban en condiciones de pagar por éstas. Muchas poblaciones fueron vendidas con las tierras a los nuevos dueños" (GLAUSER, 2009, p. 25).

Essa análise da dominação ideológica, característica de regimes totalitários, foi concretizada mediante a censura da imprensa, de tal modo que, as pessoas não tomavam conhecimento dos cruéis acontecimentos levados a cabo pelo governo e seus apoiadores. Quando se limitam os meios de comunicação, a imposição de verdades absolutas e inquestionáveis, torna-se mais simplificada. Neste sentido Rodrígues pontua:

> Los periódicos copiaban los cables internacionales. Entretenimiento y deporte, con algunos hechos policiales y con información del Gobierno sobre los actos protocolares. No tenían editoriales, ni economía, política o cultura. Los funcionarios públicos leían el periódico oficialista Patria y escuchaban en Radio Nacional los programas del Partido Colorado, único acceso al éter (RODRÍGUES, 2014, p. 17).

Nesse período o Paraguai teve uma reorientação política em direção ao Brasil, decisão que transformaria o país deixando marcas indeléveis na população e no território, incoando uma

nova forma de viver e produzir com o advento da migração de mulheres e homens brasileiros/as. Essa aproximação não só possibilitou acordos econômicos como também inaugurou uma realidade diferente no cotidiano da população que passou a coexistir com os/as migrantes. De acordo com Villagra: "Desde la llegada de Stroessner al poder, se desató una mayor presión del Gobierno estadounidense para distanciarse de Buenos Aires y estrechar lazos políticos y económicos con el Brasil" (VILHAGRA, 2014, p. 34).

É necessário ressaltar que a ditadura paraguaia ocorre concomitantemente com a Guerra Fria, cenário que abalava o mundo nas disputas entre capitalismo e socialismo. Os Estados Unidos, cuja ideologia política exprime o capitalismo, financiou as ditaduras na América Latina com o objetivo de extirpar o socialismo. Isto alienou a compreensão da questão financeira dentro dos países subdesenvolvidos.

> El régimen de Stroessner descansó em cinco mecanismos cruciales que le permitieron mantenerse en el poder durante tanto tiempo: una fachada democrática, un sistema de represión eficaz, la corrupción institucionalizada, el uso de la ideología nacionalista y el apoyo de los Estados Unidos (NICKSON, 2010, p. 280).

Com o apoio de empréstimos significativos dos Estados Unidos e a reorientação política ao Brasil, o sistema de colonização de áreas "inóspitas" paraguaias toma outra proporção. Em se tratando da Região Fronteiriça Oriental – RFO houve uma grande abertura para a entrada e venda de terras a migrantes brasileiros/as. Como informado a seguir:

> La migración de los colonos brasileros empezó desde mediados de los años sesenta en adelante y se aceleró después de 1972. El abandono histórico de la región después de la caída de las exportaciones de la yerba y el fracaso del programa de colonización del IBR, junto con los cambios estructurales que se produjeron en el lado brasilero de la frontera, fueron la causa de este flujo migratorio que se fue facilitando por una serie de decisiones tomadas por el Gobierno Paraguayo de esa época (NICKSON, 2005, p. 236).

O que não se pode deixar de discutir é que essa entrada massiva de mulheres e homens brasileiros/as ocorre de maneira organizada, fruto de acordos políticos entre os dois países, sendo que, sobretudo, o povo paraguaio fica à margem, alheio ao desenvolvimento econômico. Olga, ao discorrer sobre a entrada dos/as migrantes e sua atuação no Paraguai, afirma em sua entrevista:

> *No puede un extranjero discutir en un país ajeno, pero la ley de nuestro país permitió, ellos vienen, tienen plata y compra y compra, porque la gente quiere*

> *vender no es que ellos toman la tierra, este vendió porque quiere vender, yo no veo esa parte que ellos aprovecharon, eso sí aprovechan porque tienen como y la gente acá hasta hoy vive con necesidad, entonces que es la salida, vendo mi terreno acá y me voy otra vez ahí, así es hasta hoy.* [12]

Nota-se que a entrevistada demonstra compreender do processo migratório, efetivado mediante a aprovação de leis que favoreciam aqueles que migraram em detrimento do povo paraguaio. Olga coloca como ponto principal a detenção de meios para a aquisição de terras, diferença primordial na sociedade capitalista emergente já que alguns possuem os meios e outros se sujeitam por não os ter.

A população pobre e rural paraguaia passa a viver em um nomadismo social, como destaca a narrativa supracitada "vendo mi terreno acá y me voy otra vez ahí", aspirando assim, uma maneira de sobreviver, diante da nova realidade que se apresenta. De acordo com Chiavenato: "Fica no Paraguai, então, um povo sem vanguarda política para organizá-lo, perdido dentro da miséria social e da falta de perspectivas, mas que vai se 'politizando' pela própria opressão social que sofre" (CHIAVENATO, 1980, p. 91).

Se comumente o povo paraguaio estava ficando sem guarida, imaginemos, pois, como a situação da mulher paraguaia, nesse contexto de ditadura concomitante à chegada dos migrantes, foi ainda mais agravada, uma vez que, seus direitos eram quase nulos. Segundo Rodrígues e Tosco:

> En Paraguay, las mujeres no tuvieron derecho a tener ni administrar bienes hasta la caída de la dictadura de Alfredo Stroessner (1954-1989) y la proclamación de una nueva Constitución en 1992. Hasta entonces, si las mujeres de familias ricas heredaban tierras, estas debían estar a nombre de su marido, de sus hijos o de sus hermanos varones (RODRÍGUES & TOSCO 2018, p. 08).

A realidade social e política vivenciada pelas mulheres sempre, ou quase sempre, foi de subalternização, a elas os direitos à propriedade, aos poderes de decisão, aos de escolha, foram negados; simbolizam políticas de um estado moderno e colonial sobre o feminino, fatores estes que garantiriam parte de sua dependência. A naturalização da discriminação e das desigualdades, em relação ao feminino, asseguraram sua dependência e tutelagem, uma realidade intensificada com a presença dos/as migrantes brasileiros, porquanto, outro campo de disputas e rivalidades foi inaugurado, aprofundando hierarquizações.

[12] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

O universo feminino colonial[13] pautou-se na obediência e invisibilidade, as mulheres travaram suas lutas paralelamente ao sofrimento e a condição social construída para o seu sexo, o código moral da sociedade buscou por séculos a fio se fundamentar em bases sólidas a dominação masculina, de acordo com Godoy: "El código moral de la sociedad implica el sometimiento como hecho constitutivo de la identidad femenina y convierte a la mujer en un objeto que puede que puede ser sometido con violencia." (GODOY, 2013, p. 24)

Campos de desterros emergiram e alguns foram acentuados, as mulheres paraguaias enfrentaram novas fronteiras, seus corpos, marcados pelo patriarcado e pela exclusão, tiveram que coexistir e aceitar o/a outro/a e a sua bagagem cultural, por vezes vivendo o exílio em sua própria terra. Segundo Skliar: "Hay destierros que van mas allá de los espacios conocidos y concebidos. Exílios, como estados y como condiciones, que nunca regresan" (SKLIAR, 2002, p. 86)

Os arranjos para a abertura paraguaia aos estrangeiros e as convenções políticas e sociais entre Brasil e Paraguai foram predominantemente amparadas pela legislação. Mudanças em estatutos, alterações de artigos e exclusão de algumas cláusulas protegeram os representantes políticos nas suas tomadas de decisões, às quais recorrentemente foram ponderadas, fundamentadas no lucro e na defesa de interesses particulares. Um exemplo disso foram as leis sancionadas em 1963:

> Em 1963 se sancionan las leyes 852 que crea el Instituto de Bienestar Rural y la 854 que establece El Estatuto Agrario, que reemplaza a la anterior de 1940. Esta ultima ley, al excluir la prohibición de ventas de tierra a extranjeros em zonas fronterizas, que establecía el estatuto agrario de 1940, dejo despejado el camino para la venta de las tierras más fértiles del país, en Alto Paraná, Canindeyú e Itapúa, a brasileños y corporaciones transnacionales, algunas veces en forma directa y otras veces a través de intermediarios paraguayos ligados al aparato estatal. Así mismo, desde 1968 se eliminaron otros obstáculos para la venta de fracciones medianas y grandes a brasileños que demandaban tierras en las propias colonias nacionales (FOGEL, 2001, P. 45).

Nos jogos políticos com interesses financeiros, muitas famílias paraguaias acabaram relegadas ao esquecimento e à miséria, pois se implantou no país uma forma de colonização e reforma agrária que não pensava no desenvolvimento social e financeiro do povo, mas sim no lucro, houve a mudança no conceito e uso da terra, de uso social para uso capital. Esta realidade foi sentida pela família de Olga, que narra como os seus pais precisaram sair do país em busca

[13] Ao se referir ao colonial, esta tese está embasada nas relações de gênero marcadas pela colonialidade de gênero, postulada por Maria Lugones.

de trabalho e melhores condições de vida: *"Mis padres se fueron a Argentina atrás de trabajo en el año 1957, hasta el sesenta y poco estuvieron ahí, por la explotación de yerba mate, nosotros nacimos todos en Argentina".* [14]

Situação notadamente contraditória, enquanto os/as brasileiros/as adentravam ao Paraguai em busca de terras e trabalho, os/as paraguaios/as saiam de lá pelo mesmo motivo, ensejo que reflete um protótipo político baseado na exploração de direitos básicos da população originária, que devido a leis arbitrarias de seu país de origem são colocadas em situação de tutelagem. De acordo com Rodrígues: "Un modelo que funcionaba con apoyo económico internacional a cambio de subalternidade" (RODRÍGUES, 2014, p. 74).

Nem todos os/as brasileiros/as que entraram no país vizinho tinham uma visão pioneira e desbravadora, pois uma fração foi em busca de trabalho e melhores condições de vida. Essa migração foi dotada de vários traços, encontros e desencontros, capazes de acentuar a sua heterogeneidade. O número significativo de pessoas em trânsito revela suas diferenças de vida e seus anseios ao partir rumo ao Paraguai.

Dentro do processo de transformação territorial e ocupacional dos territórios foram organizadas duas formas de colonização: uma publica/estatal e outra privada. Porém, ambas indiretamente pensadas em beneficiar apenas uma classe social, cumprindo assim, acordos combinados previamente.

> El proceso de colonización tuvo el componente público, a cargo del IBR, y el componente privado, a cargo de las propias empresas latifundistas o inmobiliarias. Dentro de la pública estuvieron las colonias programadas y las colonias espontáneas, fruto de ocupaciones de hecho. El gobierno y el Partido Colorado controlaban con mucho celo las colonias habilitadas y sus beneficiarios, quienes pasaban a formar parte de la base social del régimen (VILLAGRA, 2014, p. 49-50).

O zelo destinado ao cuidado com a distribuição das terras estava diretamente associado a quem poderia ser beneficiado, sendo que receberiam terras unicamente aqueles/as que apoiavam e defendiam o Partido Colorado, como destaca Rodrígues: "Hacerse colorado para acceder a las tierras, hacer negocios, acceder a cargos públicos, trabajar en empresas estatales o pedir favores" (RODRÍGUES, 2014, p. 18).

[14] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Eseranza.31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

Conjuntura vivenciada por Lorena, que ao narrar sua atuação como professora, destaca: "*De antes si no era del Partido Colorado no podía trabajar, yo solo fui profesora porque era del partido, no se daba trabajo a los que no eran colorados, se perseguía a los liberales".*[15]

Uma dominação ideológica passou a vigorar no país, no qual os acessos a bens, serviços, trabalhos e atendimentos eram, exclusivamente, destinados aos membros do partido. Instalou-se uma perseguição aos que não faziam parte do círculo político implantado severamente, cerceando liberdades, limitando e obrigando a população a uma condição de tutelagem.

A realidade feminina paraguaia enfrentou as duras penas de uma sociedade patriarcal, enfatizada por uma forma de governo autoritária que alargou as diferenças de gênero já existentes. Para poder participar de uma vida pública, as mulheres deveriam se adaptar a uma linha política delineada pela ditadura, elucida-se assim o que pontua Ferrer: "[...]la situación desventajosa de la mujer frente al autoritarismo de una sociedad castradora que funciona sobre el esquema de la familia patriarcal" (FERRER, 2002, p. 33).

Mesmo exercendo um cargo fora do âmbito familiar, a dominação sobre o corpo e as subjetividades femininas continuavam acontecendo. As escolhas não eram pautadas pela liberdade, mas sim pelo condicionamento. Para ascender a determinado lugar, exigia-se uma adaptação, regulada na ausência da individualidade em alternativas inacessíveis às mulheres. Com isso, passou a vigorar no Paraguai um sistema que girava em torno do supramencionado partido e os desejos muito particulares do presidente, posto que ao realizar o projeto de colonização, os acordos e interesses políticos foram tratados com uma importância maior do que a população beneficiada. Em se tratando da colonização privada, ela estava direcionada especificamente as/aos brasileiras/os. Segundo Villagra: "Por su parte, la colonización privada fue una modalidad exclusivamente destinada a los inmigrantes brasileños, realizada por los latifundistas directamente o por parte de empresas inmobiliarias tanto del Brasil como de Paraguay" (VILLAGRA, 2014 p. 51).

Com duas formas de colonização bem específicas, atendendo a públicos diferentes, gerou-se uma nova forma de desigualdade social, na qual as mulheres e os homens paraguaias/os, pobres, trabalhadores/as rurais foram os mais atingidos. Uma vez que receberam as terras, mas careciam de assistência técnica e políticas públicas adequadas para a permanência nelas, como destaca Nickson: "El llamado «programa de colonización» de 1960 fue un funesto

[15] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete, 05/06/2021. 21 min. (aprox.), som.

fracasso, por la altamente inadequada asistência técnica ofrecida a los colonos" (NICKSON, 2010, p. 292).

As condições precárias de vida dos/as paraguaios/as associados/as à chegada dos/as migrantes, tornou a realidade ainda mais dificultosa, posto que a soberania nacional foi usurpada e os direitos básicos para acesso e permanência na terra foram oferecidos a estrangeiros. De acordo com Fogel: "Sin dudas lo más resaltante de la experiencia histórica paraguaya de posguerra la extranjerización de su recurso más importante: la tierra" (FOGEL, 2001, p. 27-28).

Os/as migrantes brasileiros e brasileiras que chegavam ao Paraguai, possuíam condições e acesso diferentes a terra, em alguns casos, inclusive, com apoios financeiros governamentais. Sem contar que, nesse mesmo período, o Brasil também passava por uma transição na geografia rural, implantando uma nova forma de trabalho com a terra, baseada na monocultura, um processo de modernização conservadora. De acordo com Masi

> Básicamente, esos dos factores, el acelerado proceso de modernización en el Brasil – que se traducía em mayor presión sobre la tierra en su territorio – sumado a la disponibilidad de tierras a bajo costo e incentivos para su compra y producción en el Paraguay, resultaron en el dislocamiento de grandes contingentes de productores brasileños de diferente porte hacia el territorio paraguayo (MASI, 2017, p. 70).

Assim, a migração brasileira ao Paraguai, foi planejada e organizada, levando em consideração as mudanças emergentes nos dois países. Entretanto, é importante frisar que essa migração não foi homogênea, já que, ao mesmo tempo, migraram mulheres e homens ricos e pobres. Alguns mais estruturados financeiramente adquiriam grandes extensões de terras e as arrendavam, outros com escassas condições econômicas mudaram para poder continuar trabalhando com a terra, opção já inacessível no Brasil:

> En síntesis, la migración brasileña empezó hace ya más de medio siglo, desde 1960, y contó con varias oleadas migratorias siendo las más fuertes las ocurridas entre 1970 y mediados de 1980. Siempre llegaron migrantes ricos y migrantes pobres (GLAUSER, 2009, p. 30-31).

Em se tratando das famílias campesinas paraguaias, pode-se destacar, de acordo com os referenciais supracitados, que foram vítimas da usurpação da terra não apenas pelo advento da migração brasileira heterogênea, resultado de uma miríade de transformações políticas. Elva, ao ser questionada sobre a presença migrante afirma: *"El gobierno paraguayo, que nosotros*

*sabemos que fue así, que el general Alfredo Stroessner abrió las puertas del país, para que vengan las gentes y empiecen a poblar esta región".* [16]

A entrevistada compreende o processo de ingresso dos migrantes brasileiros/as como sendo resultado de um incentivo governamental. No momento seguinte ela destaca: *"no hay como pensar que ellos están invadiendo un lugar que es de otro, si es suelo paraguayo, es Paraguay, pero a ellos se les invito venir".* O diálogo com ela caminha em sentido contrário àquilo destacado pelos referenciais teóricos, pois ela não nota a presença do "outro" como furtiva ao povo paraguaio. Desta forma, compreende-se o que Bhabha descreve como estereótipo e ambivalência:

> Reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conhecer a relação entre o discurso e a política. A análise da ambivalência questiona as posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação (BHABHA, 2013, p. 118).

O olhar feminino sobre a migração rompe com alguns estereótipos constituídos historicamente. Destarte, evidencia-se uma ambivalência acerca da migração brasileira ao território paraguaio. Uma vez que a entrevistada, ao dizer que não acredita que os migrantes estão invadindo, elucida um outro olhar sobre aquele que migra, não mais como o invasor, mas como alguém que, da mesma forma, estava em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

Outro fator sobre a questão agrária paraguaia a ser destacado deve ser o fracasso e o alto índice de corrupção do órgão responsável pela organização desse setor social evidenciado pela distribuição de terras às pessoas que não precisavam dela. Nickson destaca:

> A lo largo del stronato, la entidad pública encargada de promover la reforma agraria, el Instituto de Bienestar Rural (IBR), concedió grandes extensiones de terrenos públicos (tierra fiscal) a dirigentes de las Fuerzas Armadas y del Partido Colorado, a precios muy por de debajo de su valor comercial (NICKSON, 2010 p. 285).

Deste modo, como é comum em uma ditadura, os acontecimentos são camuflados, a sociedade prejudicada e o desenrolar é nefasto. Neste caso, em específico, não apenas as pessoas paraguaias pobres acabaram sofrendo, mas, da mesma forma, os/as migrantes

[16] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

brasileiros/as marginalizados/as, ambos se tornaram massa de manobra de governos e partidos políticos aristocratas e de latifundiários, "os de lá e os de cá" padecem os impactos de decisões arbitrárias e impositivas. Uma matéria recente do jornal paraguaio *Ultima Hora,* intitulada "Stroessner y otros militares se repartieron miles de ha.", relata a corrupção na distribuição de terras durante o governo de Alfredo Stroessner:

> El régimen de Alfredo Stroessner benefició a varios altos jefes militares con miles de hectáreas de tierras que debían ser destinadas para la reforma agraria. El propio dictador se benefició con tierras, así como su consuegro y derrocador Andrés Rodríguez, y otros altos mandos, según consta en el Informe de la Comisión de Verdad y Justicia (CVJ) sobre las tierras mal habidas, que aún no han sido recuperadas. [17]

Associada a reorientação geográfica do Paraguai ao Brasil, dos acordos financeiros com os Estados Unidos emerge outro projeto: a construção da Usina Hidroelétrica de Itaipu, obra mastodôntica que alterou as bases da economia paraguaia, influenciando, diretamente, no desenvolvimento agrícola e comercial com alicerces capitalistas.

> El impulso a la expansión de la frontera agrícola brasileña en territorio paraguayo se dio en el marco del "Tratado de Itaipú"[18] firmado entre los generales Stroessner y Garrastazú Médici em 1973, y el tratado de "Amistad y Cooperación"[19] acordado entre Stroessner y Geisel en 1975. Los acuerdos respaldaron las inversiones de brasileños en Paraguay, y significaron el control de sectores diversos como la agricultura comercial, ganadería, bancas, casas de cambios, aserraderos, etc. (GLAUSER 2009, p. 30).

O Tratado de Itaipu beneficiou o Brasil de maneira significativa, nas negociações as vantagens brasileiras abarcariam desde a sua construção até ao uso e distribuição da energia produzida pela usina. Atualmente, esse acordo ainda é discutido e tido como incompreensível por muitas pessoas, por não entender como um país independente, como o Paraguai, deixou-se usurpar por outra nação, tida como inimiga em um curto espaço de tempo. Uma matéria do jornal paraguaio *ABC Color,* cujo título "Itapú: cuando la abundancia ahoga", nos faz refletir sobre os rumos sociais baseado no capitalismo. A matéria destaca:

[17] DIARIO *ULTIMA HORA*, 06/08/2020, versão digital.
[18] Os documentos oficiais das negociações entre Brasil e Paraguai podem ser acessados no link a seguir: https://www.itaipu.gov.br/institucional/documentos-oficiais
[19] O mencionado tratado pode ser acessado na página a seguir: https://www.funag.gov.br/chdd/images/Resenhas/RPEB_7_out_nov_dec_1975.pdf

> La represa de Itaipú, compartida por Paraguay y Brasil, ha sido, desde la firma del Tratado Constitutivo en 1973, uno de los temas más polémicos y tronantes en Paraguay. [...] a Brasil, promotor y principal financista de la mayor represa hidroeléctrica del mundo, este proyecto era parte de otras grandes obras de infraestructura realizadas en pleno auge de su «milagro económico» (1967-1973) y financiadas en una coyuntura de exceso de liquidez en el mercado internacional. Su construcción fue una solución para el problema de límites con Paraguay y cubrió la necesidad de satisfacer la creciente demanda de energía en un contexto de aumentos sustanciales del precio del petróleo. La promoción y financiamiento de Itaipú fue siempre considerado por Brasil un «favor» hecho a Paraguay y por lo tanto un argumento de peso para imponer condiciones extremadamente convenientes a sus intereses económicos y financieros, sobre todo para Eletrobras, accionista y principal acreedora de la hidroeléctrica. [20]

Esta reportagem abrange um compêndio de questões acerca da construção da Usina de Itaipu. Desde uma denúncia sobre as discussões contraditórias no período de negociação, até o sentimento de domínio do Paraguai pelo Brasil, uma vez que a matéria afirmava que a obra é considerada um favor. Tal situação alavancou uma série de imposições contraditórias, favorecendo, primordialmente, uma das partes. Porém, de acordo com Nickson, a soberania de um povo, pode ter sido negociada em troca do benefício e enriquecimentos de alguns:

> En 1973, miembros de la cúpula del régimen estuvieron envueltos en las negociaciones del Tratado de Itaipú con los militares brasileños y existen fuertes sospechas de que recibieron grandes sobornos a cambio de prestar su acuerdo a los términos tan evidentemente contrarios a los intereses nacionales del Paraguay (NICKSON, 2005, p. 285).

Os países subdesenvolvidos, na maioria das vezes, assim o são por conta da alta corrupção daqueles que os governam, em que o enriquecimento ilícito de alguns gera a pobreza e a subalternização do povo, usurpado e subjugado. Os efeitos dos acordos políticos, aliados à globalização e à corrupção governamental, foram responsáveis por criar grandes flancos sociais, nos quais, enquanto alguns aumentaram suas abastadas fortunas, outros ficam relegados à miséria social:

> En alguna medida se toma en cuenta la fuerza de los efectos locales del proceso de globalización y particularmente de las políticas neoliberales, pero como estamos en Paraguay, parte importante de las macro variables se originan en realidad en un estado prebendario que permitió la constitución y expansión de grupos empresariales y de latifundistas reaccionarios, con marcadas afinidades. Marqueses y barones de Itaipú forjaron fortunas más

[20] DIÁRIO ABC COLOR, 23/05/2021. Versão digital.

> colgados de las tetas del Estado que aprovechando oportunidades brindadas por el mercado (FOGEL, 2001, p. 13).

Em se tratando do Paraguai, especificamente, além de subverter a lógica de apoio ao povo paraguaio, seus representantes ainda subsidiaram política, e financeiramente, o desenvolvimento dos/as brasileiros/as, como pontuado por Baller: "No Paraguai a frente de expansão capitalista atua em antagonismo, pois enriquece os de 'fora', ao mesmo tempo em que empobrece e expulsa os pequenos agricultores" (BALLER, 2012, p. 299).

## 1.2 Transformações territoriais com a chegada dos/as migrantes

Após discorrer brevemente sobre como se deu a entrada massiva de mulheres e homens brasileiras/os no Paraguai, vamos analisar de qual forma o advento da migração transformou a condição rural, a produção e a vivência nesse novo território. Tendo em vista que os acordos políticos realizados nesse ínterim tinham como objetivo a expansão do cultivo agrícola, com o plantio em larga escala.

> La inmigración de colonos brasileros ha producido un rápido aumento en la producción agrícola en la Fértil RFO[21]. Tres tipos de cultivos comerciales – soya, menta y arroz de secano, ninguno de los cuales es nativo del Paraguay, han sido introducidos por los colonos brasileros y constituyen en la actualidad los principales cultivos de la región (NICKSON, 2005, p. 245).

Compreender quais foram as pessoas que optaram pela migração ao Paraguai também é um importante elo para analisar o processo migratório, haja vista que o deslocamento populacional é resultante de transformações tanto no país de origem quanto no de destino. Escolher a vida de estrangeiro, arriscar-se em solo desconhecido é uma escolha tortuosa e, segundo Kristeva: "A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada" (KRISTEVA, 1994, p. 15).

O/a migrante brasileiro/a tem origem e classe social diversa, provindo de distintas regiões do Brasil, obedecendo, de maneira geral, a uma lógica política–governamental, por meio das relações estruturadas entre os dois países, ambos com problemas relacionados a questão agrária. Enquanto o Brasil estava passando pelo processo de modernização

[21] Región Fronteriza Oriental.

conservadora da agricultura, a partir da implantação da produção mecanizada, o Paraguai almejava a ampliação da produção agrícola, especialmente, em regiões pouco habitadas, adequando-se ao mercado capitalista emergente. Baller destaca:

> Muitos brasileiros que tiveram como destino o Paraguai, obedeceram na verdade, a uma proposta para a contrapartida de políticas agrícolas do Brasil durante a década de 1970. Quando as políticas rurais/agrárias, desenvolvidas pelos governos do Brasil e do Paraguai, objetivavam tornar o acesso à terra mais democrático e apoiar a produção em pequenas propriedades agrícolas, especialmente em regiões pouco habitadas. Essas regiões situavam-se nos limites entre os dois países, eram áreas fronteiriças como as do oeste do Paraná, e as do leste de determinadas regiões do Paraguai que atenderam demandas de novas políticas agrícolas (BALLER, 2014, p. 107).

O processo migratório entre os dois países foi arquitetado para atender às demandas emergentes das duas nações e a ação da população, ao tomar a decisão de migrar, ou seja, ao se verem forçados pelas circunstancias a fazê-la, transformaram a paisagem agrária de ambas localidades. Este foi um movimento heterogêneo, caracterizado pela diversidade de migrantes. Segundo Klauk:

> Em relação àqueles que emigraram para o país vizinho, alguns tinham conseguido adquirir um pequeno pedaço de terra durante os anos de colonização no Paraná. Estes tiveram a chance de vendê-la, podendo com o dinheiro da venda chegar ao Paraguai e iniciar a luta naquele país já como proprietários, outros tinham que recomeçar do nada. Para estes, o início da luta se dava como arrendatários ou trabalhadores de empreitadas (KLAUCK, 2011, p. 871).

A migração ocorreu de forma ímpar, e em várias ondas, a partir de meados do século XX, o sonho da migração alavancado pela oportunidade de progresso financeiro. Alguns começaram a viver este objetivo mediante uma luta mais árdua, baseada em trabalhos braçais, outros tiveram a possibilidade de aumentar seu capital iniciado no Brasil, e, segundo Albuquerque:

> As associações de migrantes e vários pesquisadores terminam produzindo uma imagem generalizada do imigrante como alguém “pobre”, “trabalhador”, “vitima” e “marginalizado”. Todavia, nem todos os imigrantes se encontram nessa situação, existem aqueles que dominam e exploram outros imigrantes, bem como outros trabalhadores nacionais (ALBUQUERQUE, 2010, p. 53).

A desigualdade social, latente nas sociedades capitalistas, incentiva a movimentação das pessoas, constroem-se oportunidades para o "progresso" em detrimento da vida de alguns povos, predominantemente os originários, comunidades inteiras são anuladas em nome de uma nova forma de produção. Emergindo assim um terceiro elemento, a junção de culturas, alavancando um hibridismo cultural, com uma nova consciência, conforme destaca Anzaldúa, ao discorrer sobre a coexistência entre dois espaços:

> Ese tercer elemento es una nueva conciencia – una conciencia mestiza – y, aunque es una fuente de dolor intenso, su energía procede de un movimiento continuo de creación que rompe constantemente el aspecto unitario de cada nuevo paradigma (ANZALDUA, 2016, p.136).

Observa-se que tal cenário é benéfico para a manutenção da miséria, de modo que os migrantes são massa de manobra do poder, sentem-se colonizadores no outro lugar, no entanto, miseráveis, pois foram expulsos de seu próprio país. A modernização, enquanto proposta, tem o poder de incluir e excluir pessoas sem considerar as subjetividades delas. Gómes argumenta:

> Cuando hablamos de modernidad como "proyecto" nos estamos refiriendo también, y principalmente, a la existencia de una instancia central a partir de la cual son dispensados y coordinados los mecanismos de control sobre el mundo natural y social (GOMES, 2005, p. 147).

Articula-se uma nova forma de cidadania, construída sob circunstâncias diversas, na qual cada indivíduo é tratado de uma forma, determinado por sua classe social, seu corpo e sua nacionalidade e, não obstante, por seu gênero. As organizações sociais e estatais são permeadas por favoritismos e classificações segundo os seus graus de importância. De acordo com Mezzadra:

> La ciudadanía se presenta bajo esta perspectiva como aquel espacio al mismo tiempo «objetivo» (es decir, institucional y soberado) y «subjetivo» (es decir, de movimiento, de acción) en el que la política encuentra, en cada caso bajo circunstancias históricamente determinadas, su inestable representación (MEZZADRA, 2005, p. 50).

A cidadania das mulheres foi predominantemente hierarquizada, submissas aos desejos do patriarcado. Concomitante a isto, houve uma conspiração de silêncio que envolveu o feminino e suas ações, uma vivência constituída por formas particulares de violências.

Hegemonia instituída pelo poder, segundo Bidaseca: "La dominación es una fuerza que se alimenta de todo lo que pretende impugnarla" (BIDASECA, 2018, p. 74).

As várias formas de desigualdades foram se naturalizando ao longo da composição destas sociedades. No decorrer desta pesquisa, deparamo-nos com classificações que seguiam graus de importância postulados por uma sociedade colonizadora e androcêntrica.

Os/as estrangeiros brasileiros no Paraguai, seguindo uma nova ordem social imposta, ansiavam construir uma vida melhor, além-fronteira, em um novo território. Lenir, ao ser questionada durante a entrevista se sabia o porquê tantos brasileiros haviam migrado, respondeu:

> *Porque no Brasil também não é tão fácil pra quem tem pouco. Hoje em dia já não é tanto, porque antigamente quem vinha pra cá fazia a vida, vinha comprava uma terrinha, conseguia fazer a vida aqui, hoje em dia já não mais, mas antigamente era por isso, que nem eu tenho uma irmã que mora aqui acho que há uns quarenta anos, a Rosa, ela veio pra cá o filho dela era bebezinho, hoje tem quarenta e poucos anos, eles vieram sem nada, e hoje em dia eles tem, eles fizeram a vida aqui, muita gente fez a vida aqui.*[22]

Migrar para fazer vida, lançar um novo olhar para o desconhecido almejando reconstruir a vida com melhor qualidade. Os/as brasileiros/as foram para o Paraguai, mas, para além da vontade de evoluir financeiramente, levaram consigo seus hábitos, costumes, instaurando no novo lugar uma nova forma de vida que é sentida pelos paraguaios, característica dos encontros e desencontros de dois povos sofridos. Blanca, ao ser questionada sobre as mudanças causadas em sua rotina a partir do contato com os migrantes, afirma:

> *Mi rutina cambio mucho, como te digo me encanta la comida de ellos, la ensalada, el arroz, el feijão, me encanta y suelo hacer y escucho música brasilera, a mi me encanta escuchar, y antes yo no entendía lo que decía, yo compre el CD de Rio Negro y Solimões y me encanta a mí, solo que nunca aprendí a bailar, pero me gusta mucho escuchar.* [23]

A chegada dos/as migrantes brasileiros/as acarretou grandes transformações, não apenas na produção, mas também no espaço comunitário, uma vez que o advento desse novo sujeito alterou a rotina, a cultura e a realidade do povo paraguaio. Juntamente com essas peculiaridades

[22] ENTREVISTA. **Lenir Maciniak** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. 30/06/2021. Nueva Esperanza. 31:05 (aprox.), som.
[23] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.

alteradas no cotidiano, incorporou-se com agilidade os traços do capitalismo, cuja principal característica é o lucro em detrimento do lugar e dos seres que o habitam:

> La sociedad paraguaya enfrenta ahora la violencia de la reterritorialización extranjera y choque de construcciones culturales que siempre ha caracterizado al colonialismo. Sin embargo, no se debe caer en la xenofobia, el problema no es el origen del extranjero, sino el modelo productivo que importa e impone, constituyéndose en la punta de lanza del capitalismo salvaje (GLAUSER, 2009, p. 165).

Assim, com o capitalismo emergente, a chegada do/a migrante, e com o desenvolvimento de uma nova forma de produção, o povo paraguaio foi perdendo lugar dentro do seu território nacional. Lorena, ao ser questionada sobre como seria o Paraguai sem os/as brasileiros/as, responde:

> *Y antes era todo monte y había muchos animales por los montes, había indios bravos, esos indios que mataban mucho a los paraguayos y ahora hay mucha diferencia, la limpieza, eso fue lo principal, si fuese paraguayo nuestro monte iba a estar siempre ahí, porque para los paraguayos es difícil trabajar con la estopadora (trator de esteira).* [24]

Um lugar transformado pela presença do outro, dos bosques e florestas restam lembranças, alguns animais também entraram em extinção, e a lembrança dos povos originários traz o medo, uma vez que são recordados como assassinos do povo paraguaio. Mas será que eles não faziam parte dessa nação, não seriam eles também paraguaios? Pois as identidades sociais se transformam no contexto da migração. De acordo com Woodward:

> A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (WOODWARD, 2014, p. 11).

Lorena se coloca como diferente do/a indígena e do/a brasileiro/a. O povo paraguaio fica entre o/a "selvagem" e o/a responsável por transformar o país a partir do desmatamento, alterando a paisagem rural, de mata fechada, em áreas de plantação. Esse/a outro/a, que rompe com os padrões de vida conhecidos e assimilados, traz à tona uma mudança, desconstruindo padrões. Segundo Skliar: "El otro ya no parece ser sólo um afuera permanente, o uma promessa

[24] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 01:20:24 min. (aprox.), som.

integradora, o su regresso a nuestro hospedaje, o su extranjería, o su andar errante y/o vagabundo. Su irrupción confunde el espácio de la mismidad." (SKLIAR, 2002, p. 87).

A narrativa de Lorena é o reflexo da versão oficial construída para a aceitação do/a estrangeiro/a. Quando ela diz que para os paraguaios é difícil o manejo dos maquinários, indiretamente ela faz uma classificação baseada em uma hierarquia de valor entre as duas nações. Segundo Fiorentin: "Juntamente a uma ampla devastação das florestas e à especialização na produção agrícola, aconteceu também a desarticulação do modo de vida dos camponeses paraguaios" (FIORENTIN, 2017, p. 37).

Uma nova forma de vida alterou subsequentemente a rotina de maneira impositiva, sem nenhuma preocupação com os povos originários, com os/as camponeses/as ou com os povos com menos visibilidade social. A coexistência com o/a outro/a, até recentemente inimigo bélico, gerou desconfianças, medos, incertezas e relacionamentos contenciosos. Luciana, ao ser questionada sobre a convivência com os paraguaios, afirma:

> *Sofri certa discriminação por eu não falar guarani, só falo espanhol, eu sofri um certo preconceito, mas eu não dava muita importância, porque eu entendia né, tem muita dor por trás disso. Acho que os paraguaios têm uma certa mágoa com os brasileiros, com relação ao que aconteceu, das brigas entre o Brasil e o Paraguai, eu acho que tem bastante dor por trás disso.* [25]

A entrevistada compreende o processo histórico beligerante que envolve as duas nações e atrela isto ao fato de acontecerem certas discriminações com relação àqueles/as que migram. Por trás da hostilidade vivida por meio do contato com o outro, existe uma vulnerabilidade resultante de situações complexas experenciadas no passado, ligadas ao espaço e a vivência. Segundo Said: "[...]o espaço adquire um sentido emocional, ou mesmo racional, por uma espécie de processo poético, o mesmo pelo qual as áreas distantes e vazias ou anônimas são convertidas em significado para nós" (SAID, 2007, p. 92).

De maneira rápida, um povo com marcas de violência histórica foi inexoravelmente transformado. Mudanças que exauriram suas formas de vida e de produção, amparadas na negação de direitos básicos, os quais foram designados aos indivíduos estrangeiros, construindo, desde o princípio, um relacionamento baseado em rivalidades, esgotando as possibilidades de emancipação financeira por meio do trabalho com a terra.

[25] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 28 min. (aprox.), som.

> Pero la estrategia stronista buscaba solo aliviar, no transformar el campesino en un ciudadano próspero ni libre. No tituló su propriedad territorial ni posibilitó su desarrollo, ni dispuso de microcréditos, medios de mercado, asistencia técnica, educación o salud (RODRÍGUES, 2014, p. 70).

O trabalhador rural paraguaio não recebeu a mesma atenção que o/a migrante recebeu, ambos foram colocados numa escala de valor diversa, baseada na negação de direitos, na qual os sujeitos sociais distintos foram transformados em desiguais desde o princípio, pois enquanto alguns mitigavam assistência, outros contavam com ela. O jornal *Ultima Hora* na matéria "Somos extranjeros en nuestra propia tierra", pondera sobre as distinções entre os povos das duas nações:

> Es una lástima, pero los brasileños se han adueñado de todas las mejores tierras del Alto Paraná y a los campesinos paraguayos ya no nos queda nada. Nosotros somos tratados como extranjeros en nuestra propia tierra", dice Estela Coronel, una de las mujeres que ocuparon las tierras del Grupo Favero en Ñacunday. […] No tengo nada personal contra los brasileros, pero me molesta que ellos manden más que nosotros en nuestro propio país. Los jueces, los fiscales, la policía, los periodistas, todos les obedecen y salen a favor de ellos porque tienen mucha plata, mientras a los verdaderos campesinos paraguayos nos echan a garrotazos, como perros. [26]

A situação de denúncia da subjugação do povo paraguaio, a partir da venda ilimitada de terras aos estrangeiros, salienta situações conflitantes no interior do país. "Ellos se han adueñado de todas las mejores tierras" ao enfatizar esse fato, a representante do movimento campesino manifesta seu repúdio às interferências segregacionistas que favoreceram os migrantes brasileiros/as.

Temos um estado colonial paraguaio que reproduz a desigualdade, tanto dos/as brasileiros/as que querem entrar quanto dos/as paraguaios/as que ficam. Esse Estado possibilita as desigualdades, permitindo que os/as estrangeiros/as entrem, o que modifica a vida dos/as paraguaios/as pobres que sofrem este impacto. Ao mesmo tempo, um lugar pode ser considerado de avanço e de grandes possibilidades, bem como de retrocesso e de restrições. A eminente chegada dos/as migrantes demonstrou como a anuência do governo provocou um distanciamento entre os povos, nos quais o preconceito baseado em informações disformes fez que as rivalidades florescessem.

Levando em consideração os desdobramentos da Guerra da Tríplice Aliança é necessário compreender como o/a campesino/a paraguaio/a lidou com a realidade que exigia

[26] DIÁRIO *ULTIMA HORA*, 31/07/2011. Versão digital.

uma coexistência com os/as brasileiros/as, considerados uma ameaça há até pouco tempo. Em outras palavras: perder espaço para o inimigo. Nickson explana sobre esta conjuntura:

> López peleó para defender la Nación contra Argentina y Brasil; pero, en cambio, bajo Stroessner la penetración brasileña en el Paraguay fue extensiva, como resultado del Tratado de Itaipú, lo que favoreció la entrada de más de 250.000 en la región fronteriza del este del país (NICKSON, 2010, p. 287).

O número expressivo de migrantes, a implantação de uma maneira diferente de trabalho com a terra, acarretou uma série de estereótipos baseados em preconcepções negativas de ambos os lados. Na mentalidade dos/as brasileiros se constrói a crença de que o povo paraguaio não trabalha e sente aversão a atividades que exijam muito esforço e dedicação. Ao discorrer sobre a descrição que se tinha dos/as paraguaios/as Fiorentin afirma que eles: "[...] foram estigmatizados e estereotipados como desapegados ao trabalho, além de pobres por sua falta de interesse ao trabalho" (FIORENTIN, 2017, p. 79). Neste mesmo sentido, Villagra pontua: "Los campesinos y terratenientes se dedicaron a desvalorizar y denigrar al campesino paraguayo" (VILLAGRA, 2014, p. 40).

O processo de migração brasileira ao Paraguai é construído sob uma espécie de colonialidade[27], o que gera uma divisão dentro da divisão, nasce-se relações de dominação instauradas a partir de relações de poder. Segundo Santos: "O contato hegemônico converte simultaneidade em não contemporaneidade. Inventa passados para dar lugar a um futuro único e homogêneo" (SANTOS, 2018, p. 645).

As diferenças culturais instadas ao longo dos anos promoveram estereótipos entre esses dois povos que passaram a coexistir. Floresceram com isso situações convergentes para a noção relacionada ao que os/as próprios paraguaios/as construíram sobre si. Elva, ao ser questionada sobre o trabalho dos migrantes e dos/as paraguaios/as, relata:

> *Se nota el esfuerzo enorme que ellos hacen de cómo trabajan, sin importarle lluvia, ni sol, ni frio, ya el paraguayo por su idiosincrasia, por su forma de ser ya es más tranquilo, trabaja poco, después descansa, toma su terere, tranquilo es el paraguayo, eso no es malo, es su forma de ser, es diferente, en cambio el migrante vos ves que de madrugada ya está trabajando, va a trabajar hasta la noche si es necesario y así y yo claro que noto que hay diferencia*.[28]

[27] Ao usar a categoria colonialidade, faz-se referência a colonialidade do poder, postulada por Anibal Quijano.
[28] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

Baseando-se na noção capitalista de trabalho e de acúmulo de capitais, construiu-se uma narrativa preconcebida e empobrecida sobre quem é trabalhador e quem deixa de sê-lo. A narrativa de Elva corrobora com a utopia de que o migrante é aquele que não tem preguiça, que evolui financeiramente por não ter hora para trabalhar, imaginário que reforça que o povo paraguaio tem uma característica peculiar de não estar muito ligado ao trabalho.

No entanto, sabe-se que a noção de trabalho é baseada em uma metamorfose de acordo com a localidade e a importância social de uma ação pode não ser necessariamente a mesma para diferentes sujeitos. Apesar disso, o discurso de não predisposição para o trabalho, que recai sobre o povo paraguaio, fundamentou explorações de terras e justificou a ação do governo e dos/as migrantes. Os/as que chegavam culpavam os/as nativos por seu próprio infortúnio, eram pobres por sua própria culpa e por seu desapego ao trabalho. Foi esta uma boa forma para pretextar e compreender a espoliação que o povo pobre paraguaio estava sofrendo, uma maneira simples de estigmatização do outro; implantada através de um sistema ideológico projetado para este fim.

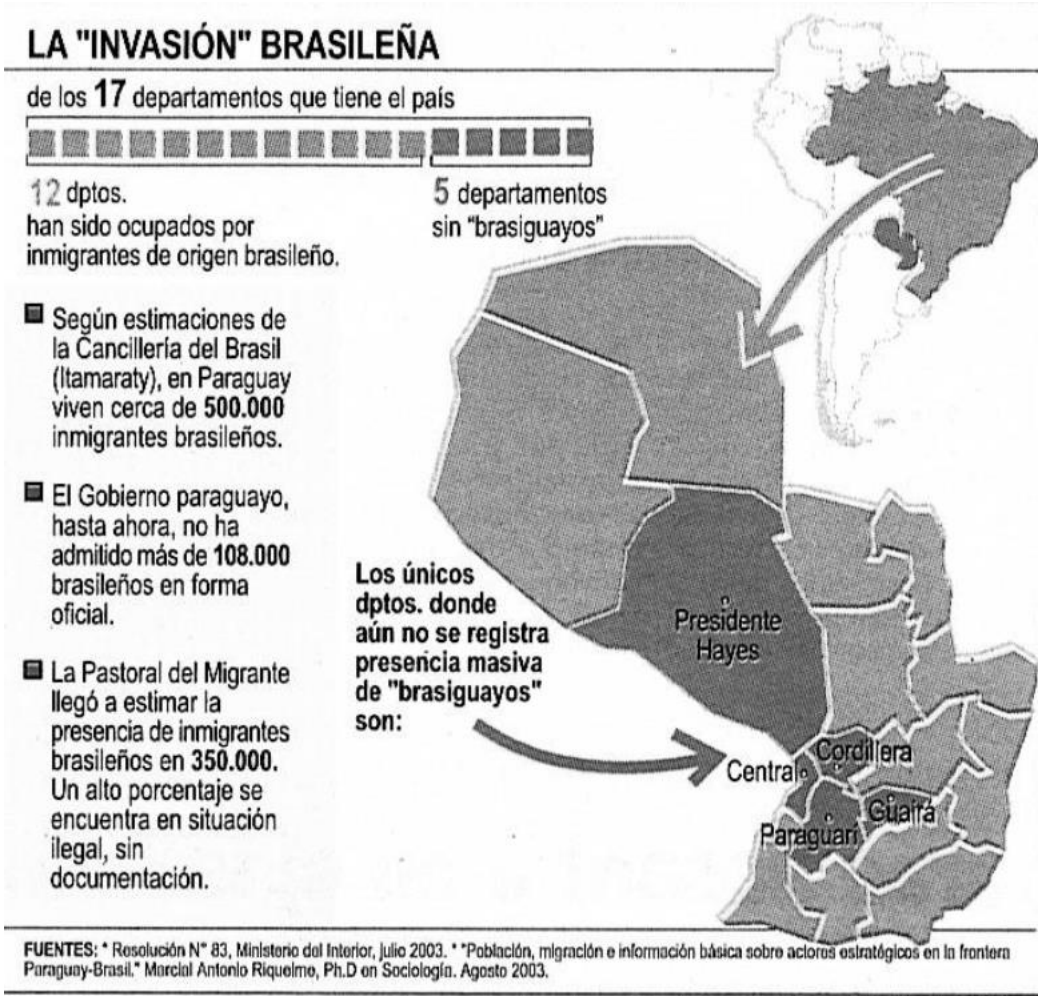
O capitalismo constrói mentalidades a partir da subjetivação dos sujeitos, levando-os a acreditar que gastar a vida em nome do trabalho e acumulação de bens é a maneira correta de levar a vida, excluindo e desqualificando todos/as que escolhem não fazer parte da artimanha castradora de vida do capital, segundo Lafargue:

> A moral capitalista, patética paródia da moral cristã, lança o anátema contra a carne do trabalhador; tem por ideal reduzir ao mínimo as necessidades do produtor, suprimir suas alegrias e paixões, e condená-lo ao papel de máquina que produz trabalho sem trégua nem piedade. (LAFARGUE, 2016, p.17).

Em contrapartida, a imprensa paraguaia interrogava se era acertada a entrada tão significativa de estrangeiros em território nacional através de diversas reportagens, como destaca Nickson: “La prensa diaria paraguaya también ha cuestionado la prudencia de un programa de inmigración incontrolada desde el Brasil a través de una serie de reportajes desde la RFO” (NICKSON, 2005, p. 247).

O processo migratório entre Brasil e Paraguai tem proporções significativas, pois foi dominado por situações peculiares. Dado que o número de estrangeiros que adentraram em terras paraguaias foi expressivo. Tal movimento transformou várias regiões do país e o mapa a seguir busca elucidar os espaços ocupados pelos brasileiros.

**Mapa 1 — Ocupação Brasileira no Paraguai**




Fonte: GODOY, 2014, p, 39[29]

Levando em consideração os dados do mapa, os quais ilustram que dos dezessete departamentos paraguaios, apenas cinco não contam com presença brasileira. É perceptível notar por quais motivos a imprensa nacional, do mencionado país, nomeia a entrada massiva de migrantes como invasão.

O Encontro da Pastoral Juvenil de 2004 discorreu sobre os medos que os/as jovens paraguaios/as tinham em relação à perda da identidade pertinente a migração acentuada. A situação é relatada pelo jornal *ABC Color:*

> Los dirigentes locales señalaron que hay una invasión masiva de los brasileños que deja sin tierra a los compatriotas, y al mismo tiempo contribuye a que haya una pérdida de identidad. Algunos opinaron que esta situación se dio a

[29] O referido mapa foi produzido pelo *Diário Ultima Hora*, Asunción, em 17/09/2004, p. 17.

> consecuencia de la corrupción de las autoridades de turno que no supieron contener esta invasión. [30]

Uma grande extensão de terras paraguaias foi adquirida/arrendada/ocupada por brasileiros/as, situação que desalojou famílias paraguaias em nome do que ficou conhecido como *Marcha al Este*[31]. Com a nova realidade da chegada, permanência e convivência entre migrantes e nativos, construiu-se uma rede de relacionamentos, nem sempre baseada no sentimento de amizade ou receptividade. Em conformidade com os estudos de Szekut e Oliveira:

> Entende-se, portanto, que a colonização da parte Oriental do Paraguai, conformada por uma população de diferentes origens, transformou aquele espaço a partir de complexas formas de interações e contatos interétnicos, não necessariamente pacíficos e pautados unicamente pela solidariedade social (SZEKUT & OLIVEIRA, 2016, p. 308).

Se analisarmos como o processo da migração ocorreu, bem como as maneiras pelas quais as diferenças sociais dos sujeitos brasileiros e paraguaios foram instauradas, torna-se compreensível perceber os motivos pelos quais levaram a estigmatização e o preconceito entre ambos. Na percepção brasileira era necessário fazer o trabalho que os nativos daquele país não faziam e na análise paraguaia os que chegavam estavam invadindo e usurpando o seu espaço. Noção excessivamente colonialista, percebe-se um sistema de manutenção da dominação. Segundo Santos: "A dominação moderna é um modo de articulação global, entre as exclusões abissais e não abissais, uma articulação que é desigual, já que varia conforme as sociedades e os contextos, e combinada a nível global." (SANTOS, 2018, p. 317).

Dois discursos convergem para a formação ideológica baseada nas diferenças entres os povos obrigados a coexistirem. Segundo Godoy os/as brasileiros/as afirmavam que: "En los discursos de los pioneros aparece la idea de que no habia nadie en aquellas regiones y que fueron ellos los que trajeron el progreso y la civilización a través de mucho sacrifício individual y famíliar" (GODOY, 2014, p. 42). Em contrapartida, os/as paraguaios/as entendiam o processo da seguinte maneira:

[30] Diario *ABC COLOR*, 22/09/2004. Versão digital

[31] Durante el período dictatorial de Paraguay se efectivizo un gran plan de colonización agrícola en la región fronteriza con Brasil, de esa forma facilitando la entrada de empresas y colonos extranjeros en los departamentos fronterizos. El despliegue de la marcha al Oeste del Brasil se aproximó a la Marcha al Este del Paraguay, a partir de la década de 1960, tal marcha al este visaba a restablecer a los campesinos que vivían en el área central y más poblada del Paraguay (GODOY, 2014, p. 28).

> [...]la imagen del Brazil como país "imperialista" y "expansionista", que sigue presente en los discursos campesinos actuales, que tienen raíces profundas em la historia de la nación paraguaya, cuyas imágenes empezaron a ser elaboradas desde el período de la Guerra de la Triple Alianza (GODOY, Ibidem, p. 43).

Nota-se então uma visão controversa do movimento migratório, para o qual cada povo construiu um conjunto de convicções fundamentada em preconcepções, levando em consideração vários acontecimentos que afastaram e uniram politicamente os dois países. Uma reportagem do jornal *Ultima Hora*, intitulada "Brasil, la República con vocación de Imperio", impacta e chama a atenção sobre as mudanças acarretadas pela aproximação política e econômica entre as duas nações:

> Cuando vemos en el tiempo y analizamos fenómenos sociales y económicos recientes, nos damos cuenta de la enorme influencia del Brasil en nuestro país. El tratado de Itaipú, los brasiguayos, el negocio de la soja, la penetración cultural y el colonialismo brasileño son fenómenos actuales, y que a mediano plazo pueden afectar definitivamente a la nación paraguaya.[32]

A matéria supracitada discorre sobre os comportamentos assumidos pelos dois países e, de acordo com ela, o Brasil adota uma posição de colonizador ao impor sua cultura e ao suprimir o povo paraguaio. Construiu-se um novo lugar com relações sociais controversas, no qual uma integração econômica alterou profundamente as bases estruturantes da sociedade paraguaia. Segundo Souchaud:

> Essa integração se baseia na construção da hidrelétrica de Itaipu, na extensão da fronteira agrícola brasileira especializada na produção de soja nos departamentos do leste paraguaio e no crescimento das cidades de fronteira. Desses três processos, nasce uma percepção polêmica e territorialmente limitada do Paraguai no Brasil (SOUCHAUD, 2011, p. 138).

Vários acontecimentos significativos marcaram a relação entre esses dois países, o que deixou marcas intensas na escrita e na vivência de suas histórias. Neste contexto, pode-se afirmar que o Paraguai foi o país mais transformado mediante às decisões políticas e sociais pensadas e construídas em prol do que se acreditava ser o progresso econômico. De acordo com Glauser:

> Por lo menos 7.889.128 hectáreas de nuestro país están em manos extranjeras. Es el 19.4% del territorio nacional y nadie parece sorpreenderse ni

[32] DIARIO *Ultima Hora*, 31/01/2021. Versão digital.

> preocuparse. Esa superfície, es equivalente a los departamentos de Itapúa, Alto Paraná, Canindeyú, Amambay y Concepción. Sumados, estos tienen 7.708.200 hectáreas. De la superfície total en manos de extranjeras, 4.792.528 pertenece a brasileños, y 3.096.600 a extranjeros de otras nacionalidades (GLAUSER, 2009, p. 162).

O elevado número de hectares de terras pertencentes aos/às brasileiros/as, no referido país, é, sem dúvidas significativo, principalmente, se levarmos em consideração a extensão territorial do Paraguai, comparado, sobretudo, ao Brasil. Um solo notadamente usurpado pelo capital estrangeiro. A imprensa paraguaia não deixou de noticiar e de denunciar esse processo e na matéria: "Nulo control de las autoridades en la frontera facilita la ilegalidad" foi abordado como ocorreu a entrada e a permanência dos migrantes:

> A finales de los años 60, los colonos brasileños se asentaron en las inmensas selvas del este y desbrozando los montes con potentes máquinas para la extracción de rollos. Terminada la rica madera del Alto Paraná, los colonos iniciaron la producción agrícola con grandes extensiones de cultivo de soja y trigo. El fenómeno siguió expandiéndose. En los últimos tiempos, atraídos por la buena cotización de la soja y las facilidades para la producción de este rubro, los brasileños comenzaron a arrendar propiedades para cultivar soja. Este fenómeno ya superó las fronteras del Alto Paraná y Canindeyú, llegando hacia la zona de Caaguazú, Caazapá, Misiones e Itapúa, en la región Oriental.[33]

Destaca-se que a imprensa tem função considerável na formação ideológica de uma nação, elucidando questões divergentes, tentando convencer o leitor a respeito do assunto abordado. Nenhuma opinião é nula e o papel dos jornais também corrobora com a opinião do público sobre assuntos polêmicos e, nesse caso, ela não quer deixar que o povo se esqueça da usurpação sofrida, como destaca Said:

> [...] sobre o discurso e o intercâmbio cultural dentro de uma cultura, ou aquilo que comumente circula não é a "verdade", mas uma representação. Não precisa ser mais uma vez demonstrado que a própria língua é um sistema altamente organizado e codificado que emprega muitos esquemas para expressar, indicar, trocar mensagens e informações, representar e assim por diante (SAID, 2007 p. 52).

Outro fator que desencadeou o sentimento de revolta na população paraguaia está relacionado à venda de terras na zona fronteiriça, considerada área de segurança nacional, na

[33] DIARIO *ABC COLOR*, 29/08/2005. Versão digital.

qual os países vizinhos redobram a atenção e a legislação com o intuito de proibir a venda destas terras aos estrangeiros.

A comercialização destes territórios teve início posteriormente à assinatura da Ata de Iguaçu, em 1966, após serem resolvidos conflitos de interesses entre Brasil e Paraguai relativos às Cataratas do Iguaçu. De acordo com Nickson:

> A cambio del retiro de las tropas brasileiras de las Caratas, según se acordó en el Acta de Iguazú[34], el Gobierno Paraguayo suprimió las restricciones vigentes sobre la colonización brasilera de la RFO. En 1967 el Gobierno Paraguayo derogó un Estatuto Agrário que anteriormente había prohibido la venta a estranjeros de tierras situadas dentro de 150 km., de la frontera nacional. Poco después de esto, el IBR comenzó a vender grandes extensiones de tierras fiscales virgenes en la RFO a companhias agrícolas brasileiras (NICKSON, 2014, p. 240).

As terras paraguaias, relativas às áreas de preservação da segurança nacional, começaram a ser adquiridas por estrangeiros a partir na década de 1960 e até o ano de 2005 não foi elaborada nenhuma lei que proibisse tal acontecimento. Uma matéria publicada pelo jornal *Ultima Hora* abordou este assunto:

> Mientras Paraguay ni siquiera controla a fondo la zona de seguridad fronteriza establecida recién en el 2005 (franja de dominio de 50 kilómetros adyacente alas líneas de frontera), países limítrofes como Brasil y Argentina cuentan con leyes que protegen sus fronteras y hasta ponen un límite de posesión para personas físicas, jurídicas y comunidades de extranjeros. [35]

Além de ponderar acerca da falta de zelo sobre essa faixa de terras, a matéria apresenta mapas e tabelas exemplificando as distinções dos países vizinhos, em relação à aquisição e à posse de terras por pessoas oriundas de outros países.

[34] A Ata de Iguaçu é um documento que foi assinado em 22 de junho de 1966 entre o Brasil e o Paraguai, onde passaram em revista vários aspectos das relações entre os dois países, inclusive aqueles sobre os quais haviam surgido divergências e os itens 3 e 4 dizem respeito as possibilidades econômicas relativas ao Salto de Sete Quedas ou Salto Guaíra, pertencente aos dois países. Esse documento pode ser acessado na íntegra no endereço eletrônico a seguir: http://info.lncc.br/pata1966.html

[35] DIÁRIO ULTIMA HORA, 10/11/2019, versão digital.

**Figura 1 - As aquisições de terras por estrangeiros em alguns países da América Latina**

Fonte: *Diário Ultima Hora*, 10/11/2019, versão digital

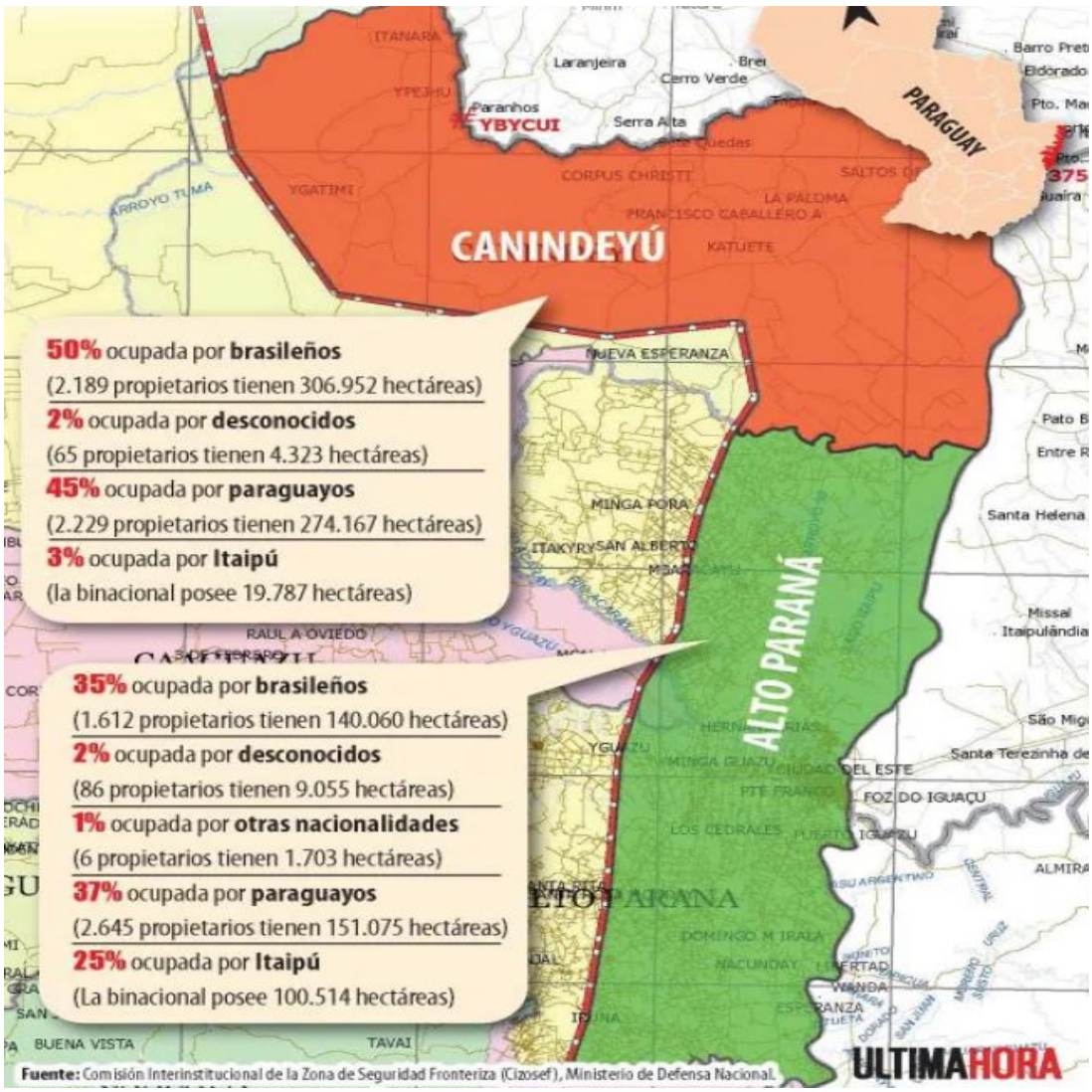
Nota-se o quão destoante são as leis paraguaias comparadas as de seus vizinhos, de modo que certos acontecimentos, baseados na rivalidade e nas lutas por espaços, foram utilizados para a subtração do território paraguaio. Sumariamente é possível afirmar que a legislação, promulgada na década de 1960, exerce uma influência pontual até a atualidade, pois milhares de mulheres e homens se encontram em precárias condições de vida. Fogel, ao analisar o cotidiano dos/as campesinos destaca: "Estos campesinos tratan de sobrevivir con lo que les da pequeños lotes pedregosos y tienen tantos hijos como penúria, que a vezes tratan de adormecer con el alcohol" (FOGEL, 2001, p. 12).

Situação de vida terrível, marcada pela subjugação dos indivíduos, por meio de uma política autoritária, latifundiária e aristocrata; alicerçada pelo benefício de alguns em detrimento da grande população pobre e que foi utilizada como massa de manobra. O autor

supramencionado cita: “En las coyunturas configuradas por el cambiante escenario de las relaciones políticas actúan los actores, que buscan precautelar determinados intereses” (FOGEL, *Ibidem*, p. 19).

Ao fazer uma comparação com os dados apresentados na tabela já citada, a mesma matéria jornalística utiliza um mapa para ilustrar a faixa de terras e o número de estrangeiros vivendo, especificamente, na área considerada de segurança nacional nos departamentos de Canindeyú e Alto Paraná:

**Mapa 2 — Como as terras estão divididas no Paraguai**




Fonte: *Diário Ultima Hora*, 10/11/2019, versão digital

Como esboçado pelo mapa, essa região tem um significativo número de habitantes estrangeiros, predominantemente brasileiros/as, os/às quais transformaram o espaço a partir de

sua forma de trabalho e de seus hábitos culturais. Esta situação foi, recorrentemente, marcada por conflitos e rivalidades, sendo reforçada pela postura adotada por aqueles/as que chegavam. Segundo Godoy: "La nación de origem de estos migrantes, el Brasil, es considerado relativamente, mas desarrollado que el Paraguai y los brasilenõs muchas vezes se presentam como dominantes ante los paraguayos" (GODOY, 2014, p. 24).

Recorrentemente, os/as migrantes adotaram uma postura de superioridade em relação aos paraguaios/as, fruto de ideias preconcebidas e sem levar em consideração que, da mesma maneira, estavam sendo utilizados/as como massa de manobra para a concretização de um plano político. De acordo com Chiavenato:

> Os paraguaios praticamente foram expulsos de uma faixa de 100 quilômetros ao longo da fronteira com o Brasil. Essa faixa foi ocupada principalmente por pequenos agricultores brasileiros, instrumentos inconscientes da política expansionista da ditadura militar (CHIAVENATO, 1980, p. 96).

No campo político costumeiramente os pobres são utilizados como massa de manobra, e nesse caso, especificamente, migrantes e nativos cumpriram a função esquematizada pelas ditaduras brasileira e paraguaia, que estavam construindo suas relações diárias fundamentadas nas desigualdades e nos preconceitos. Enquanto entre os/as moradores/as a convivência era complexa, o governo enxergava com bons olhos a chegada do/ outro/a: "El gobierno paraguayo acoge activamente a los colonos brasileros, y los considera como un elemento positivo para el desarrollo económico del país" (NICKSON, 2005, p. 47).

Nota-se que no Paraguai o projeto de colonização e de reforma agrária, cujo objetivo inicialmente era atender a numerosa população da região de Central, acaba desencadeando a migração, bem como o acolhimento desses sujeitos e isto renega o bem-estar dos/as paraguaiaos/as: "O procedimento que previa os colonos paraguaios como principais beneficiários acabou por favorecer os colonos brasileiros devido a formas fraudulentas de distribuição da terra pelo Estado" (SZEKUT & OLIVEIRA, 2016, p. 316).

De má-fé ou não, o número de migrantes oriundos do Brasil em território paraguaio foi e continua sendo significativo, resultando em uma imponente remodelação do país e do sistema produtivo. De acordo com os dados apresentados por Glauser, as cifras chegam a ser reflexivas: "En Canindeyú, en el distrito de Nueva Esperança el 58% de los proprietários son brasileños. En Katuete, la cifra llega al 83%. Eso em plena zona de seguridad fronteriza, considerada estratégica para la soberania nacional" (GLAUSER, 2009, p. 162).

No entanto, faz-se necessário destacar que essa presença migrante foi sendo alterada mediante a mudança de perfil daqueles/as que migravam por um processo inicialmente marcado pela presença de famílias pobres, que foram perdendo espaço para aqueles/as que tinham mais condições financeiras. Como pontuado pelo jornal *Ultima Hora*, na matéria "Brasiguayos, poder económico que crece de modo sostenido", na qual se destaca: "Hubo un proceso en que los brasileños con más dinero fueron comprando y acaparando extensiones de tierra, mientras los más pobres regresaban a su país".[36]

Lenir, ao discorrer sobre a mudança de sua família ao Paraguai, destaca:

> *A gente morava em Santo Antônio do Sudoeste, pra mim era uma infância normal, eu gostava de onde a gente morava, só que daí meus irmãos vieram pra cá, daí o pai veio e gostou, minha mãe veio passear e gostou também, daí resolveram se mudar, só que daí veio, e uns dois anos depois a minha mãe faleceu, daí ficou só o pai, ele ficou um tempo e voltou para o Brasil. [...] a gente mexia na roça com o pai, plantava soja, algodão, a vida de roça mesmo.*[37]

A migração de brasileiros entre os dois países foi contínua e marcada por idas e vindas, enquanto uns optavam por permanecer no Paraguai, outros regressavam. Desse modo, mais uma vez é possível afirmar que não existe uma definição homogênea do/a migrante brasileiro/a em território paraguaio, já que os sonhos, as famílias e os motivos para mudar eram distintos.

Diante das informações discorridas e discutidas até então, faz-se importante mencionar que a chegada do/a migrante não foi aceita passivamente pelos campesinos/as paraguaios/as. Diversas lutas foram travadas, no entanto, orientou-se de maneira a serem silenciados pelo aparato repressor do Estado:

> Varios sectores del campesinado en los setenta, al margen de la colonización oficial, desarrollaron experiencias autónomas y alternativas a la impulsada por el Gobierno en torno del algodón para exportación. Modelos de producción comunitarios orientados a la producción de autoconsumo se realizaron em zonas minifundiarias de Misiones, Cordillera, Paraguari, Caaguazú y San Pedro, principalmente (VILLAGRA, 2014, p. 79).

Passou a existir no Paraguay mais uma forma de desigualdade, entre os povos tradicionais e migrantes, ambos reivindicando seus direitos sobre a terra. Os conflitos emergentes entre os povos foram alvos da imprensa local, um exemplo disso pode ser

[36] DIARIO *Ultima Hora*, 31/07/2011. Versão digital.
[37] ENTREVISTA. **Lenir Maciniak** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 31:05 (aprox.), som.

encontrado na reportagem intitulada “Exigem poner fin a invasión brasileña”, publicada pelo jornal *ABC Color:*

> Los campesinos se ratifican en que recurrirán a drásticas medidas si el gobierno no soluciona el problema de lo que consideran una verdadera invasión de los colonos brasileños. En una reunión com autoridades nacionales y locales, solicitaron que se ponga fin a la invasión y manifestaron que procederán a la destrucción de cultivos de los extranjeros en caso de que el gobierno no responda a su pedido.[38]

Compreender que houve resistência é importante para não alimentar um sistema histórico baseado em mocinhos e vilões, dominantes e dominados. Não se pode negar que a dominação territorial e política existiu, porém, reconhecer que mulheres e homens lutaram por uma realidade diferente da imposta é primordial. Em consonância Rodrigues destaca: “Mientras que el auge de Itaipú ponía eufóricas a las finanzas y se vivían los mayores índices de crecimiento económico de la historia económica: las oposiciones eran heroicas, pero con poca eficacia, en termos de incidencia” (RODRIGUES, 2015, p. 41).

Os regimes totalitários e dominações sociais, são vencidos ou abandonados através das lutas de pessoas que não se conformam com o que está posto, das que sonham com uma sociedade mais justa e igualitária, ainda que muitas vezes paguem um alto preço por esta luta. A repressão durante a ditadura de Alfredo Stroessner era alimentada com traços incisivos de crueldade e opressão e Chiavenato discorre sobre os maus tratos e torturas cruéis sofridas pelos presos políticos:

> Em 1976 o Paraguai tinha, entre os prisioneiros políticos do campo de Emboscada, 14 bebês: eles nasceram no cárcere, alguns em condições precárias. A maioria desses bebês nasceu em celas infectadas, sem ventilação, sem cuidados médicos, suas mães torturadas durante o período de gravidez. Presas naturalmente sem processo, mantidas incomunicáveis, as famílias dessas mães nunca souberam se elas estavam vivas ou mortas, e em que prisão poderiam estar. Não adiantava procurar a Justiça ou os outros mecanismos da polícia política para descobrir qualquer indício sobre essas prisioneiras, como a qualquer outro preso político no Paraguai CHIAVENATO, 1980, p. 66).

As duras penas sofridas por estar contra o regime e por ser mulher registram várias formas de violências, físicas, psicológicas e emocionais. Lutar contra o sistema nunca foi fácil,

[38] DIÁRIO *ABC Color*, 23/07/2003. Versão Digital

mas durante o desenrolar da história mulheres e homens deixaram os medos de lado e se recusaram a aceitar a imposição desigual e alienante que imperava na sociedade.

No Paraguai, além da usurpação da terra e da exclusão sofrida pelos/as paraguaios/as, aqueles/as que ousavam criticar, sofriam as duras penas de sua ditadura. Um exemplo disso foram as Ligas Agrárias Cristianas, movimento social que baseava suas ações almejando o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, com inspiração na solidariedade e na cooperação:

> [...] Las Ligas Agrarias Cristianas (LAC), que buscaban realizar una organización social y productiva sustentada en la solidaridad y cooperación, descartando la rentabilidad como el eje articulador. Estas innovadoras experiencias fueron perseguidas y brutalmente desarticuladas por el aparato policial y militar del régimen en el año 1976, torturando y asesinando a muchos dirigentes campesinos (VILLAGRA, 2014, p. 79).

Nem sempre a luta gera os resultados almejados, mas romper com os silenciamentos baseados na opressão demonstra as falhas de um sistema pensado unicamente em benefícios das elites, na maioria das vezes, detentoras do poder e da decisão. Durante o governo de Stroessner, vidas foram ceifadas, prisões ilegais predominaram, a exclusão social foi uma marca, mas a resistência também se fez presente e não é ingênuo afirmar que, se não fosse por isso, a mudança tão anelada não teria seu advento e a ditadura não teria chegado ao fim.

Buscou-se fazer essa abordagem histórica, entendendo, que deste modo, a compreensão do objeto de pesquisa ficaria mais facilitada. A pretensão nesse momento é historicizar acerca da mulher paraguaia, discorrendo sobre suas particularidades a partir de referenciais teóricos que interpelam o tema.

### **1.**3 **As mulheres paraguaias e a chegada do outro migrante**

Escrever e estudar sobre mulher significa de maneira recorrente buscar por labirintos silenciosos historicamente instituídos e em se tratando, especificamente, da mulher paraguaia a realidade não é diferente. Ela segue a mesma linha de dominação e exclusão amplamente conhecida, porém ainda carente de análises e reflexões, já que no mundo patriarcal, misógino e colonizador do século XXI o feminino continua sendo subjugado. A figura da mulher paraguaia é icônica, em grande parte sendo representada como a reconstrutora do país no pós-guerra da Tríplice Aliança. Olvida-se de incontáveis realidades e funções desempenhadas pelo feminino

em muitas esferas sociais, antes, durante e depois do conflito beligerante. Desde a colonização do Paraguai a figura feminina foi vítima da sociedade patriarcal e androcêntrica, sendo relegada ao esquecimento, sofrendo múltiplas violências, pairando sobre suas ações uma invisibilidade orquestrada, configurada algumas vezes, inclusive, como moeda de troca. Por meio dos estudos de Potthast descobrimos que:

> El rol político de las mujeres se ve claramente en el momento de la conquista, cuando los guaraníes, después de reconocer la superioridad de los españoles, decidieron aliarse con los poderosos invasores. El pacto fue sellado con la «entrega» de varias mujeres a los españoles, cuyo número varió según el rango militar de cada uno (POTTHAST, 2010, p. 318).

A mulher utilizada como escambo, com o intuito de manutenção de um relacionamento, foi uma prática comum em muitas sociedades durante a história da humanidade no qual levou a cabo uma dominação de gênero instituída legalmente pelos homens. Baseada na mitologia de que a natureza sexual possibilitava as relações de poder de um sexo sobre o outro, o feminino sofreu abusos por seu sexo ser considerado inferior, pela concepção do masculino. Este é um predomínio tão antigo que não se pode afirmar com exatidão quando teve sua instituição.

> En fin, es que la discriminación de las mujeres es tan antigua que no se guardan ya recuerdos de cómo ha comenzado. Las explicaciones de las que disponemos hasta ahora sobre sus orígenes son como las que se cuentan sobre la génesis de la tierra y los seres humanos, es decir, son míticas (BAREIRO, SOTO & MONTE, 1993, p. 12).

Tristemente observa-se que, baseados em uma mitologia infundada, historicamente as mulheres foram vitimadas e consideradas seres humanos de uma categoria diferente, inferior. Assim, ao escrever sobre mulheres, adentra-se a um campo marcado pelo esquecimento, usurpação, discriminação de uma subjugação tão antiga que não conseguimos mensurar. Como no caso da professora Lorena, que ao narrar sua história rememora as escolas que foi abrindo nos povoados onde morava:

> *Yo vine a enseñar aquí em Kumanda Kai, funde escuela porque no había escuela y en Laurel yo fundé para mi escuela, porque no había tampoco, después en Gasory otra escuela y la Agrícola Paraguaya otra escuela, cuatro*

> *escuelas mande hacer, porque antes era todo bosque, no había nada, era todo bosque em 1975 por ahí.* [39]

Pensar nos caminhos trilhados pela mulher paraguaia pobre, em situação de trabalho e na luta por formar um país melhor a partir da educação, elucida as desigualdades de gênero que predominaram por anos a fio, haja vista, que, mesmo em situações de protagonismos, elas foram relegadas ao esquecimento. Lorena foi professora desde os quinze anos no interior do Paraguay, mas a ela foi negado o direito a história, pois isso era negado ao seu gênero.

Baseando-se em conceitos biológicos, sem fundamentação científica, utilizaram-se características físicas particulares do corpo feminino e do masculino para construir uma escala de valor desigual e arbitrária, delegando à mulher funções específicas e indiscutíveis que convergiam para a dominação do patriarcado. Segundo Caceres: "La mujer puede reproducirse, por lo tanto, su destino final es de ser madre. En cambio, la cuestión biológica para el varón radica sobre la fuerza física, como un facto de superioridad sobre la mujer" (CACERES, 2016, p. 18).

A liberdade das mulheres foi predominantemente cerceada, mantendo-as no mundo privado, sendo o casamento e a maternidade seu fim primordial, pois pairava sobre a mulher o destino de ser mãe. Serafina Dávalos, primeira advogada paraguaia, discorre em seu texto de conclusão de curso sobre como ao utilizar conceitos biológicos e infundados, ao ambicionar uma resposta para poder conduzir a vida das mulheres, isso gerou uma desigualdade e uma discriminação latente:

> Todas las veces que se habla de «Problema de la mujer», lo que más despiadadamente se explota em contra de ella, es su condición de ser madre. En efecto sus impugnadores declaman sobre lo sublime y lo santo de la maternidad, haciendo alarde de una sensiblería hipócrita, la llaman misión celestial, sacerdocio divino... y luego enuncian, con los honores de una verdad inconcusa, que la única misión de la mujer es ser madre. [...] En paridad de circunstancias, ¿porque no se ha de detener que la única misión del hombre es la de ser padre? (DÁVALOS, 1907, p. 9).

Pressupõe-se, por conseguinte, que o fim primordial da vida da mulher seja ser mãe, em contrapartida, o genitor masculino não tem a mesma cobrança. Compreender o porquê as mulheres, nas variadas sociedades do mundo ocidental, não foram consideradas sujeitas públicas e históricas é inevitável para fundamentar a relevância da discussão acerca da mulher

[39] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 01:20:24 min. (aprox.), som.

paraguaia. Justamente por fugir dos padrões de esposa, boa mãe e reconstrutora do país, pós-guerra, como pontua Colling, ao escrever sobre a história do feminino:

> A história das mulheres e das relações de gênero, revisita um conjunto de problemas – o poder, as representações, as imagens e o real, o social e o político, o pensamento simbólico, a fixação de identidades, enfim a marginalização, o esquecimento de sujeitos na história do ocidente (COLLING, 2014, p. 8).

Importante salientar que não queremos diminuir as funções de esposa, mãe ou reconstrutora do país, funções tão caras que foram traduzidas na vida de incontáveis mulheres. Porém, o que se pretende é discorrer sobre o fato de que a mulher não necessariamente ocupou apenas esses papéis e reivindicar a igualdade entre os gêneros em todas as funções sociais; estejam elas inseridas no mundo privado ou público, pois os corpos, as ideias e as decisões do universo feminino, por muito tempo, não pertenceram às mulheres, já que o masculino decidia sobre elas.

A história de Olga, diverge de papéis sociais esperados das mulheres, ela sai sozinha do Paraguai e vai para a Argentina, sem conhecer nada e em busca de um futuro melhor, rompendo paradigmas estigmatizantes do que é ser mulher. De acordo com ela:

> *Yo no tenía mi cédula de identidad y el marido de mi amiga era un militar, enseguida me mando hacer mi cedula de identidad y como en tres días me dio la dirección en una cascarita de cigarrillo, me dio la dirección de su hermana en Buenos Aires. Yo no conocía nada, nunca yo salí, yo no conocía nada, pero después nos fuimos a la terminal que se llama retiro en Buenos Aires y yo quería saber como iba a agarrar mis bolsos, yo pensé todas las personas que están viajando tienen bolsos, entonces yo me voy a poner atrás de ellos en la fila para saber que ellos hacen y así me puse y les seguí, después encontramos el lugar y cada uno retiraba y retiraba su valija y así también yo retiré. Me fui de Paraguay a Argentina, sin conocer, solita, sin nada, solo con el papelito de la dirección.*[40]

As barreiras superadas por Olga são um grande exemplo do cotidiano das mulheres, que inconformadas com sua realidade empreendem hercúleas batalhas. Ela sai do Paraguai com destino a Argentina aos dezesseis anos, sem conhecer outra realidade a não ser aquela em que havia crescido. A sua atitude foi banhada de coragem e de determinação e elas transparecem no

[40] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

diálogo quando ela as enfatiza ao dizer: "*Me fui de Paraguay a Argentina, sin conocer nada, solita, sin nada, solo con el papelito de la dirección*".

Ao se tratar de escrever a respeito da amálgama peculiar do Paraguai, rememoram-se, sobretudo, as guerras e as revoluções. No entanto, as lutas cotidianas dos povos menos abastados e, principalmente das mulheres, são deixadas ou colocadas no esquecimento. Valinotti, ao escrever sobre a história de mulheres paraguaias, deparou-se com uma memória coletiva moldada na direção dos grandes feitos heroicos masculinos:

> La conciencia de las mujeres y los varones está moldada con el ideal antes mencionado: la historia es el relato de gestos heroicos protagonizados por grandes varones. Al poco tiempo nos dimos cuenta que estas personas nos relataban lo mismo que decían los libros. O nos preguntaban "¿Para qué saber historias de curanderas, de burreritas?", uno de los comentarios más comunes a lo largo de este proceso (VALINOTTI, 2011, p.20).

A história tradicional, patriarcal, colonial e androcêntrica é arbitrária, silenciando sujeitos/as e situações, dizendo quem tem ou não história. Ousar falar da história da mulher paraguaia não é tarefa fácil, visto que, ao longo da história, foram emudecidas e viveram grandes transformações e rompimentos. A história de Nilda, que foi professora, diretora e vereadora da cidade, é um exemplo de como a sociedade escolhia quem poderia ou não ser lembrada. Ao ser questionada sobre sua atuação na política ela narra:

> *Si me gusto porque a través de la política pude llegar a ayudar más gente también, nos da muchas posibilidades. Yo veía la necesidad institucional, veía que faltaba un líder político ahí para que podamos tener más acceso a los beneficios, porque si uno está en la política y sabe utilizar puede ayudar a mucha gente, entonces fue eso lo que me motivo y me lance y las dos veces que me lance conseguí entrar, gracias a Dios, estoy muy feliz por eso, agradezco a Dios por esa parte de mi área profesional que tuve está oportunidad y pude llegar a ayudar a mucha gente*.[41]

Nas complexidades e dentro das contradições históricas, as mulheres foram colocadas em uma condição secular de tutelagem, marcando a memória social de maneira específica e programada, dizendo a quais papéis e posições sociais pertenciam. Nilda, ao adentrar ao mundo político marcado pelo patriarcado, rompe com esse padrão justamente por vencer duas eleições.

[41] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizuenã** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza.14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

Ela reafirma que a mulher pode e deve ocupar novos espaços e empreender novas lutas, demonstrando, desta maneira, que as hierarquias sexistas foram construídas ao longo dos anos.

Um país que foi levantado a duras penas pelas mulheres após o conflito bélico fala muito sobre elas. No entanto, reconhecer efetivamente o seu valor é um fato longe da realidade, uma vez que o patriarcado internalizado e estrutural, assimilado como verdade, faz-nos refletir sobre a educação das pessoas, ainda que conhecido como país das mulheres, continua disseminando preceitos de ordem machistas:

> Educa con toda constancia y buena voluntad á sus hijos; pero, por lo regular, deficientemente por falta de ilustración, pues a sus hijos varones no inculcan el respecto debido a sus madres y hermanas, y en éstas no forman el hábito del trabajo y la conciencia de su personalidad (DAVALOS, 2007, p. 41).

O patriarcado histórico é um processo de longa duração, a colonização trilha os caminhos mirando no território, nos corpos e nas mentes, e essa colonialidade do poder inculcou no universo feminino os papeis de autoras e agentes sociais, muitas vezes de reprodução do patriarcado, em razão de serem as responsáveis pela educação dos filhos e filhas, instruindo-os recorrentemente a disseminar preconceitos constituídos por uma sociedade centralizada, valorizando e respeitando os homens em detrimento do feminino, retratado como sinônimo de fraqueza e às vezes de histeria. Os próprios filhos, ao crescerem, subjugavam as mães e, não obstante, as mulheres são ensinadas a vislumbrarem as outras mulheres como rivais:

> Por lo regular no conocen quiénes son los verdaderos culpables del mal que sufren y así no se enconan contra los varones; dirigen las flechas envenenadas del odio contra las otras, aquellas que han conseguido casarse y aquellas otras que aún tienen posibilidad hacerlo (DAVALOS, ibidem, p. 44).

A educação feminina, moldada de acordo com os pressupostos patriarcais, é limitada e limitante, inculcando por vezes, rivalidades e contradições entre as mulheres. Deste modo, as decisões pessoais são resultantes — reflexos do mundo político, considerando que é interessante e imprescindível para os homens manterem as mulheres em situação de dependência e subalternidade — esquecidas e apagadas das páginas da história. Segundo Benites:

> El papel de las mujeres en la historia, estuvo siempre restricto al ambiente doméstico o sujeto a los roles de sus esposos, pocas han sido las que lograron imponerse en el mismo espacio reservado a las figuras masculinas, esta poca presencia femenina no se debe a la no participación del bello sexo, pero si al

> silencio y la negligencia de los historiadores que durante muchos años las relegaron a un segundo plano (BENITES, 2019, p. 197).

Blanca, ao ser questionada sobre se já havia sofrido alguma discriminação por ser mulher, relata:

> *Viste que no sé si discriminación, pero por ejemplo nuestra costumbre paraguaya por ser mujer, nosotros no podemos salir en cualquier lugar, eso es cosa de paraguayo mismo, nosotras tenemos que quedarnos en casa, no podemos salir así y así nomás y también de que no podemos tener hijos antes de casarnos, son cosas que como te digo no creo que son discriminación, yo por ejemplo no tuve hijos antes porque mi mamá no quería y yo era maestra y tenía que ser ejemplo y como que iba a tener un hijo.* [42]

A discriminação contra as mulheres é tão velada e travestida de supostos cuidados, que mesmo tendo suas liberdades cerceadas, elas consideram esses fatores como instrumentos culturais. Quando Blanca fala: "eso es cosa de paraguayo mismo", é como se tentasse justificar os fatos pelos quais não pôde tomar decisões, escolhendo que rumos queria dar para sua vida. Historicamente, as mulheres tiveram que carregar o fardo das aparências a respeito do que a sociedade esperava delas. Blanca sempre teve o sonho de ter filhos, porém como não tinha se casado, isso foi negado a ela devido aos padrões sociais hierarquizantes que dizem como o feminino deve agir de acordo com cada momento da sua vida.

A vida das mulheres é constituída por um silêncio arquitetado historicamente, onde suas vontades, sonhos, desejos, são aplacados pelos processos culturais; delas se fala sobre o que é permitido ou, quiçá, o que não se consegue esconder. Sobre elas, predominantemente, sabe-se o que a história tradicional permitiu que conhecêssemos. O feminino sempre foi uma peça partícipe e imprescindível no desenvolvimento social. A despeito de, recorrentemente, serem escondidas da sociedade e sem direito à cidadania. De acordo com Caceres:

> Como resultado final, los varones son los que están posicionados en las funciones de valor social, tales como los espacios de poder político y de otras instancias. Eso, de alguna manera reproduce la división patriarcal antigua, entre trabajo reproductivo y productivo, siendo el primer sin valor y el segundo afianzado a la propriedad (CACERES, 2016, p. 29).

[42] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.

Na história do Paraguai, as mulheres tiveram um esquecimento programado. Desde os primórdios do século XX tramitavam projetos pela igualdade de direitos entre mulheres e homens. O histórico paraguaio das lutas femininas, em prol dos seus direitos, é longo, entretanto, a historiografia tradicional relegou-as à deslembrança ou "esquecendo-se" de comentar sobre sua existência:

> Sólo en el campo de la legislación, entre 1900 y 1954 tenemos cinco proyectos sobre igualdad de derechos civiles y políticos de la mujer presentados al Parlamento; em 1919, Telémaco Silvera: em 1929, Antonio Sosa; em 1951 Hipólito Sanchez Quell; em 1952 y 1953, Manuel B. Mongelós; em 1954, el proyecto de la Comisión de Juristas. Finalmente, y modificando este último proyecto, se sancionó la Ley 236 de los derechos civiles de la mujer em 1954. Y si pasamos nuestro límite del 60, y contamos los proyectos de derechos políticos de 1961, de Luis De Gásperi, elaborado em 1964, y el de la Coordinación de Mujeres del Paraguay, presentado al parlamento por primera vez em 1989, tenemos en total ocho proyectos de legislación igualitaria para las mujeres en lo que va del siglo (BAREIRO, SOTO & MONTE, 1993, p. 20).

É contraditório e reflexivo analisar o obscurantismo convergente com o feminino paraguaio, considerado fator primordial para o país pós-guerra, que vai alcançar seus direitos políticos quase cem anos após o conflito. Entretanto, esse poder participativo não seria prontamente exercido, uma vez que, durante a ditadura de Stroessner, a democracia era unicamente de fachada.

Podemos citar Serafina Dávalos, referenciada nesse texto, como um exemplo do esquecimento arquitetado das lutas femininas no Paraguai. Ela foi a primeira mulher a exercer a profissão de advogada no país, escreveu seu texto de conclusão de curso em 1907, intitulado "Humanismo". Sua pesquisa e redação versam sobre as diferentes formas de desigualdade entre as mulheres e os homens, foi uma mulher à frente do seu tempo, cujo texto podemos dizer que cabe muito bem na atualidade — sinônimo de que o avanço das lutas e das discussões referente a igualdade de gênero ainda tem um caminho hercúleo à frente.

Dávalos nasceu em 1883 e faleceu em 1957, viveu um período marcante da história paraguaia como também um momento histórico no qual a dominação masculina era ainda mais preponderante. Sem embargo, essa figura icônica enfrentou o mundo patriarcal elucidando a causa feminina, denunciando violências, criticando e rebatendo a noção de destino biologicamente traçado. Ela é considerada, atualmente, a primeira feminista do Paraguai, porém seus escritos, lutas e memórias desvaneceram, foram encobertos, desconsiderados e excluídos. Esta mulher importantíssima para a história feminina do seu país, permaneceu no esquecimento

até novembro de 1986, quando sua tese foi encontrada, por acaso, na biblioteca de Consuelo Faraone de Palazón, mãe de Rosita Palazón. Nas palavras de Line Bareiro, cientista social do Centro de Documentación e Estudios — CDE, a quem o texto foi entregue:

> Encontré algo que te puede interesar, te lo voy a llevar – me dijo Rosita Palazón un día de noviembre de 1986. Le dije que sí, aunque no me imaginaba lo que Rosi pudo haber encontrado revisando la biblioteca de su mamá. Era la tesis de Serafina Dávalos.
> Pocas veces me entusiasmé tanto con un libro. Era la pista para una percepción diferente de la historia del Paraguay la que se me abría. Hasta ese momento conocía algo de la historia autoritaria del siglo XX y, a través de autores como Francisco Gaona y Ciríaco Duarte, sabía que existieron luchas por la democracia social y política desde la sociedad. Pero... ¡una feminista paraguaya de 1907!... una mujer intelectual valiente y lúcida, que cuestionaba a principios de siglo las bases de la dominación de los hombres sobre las mujeres. La sola idea rompia todos mis esquemas (BAREIRO, 1990, p. 09).

A história de Serafina Dávalos, apagada durante a ditadura militar, teve o que podemos chamar de final feliz. Seus estudos foram recuperados e duas edições de seu texto foram publicadas pelo Centro de Documentación y Estudios[43]: a primeira no ano de 1990 e a segunda em 2007.

Porquanto, cabe o questionamento sobre quantas outras vozes foram ocultadas, esquecidas, silenciadas e, além do mais, leva-nos a refletir sobre a ditadura que mata, esconde e domina, inclusive, ou predominante, no campo da história. Os escritos dessa mulher, ainda que sejam de 1907, são extremamente contemporâneos, alinhando-se com os problemas recorrentes no cotidiano feminino. Sabe-se que um pouco mais de um século é um curto período para a história, no entanto, temos que levar em consideração as grandes alterações ocorridas no mundo e como isso influenciou a emergência de outra maneira de escrevê-la.

O paralelo entre a história de Serafina Dávalos e as demais mulheres retratadas neste trabalho, leva-nos a refletir sobre outras desigualdades instituídas socialmente. Serafina foi uma mulher de família rica, teve oportunidade de construir uma carreira acadêmica, ocupou cargos de representatividade política e mesmo assim foi colocada no esquecimento histórico. Pensemos, pois, sobre a história das mulheres pobres, trabalhadoras paraguaias, perpetuadas no

[43] De acordo com Silva: O centro de Documentación y Estudios foi criado em Assunção no ano de 1985, reunindo várias/os pesquisadoras/es sociais de diferentes áreas do conhecimento e que realizavam investigações sobre diversos temas acerca dos movimentos de camponeses, sindicatos de trabalhadoras/es, organizações de mulheres, política e democracia. Ainda que não se tenha maiores detalhes a respeito da formação desse núcleo de estudos, é importante sinalizar que o site oficial dessa ONG aponta que seus antecedentes remontam a outra organização que se chamava *Banco Paraguayo de Datos (BPD)* fundada em 1978. (SILVA, 2017, p. 04).
Para mais informações acerca do Centro de Documentación y Estudios e o trabalho lá desenvolvido acessar o site: <https://www.cde.org.py/>.

silêncio por sua classe social, mesmo que não exista apenas uma história das mulheres referente, unicamente, ao mundo privado. De acordo com Tedeschi:

> [...] suas histórias não dizem respeito somente ao espaço do mundo privado, aos casos de amor, aos cuidados da família, ao servir, ao nutrir e às regras de etiqueta. Não; há uma outra história agitando-se dentro de uma história maior; uma condição de invisibilidade e de miséria (seja ela qual for); uma condição política, cultural, econômica, social, sexual, dentre outras. Há uma potencialidade política, um devir político, uma "história menor" que, quando vista pelo microscópio, não revela apenas casos universais, mas conflitos de gênero que envolvem, de forma complexa, as representações sociais que produziram seus corpos e suas subjetividades no decorrer da história (TEDESCHI, 2018, p. 09).

A construção da figura da mulher paraguaia, compreende uma violência histórica, a negação de direitos, recusando ao feminino uma linha emancipatória. Construiu-se a figura da mulher reconstrutora, porém a edificação dessa imagem, escondeu conflitos, revoltas e de, principalmente, mulheres tidas como antipatriotas, como pontua Valinotti: "Se habla mucho de abnegación, joyas, etc, pero lo que no sabemos es que habia mujeres detenidas por alta traición a la patria. Es decir, eran presas políticas de todos los pueblos de la república" (VALINOTTI, 2012, p. 55).

Criam-se na estruturação historiográfica classificações de sujeitos, qualificando quem merece ou não fazer parte dos escritos para a posteridade. O feminino, pensado e construído como um sexo biológico inferior, naturalmente foi colocado à margem do conhecimento e do fazer histórico. As lutas cotidianas femininas são invisíveis e subjugadas, os medos, os anseios, as lutas e as contradições enfrentadas durante a vida não são reconhecidas como uma história que merece ser contada. A saga enfrentada por Elva, em busca de trabalho e sobrevivência, assim como de outras mulheres, não são notadas, ao contrário das lutas masculinas, marcadas pelo que se convencionou chamar de pioneirismo, ao contar sobre seu primeiro emprego, Elva relata:

> *Vine a visitarle a mi madre en Puente Kijha y me quedé ahí poquísimos días después me fueron a buscar para trabajar en la escuelita y justo así me dijo la señora "se nos contó que aquí vive una chica que podría ser la maestrita de la escuela" y yo me fui y ahí yo conocí más todavía lo que era el monte, la*

> *selva, porque cuando vinimos a la empresa tuvimos que atravesar una selva, verde oscura, hasta llegar a la empresa dentro del monte.* [44]

No universo masculinizado, quando essas lutas são empreendidas pelos homens, de maneira recorrente se levantam as bandeiras de desbravador e se destaca a coragem para enfrentar o desconhecido. Para além disso, a migração continuamente foi evidenciada como um evento puramente masculino, conforme ressalta Assis: "Sujeitos migrantes eram assumidos como sendo do sexo masculino, enquanto as populações migrantes eram geralmente apresentadas sem que se desse visibilidade ao gênero" (ASSIS, 2003, p. 34).

A força de Elva, ao encarar um mundo patriarcal, transparece na decisão de enfrentar o incógnito em busca de seus sonhos. Ela queria trabalhar e a oportunidade apareceu em meio a mata fechada do interior paraguaio, situações de protagonismo, sublinhadas pelo esquecimento. Marginais de seu tempo, toda mulher tem uma história de exclusão. Colling destaca:

> Refazer a trajetória da memória rumo à história é buscar na memória as raízes de nossa demanda de história. Se historicamente o feminino é entendido como subalterno e analisado fora da história, porque sua presença não é registrada, libertar a história é falar de homens e mulheres numa relação igualitária, é resgatar a dívida com a memória. Falar de mulheres não é somente relatar os fatos em que esteve presente, mas reconhecer o processo histórico de exclusão dos sujeitos (COLLING, 2014, p. 10).

Reconhecer esse processo histórico de supressão de alguns sujeitos, leva-nos a refletir sobre as diferenças dentro do universo feminino. Ou seja, a invisibilidade pairou mais sobre algumas mulheres do que outras, as curandeiras, lavadeiras, costureiras, indígenas, não foram consideradas sujeitas — cidadãs de sua época nem merecedoras de história, constituiu-se um modelo, ditando quem era ou não digna de reconhecimento e admiração:

> A pesar de representar la continuidad entre el país del pasado y del comienzo del siglo XX, las marías, facundas, julianas, permanecieron invisibles. Otro ideal de mujer había comenzado a formar-se: la matrona, la dama caritativa, la esposa ejemplar (VALINOTTI, 2011, p. 19).

Deste modo, é importante compreender a heterogeneidade das lutas femininas. As mulheres ocupam diferentes lugares na hierarquia social e cada uma dessas posições exigem posturas e lutas diferenciadas, pois situações consideradas relevantes para uma classe, podem

[44] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

não necessariamente ser para outra. Um conceito que atualmente tem sido bastante utilizado, e que nos auxiliará nas discussões acerca da multiplicidade das diferenças, é o da interseccionalidade, pois, este fundamenta as ambiguidades existentes entre os/as sujeitos/as nas mais variadas esferas sociais, "La interseccionalidad se refiere a las múltiples divisiones sociales que son construidas: género, clase, raza, etnicidad" (CHONG, 2019, p. 432).

Existiu, e arrisco dizer que ainda existe na sociedade, um grupo de mulheres que lhe foi negado o direito de pensar que poderiam fazer parte da história, o forçoso trabalho doméstico, a criação dos filhos, o compartilhamento de tarefas na roça, no comércio, exige muito das mulheres, não lhes sobra tempo para pensar e fazer história.

Todavia, ainda devemos levar em consideração a existência da noção de que a hostoriografia é constituida por grandes heróis, seres humanos responsáveis por grandes feitos, fantasma tradicional que povoou e povoa a mentalidades de muitos sujeitos/as. A respeito das particularidades femininas dentro de uma ampla gama de significações, Crenshaw pontua:

> A garantia de que todas as mulheres sejam beneficiadas pela ampliação da proteção dos direitos humanos baseados no gênero exige que se dê atenção às várias formas pelas quais o gênero intersecta-se com uma gama de outras identidades e ao modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres (CRENSHAW, 2002, p. 174).

A mulher paraguaia, pobre, trabalhadora dos pós-guerra, continuou sendo esquecida pela história tradicional. Ela não tinha tempo, nem poderia imaginar que sua atuação fosse importante para a historiografia, alicerçadas *a posteriori*, a recordação do feminino paira sobre àquelas que tiveram oportunidades para realizá-lo: "Los años posteriores a las guerras, las mujeres que se resaltaron eram siempre las destinadas[45] porque eran mujeres de élite, quienes tenían posibilidades de escribir sus memorias" (VALINOTTI, 2012, p. 56).

A luta das mulheres, além de ser por igualdade entre os gêneros, é também uma luta de classe. Enquanto algumas lutavam por subsistência e cuidados básicos para a manutenção da vida, outras ansiavam pela vida pública e lutavam para ocupar espaços diferentes do mundo privado. Ao mesmo tempo que uma ala feminina da sociedade almejava traçar um novo destino, ocupando o mundo do trabalho, outra fração já estava cansada de trabalhar:

[45] A historiografia feminina paraguaia do pós-guerra da Tríplice Aliança, classifica as mulheres em três grupos, las residentas, las destinadas y las reconstructoras. As definições conceituais podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: https://www.elnacional.com.py/cultura/2022/01/02/residentas-destinadas-y-reconstructoras-breve-analisis-historiografico.

> La mayoría de las mujeres paraguayas, sin embargo, trabajaron en la economía de subsistencia o en los servicios domésticos sin el apoyo de ninguna asociación laboral. Aunque para muchas mujeres, sobre todo en el campo, los cambios de las primeras décadas del siglo XX fueron mínimos, en las ciudades se notaron transformaciones significativas, tanto en el trabajo como en su rol económico. Para las clases media y alta, las mejores en la educación femenina abrieron nuevas perspectivas laborales que, a su vez, crearon otros espacios de instrucción. (POTTHAST, 2010, p. 329).

Não tenho a pretensão de desvalorizar a luta feminista ocidental do início do século XX, até porque, graças aos esforços e coragem dessas mulheres, hoje podemos desfrutar de direitos dos quais antanho eram uma simples quimera, mas sim elucidar que nem todas as mulheres foram abarcadas nessa batalha. Esta é a situação que dá sentido a esta pesquisa: o pensar sobre a luta e a vivência das mulheres trabalhadoras, de famílias pobres paraguaias.

Uma das ocupações mais exercidas pelas mulheres pobres, nas mais diversas sociedades, foi o de empregada doméstica. Essa atividade, reconhecida como primeira profissão feminina no Paraguai, não valorizada por longo período de tempo, inclusive nos tempos hodiernos. As trabalhadoras que desempenhavam essa função não foram reconhecidas como sujeitas por muito tempo, e, tampouco, contavam com algum tipo de proteção na legislação do país. Com isso, fazendo-as sofrer todo tipo de abuso e violências, de ordens simbólicas e físicas, sendo uma das profissões mais desprotegidas: "El Paraguay de entonces -y el mundo en general- no solo no podian determinar el valor económico producido por el trabajo domestico, si no que lo menoscababan" (VALINOTTI, *ibidem,* p. 78).

Nesse sentido, faz-se importante refletir que sempre houve uma fração da população feminina que continuamente trabalhou em ocupações forçosas, consideradas desprestigiadas. No entanto, não devemos desconsiderar que em todas as classes sociais as mulheres tiveram uma educação semelhante e frequentemente doutrinadas para a submissão:

> En efecto, a la mujer desde pequeña, se la engaña en la familia, diciéndole que es una flor que perfuma el hogar, que ella debe ser muy agradable, sumisa y humilde, es decir, toda de una pasividad, la más seductora posible, esto es, va conducida suavemente y poco a poco a la renuncia de la propia personalidad (DÁVALOS, 2007, p. 17).

O feminino habitualmente foi disciplinado no sentido da submissão e da doação do seu próprio ser em benefício alheio, seja ele de ordem familiar, pais e irmãos, como futuramente do

marido e dos/as filhos/as. Contraditoriamente, com a educação voltada para aflorar a sensibilidade das mulheres na idade adulta ou na adolescência, muitas delas vivenciam cotidianamente casamentos violentos e trabalhos forçosos. Essa cultura baseada na submissão é o alicerce para a naturalização e para a imposição do patriarcado. Ensinadas a não questionar elas frequentemente acreditam ser normal uma vida de violência e de abusos. São nas palavras de Perrot: "Vítimas da expressão da condição feminina" (PERROT, 1995, P.20).

A vida das mulheres é permeada por incontáveis fronteiras que as apagam, em sistemas de opressão de diferentes intensidades, agravados com os processos de colonização, nos quais se desconsideram várias formas de vida, conforme pontua Segato: "[...] a crueldade contra as mulheres aumenta à medida que a modernidade e o mercado se expandem, anexando novas regiões" (SEGATO, 2021, p. 89).

Vítimas hostilizadas da história, as mulheres nos diferentes tempos históricos, estiveram presentes e suas atividades foram significativas, todavia, não julgadas importantes, numa escala de valor projetada pelo universo masculino. Segundo Colling e Tedeschi: "O patriarcado, sistema social em que homens adultos mantêm o poder em todos os seus privilégios, exercem supremacia sobre os demais, não se alterou" (COLLING & TEDESCHI, 2020, p. 14).

Uma sociedade acostumada e moldada pelos pressupostos patriarcais acostumou-se a deixar as mulheres de lado, não as considerando dignas de confiança ou capazes de ocupar cargos públicos reconhecidos, ou ainda de ser sujeita histórica. Sua presença não era considerada como tal: "No es que la mujer haya estado fuera de la historia, sino, y, sobre todo, que su participación en ella estaba restringida y era negada" (RODRIGUES, 2014 p. 57).

Esquecidas e silenciadas as mulheres não se deixaram vencer, pois nos diversos espaços sociais, mesmo marcados pela invisibilidade do trabalho, a ação da mulher se fez presente. Escolher escrever sobre suas histórias reflete o desejo de elucidar uma nova perspectiva de passado, nas palavras de Segato:

> [...] deve ocorrer o que podemos chamar de *devolução* histórica, uma restituição da capacidade de tecer seu próprio caminho histórico, retomando o tramado das figuras interrompidas, tecendo-as até o presente da urdidura projetando-as em direção ao futuro (SEGATO, 2012, p.112).

Falar de mulher se trata em pensar nessas figuras interrompidas, nas vidas e trajetórias silenciadas, sem nem ao menos saber que possuíam o direito de fazer parte da história. A nova forma de construir a historiografia busca saldar uma dívida com mulheres e homens do passado e do presente. Pois, ao não ocuparem o rol de heróis ou não serem figuras consideradas

destacadas da sociedade imaginavam não fazer parte da memória histórica e não se pode repetir os erros do passado; e de acordo com Bareiro, Soto e Monte: “La victoria de los opresores fue haber borrado de la memoria colectiva lo mucho que en esta tierra, hombres y mujeres lucharon por libertad, por igualdad y por la solidaridad” (BAREIRO, SOTO & MONTE, 1993, p. 13).

As classificações generalizantes construídas pela cultura de cada povo têm enfaticamente excluído pessoas. Ao citar caso análogo é quando se resume a mulher paraguaia a um grupo de reconstrutoras, enquanto outras permanecem no esquecimento. Ademais, o termo “reconstrutoras” é bastante amplo, por vezes utilizado para prestar uma homenagem simbólica ao feminino paraguaio, porém vazio de significado, reconhecimento e valorização das atividades ímpares realizadas por um conjunto de mulheres diferentes, com tarefas e propósitos múltiplos.

A história das mulheres paraguaias, sua visibilidade e a conquista de direitos, esteve da mesma forma centrada na docência, possibilidade que abriu novos vislumbres profissionais, uma vez que em tempos de outrora, essa carreira, assim como todas as outras eram estritamente praticadas por homens. Ter a oportunidade de seguir esse ofício foi o pivô para grandes mudanças na percepção de vida feminina, e da mesma maneira revelou visões tradicionais:

> La docencia también significó la creación de un espacio solidario entre mujeres, educadoras y educandas. Puso en contacto a mujeres provenientes de distintas realidades, aunque de manera limitada. El potencial de la educación em una nueva conciencia de género tropezó, sin embargo, con resistencias promovidas por otras mujeres (VALINOTTI, 2012, p. 126).

Pode-se perceber os muitos caminhos percorridos pelas mulheres para que suas vozes e papéis desenvolvidos tivessem algum reconhecimento, ou mesmo para que pudessem concretizar minimamente seus sonhos. Esta trajetória foi de encontro a muitos tropeços e impedimentos, vindos inclusive da origem de seu gênero, destarte o patriarcado tinha nós bem atados no imaginário feminino. A colonialidade do poder e do gênero atuaram internamente em toda a América Latina, assim dizendo, as mulheres compartilham das mazelas e raízes desse pacto colonial contemporâneo do heteropatriarcado.

Ter mulheres professoras significava ter mulheres independentes financeiramente, e subjugar o feminino utilizando como arma a dominação econômica foi e é, infelizmente, uma artimanha muito utilizada como uma das diversas formas de violências implicadas na vivência feminina no decorrer dos anos. De maneira lógica as mulheres autônomas abalariam a estrutura do pensamento androcêntrico e, para conquistar a liberdade, é sabido que se necessita de

ferramentas básicas de manutenção, sendo o dinheiro uma delas, como foi ponderado por Dávalos: “Por cierto, nadie desconocerá que la independencia económica es la base de la emancipación y autonomia del indivíduo” (DÁVALOS, 2007, 66).

Ter mulheres beirando a libertação dos domínios patriarcais era assustador e era sinônimo de perigo. Agrilhoá-las à dependência financeira dava aos homens a alcunha de protetores, quando na realidade, eles eram os algozes de muitas. Deste modo, as lutas femininas foram distorcidas e atacadas porque como pontua Dávalos: “Ni una sola de las funciones sociales atribuídas al hombre há dejado de ser desempenhada por mujeres en alguna época de la história” (DÁVALOS, *ibidem*, 13).

As histórias das professoras Blanca, Nilda, Elva e Lorena, da enfermeira Olga, da comerciante Luciana e da trabalhadora doméstica e agricultora Lenir, são exemplos da libertação das amarras do patriarcado. Ao lutar por seu espaço fora do mundo privado essas e muitas outras mulheres tiveram que se reencontrar, frequentemente, com a carga preconceituosa e de negação que isso acarretava. Como uma fênix, reinventavam-se e seguiram em uma caminhada árdua, invisível e heterogênea:

> Assim como é verdadeiro o fato que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como raça, classe, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, ‘são diferenças que fazem a diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Analisar a vida e luta feminina como múltipla é um fator preponderante para compreender e ponderar sobre suas histórias e a maneira como elas tiveram que se recriar, reafirmando-se enquanto ser humano dignas de direitos. Porquanto, dos porões da existência, elas queriam ser sujeitas de sua vida e, sem liberdades no mundo privado, ousavam sonhar com o universo público dos homens. Nas palavras de Caceres: “Es importante mencionar que las mujeres no tenían casi voz incluso en sus hogares, ya que el patriarca era el hombre, quien era la voz absoluta dentro y fuera de la casa a causa de la división sexual del trabajo” (CACERES, 2016, p. 35).

Sob o domínio persistente do patriarca por séculos a fio as mulheres foram praticamente invisíveis e emudecidas diante da sociedade, vista apenas nos tradicionais papeis julgados condizentes com seu sexo biológico e pelo mesmo motivo classificada como corruptora da ordem social.

Consideradas abjetas, as mulheres foram adjetivadas de distintas formas pejorativas quando começaram a lutar por seus espaços na vida pública. De maneira predominante, quando se lançaram ao mundo político era inaceitável que o universo feminino, considerado hierarquicamente inferior, pudesse ocupar algum cargo político, ou se quer reivindicar alguma mudança. Segundo Potthast: "La participación de las mujeres en protestas y enfrentamientos contra medidas que calificaron de inaceptables fue tomada, más bien, como un activismo o como prueba de la rusticidad y falta de cultura de la mujer paraguaya" (POTTHAST, 2010, p. 329).

Difamar as ações das mulheres é uma prática recorrente que elucida a jactância do universo social masculinizado. Ao vilanizar sua conduta reforçariam os argumentos patriarcais que tinham como base a exclusão e a inferiorização de seu sexo, desta maneira convencendo a sociedade da autoridade e da predisposição natural do homem para ocupar determinados espaços: "Aun cuando las mujeres se manifestaron em torno a temas políticos, su ausencia misma fue una cuestión decididamente política, arropada por una falsa visión de la mujer como "naturalmente" menos capaz que el varón" (VALINOTTI, 2011, p. 159).

Assimila-se destarte, que as lutas femininas predominantemente convergem para o esquecimento e a inferiorização em diferentes âmbitos. A figura da mulher paraguaia, de forma hegemônica, é representada como reconstrutora, porém, compreende-se que nesse papel arrolam-se muitos outros, invisibilizando algumas em detrimento de outras.

Esta tese, versa sobre a vida de mulheres paraguaias pobres, trabalhadoras, sobreviventes de uma ditadura sanguinária, rompendo com esses laços históricos hierarquizados e desiguais que negaram o valor e o direito à memória, principalmente, àquelas/aqueles desfavorecidos sociais e economicamente.

A migração de mulheres e homens, brasileiras e brasileiros ao Paraguai, ao mesmo tempo que construiu, também transpôs fronteiras, a coexistência entre pessoas oriundas de países diferentes, com heranças históricas pautadas em distinções e rivalidades, produziu aproximações e distanciamentos, a necessidade da coexistência produziu caminhos orientando a convivência e o trabalho.

O próximo capítulo apresenta uma perspectiva feminina da migração, onde tais mulheres, atuantes em suas profissões e em seus papeis sociais, passaram a conviver com aquele/a "outro/a" estranho/a que chegava e trazia consigo novidades e diferenças. Estes, os que possibilitaram com que elas saíssem de sua zona de conforto e mudassem suas perspectivas de vida a partir do estrangeiro.

## CAPÍTULO II

## PERCEPÇÕES DE SI E DO OUTRO: A PRESENÇA DA DIFERENÇA

*"Nosotros hablamos en portugués y eso que yo digo, siempre los paraguayos procuran hablar en portugués y los brasileros no procuran para hablar ni el español ni el guaraní" - María Carmen*

Este capítulo apresenta, inicialmente, um panorama acerca da expressiva migração de brasileiros e brasileiras rumo ao Paraguai e com destaque para os municípios de Nueva Esperanza e Katuete, evidenciando como esse processo transformou o espaço e, concomitantemente, a vida das pessoas, especificamente, as das mulheres paraguaias.

Discute-se sobre as relações de trocas culturais promovidas pelos/as migrantes em relação ao cotidiano paraguaio. De forma consonante, busca-se perceber como a linguagem passa a ser utilizada enquanto instrumento de poder por ambos os povos e em relação à ênfase das narrativas apresentadas pelas mulheres entrevistadas. Almeja-se construir uma história deste encontro com o/a diferente a partir do olhar das mulheres, das mesmas, sujeitas comumente invisibilizadas da historiografia.

Na parte final deste capítulo, apresenta-se como os contatos entre nativos/as e migrantes se estreitam, discorrendo sobre os meios de adaptação que esses povos, de culturas sociais diversas, desenvolveram para coexistirem. O cotidiano foi transformado e as relações pautadas em assimetrias e que, por vezes, foram anuladas, bem como algumas desigualdades que foram naturalizadas.

### 2.1 "Existe um mini Brasil aqui": Nueva Esperanza y Katuete: municípios paraguaios com forte influência brasileira

Os municípios de Nueva Esperanza e Katuete, localizados no departamento de Canindeyu, no Paraguai, contam com um número significativo de migrantes brasileiros/as, resultado do processo de migração iniciado em meados do século XX. Acredita-se que a povoação dessa região só ocorreu devido ao projeto de desenvolvimento advindo durante o governo do presidente Alfredo Stroessner que incentivava a entrada e a permanência dos/as migrantes oriundos do Brasil.

Como já discorrido anteriormente neste trabalho, o projeto de colonização de "áreas vazias" do Paraguai se deu de maneira bastante orquestrada, envolvendo, principalmente, grandes empresas colonizadoras. Na região de Nueva Esperanza não foi diferente, segundo Kammer:

> Nesse processo de colonização, as terras de Nueva Esperanza, estavam sobre o domínio da Colonizadora Marangatú, de propriedade do argentino Carlos René Segin. A empresa adquiriu as terras dessa localidade em 1960 e passou a comercializar os lotes de 10 a 20 ha, especialmente a agricultores brasileiros. O processo de compra das terras ocorria de duas formas; a compra à vista, onde o agricultor pagava no momento da compra o valor total das terras e recebia o título e a compra parcelada, onde o agricultor recebia o título apenas após quitar o ônus da compra (MALDANER, 2020, p. 77).

O número de pessoas que migraram continua incógnito, o que se tem atualmente são estimativas. No entanto, a presença dessas pessoas no Paraguai modificou profundamente a cultura e os hábitos da região, situação notada, inclusive, até o hodierno.

Os/as migrantes brasileiros/as chegados/as em terras paraguaias, traziam em sua bagagem pressupostos culturais que, paulatinamente, foram se mesclando ao cotidiano do local. Uma nova simbiose apareceria para apresentar esse lugar heterogêneo no qual os/as diferentes passam a coexistir. Nas palavras de Fiorentin:

> A presença desses trabalhadores e agricultores brasileiros, a partir da década de 1970, modificou profundamente a economia, a cultura e até mesmo a geografia do Paraguai. A língua portuguesa, bem como italiano e alemão, trazido pelos descendentes de imigrantes europeus, passou a se misturar com a espanhola e as lavouras de soja passaram a dominar a paisagem (FIORENTIN, 2010, p. 50).

A figuração massiva de migrantes nessa região, por muito tempo suplantou a cultura paraguaia, uma vez que os/as nativos/as daquele país estavam em menor número, como destacado na narrativa de Elva, quando questionada sobre a presença migrante na supramencionada localidade ela disse: *"Había, cuando llegamos, 90%, no tengas dudas, 90% eram migrantes, después parece que los hermanos paraguayos fueron descubriendo la región y también vinieron hoy día podemos hablar de más o menos 50 a 50%."*[46]

[46] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

A vantagem brasileira, em relação ao número de habitantes da localidade, marcou profundamente a história da região, transformando-a em um território fronteiriço paraguaio em um pequeno Brasil, como nos conta a Olga, ao se referir ao idioma predominante na região:

> *Yo siempre le digo a mis sobrinos, portugués ya otra vez, porque si yo voy al Brasil no voy a hablar en guaraní porque no me van a entender ni en castellano, porque hay brasileros que no entienden castellano ni un chiquitito también y no buscan entender, entonces acá con nuestra gente, acá es un mini Brasil, aunque entiendan, igual hablan portugués.*[47]

A identidade nacional de um país é marcada, predominantemente, pelo seu idioma, os/as migrantes chegados no Paraguai, mudaram essa realidade nas localidades onde se fixaram, escolhendo manter os hábitos culturais do país de origem, falando sem receios o português, alheio a nova perspectiva de lugar. Evidentemente, para que isso pudesse ocorrer, deveu-se ao número expressivo de brasileiros/as migrantes, de acordo com Tedeschi e Baller:

> El número de migrantes brasileños, en lo que se refiere a la migración brasileña, sobresale al número de nativos y la cultura nacional presente en la débil demografía paraguaya de la faja de la frontera. En este contexto, la identidad nacional paraguaya en este país va cediendo – o perdiendo – hegemonía (TEDESCHI & BALLER, 2018, p. 132).

Além do número expressivo de pessoas que migraram ao Paraguai, oriundos do Brasil, houve também uma recusa em relação à cultura daquele país. O lugar chegado era analisado em uma escala de valor, e posto em relação inferior ao país de origem dos migrantes. Segundo Albuquerque: "O país de origem desses migrantes o Brasil é considerado relativamente mais desenvolvido que o Paraguai e os brasileiros muitas vezes se apresentam como dominantes em ralação aos paraguaios" (ALBUQUERQUE, 2010, p. 19).

Nesse sentido, são os/as paraguaios/as que buscam uma adaptação em relação a cultura daquele/a que chega, como destaca a nossa entrevistada ao relatar que os sobrinhos, costumeiramente, falam o português. Uma nova percepção da realidade se instaura, na qual aos nativos é imposta a cultura de um outro lugar e isso se traduz no aprendizado de uma nova língua. Há um jogo de representações entre os/as diferentes, colocados desde um princípio em uma classificação desigual e preconceituosa, marcada pela recusa do migrante em assimilar a cultura paraguaia. A problemática da nossa pesquisa em relação ao campo de estudo se constitui

[47] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

justamente pela construção representativa de quem nós somos e quem são os outros. Pontuam Duschatzky e Skliar:

> O problema da representação não está delimitado por uma questão de denominação/descrição da alteridade. Há sobretudo uma regulação e um controle do olhar que define quem são e como são os outros. Visibilidade e invisibilidade constituem, nesta época, mecanismos de produção da alteridade e atuam simultaneamente com nomear e/ou deixar de nomear (DUSCHATZKY & SKLIAR, 2001, p. 122-123).

Migrantes e povos tradicionais passam a coexistir e marcam a sua realidade a partir do etnocentrismo inicial, no qual, progressivamente, desenvolvem-se condutas respaldadas na alteridade, essencialmente pelos/as paraguaios/as que buscam maneiras de se apropriarem da cultura brasileira. Fiorentin destaca: "Apesar dos vários conflitos e das afirmações das diferenças culturais e políticas entre brasileiros e paraguaios há também no espaço paraguaio, [...] integração e muitas misturas" (FIORENTIN, 2010, p. 75).

Assim como em Nueva Esperanza existe a presença brasileira massiva, Katuete também conta com um significativo número de migrantes e, por conseguinte, é caracterizada por ser uma cidade basicamente composta, desde os primórdios, por brasiguaios/as. Segundo Silva:

> Em algumas localidades do departamento de Canindeyú, como Salto Del Guairá, Puente Kyjhá e Corpus Christi, esses imigrantes brasileiros representam mais de 60% da população total, chegando a constituir no município de Katueté mais de 80% da população (SILVA, 2007, p. 253).

Essa constituição populacional, marcada pela presença migrante, traz consigo marcas indeléveis na história da cidade e das pessoas que ali vivem, na qual, recorrentemente, a cultura paraguaia é suplantada. Desta maneira, vive-se como se a localização geográfica pertencesse ao Brasil, como narra Luciana durante a entrevista:

> *A grande maioria aqui é brasileiro é como se a gente tivesse uma minicidade de brasileiros eu não sei se em outros lugares tem tanto brasileiro quanto aqui, mas aqui tem muitos brasileiros, então tem vezes que a gente pensa que não está no Paraguai, então as vezes por isso tem aquelas brigas, aquelas rixas, acham que os brasileiros invadiram e eles se sentem ameaçados (risos).* [48]

[48] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 28 min. (aprox.), som.

Viver e se comportar como se estivessem no Brasil. A entrevistada destaca que o número expressivo de migrantes, presentes na localidade, transparece a impressão de não estarem vivendo no Paraguai. Ocorre, com tal característica, um novo processo de colonização do povo paraguaio, disfarçado de fluxo migratório e usurpado novamente por forças estrangeiras, uma colonialidade. Advém assim, o que Said chama de correção cultural à realidade:

> Deve-se lembrar mais uma vez que todas as culturas impõem correções à realidade bruta, transformando-a de objetos flutuantes em unidades de conhecimento. […] é perfeitamente natural que a mente humana resista ao ataque de uma estranheza não elaborada; por isso as culturas sempre manifestam a tendência de impor transformações completas a outras culturas, recebendo-as não como elas são, mas como, para o benefício do receptor, elas devem ser. (SAID, 2007, p. 107-108).

Os povos chegados impõem sua cultura, seus hábitos de vida, corrigindo, deste modo, a realidade e os hábitos dos/as paraguaios/as que, contraditoriamente, passam a coexistir e a partilhar da experiência cultural brasileira, buscando meios de adaptação à nossa realidade imposta. Em 2013, o Jornal *Ultima Hora*, publicou uma matéria intitulada "La costumbre extranjera es fuerte competencia para la tradición local", à qual evidencia esse processo de suplantação cultural, efetivada pelos/as migrantes. No texto os jornalistas destacam: "En las comunidades donde residen los migrantes, muchas radioemisoras tienen programaciones totalmente en portugués y las publicidades también. Hasta los locutores paraguayos se esfuerzan por comunicarse en el idioma del vecino país".[49]

Uma vez mais, a realidade se traduz no que Luciana pontuou em sua entrevista: "tem vezes que a gente pensa que não está no Paraguai". De pequenos hábitos a grandes transformações culturais, a influência brasileira migrante transformou a rotina do lugar. A autoridade brasileira, nessas localidades, é tão paradoxal que, em algumas conjunturas, os/as migrantes são considerados fundadores de algumas cidades, como é o caso de Katuete. Para Silva:

> A história da colônia de Katueté começou em 1971, quando um próspero empresário de terras de São Paulo, chamado Jaime Watt Longo, contestava uma decisão da corte paraguaia em Assunção sobre uma vasta área remanescente de um antigo ervatal pertencente à LIPSA (La Industrial Paraguaya S/A), que havia sido expropriada pelo IBR. Jaime Longo, em sua contestação, alegava ter recebido as ditas terras como parte da herança de sua esposa, Olga Lunardelli, filha do famoso cafeicultor brasileiro Geremíias Lunardelli, o qual as havia comprado da LIPSA no início dos anos 1950. Já o

[49] DIÁRIO *ULTIMA HORA*, 23/09/2013. Versão digital.

> IBR, por sua vez, alegava que o processo de expropriação também ocorrera na mesma época da aquisição das ditas terras por Jaime Longo. Para ver resolvida essa contenda, o empresário brasileiro se valeu dos serviços e da influência de seus advogados paraguaios, que gozavam de grande prestígio junto às cortes do país. Ao perceber que o caso corria a seu favor, ele se reportou a seu advogado paraguaio Alejandro Encina Marín, que falava fluentemente guarani, perguntando-lhe como se dizia nessa língua tiene que salir e o homem lhe respondeu que a expressão idiomática mais próxima na língua nativa era "katueté". Quando o litígio foi resolvido a seu favor, Jaime Longo prontamente pôs-se a organizar uma nova colônia naquela região, à qual denominou Katueté. (SILVA, 2007, p. 181).

Existem algumas outras versões sobre a história de fundação de Katuete, entretanto, todas envolvem o nome Jaime Watt Longo. Uma querela abrangente, que apresenta uma celeuma de contradições, desde o primeiro contato com o lugar e com os/as nativos/as, até a consolidação de uma cidade, com peculiaridades representativas pertencentes aos/às migrantes. Desde o prelúdio do processo migratório, estabeleceu-se uma zona de contato e uma supressão cultural, nesse sentido de acordo com Pratt:

> "Zonas de contacto", espacios sociales donde culturas dispares se encuentran, chocan y se enfrentan, a menudo dentro de las relaciones altamente asimétricas de dominación y subordinación, tales como el colonialismo, la esclavitud, o sus consecuencias como se viven en el mundo de hoy (PRATT, 2010, p. 31).

Nessa zona de contato, baseada em hierarquias culturais, concretiza-se um sistema de trocas, onde os indivíduos, dentro de complexidades e contradições, iniciam uma hibridização cultural. Algumas vezes segregacionista, porém, o convívio com o/a diferente altera a visão de mundo e de pequenos hábitos diários, como cozinhar, narrado por Nilda:

> *Y así, acá era Brasil, yo en mi propio país vine a vivir en un lugar de brasileros, porque era realmente otro, la alimentación, en cuanto a la limpieza, porque acá mismo es tierra roja y de lo que yo vine era tierra blanca no era preciso esforzar tanto para la limpieza y acá hay que esforzarse para la limpieza y tenía que estar limpio. Y el feijão yo no conocía, arroz frito yo no conocía porque nosotros al envés de feijão hacemos poroto y envés de arroz frito nosotros hacíamos arroz con queso, todo eso, era diferente, pero hoy por hoy, yo en casa ya tenemos nuestro arroz frito, nuestro feijão*,[50]

[50]ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizuenã** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

Ao narrar sua chegada em Nueva Esperanza, a nossa entrevistada destaca vários pontos relevantes para compreender como se deu o processo de adaptação e convivência com o/a migrante que havia chegado e transformado o lugar. Quando ela diz: "*Y así, acá era Brasil, yo em mi próprio país vine a vivir en un lugar de brasileiros"*, evidencia a metamorfose ocorrida no lugar, protagonizada pelos/as brasileiros/as.

A identidade de uma cidade no interior do Paraguai passa a ser marcada e representada pelos/as migrantes, realidade ambivalente assimilada por mulheres e homens paraguaios/as que alteraram suas rotinas e hábitos, passando a absorver e integrar traços culturais diferentes em suas rotinas. Fiorentin pontua, ao discorrer sobre a radicação de brasileiros/as no mencionado país: "Construíram um lugar característico, em que as duas culturas marcam a identidade cultural do local" (FIORENTIN, 2017, p. 13).

Dois povos distintos, paradoxalmente compartilhando suas vidas, perceptivelmente marcados por hierarquias históricas. Uma ordenação social, baseada na diferença, que na narrativa de Nilda pode ser analisada de duas maneiras: a primeira em relação à incorporação e ao estranhamento referente aos hábitos dos/as chegados; e a outra forma de arguição faz referência à sua condição feminina. Enquanto mulher, as mudanças causadas em suas rotinas são diferentes e, por vezes, invisibilizadas, já que ela discorre sobre a casa, a limpeza, a comida; Nilda, em suma, apresenta uma forma distinta de ver a migração e suas consequências cotidianas, evidenciando o mundo privado, este, predominantemente, marcado pela mulher.

Escutar as mulheres falarem sobre suas trajetórias, é perceber outra versão de uma história que marcou e transformou profundamente suas vidas e que, no entanto, não foram consideradas historicamente. O silêncio paira sobre o feminino, assim sendo, segundo Tedeschi: "Al oír la voz de las mujeres en los relatos, revivimos momentos cruciales junto a ellas, observamos conversaciones, historias que producen imágenes y narrativas de un tiempo pasado de extrema importancia en sus vidas." (TEDESCHI, 2020 p. 61).

A história das mulheres apresenta arcabouços reflexivos que fogem da história tradicional, que merecem e precisam ser analisados, bem como estar presentes na historiografia. A migração de mulheres e homens, brasileiras e brasileiros ao Paraguai foi um fenômeno que transformou, significativamente, a vida e as rotinas dos povos originários daquele país. E, durante este processo, ocorre uma dupla subjugação histórica: a primeira com relação aos/as paraguaios/as; e a segunda em relação às mulheres tanto brasileiras quanto paraguaias.

Existem, culturalmente, hierarquias invisíveis, assimiladas ao longo da vida e mantidas como normais, mas que precisam ser desnaturalizadas, discutidas e evidenciadas, possibilitando

a emergência de outros/as sujeitos/as históricas, como destaca Chong: “Las divisiones sociales son naturalizadas por proyectos hegemónicos para excluir y marginar a ciertos grupos o para favorecer otros.” (CHONG, 2020, p. 44).

O fenômeno migratório, descrito neste trabalho, vai em sentido antagônico à migração contemporânea, na qual os/as migrantes são continuamente subjugados e excluídos. Os/as brasileiros/as que chegaram ao Paraguai seguiram um caminho adverso de migrantes, no qual, recorrentemente, estes se adaptaram à cultura local, como evidenciam Villamar e Ribeiro:

> A presença física dos migrantes, assim como suas narrativas e práticas socioculturais nas sociedades de recepção, não podem nos fazer perder de vista as hierarquias coloniais que se perpetuam no processo migratório e definem o predomínio da cultura e do ponto de vista do país receptor. (VILLAMAR & RIBEIRO, 2020, p. 46).

Neste caso, o ponto de vista do país receptor, neste caso o Paraguai, se perdeu por um longo período nas regiões onde se encontra a presença massiva de brasileiros/as. A cultura e os hábitos migrantes foram e, em alguns casos, pode-se afirmar que ainda são dominantes em determinadas localidades do referido país. Em conformidade, com os casos dos lugares em que estamos estudando, ocorreu um processo de transculturação brasileira em relação à paraguaia, sendo que o termo transculturação que utilizamos é do estudo postulado por Pratt:

> Los pueblos subyugados no pueden controlar lo que la cultura dominante introduce en ellos, pueden, sin embargo, determinar (en grados diversos) lo que absorben para sí, como lo usan y qué significación le otorgan. La transculturación es un fenómeno de la zona de contacto (PRATT, 2010, p. 32).

E a transculturação brasileira no Paraguai ocorreu em vários níveis, desde os hábitos cotidianos, às formas de trabalho e no modo de trabalho. Inclusive, em relação à educação dos filhos/as dos/as paraguaios/as que se adaptaram facilmente com os/as que chegam. Como nos narra Nilda, na sequência do diálogo supracitado referente à culinária brasileira, ela destaca:

> *Y mesclo bien porque a mis hijos le gusta mucho más la comida brasilera, porque la comida paraguaya es así ensopado, como el puchero, y la generación de ahora, ellos quieren solo comida seca, arroz frito, carne, ensalada, feijão y de todo un poco y aprendí a hacer también.* [51]

[51] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizuenã** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

A convivência entre os/as migrantes alavanca uma nova forma de encarar a vida. O cotidiano se transforma, permeado pela presença subjetiva do outro, em uma nova forma de vida fronteiriça, marcada pela duplicidade, "Esas fronteras son marcadas por la dualidad de alejamientos y encuentros son áreas de transición y cambios, barreras que se van tornando permeables a lo largo del tiempo*"* (TEDESCHI & BALLER, 2018, p. 138).

O lugar construído pelos/as migrantes e nativos possui linhas divisórias porosas, onde os de cá e os de lá absorvem traços mutuamente. Coexistir na fronteira significa viver na pluralidade, é adaptar-se ao diferente e assimilar as suas, respectivas, culturas. Não obstante, percebe-se que essa apropriação de ideias se deu em maior grau pelos/as paraguaios/as, situação evidenciada por Lorena:

> *[...] los paraguayos se esforzaban para a hablar en portugués a los brasileros ahí es la diferencia, porque los paraguayos si fuese caprichoso iba a hablar en castellano a los brasileros, pero los brasileros le gobernaban eso, los brasileros no hablan en castellano, hasta hoy es así y a veces se encuentra uno que habla en castellano, pero así mal que mal*. [52]

Construiu-se no Paraguai uma dominação cultural por meio da linguagem, situação na qual, os/as nativos/as buscaram uma adaptação para conviver com o/a migrante, colocado em classificação hierárquica superior desde o princípio. Imperou a desigualdade em situação recorrente ao se tratar da migração, como destaca Woodward: "A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades" (WOODWARD, 2014, p. 22).

A ideia eurocêntrica da linguagem conecta o idioma à civilização, ao poder, ao conhecimento, um encontro neocolonial linguístico. Esta dominação cultural, baseada no idioma, deu-se pelas duas partes, ao mesmo tempo que os/as migrantes brasileiros/as tentavam suplantar a cultura paraguaia, os/as paraguaios/as desenvolviam jogos de poder utilizando a linguagem, empregando o guarani, construindo um limite, entre "nós e eles/as". Nesta direção, Fiorentin pontua:

> Cabe ressaltar que, diante das migrações e das constantes trocas e misturas culturais, o guarani é um dos poucos elementos que identificam o Paraguai no contexto do Mercosul e do mundo globalizado. Neste sentido, o guarani se constitui como um limite entre paraguaios e os imigrantes de qualquer

[52] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 01:20:24 min. (aprox.), som.

> nacionalidade. É a expressão máxima da cultura e identidade do Paraguai (FIORENTIN, 2010, p. 94).

De maneira recorrente houve, por parte dos/as paraguaios/as, um intento de construir relações sociais com os/as migrantes, seja pela necessidade ou pela simples convivência. Ambos pontos evidenciados amiúde nas narrativas das mulheres, todavia, em relação ao idioma, este aparece como um objeto de poder, sendo denunciado, quando elas relatam que os/as migrantes não abrem mão do português, mas demonstram, semelhantemente, que tem uma contrapartida. No mesmo sentido, elas pontuam a utilização do guarani, como nos conta Olga:

> *Yo siempre digo con todo respecto que nosotros los paraguayos tenemos una mente brillante, porque nosotros por ejemplo nuestro idioma son dos oficiales y el tercero muchos adoptan el portugués, nosotros podemos hablar mal en guaraní y no me entienden los brasileros, pero si ellos hablan mal de nosotros si entendemos porque yo estudiaba en Katuete y nos íbamos en transporte escolar verdad y había una señora de Kumanda kai, feíta le llamaban los chicos a ella y le decían cosas así por ella y después nosotros hablábamos en guaraní y ellos no entendían lo que nosotros decíamos, absolutamente no entendían y eran estudiantes y ellos hablan mal de nosotros y al toque lo entendemos, por eso yo digo que nosotros tenemos esa mente brillante porque manejamos esas cosas*.[53]

Nesta narrativa se sobressaem vários fatores de hierarquização cultural, que não podem ser estudados de maneira isolada, visto que são situações capazes de evidenciar uma nova forma de ver esse processo migratório a partir do olhar das mulheres paraguaias. A explanação foca sobre àquelas que tiveram suas vidas transformadas com a chegada do/a outro/as e, além disso, tecem suas experiências e histórias invisibilizadas diante do patriarcado, que marcou espaço de maneira incisiva também na escrita da história. Por conseguinte, a interseccionalidade postulada por Chong, auxilia-nos na análise conjunta das circunstâncias vivenciadas: "La interseccionalidad, es decir, la construcción de divisiones sociales, como forjan la identidad, y como la interacción de identidades genera interstícios" (CHONG, 2020, p.33).

A interação entre migrantes e nativos/as foi construída em circunstâncias ímpares e, em alguns momentos na alteridade, como destacado nos fragmentos acima, quando as mulheres descrevem as apropriações culturais construídas a partir do convívio com o/a diferente. Concomitante, as bases sociais etnocêntricas se sobressaem recorrentemente em relação ao idioma, que se configuram como relações de poder, salientando quem faz e quem não faz parte

[53] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

daquele grupo. Faz-se necessário compreender essas manifestações sucintas, uma vez que segundo Said: "As ideias, as culturas e as histórias não podem ser seriamente compreendidas ou estudadas sem que a força, ou mais precisamente, suas configurações de poder também sejam estudadas" (SAID, 2007, p. 32).

Quando Olga diz que os/as paraguaios/as tem uma mente brilhante por aprenderem vários idiomas facilmente, inclusive o português, ela denota uma linha divisória baseada nas diferenças entre "nós—eles/as". Porém, à vista disso, é preciso considerar que não existe uma diferença genética entre os povos e sim uma disparidade na forma como se deu o desenvolvimento cultural das pessoas. Hall, em relação a este tema, pontua:

> Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de maneira metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial (HALL, 2015, p. 29).

Olga, ao postular a inteligência paraguaia em relação ao aprendizado dos idiomas, acredita justamente que isso faz parte da natureza essencial da sua nação relacionada a esse fator. A definição está baseada em pressupostos etnocêntricos em relação aos migrantes e há um conjunto de sistemas simbólicos que a amparam moralmente. Outra convicção defendida pela nossa entrevistada, ainda relacionada ao processo de fala, está em defender a vantagem que os nativos possuem em relação aos/as brasileiros/as, na medida em que eles/as não conseguem compreender o guarani, pois*: "absolutamente no entendían y eran estudiantes y ellos hablan mal de nosotros y al toque lo entendemos*". Evidencia-se que a adaptabilidade, em relação ao migrante, é permeada por relações de aproximações e distanciamentos, existe uma zona inteligível definidora dos espaços sociais. Neste sentido, de acordo com Duschatzky e Skliar:

> [...] a tradução e representação dos outros está atravessada por uma busca permanente de eufemismos, melhores (ou piores) formas de denominar a alteridade. Não obstante, essas formas não são neutras nem opacas e geram consequências na vida cotidiana desses outros (DUSCHATZKY & SKLIAR, 2001, p. 122).

Portanto, Olga busca traduzir, por meio de sua narrativa, o sentimento de superioridade paraguaia, atrelado ao idioma e da maneira como ela o compreende. Este ensejo pode constituir uma forma de resistência, tendo em vista a usurpação territorial construída por aquele/a que

chega, espoliação que ultrapassa a posse e usufruto de bens. Subterfúgio de coexistência, frequentemente, permeado pelas relações de poder, por aproximações e distanciamentos.

Aprender o português, para se relacionar com os/as migrantes avizinhados/as no Paraguai, é um tema que aparece periodicamente nos diálogos construídos com as mulheres paraguaias. Carmem destaca essa situação da seguinte forma: *"Nosotros hablamos en portugués y eso que yo digo, siempre los paraguayos procuran hablar en portugués y los brasileros no procuran para hablar ni el español ni el guaraní"*[54].

Denota-se, deste modo, a importância do idioma e como este é permeado por representações relacionado à formação da identidade nacional do/a sujeito/a. A presença do/a diferente abala as estruturas conhecidas e a história do país começa a ser alterada por aquele/a que chega e traz consigo outros pressupostos históricos nacionais. Ao ter outra língua como referência, Woodward destaca que: "Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos." (WOODWARD, 2014, p. 11).

Os antecedentes históricos paraguaios estão começando a ser alterados pela presença daqueles/as que chegam. Na junção das diferenças, inicia-se um novo pressuposto de vida baseado na coexistência com o/a outro/a, um limite imaginário e social passa a ser transposto. Para Kristeva: "[...] esse rosto tão outro traz a marca de um limite transposto que se imprime, de modo irremediável, numa calma ou numa inquietação. Seja perturbada ou alegre, a expressão do estrangeiro assinala que ele está a mais." (KRISTEVA, 1994, p.11).

A transmutabilidade entre calma e inquietação, entre aceitação e distanciamento ao longo das relações entre nativos/as e os/as migrantes vão sendo construídas. E nessas transformações, articuladas pela presença migrante, as vozes das mulheres paraguaias foram relegadas ao esquecimento. As pequenas nuances em seu cotidiano, que causaram mudanças nas suas percepções da realidade, foram condenadas ao silenciamento, resultado de uma historiografia classificatória. Segundo Pratt: "Invisibilidade é o nome da presença do subalterno para o grupo dominante" (PRATT, 1999, p. 13).

Muito já se disse sobre a presença migrante no Paraguai, no entanto, a percepção feminina sobre este processo, recorrentemente, foi relegada ao esquecimento. Neste sentido, uma parte da história se perde, visto que em uma educação binária da sociedade, e nos lugares

[54] ENTREVISTA. **María Carmen Morel de Viera** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 22/05/2021. 15 min. (aprox.), som.

historicamente ocupados pelas mulheres, a percepção sobre a presença do/a outro/a acontece de maneira distinta daquela experienciada pelo universo masculino.

O relato de Blanca, sobre o retorno a sua comunidade de origem, evidencia exemplos de exposições que costumeiramente não cabem dentro da história tradicional. Ao ser questionada se já se considera um pouco brasileira ela responde:

> *Sí, claro que sí, cuando yo vine recién, me acuerdo que me fui a la casa de mi mamá y me decían los vecinos, "pero vos Blanca ya pareces una brasilera" y yo les preguntaba porque y me decían que principalmente por la forma de vestir que yo le parecía a los brasileros, y yo jugaba con ellos y les decía que no vivía en la campaña y si en una ciudad, y me decían que yo parecía brasilera, viste que yo soy rubia y bien blanquita y las blusas que yo usaba era luego de Brasil*.[55]

A narrativa de Blanca salienta novas maneiras de perceber a coexistência entre nativos/as e migrantes. Ela destaca que a partir da convivência com os/as chegados/as já se sentia um pouco parte deles/as. Esta maneira de enxergar o processo elucida os vários caminhos baseados na alteridade assumidos pelo povo paraguaio. Nesta direção Baller e Tedeschi pontuam: "Es común percibir que las relaciones entre brasileños y paraguayos viven una metamorfosis de cambios identitarios" (BALLER & TEDESCHI, 2018, p. 139).

Aparentemente, na entrevista com Blanca, é possível perceber como ela demonstra gostar de se parecer com as mulheres brasileiras, destacando em quais pontos considera sua aparência semelhante com as migrantes. Nota-se qual é a percepção de mulher brasileira, como sendo branca e loira, pressupostos historicamente colocados numa hierarquia de valor, explicitando, concomitante a isso, um padrão de beleza feminino, baseado na cor da pele e do cabelo. Deste modo, para ela, aparentar fazer parte desse nicho pode simbolizar a ocupação de um lugar de poder social, esquece-se, todavia, a diversidade das mulheres brasileiras.

Historicamente, os padrões básicos com relação ao feminino foram reforçados por representações alicerçadas em dicotomias e preconceitos, recorrentemente ligados à aparência, condição social e nacionalidade, nivelando as mulheres, como se apenas esses fatores fossem relevantes. Ao comparar a nossa entrevistada às brasileiras, a aparência tem grande relevância para a sua comunidade, fator este que reduz as mulheres e suas multiplicidades. Segundo Lisboa:

[55] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.

> Os estereótipos com relação à natureza feminina são frequentemente acentuados como simples características étnicas: as gueixas, as japonesas, as submissas do continente asiático, as poderosas, exóticas e sensuais mulheres negras, a apaixonada amante latina, a sexualmente silenciosa estadunidense. Todos esses preconceitos, que não somente negam a aceitação da multiplicidade do sujeito feminino de toda mulher real, exercem também uma grande força material em toda a sociedade. Estas imagens, todavia, não são casuais, elas têm sido construídas sistematicamente através do tempo e são utilizadas por diferentes grupos com diferentes propósitos (LISBOA, 2006, p. 155).

Moldaram-se padrões sobre o que pensar e como definir as mulheres, uma circunspecção ultrajante, reduzindo-as ao mundo privado, colocando a aparência como definidora arbitrária.

Blanca, também migrante em seu próprio país, mudou-se para conseguir trabalhar, situação análoga ao/às dos/as brasileiros/as. Deste modo, ela passa a fazer parte de outra região, outro grupo e, ao voltar ao seu lugar de origem, carrega traços da convivência com o/a diferente, o/a estrangeiro/a; que havia transformado a região e, concomitante a isso, modificado também as pessoas, pois, segundo Albuquerque:

> A região é também modos de pensar, modos de querer, modos de falar, modos de gostar, modos de preferir, modos de amar, modos de desejar, modos de olhar, de escutar, de cheirar, de sentir sabor e de sentir dor. A região se expressa em jeitos e corpos, em gestos e formas de vestir, de se alimentar, de beber, de dançar, de andar de se pôr de pé ou de sentar. A região ao ser subjetivada, ao ser encarnada, ela conformará corpos e os processos subjetivos (ALBUQUERQUE, 2008, p. 61).

Assim, brasileiros/as e paraguaios/as passam a compor uma mesma região e com isso vivem um processo de simbiose e transformações com a coexistência do/a diferente. Não se pode dizer que um não foi influenciado pelo outro ou vice-versa, mas as relações foram permeadas por estereótipos e ambivalências. Dentro das relações construídas em território paraguaio, perduraram hábitos e costumes dos dois povos, não obstante, a cultura brasileira acabou persistindo, sobrepondo-se à paraguaia, como destaca Fiorentin: "A presença significativa desses imigrantes, por vezes a torna um pedaço do Brasil no Paraguai" (FIORENTIN, 2010, p. 73).

Um pedaço do Brasil dentro do Paraguai, frase recorrente ao dialogar com as mulheres ao assimilar a presença dos/as migrantes, em relação ao idioma durante as entrevistas realizadas com as brasileiras ainda residentes no Paraguai, surge uma outra perspetiva. Luciana diz: *"Eles acolhem muito bem a gente, tanto que eles se esforçam para falar o português, eu tenho um*

*fornecedor que é paraguaio daí eu falando em espanhol com ele e ele falando em português comigo é bem legal (risos)*".

O português passa a fazer parte e é tido como normal nas regiões paraguaias com alto predomínio de brasileiros/as, como é o caso dos municípios de Katuete e Nueva Esperanza estudados neste trabalho. No entanto, para que isso pudesse ocorrer, houve também o que podemos chamar de conivência e/ou adaptação do povo paraguaio, uma vez que mulheres e homens paraguaios/as passaram a adotar o idioma do/a outro/a que chegava, como evidenciado na narrativa acima.

Luciana tenta falar o espanhol com seu fornecedor paraguaio, e ele, por conseguinte, fala em português com ela. Isto demonstra uma relação distinta, conflituosa e que também reflete a alteridade, baseada, na mesma forma, pelas relações de poder. O que a linguagem significa para ambos, como sendo um instrumento de adaptação e para análise desta realidade, pode-se utilizar a concepção de microfísica do poder postulada por Foucault:

> O estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma "apropriação", mas a disposições, a manobras, a táticas, técnicas, a funcionamentos. (FOUCAULT, 2014, p. 30).

A utilização do português pelo fornecedor de Luciana pode ser analisada como uma estratégia desenvolvida para manter as relações de negócios com os/as clientes migrantes. O poder está colocado no uso do idioma como instrumento de coação, bem como, de pertencimento. A alteridade também é outro elemento a ser considerado, porquanto, ambos inseridos em um diálogo distinto e bilíngue, pois desvelam um desejo de aproximação. Neste sentido segundo Lisboa:

> A abertura para a alteridade, para a aceitação do diferente, seja do mundo urbano em relação ao migrante ou ao estrangeiro, quando deste à heterogeneidade que caracteriza a vida em outros países ou na cidade, é um processo lento, dramático e difícil. (LISBOA, 2006, p. 163).

As ideias conflituantes sobressaem e podem ser analisadas mediante as diferenças das narrativas postuladas pelas mulheres paraguaias e, neste caso, por Luciana, filha de migrantes oriundos do Brasil, porém nascida no Paraguai. Enquanto as primeiras defendem uma falta de prudência dos/as brasileiros/as por não falarem o idioma local, Luciana pontua que há uma boa

recepção por parte dos/as paraguaios/as, que, inclusive, esforçam-se para falar o idioma dos/as estrangeiros/as.

Evidencia-se uma opinião diversa em referência ao mesmo assunto, reforçando a bagagem cultural do/a migrante brasileiro/a que impôs, com seu advento, uma nova forma de vida e organização. Aos olhos de Baller: "O sujeito fronteiriço brasiguaio primeiramente é o brasileiro, pois é a partir dessa realidade que ele produz e constrói sua consciência nacional e sua nacionalidade no Paraguai". (BALLER, 2014, p. 115).

Regiões do Paraguai passaram por uma reconfiguração cultural validada na predominância de costumes estrangeiros. As transformações culturais podem ser verificadas em diversas instâncias, seja no aspecto cotidiano como no uso de uma língua diversa ou na maneira de organizar o trabalho.

O processo de mecanização agrícola acontecido no Brasil, no decorrer do século XX, que havia desencadeado a migração de mulheres e homens ao Paraguai em busca de novas oportunidades de continuar trabalhando com a terra, começa a se desenvolver também em solo paraguaio. Destarte, os/as migrantes iniciam um processo de transformação do espaço e também da vida dos/as paraguaios/as.

## **2.**2 **Dificuldades de convivência: culturas se sobrepõem**

A coexistência entre migrantes e nativos/as começou a ser construída a partir da necessidade que ambos possuíam, já que precisavam coexistir, levando em consideração que a convivência e trocas culturais foi inevitável. Deste modo, ao coabitar com o/a outro/a se constrói relações culturais que se sobrepõem, misturam-se criando antagonismos e diferenças, nasce-se uma nova alteridade cambiante.

No mundo, e em suas experiências de migração, o/a migrante é aquele/a que deixa seu universo social. Contraditoriamente, no Paraguai, os/as brasileiros/as construíram seu próprio universo social e cultural, no qual os/as paraguaios/as buscavam alternativas para coexistir. Situação evidenciada na narrativa de Elva:

> *Yo vine y entre en un lugar donde la mayoría absoluta era de migrantes brasileños, entonces yo vine a la escuela, tenía muchísimos alumnitos que iban a empezar en primer grado, porque empezamos con el primer grado, entonces ahí iban los que tenían nueve años, los que tenían siete años, seis años, todos para el primer grado y yo recuerdo que vine y me encontré con los alumnitos que solo hablaban el portugués y habían entre ellos tres niños que eran hermanos, una niña y dos niños que eran italianos, en su casa se*

> *hablaba solamente italiano pero por la convivencia con los vecinitos ellos entendían algo de portugués, entonces cuando inicie mis clases, explicando yo la materia, miro y de repente y veo que uno está llorando, de repente ya empieza el otro y los tres hermanitos de 4, 6 y 7 años y los tres se pusieron a llorar al mismo tiempo y entre los compañeros había un niño morenito de ojos grandes que se llamaba Lucas y este Lucas era muy despierto, muy "esperto" y me acuerdo que los niños lloraban y yo le dije a Lucas "¿Lucas que pasa mi amor, por qué están llorando tus compañeros?" y él me dijo "profesora es que ellos no entienden lo que la profesora dice y su papá dijo que le va a quitar de la escuela" Lucas era brasilero, pero hablaba algo de español, y con eso yo me vi muy triste y le pedí a Lucas para que me enseñe a hablar portugués. Y el empezó todo feliz, "profesora esta ventana se llama janela, la regla se llama régua, la tiza es giz", y así me enseñaba y en poco tiempo yo ya podía comunicarme con los niños en portugués y el milagro vino en final del año cuando ya los tres hablaban español, parece así que cuando ellos se dieron cuenta que yo me esforzaba para hablar con ellos, ellos también empezaron a pronunciar las palabras en español y eso me emociona porque es bonito, mi esfuerzo valió para ellos muchísimo y el final del año estaban diciendo "permiso profesora" y todas esas cosas de la escuela, entonces ahí empezó mi ligación más estrecha con los migrantes.* [56]

As estratégias desenvolvidas por aqueles/as que precisavam coabitar perpassaram vários caminhos e espaços, inclusive os das escolas. A professora paraguaia passa a trabalhar em uma localidade na qual o índice de estrangeiros era dominante em ralação aos paraguaios: *"la mayoria absoluta era de migrantes"*, encontrando-se também com outras nacionalidades como a italiana. Em seu país de origem precisou se adaptar a uma nova realidade cultural, tendo como foco a aprendizagem dos/as alunos/as.

Essa história do cotidiano das mulheres paraguaias, e suas técnicas de convívio com o/a diferente, acabou sendo esquecida e ocultada; de uma maneira arquitetada por uma historiografia que suplanta o feminino em nome do patriarcado e suas tradicionalidades. O mundo das mulheres foi recorrentemente visto como abjeto, indigno, e, desta forma, buscar as nuances desse universo esquecido das mulheres se faz necessário, como pontua Colling:

> Se historicamente o feminino é entendido como subalterno e analisado fora da história, porque sua presença não é registrada, libertar a história é falar de homens e mulheres numa relação igualitária, é resgatar a dívida com a memória. Falar de mulheres não é somente relatar os fatos em que esteve presente, mas reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos (COLLING, 2014, p. 10).

[56] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

A alteridade sempre foi uma conduta de vida na história das mulheres. Notabilizar a história de Elva, e de como se propôs a aprender o português com seu aluno, demonstra que o processo migratório de brasileiros e brasileiras ao Paraguai tem outra face, esquecida e invisibilizada. As mulheres paraguaias tiveram suas rotinas alteradas e seus hábitos suplantados pelo/a outro/a. No entanto, a vontade de inclusão daquele/a que estava chegando, levaram-nas a escolher, em alguns casos, assimilar o idioma do outro.

A professora desistiu de dar suas aulas em seu idioma nativo para facilitar o aprendizado e a permanência na escola das crianças migrantes. A forma como o/a migrante é visto, recebido e tratado por Elva é distinta de uma ameaça ou de uma suplantação. A sua atitude é baseada nos pressupostos da alteridade, salientando que o processo migratório e a coexistência desses povos é múltipla e cambiante. Nesse sentido, o conceito de alteridade postulado por Duschatzky e Skliar vem ao encontro das atitudes assumidas pela nossa entrevistada: "A alteridade para poder fazer parte da diversidade cultural *bem entendida e aceitável,* deve despir-se des-racializar-se, des-sexualizar-se, despedir-se de suas marcas de identidade; deve, em outras palavras, ser como as demais." (DUSCHATZKY & SKLIAR, 2001, p. 124).

Da mesma maneira que Elva, Lorena, também professora, teve que desenvolver estratégias para conseguir ensinar as crianças, filhas de migrantes. Sobre esta experiência ela narra:

> *Acá en Kumanda Kai eran todos brasileros, pero yo más o menos entendía el portugués, entonces a base de eso yo enseñaba, siempre teníamos pizarrón, y ese pizarrón dividía en tres partes y en uno colocaba como diccionario guaraní, otro castellano y otro portugués para que ellos se desarrollasen, porque ellos no entendían nada y así yo le ponía en portugués también para que pueda entender que palabra que era, después ellos ya comprendían un poco, porque yo siempre decía en las reuniones que teníamos que hablar en castellano porque esa era la costumbre acá en Paraguay.*
> *Y hoy hay acá en Kumanda kai algunos brasileros que no entienden el guaraní y yo le hablaba en guaraní a mis alumnos a veces y ellos me decían yo no comprendo profesora, háblame en portugués me decían y ahí yo le comienzo a explicar en castellano.*[57]

Dividir uma lousa em três, a fim de ministrar o conteúdo em três idiomas, foi o ensejo utilizado por Lorena para incluir a criança migrante que chegava. Evidencia-se, deste modo, que a migração e as transformações que a acompanham vão muito além do trabalho e da

[57] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 01:20:24 min. (aprox.), som.

transformação cultural. O cotidiano e suas nuances passam a ser vivenciados de outra maneira, alheia ao comum.

As mulheres paraguaias, e os seus cotidianos, tiveram uma modificação imposta pela presença do/a migrante. Em suas posições, majoritariamente buscaram uma adaptação a essa nova realidade, mesmo que isso acarretasse uma carga de trabalho superior, com a assimilação de um novo idioma. O mundo feminino, tão desvalorizado socialmente, foi peça chave para que a migração brasileira no Paraguai pudesse acontecer. Razão esta que transforma o escrever a história dessas mulheres em vários significados. Perrot pontua:

> Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação [...] também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível (PERROT, 1995, p. 9).

O silêncio histórico da mulher foi adensado culturalmente. Em se tratando desse processo migratório, as ações femininas e a suplantação de seu cotidiano não foram levadas em conta. A docência, profissão que abriu vários caminhos para as mulheres, teve uma atuação primordial na vida dos/as migrantes brasileiros/as, uma vez que é na escola que as crianças notabilizam e assimilam a cultura do novo lugar. Porém, esse fato continua invisibilizado, pois, o padrão hegemônico se acostumou a reconhecer outros protótipos sociais colaborativos, que, de maneira geral, valorizam o universo masculino, como aborda Lugones: "Em nossas existências colonizadas, racialmente engendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna" (LUGONES, 2014, p. 940).

É necessário destacar, como a usurpação cultural, por parte dos/as brasileiros/as, foi incisiva, uma vez que a recusa em se adequar em um novo contexto era recorrente e de como as mulheres paraguaias buscavam meios para receber os migrantes. Coerente a isso não deixavam de lado a sua identidade nacional, enfatizando sempre a necessidade do aprendizado da cultura local, como Lorena narra: *"yo siempre decía en las reuniones que teníamos que hablar en castellano porque esa era la costumbre acá en Paraguay*.".

O cotidiano dos/as paraguaios/as presenciou uma modificação tão expressiva que, inesperadamente, era necessário defender o óbvio, como o aprendizado do idioma local pelo/a estrangeiro. Observa-se assim, como a migração brasileira no Paraguai carrega características colonizadoras, pois frequentemente desvalorizavam os/as nativos/as e as mulheres por seu sexo biológico, elas sofriam uma dupla usurpação. À vista disto, é relevante destacar o que Colling

e Tedeschi pontuam a respeito de uma história baseada em vantagens particulares: "Identificar a pluralidade dos sistemas de privilégios e hierarquias implica no exercício da crítica ao essencialismo, questionando o sujeito universal." (COLLING & TEDESCHI, 2020, p. 5).

Ao defender, durante as reuniões escolares, a necessidade dos/as migrantes aprenderem o castelhano, uma vez que esse era o idioma falado no Paraguai, Lorena postula uma fronteira, baseada na diferença, entre quem somos nós e quem são os/as outros/as. Ela se pauta na distinção da linguagem entre os dois países, e, neste caminho, Silva defende:

> A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos" A identidade e diferença se traduzem assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles" (SILVA, 2014, p. 82).

Desta forma, inseridos nesta nova fronteira cultural construída, na qual se solicita o aprendizado da linguagem local, os/as paraguaios/as destacam, nas entrelinhas, o não desejo pela proliferação do português em seu território. Apesar disso, como evidenciado nos diálogos construídos com as mulheres, não foi o que aconteceu, dado que o português foi propagado nas regiões paraguaias onde os/as migrantes se instalaram.

Revela-se uma vontade coagida ou inevitável de convivência, estreiteza que não transcorre apenas o chão da escola, no entanto, revela-se em vários âmbitos, como destaca a reportagem do jornal *Ultima Hora,* intitulada "La costumbre extranjera es fuerte competência para la tradición local", na qual é discorrido que: "Los locales de eventos, discotecas y fiestas que realizan siempre cuentan con presencias de bandas musicales, dúos o cantantes con fama en el Brasil, quienes por la zona fronteriza también son muy conocidos en toda la región."[58].

O/a migrante brasileiro/a levou para o Paraguai, junto à sua bagagem e presença, um número sem-fim de mudanças, que passaram a fazer concorrência com a cultura local. Aproximação cultural, que por vezes suprime a nativa, em um jogo etnocêntrico pela sobrevivência, dois povos passam a coexistir, metamorfoseando-se, como se percebe na narrativa de Luciana:

> *É, é o idioma, na verdade eu nunca tive muito interesse de aprender, porque eu achava muito difícil o guarani, e o castelhano é muito fácil e se usa muito, se fala bastante, então pra mim era mais fácil e eu entrei em contato com o*

[58] DIÁRIO *ULTIMA HORA*, 23/09/2013. Versão digital

> *guarani eu já era bem grande, eu demorei, a gente convivia só com brasileiro onde a gente morava, daí esse contato com o guarani foi difícil pra mim, meus irmãos falam guarani, eu não consigo falar, onde a gente morava só o professor era paraguaio e ele falava espanhol, não falava o guarani*.[59]

No Paraguai, um dos poucos países com dois idiomas oficiais, sendo ele o castelhano ou espanhol e o guarani[60], sua população está adaptada com as duas línguas e com a migração, em algumas regiões no país, eles aprendem também o português e uma mistura formada pelos três é bastante comum. Luciana, apresentando sua vivência enquanto filha de migrantes, discorre sobre as dificuldades referentes ao guarani, destacando, primordialmente, a falta de interesse em aprender. Evidencia-se, deste modo, o que foi postulado por Albuquerque: "O intenso contato entre grupos étnicos não dissolve as diferenças culturais. Pelo contrário, as identidades étnicas se fortalecem na zona de fronteira." (Albuquerque, 2010, p. 46).

A partir da convivência alguns aprendizados, predominantemente, são assimilados, para sobreviver em terras outras, junto aos/às diferentes. Com os/as paraguaios/as a situação é semelhante, a coexistência com o/a migrante cria novas regras, periodicamente, aprendidas, por necessidade, como evidenciado na narrativa de Olga:

> *Yo no soy mucho de hablar portugués, porque no es mi idioma, pero yo entiendo y hablo y me defiendo en donde es necesario, pero yo hablaba en portugués cuando yo trabajaba, la salud de una persona y yo sabía que no me iba a entender bien si yo le hablaba en castellano/español, entonces hablaba en portugués, le hacía tipo imágenes de cómo preparar, la medida que tenía que mostrar, todo eso hasta que me entienda la persona, porque una anécdota nos pasó con nosotros, pero en otro lado, le entregaron la medicación de escabiosis (doença na pele) y ella le dio de tomar y era de pasar en la piel, entonces eso fue una escuela para muchos, un abrir ojos para muchos porque la salud es muy delicado*.[61]

Olga, enfermeira em uma localidade ocupada, primordialmente, por migrantes, acaba utilizando o idioma estrangeiro em determinadas ocasiões, deixando evidente que o faz porque lidar com a saúde é algo bastante delicado. No entanto, ela reforça: "no es mi idioma". Assim,

[59] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 28 min. (aprox.), som.

[60] O Paraguai é considerado um país bilingue, uma vez que mantem como idiomas oficiais o espanhol e o guarani, para a manutenção dessa conjuntura, tida como identidade nacional em 2010 criou-se a "Lei das línguas" que determina que o idioma indígena também deve ser utilizado na atenção ao público e também nas esferas estatais como, legislativo, executivo e judiciário. Mais informações podem ser obtidas através do endereço eletrônico: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46561119 e também do seguinte atrigo: Bilinguismo paraguaio e sua relação sociocomunicativa, de José Rodrigues de Mesquita Neto, publicado na Revista Lampejo - vol. 6 nº 2 .

[61] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

a representação de quem nós somos e quem são eles/as têm um papel primordial para delimitar espaços e ações. Diante disso postula Hall: "[…] As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior das representações." (HALL, 2015, p. 30). Olga compreende que sua profissão é bastante delicada por lidar com a saúde das pessoas, consequentemente, renuncia a sua identidade nacional e as representações que à acompanham em nome da preocupação com o/a outro/a, nada obstante ela enfatiza: *"yo no soy mucho de hablar portugués*". Falar o português, acentuando que o faz contra a sua vontade, exterioriza o quão a usurpação paraguaia, promovida pelos/as brasileiros/as chegados/as à incomoda. Nota-se, assim, que a cordialidade existente é permeada pelas relações de poder. Baller, ao analisar as relações construídas a partir desse processo migratório, pontua: "A coexistência se desenvolve em um ambiente de disputa, formado pelo antagonismo representado em discursos, ou em práticas laborais." (BALLER, 2014, p.145).

Evidencia-se, em contrapartida, um processo de alteridade, mesmo nas relações de poder, pois, a preocupação com a saúde e com a compreensão do tratamento é maior do que as diferenças baseadas na nacionalidade. Desta forma, salientando que os hábitos culturais não são fixos e permanentes, dependem do contexto e poderá haver uma aproximação ou distanciamento entre os/as diferentes. Duschatzky e Skliar defendem que: "As culturas não são essências, identidades fechadas que permanecem através do tempo, mas são lugares de sentido e controle, que podem alterar-se e ampliar-se em sua interação." (DUSCHATZKY & SKLIAR, 2001, p. 35).

As mulheres paraguaias tiveram suas vidas e rotinas alteradas pela presença dos/as migrantes, sem embargo, buscaram maneiras de se adaptarem ao novo, tencionando modos múltiplos de conviver e almejado, sobretudo, o bem-estar comum. Não obstante, habitualmente as ações femininas passam despercebidas em uma história que se acostumou a falar somente sobre os homens. Neste sentido Perrot destaca: "As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais." (PERROT, 2017, p. 17).

Sabe-se que a falta de fontes a respeito das histórias das mulheres também é resultado de uma construção social masculinizada, que obrigou o feminino a se alocar nos porões esquecidos da história. A narrativa de Nilda evidencia como a rotina e as lutas das mulheres não se fazem presentes socialmente, consideradas abjetas, suas árduas atividades são julgadas como não importantes:

> *Después que yo me recibí, yo tenía que buscar para mi trabajo ya y en el lugar en donde yo vivía sobraban profesionales, porque era cerca y fácil para tener*

> *esa formación, ese estudio para ser profesora y la comunidad estaba llena, entonces a mí me surgió la oportunidad para venir acá en Nueva Esperanza en medio a los brasileros en aquella época 5% de Nueva Esperanza era de paraguayos, cuando llegue yo sufrí mucho porque yo apenas había escuchado algunas palabras en portugués, todo me fue nuevo, no entendía nada, hasta que después de quedarme por acá unos dos meses después yo quería desistir, quería volver a mi ciudad, porque era difícil, yo decía que no iba a entender, porque la comunicación con los alumnos era muy difícil, dos o tres paraguayos nomás teníamos en la escuela, y los padres todos brasileros, era muy difícil la comunicación, todos hablaban en portugués y no entendía nada y después el ambiente que yo tuve que cambiar, era la primera vez que deje a mi familia, venir a vivir en la casa de otras personas, con idiomas diferentes, con comidas diferentes, ambiente diferente, totalmente diferente con lo que yo estaba acostumbrada a vivir.*[62]

Nilda se percebe formada em uma área bastante competitiva, devido ao fato de haver uma concorrência acirrada por conta do número de profissionais existentes. Este motivo a levou a migrar em busca de trabalho, saindo do seu local de origem, do seu seio familiar, para alçar novos voos, na busca de uma vida melhor, possível graças à independência financeira.

A situação, por ela vivida, revela fatos pouco discutidos no universo historiográfico: uma mulher recém-formada, em busca de emprego, desloca-se à outra região para poder trabalhar. Assim como ela, muitas outras devem ter passado por situações semelhantes, no entanto, apenas recentemente a vida e as experiências femininas passaram a fazer parte da escrita, tida como oficial, e esta situação é pontuada por Perrot:

> Em uma perspectiva política, a partir da qual a história é a memória da República e da Nação, o relato histórico se organiza em torno dos acontecimentos públicos. Já que a política interior e exterior dos Estados (a diplomacia, as guerras) torna-se o essencial, pesquisa-se principalmente os documentos administrativos (crônica do poder). As mulheres, que estão a maior parte do tempo ausentes desses lugares, desaparecem consequentemente do relato histórico. Há, nessa história, uma espécie de encobrimento do âmbito privado e do cotidiano (PERROT, 1995, p. 14).

Os grandes feitos, valorizados historicamente, eram protagonizados por homens, a história oficial dos países preserva o androcentrismo, degradando o feminino. A narrativa de Nilda cotejada à análise de Perrot, sobre a história das mulheres, elucida que elas, recorrentemente, nadaram contra a corrente para encontrar seu "lugar ao sol".

Designadas ao mundo privado, e criticadas quando escolhiam outro lugar social, mulheres como Nilda quebraram paradigmas sociais hierarquizantes. A luta desta mulher e de

[62] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizuenã** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza.14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

outras paraguaias, no convívio com os migrantes que chegaram ao país em um número significativo, destaca como essa ação, promovida pelo governo paraguaio em concomitância com o Brasil, alterou a rotina e transformou a realidade de muitas.

Ao chegar no novo lugar de trabalho e de residência, ela encontra um nicho social bastante distinto daquele ao que estava acostumada. Tendo em vista o que ela destaca ao narrar: "*5% de Nueva Esperanza era de paraguayos*", a predominância dos/as migrantes era visível. E, em seu país, ela teve que se adaptar a uma realidade distinta para dedicar-se a licenciatura.

A realidade presenciada por ela, traz à tona uma análise, por vezes esquecida pela sociedade, uma professora, paraguaia, em seu próprio país, sente-se acuada por não conseguir compreender o idioma de predominância local implantado pelos/as migrantes. Eis uma situação curiosa, de violência simbólica que também pode ser analisada a partir de um olhar "colonizador e colonizado", pois de acordo com Albuquerque: "No confronto entre a frente de colonização brasileira e os setores marginalizados da sociedade paraguaia [...] existem também as tensões e os sentimentos nacionalistas que redefinem as lutas sociais e étnicas" (ALBUQUERQUE, 2010, p. 100).

O sentimento e reação das mulheres, frente a nova situação postulada, pela presença dos/as que chegam, faz parte da história do lugar e representam a nova forma de viver das pessoas que necessitam coexistir num mesmo espaço, pertencendo a construções sociais diferentes. As emoções também possuem história e são instrumentos sociais, deste modo nas relações de aproximações e distanciamentos esse ponto nodal deve ser considerado, segundo Rosenwein:

> [...] emoções são, acima de tudo, instrumentos de sociabilidade. Elas não apenas são socialmente construídas e "sustentam e reforçam sistemas culturais", mas também agem sobre as relações humanas em todos os níveis, da conversa íntima entre cônjuges a relações globais (ROSENWEIN, 2011, p. 37).

Nas construções sociais, os sujeitos são educados para responderem a estímulos de um grupo, esses constructos estão diretamente alinhados com os sentimentos e as emoções, para as mulheres paraguaias tanto como para os/as migrantes, o estranhamento inicial faz parte do universo comum, haja vista a concepção etnocêntrica que permeia os processos educativos das nações.

Dentro de uma relação cambiante, evidencia-se uma transformação cultural que perpassa e transforma identidades previamente definidas, conforme escreve Hall: "O sujeito

previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (HALL, 2015, p. 11).

Nilda à princípio pensa em abandonar o emprego, pois a adaptação é dificultada pelo idioma que predomina na região e ela não consegue compreendê-lo. A situação é bastante reflexiva, levando em consideração que ela está em seu país de origem e a língua falada não é a do seu povo e sim a do estrangeiro, presencia-se a configuração de fronteiras simbólicas, às quais segundo Baller:

> A fronteira simbólica é tão importante quanto a geográfica e a política; contudo, para entendê-la é necessário perceber suas conotações que são compostas por um aparato de questões culturais, morais, religiosas, sociais, e que nem sempre vem para dimensionar o sentido de fronteira, pois se tratam de sensações, emoções, crenças, entre outras questões que fazem parte dos sentimentos das pessoas (BALLER, 2014, p. 59-60).

Faz-se necessário refletir a respeito do sentimento das mulheres paraguaias, que anteriormente conheciam a fronteira geográfica entre os países e passaram a conviver com o/a migrante de maneira bastante enfática em todas as esferas sociais, ensejo colaborativo para a construção de fronteiras simbólicas, demarcando "quem é de lá e quem é de cá".

A nossa entrevistada Nilda, dialoga sobre as dificuldades de estar pela primeira vez longe da família e necessitando conviver com o diferente, em sentido amplo, pessoas, costumes, comidas, idioma. Desconstruiu-se em seu imaginário a ideia de nação, haja visto que a homogeneidade de povo que ela conhecia, foi se desintegrando ao perceber a nova realidade, nessa direção Pratt destaca:

> A nação como um todo é imaginada como distinta das outras [...] Essa concepção comunitária, fraterna, do laço social permeou o auto-entendimento das sociedades modernas, moldando as formas com que elas se auto-representavam e como representavam outras sociedades para si mesmas. (PRATT, 1999, p. 14).

Longe de casa e na presença do outro, seu país de forma repentina passava a apresentar traços semelhantes à de outra nação. A resistência dessas mulheres aos/as migrantes brasileiros/as constitui traços de força e superação, analisando sob a ótica da guerra da Tríplice Aliança, relativamente recente, dolorosa e muito presente no imaginário paraguaio. O cotidiano feminino paraguaio, esquecido, lutou por uma adaptação diante do novo, despindo-se do seu imaginário social para construir outra vivência, nesse sentido, segundo Certeau:

> O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois, existe uma opressão do presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 2013, p. 31).

A professora Blanca, também passou por situações semelhantes ao chegar em uma região bastante povoada por migrantes brasileiros/as:

> Cuando llegué me fui a Tractor Kue y ahí yo no entendía nada de lo que ellos me decían, toditos eran brasileros y yo tenía 30 alumnos de 1° grado y 3° grado 22, demasiados muchos alumnos, pero yo me alegraba, casi no habían alumnos paraguayos, no me acuerdo bien, pero creo que no había, eran todos brasileros. [63]

Ao tentar imaginar a conjuntura vivenciada por Blanca, nos vem à mente a curiosidade da situação, uma professora paraguaia, em uma sala de aula no Paraguai, com mais ou menos trinta alunos/as brasileiros/as, em uma circunstância de incompreensão mútua. A superação e a adaptabilidade de ambos precisam ser reconhecidos.

O novo que se apresenta assusta, não obstante, era preciso vivê-lo e os protagonismos das mulheres paraguaias se fizeram presentes. Escolher viver em meio aos migrantes não foi uma tarefa fácil, muitos padrões culturais foram rompidos. No decorrer da narrativa, Blanca destaca: *"Tuvimos mucha dificultad, yo no se hablar portugués pero aprendí lo que significa em castellano*."[64]

Evidencia-se que a língua é um dos principais divisores entre os/as paraguaios/as e os/as migrantes brasileiros/as, as mulheres, com às quais dialogamos, têm este fator, dentre outros pontos em destaque, recorrentemente mencionados às dificuldades de adaptação com aquele/a que chega. Não se predispõe a se adaptar o idioma local, à vista disso, pode-se analisar o corpo como um demarcador de fronteiras como pontuado por Woodward: "O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos nós, servindo de fundamento para a identidade." (WOODWARD, 2014, p. 15).

No encontro de diferentes culturas em um novo território, é comum a construção de fronteiras simbólicas, levando em conta que cada grupo precisa demarcar seu local e sua

[63] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.
[64] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.

identidade, evidenciando quem faz e quem não faz parte dele; ao fazer deste um jogo de poder e representações. Nesse sentido Martins afirma: "O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história." (MARTINS, 2016, p. 133).

Na realidade feminina, a construção de fronteiras, concomitante com caminhos da coexistência, foi de duas realidades palpáveis. Ao mesmo tempo coexistem a necessidade de reafirmação da identidade paraguaia e a obrigação de inclusão do/a chegado/a. Algumas das nossas entrevistadas, sendo professoras torna o trabalho ainda mais exigente, pois se leva em consideração a imperiosa tarefa de ensinar o/a outro/a, estranho/a, vindo de um país estrangeiro.

Entender e valorizar a mulher nesse contexto histórico revela uma nova face da realidade histórica, tendo em vista que a sua participação foi sonegada ao longo dos anos, como pontua Tedeschi: "Enquanto narrativa, a história constitui-se como tradição cânone do qual as mulheres não participavam de modo visível pelos caminhos tradicionais do fazer histórico" (TEDESCHI, 2009, p. 181). As mulheres sempre estiveram presentes, mas não eram consideradas relevantes histórica e socialmente no universo público e político, justamente por serem reconhecidas como necessárias apenas no mundo privado.

Nossas entrevistadas rompem padrões estipulados socialmente, coexistem e trabalham junto com os/as migrantes. Anulam suas opiniões em nome das suas profissões e, de maneira recorrente, não são agentes sociais que contam com reconhecimento ou mérito histórico. Dessemelhantemente a isso, o corpo feminino ainda é considerado abjeto, não contando com os privilégios tão normais e palpáveis do universo masculino e masculinizado.

### **2.**3 **O contato se estreita: meios de adaptação para coexistir com o/a outro/a**

Após anos de coexistência, os povos desenvolveram estratégias de convivência, por vezes pela necessidade e hábito. As relações construídas, ocasionalmente pautadas em alguns pressupostos desiguais, como, por exemplo, a proliferação do português, foram sendo naturalizadas, como conta Lorena:

> *Si la mamá ya le habla en portugués, la mamá paraguaya le habla en portugués por eso nomas que las criaturas no entienden tanto, por ejemplo mi hija le habla en portugués a su hija, entonces su hija no procura de hablar en guaraní, entiende todo pero no habla y Maruan, mi nieto yo le hablo en castellano y el me responde en portugués, él es caprichoso no quiere hablar español, el nació en Foz, después se fue a São Paulo y vino conmigo con cuatro o cinco años por ahí y no quiere hablar guaraní, solo habla en*

> *portugués y cuando se fue en la escuela no sabía ni lo que hacía, y yo cada vez que tengo tiempo yo le enseñaba matemática y así se fue desarrollando, hoy ya habla en castellano, pero con sus amigos habla más en portugués, porque los otros hablan más portugués, por eso se combinan*. [65]

Nesta narrativa, Lorena elucida várias questões vivenciadas no cotidiano paraguaio após a chegada dos/as migrantes. A mãe paraguaia ensina os filhos a falarem em português, um novo hábito assimilado a partir do contato com a cultura daquele/a que chegou, elucidando, deste modo, uma imposição estrangeira nesse lugar. Da mesma maneira que destaca Fanon, ao escrever sobre a situação do migrante-colonizador: "Nas colônias estrangeiras o estrangeiro vindo de qualquer parte se impôs com o auxílio dos seus canhões e das suas máquinas. [...] A espécie dirigente é antes de tudo a que vem de fora, a que não se parece com os autóctones, os 'outros'" (FANON, 1968, p. 30).

O/a migrante brasileiro/a chegou com uma nova forma de trabalho e de ocupação do espaço, impondo sua cultura num processo de "recolonização" marcando uma cisão entre migrante e nativo, resultando em um processo de violência simbólica. Os canhões colocados por Fanon, na citação acima, podem ser interpretados, nesta circunstância, como a imposição de uma nova forma de vida, baseada no processo de hierarquização cultural, delimitando espaços de uns/umas e outros/as.

Lorena pontua que os netos já não querem aprender o espanhol ou o guarani, interessando-se mais pelo português; evidencia-se, também em sua fala, a importância que o idioma tem para ela; em razão da insistência para que o neto aprenda a língua falada no seu país. A atitude dos seus familiares, em relação à migração, está marcando um processo de mudança, apagando traços da imagem que ela, enquanto paraguaia, espera de seus descendentes. Porquanto, é através da nossa cultura que nos reconhecemos como iguais e segundo Larrosa: "[...] Quizá los extranjeros no sean sino los (culturalmente) otros en relación a los que nosotros estamos empezando a fabricar una imagen de nosotros mismos, de nuestra cultura y de nuestra casa en la que podamos reconocernos de una forma relativamente confortable." (LARROSA, 2002, p. 69).

Durante este processo, nossa entrevistada percebe que o "nós" começa a ser suplantado pelo "outro", no qual a percepção de si e dos seus familiares está passando por uma simbiose, valorizando mais o/ de fora, perceptível quando ela afirma: "*con sus amigos habla más en portugués*".

[65] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 21 min. (aprox.), som.

O desenvolvimento de novos padrões culturais nas regiões paraguaias, com predominância de brasileiros/as, desencadeia situações e posicionamentos diversos, ao mesmo tempo que a situação da linguagem acaba incomodando, como já pontuado neste trabalho. Aparecem conjunturas nas quais se defende que existe um lado positivo nessa migração, como narra a professora Blanca:

> *A mí me parece bueno, porque viste que, nosotros aprendemos también de ellos, la cultura, a mí me encanta la comida de ellos, solo que no sé cocinar, hasta ahora, quiero cocinar el feijão pero no me sale como el de ellos, veo que toman mate, su baile, su danza y también lo que veo en ellos es que son muy unidos, comparten, comparten de una comunidad con otra, realizan actividades y se van a compartir, eso veo lo buenísimo de ellos, también en la parte deportiva los varones, comparten lo que es el deporte y la mayoría de mis vecinos también son migrantes y es muy normal para mi escuchar el portugués y yo respeto mucho porque hay que respetar, a cada uno hay que respetar.*[66]

A professora Blanca explicita vários pontos sobre os/as migrantes, que são muito positivos. Não obstante, também se percebem alguns pontos de classificações, como quando ela destaca a união dessas pessoas, passagem com a qual se pode aferir que ela não pensa o mesmo em relação aos/as paraguaios/as. São vestígios de um pensamento colonial, marcado pela identidade e acarreta situações delicadas, respaldadas em categorizações. Segundo Segato: "A camisa de força da identidade também é uma característica fundamental da racialização, instalada pelo processo colonial da modernidade, que empurra seus sujeitos para posições fixas" (SEGATO, 2021, p. 113).

A chegada, e a permanência dos/as migrantes brasileiros/as no Paraguai, configura recolonização, já que carrega vestígios da colonização europeia nas Américas, situação que permite ser analisada à luz das análises de Quijano quando pontua: "los pueblos conquistados y dominados fueron situados en una posición de inferioridad" (QUIJANO, 2005, p. 780).

E nessa dinâmica, causada pela chegada do/a outro/a, às comunidades paraguaias desenvolveram comportamentos tolerantes, muitas vezes adotando maneiras de proceder semelhante aos/às dos/as brasileiros/as. A exemplo disso, destaca Blanca, ao afirmar gostar das músicas, danças e da comida, mostrando que em meio as diferenças também surgiram traços de alteridade.

Elva, ao ser questionada sobre a presença migrante, contou-nos:

[66] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.

> *No me asusté porque me habían explicado todo, tal fue que yo cuando mis hijos nacieron yo les di mucha fuerza para que hablen en portugués, hoy día hablan perfectamente, si te descuidas hablan en portugués a cualquier momento, les encanta también y creo que este mundo cuantos más idiomas podamos hablar, mejor es para nosotros mismos*.[67]

Por meio da convivência com o diferente, construiu-se um novo paradigma de vida, pautado na adoção de uma forma de ver e viver. Para Elva é algo conveniente que o filho fale outro idioma, que por vezes, como pontuado, confunde-se com a língua nativa de seu país: "si te descuidas hablan portugués a cualquier momento". Nota-se, desta maneira, o quão engendrada de tornou a convivência, confundindo-se, ocasionalmente, entre o "nós" e o "eles/as".

Nessas complexidades e contradições causadas pela presença do/a estranho, surge uma forma de coexistência, na qual os/as paraguaios/as se adaptaram à presença migrante, adotando algumas formas de vida. Deste modo, como destaca Bidaseca: "Lo que opera en la colonización es la narrativa de la historia, que tiene el objetivo de elevar una voz y silenciar otras" (BIDASECA, 2010, p. 22).

No convívio entre essas pessoas, algumas vezes pautado na alteridade, percebe-se a hierarquização de uma cultura sobre a outra, é o nativo que aprende o idioma do/a outro/a e não o contrário. Esse processo de migração obedece a lógica colonial e as formas de coexistência desenvolvidas respondem às engrenagens desse sistema.

Seguindo esse padrão historiográfico tradicional, dentro de um processo de longa duração, a historiografia tardou em perceber como a migração brasileira ao Paraguai afetou o/a outro/a, nesse sentido, as fontes orais são primordiais para a construção de uma outra narrativa, apresentando novos sujeitos históricos, não com a intenção de fazer uma releitura do passado e/ou de apenas descrever as experiencias dos/as indivíduos, mas de inserir a discussão dentro de um processo amplo que possa alavancar outras explicações aos projetos que foram construídos e por vezes impostos, tanto aos/as migrantes, como aos nativos e as alternativas disponíveis em cada período.

Trazer as narrativas femininas, para construir uma discussão acerca desse processo migratório, rompe com as estruturas heteronormativas impostas socialmente, como destaca Tedeschi: "A historiografia oficial atuou como uma eficaz ferramenta de dominação e de

[67] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

justificação das estruturas existentes, baseadas em uma ideologia posta a serviço do patriarcado". (TEDESCHI, 2014, p. 23-24).

Ainda refletindo sobre a fala de Elva, quando destaca que incentivou seus filhos desde a tenra idade a falarem o português, percebe-se que a mulher paraguaia teve uma posição relevante na disseminação de uma nova cultura em seu território, no entanto, isso de maneira recorrente é invisibilizado. A sociedade, de forma generalizada, olvida-se que a função preponderante do feminino nas sociedades é pautada na educação e na formação das identidades. Deste modo, a proliferação da cultura brasileira no Paraguai teve seus alicerces alçados pelas mãos das mulheres.

Assim, denuncia-se e se evidencia que as mulheres sempre estiveram presentes, mesmo que a sociedade androcêntrica e colonizadora as silenciassem. Irrefletidamente, acreditou-se que, ao longo da história, as mudanças e as permanências eram promovidas pelos homens, ignorando que o mundo privado, constituído nas relações de poder, também corroborava com transformações e resistências. Segundo Tedeschi:

> Las narrativas destacadas, memorizadas, gesticuladas, sentidas o contadas por las mujeres, disuelven limites arbitrarios impuestos por las fronteras de la historia universal masculina. Cruzamos constantemente fronteras culturales, de género, sociales, políticas, muchas veces sim darnos cuenta (TEDESCHI, 2020, p. 75).

As mulheres paraguaias, subalternizadas pela história e pela sociedade, resistiram e lutaram pelos labirintos sociais por uma alteridade, ainda que de algumas vezes de maneira unilateral, para poderem coexistir com os/as chegados/as. Olga nos narra:

> *Si acá los paraguayos hablan más portugués que castellano, mis sobrinos todos hablan portugués es más fácil que hablen en portugués, no es que eligen eso, pero hablan entre sí, pero también hablan guaraní y castellano. Los brasileros lo que yo veo que son muy reacios a entender otro idioma, a hablar, capaz que entendían, pero hablar, a procurar, es muy reacio a eso, porque acá hay nietos y bisnietos de don Armindo por ejemplo, ellos hablan todo en portugués, nacieron en Paraguay pero hablan en portugués, porque en casa se habla en portugués. Yo me acuerdo de un dentista que se llamaba don Bruno acá, el jamás te hablaba en portugués a un paraguayo, él era brasilero, pero si es con paraguayo hablaba en castellano, pero hay gente que hasta hoy mismo, brasilero ya abuelito y habla portugués cerrado, ni ahí para hablar otro idioma.*[68]

[68] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

A posição de recusa, por parte dos brasileiros, evidencia a postura colonizadora dessa migração, mesmo após anos vividos no Paraguai alguns brasileiros/as se recusam a aprender o idioma local. Em contrapartida, há uma assimilação obrigatória da linguagem daquele que chega, a fala ocupa um lugar de poder. Desta maneira, construíram-se sujeitos a partir da concepção brasileira, perpassando o controle do corpo paraguaio, tendo o falar como instrumento de dominação. Lugones, ao escrever sobre os processos colonizadores, destaca:

> A ênfase está em manter a multiplicidade no ponto de redução – não em manter um "produto" híbrido, que esconde a diferença colonial -, nas tensas elaborações de mais de uma lógica, que não serão sintetizadas, mas sim transcendidas (LUGONES, 2014, p. 950).

A colonialidade se metamorfoseia para se manter no controle, a hibridez de uma suposta inclusão esconde aparelhos de dominação sobre a fala, o/a que chega passa por um processo de recusa em aprender a cultura e o idioma do novo lugar. Em contrapartida, transforma a realidade alavancando uma nova forma de comunicação, na qual o colonizado para ser incluído, deve assimilar a linguagem do/a migrante, passa a se comunicar como o colonizador.

Quando Olga destaca que os/as migrantes são muito resistentes a aprender um novo idioma, pode-se compreender a necessidade da manutenção da diferença. As formas de coexistência desenvolvidas foram desiguais, partindo, predominantemente, do povo paraguaio, marcando esse processo migratório com rasgos coloniais de transformação e poder no lugar do/a "outro/a". Esta situação, que pode ser analisada à luz da colonialidade do poder, que segundo Lugones, é definida como:

> A colonialidade do poder introduz uma classificação universal e básica da população do planeta pautada na ideia de raça. A invenção da "raça" é uma guinada profunda, um giro, já que reorganiza as relações de superioridade e inferioridade estabelecidas por meio da dominação (LUGONES, 2020, p. 56).

A colonização veio carregada, historicamente, de significações que convergiram para a dominação dos povos colonizados. A migração brasileira ao Paraguai, mesmo que mascarada e com uma face menos enfática, provocou múltiplas invisibilidades, acarretando a naturalização de certas formas de dominação, baseada na noção de raça, conforme descreve Quijano: "[...] La codificación de las diferencias entre conquistadores y conquistados en la idea de raza, es decir, una supuesta diferente estructura biológica que ubica a unos en situación natural de inferioridad respecto de los otros." (QUIJANO, 2005, p. 778).

O não falar o idioma oficial do Paraguai é uma marca indelével de violência histórica, devido à categorização de pessoas e lugares. A impetuosidade do processo migratório marca o imaginário das pessoas, que ao tentar compreender a situação e a coexistência, caem no perigo da classificação e inferiorização reproduzindo o discurso do colonizador. Nilda, ao falar das crianças brasileiras e paraguaias afirma:

> *Y vamos a decir que la capacidad intelectual de ellos es un poco más acelerada que de nuestros hijos, de algunos, pero mucho más, no sé si ellos tienen en la sangre de ser así más rápido las criaturas brasileras y así hay una diferencia. Eso te estoy hablando de cuando yo llegue, pero hoy por hoy mis hijos hablan perfectamente el portugués porque ellos nacieron aquí, entonces no hay tanta diferencia. Ellos hablan tranquilamente, hablan muy bien, no vas a notar si es hijo de paraguayos o de brasileros, hablan perfectamente, gracias a Dios y nosotros, yo con mi marido nos quedamos muy felices porque cuanto más idioma, mejor.*[69]

As estruturas de poder, instituídas historicamente, impõem, inclusive, a dominação do pensamento, marcando, a partir da violência simbólica, quem é e quem não é capaz de se desenvolver. Esse problema é demonstrado quando uma professora paraguaia, ao afirmar que as crianças brasileiras possuem uma capacidade intelectual superior às crianças paraguaias, acaba defendendo que a diferença é amenizada quando os/as nativos do país aprendem o idioma do "de fora".

Outro fator, levantado pela professora Nilda, é o alto índice de interação desenvolvido pelos dois povos, pois ela relata que com o passar do tempo e ao dialogar com as crianças, sejam brasileiras ou paraguaias, não se percebe qual a sua nacionalidade, tendo em vista a grande adaptação que se teve ao português. Esta transcende os limites culturais ao transformar identidades, destarte Larrosa salienta: "La irrupción del otro como lo extraño constituiría después una cierta turbación de esa identidad satisfecha, de esa propiedad segura y asegurada, de ese hogar en el que sólo habitaba lo familiar y lo acostumbrado." (LARROSA, 2002, p. 77).

O lugar familiar, habitado somente pelo conhecido, é reconfigurado e abre flancos identitários, nos quais os/as paraguaios/as passam a se perceber diferentes a partir da convivência colonizadora com os migrantes. Uma assimilação cultural significativa, que converge com a situação assinalada por Fanon: "A cultura nacional é, sob domínio colonial, uma cultura contestada, cuja destruição é empreendida de maneira sistemática" (FANON, 1968, p. 198).

[69] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizuenã** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

A reconfiguração de alguns territórios paraguaios, cuja presença colonizadora de migrantes brasileiros/as, contestou e transformou a vivência dos sujeitos nativos e alavancou uma nova forma de vida que presencia a predominância de praxes externas. Blanca nos conta sobre a sua percepção, em relação à implantação e à manutenção do idioma estrangeiro em seu país:

> *Su forma de hablar no cambio ni nunca van a cambiar los brasileros y nosotros los paraguayos sí que vamos a hablar cualquier idioma, hablamos portugués, guaraní, si viene alguien de otro país vamos a hablar nomás también, pero los brasileros no, ellos son muy fuertes en su idioma, tengo amigas, comadres brasileras que hablan más o menos el guaraní y yo me alegro así, pero son pocas y nosotras las paraguayas sí que cualquier idioma te hablamos. Yo le cuidé a una sobrina mía por un tiempo, se llama Mili y ella cuando vino, en tres días ya empezó a hablar en portugués y la profesora Yolanda que era nuestra directora me dijo "Prof. Blanca tu hija ya está hablando en portugués" y que bueno yo le dije (risos), yo no tengo nada en contra de las personas migrantes.*[70]

Seu relato exprime uma certa conformidade diante da atuação dos/as migrantes, postulando que eles/as não vão abandonar suas raízes culturais e que o povo paraguaio possui uma alta capacidade de adaptação a essas mudanças. Percebe-se uma forma de resistência silenciosa, porquanto, ao mesmo tempo que assimila as mudanças e permanências trazidas pelos diferentes, defende os seus como sendo aqueles/as com aptidão admirável para aprender outros idiomas. Ao narrar sua experiência de cuidado com sua sobrinha, explicita-se o grau de colonialidade de poder sofrido pelos/as paraguaios/as engendrado por esse processo de migração e de dominação, esta que perpassa vários níveis, atuando na transformação concreta da realidade e no imaginário pessoal, um encontro colonial do tempo presente, onde linguagem, formas de domínio se encontram e subjugam o um em relação ao outro.

Após três dias de convivência em uma escola, localizada em uma região habitada por migrantes brasileiros/as, na qual cuja predominância eram descendentes destes, uma menina paraguaia já estava falando em português. Lugones, ao discorrer sobre a colonialidade, afirma:

> "Colonialidade" não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de

[70] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 01:08:45 (aprox.), som.

> conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas (LUGONES, 2020, p. 57).

A produção de conhecimento mudou em algumas regiões do Paraguai, alavancando formas de falar, maneiras de se alimentar, como trabalhar e essa transposição cultural foi construída no tocante de uma realidade de resistência e de adaptação. As dificuldades sofridas pelos/as nativos/as foram incontáveis, em contrapartida, as formas de dominação transcendem a luta e os meios de apropriação da vivência daqueles/as que chegavam também foi uma maneira de coexistir. Blanca afirma, ao final do relato, que não tem nada contra as pessoas migrantes, por conseguinte, pode-se refletir acerca do que Boaventura postula a respeito de lutar e resistir:

> As pessoas fazem muitas outras coisas além de resistir e lutar. Deleitam-se com a vida, por mais precárias que sejam as condições, celebram e valorizam a amizade e a cooperação; e, às vezes, também decidem não resistir e amolecer ou abandonar suas lutas. Além disso, as relações de dominação sempre implicam outras relações além daquelas da dominação (BOAVENTURA, 2018, p. 310).

A coexistência entre esses dois povos também foi permeada de momentos sem resistências e lutas, nos quais, decidiu-se viver e aceitar a nova realidade. Isto pode ser constatado na reação de Blanca ao ser informada da apropriação cultural pela qual a sua sobrinha estava passando: "*y bueno, yo le dije*".

Compreender a chegada e a permanência dos migrantes, pela perspectiva das mulheres, alavanca uma série de pressupostos esquecidos pela história tradicional, patriarcal e colonizadora. Habituada com a escolha de alguns sujeitos para representar o vivido, as vozes femininas apresentam um lado esquecido e transformado em invisível. Segundo Oyèrónkẹ́: "Las historias de colonizados y colonizadores se han escrito desde el punto de vista masculino -las mujeres son periféricas, si acaso aparecen-." (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 208).

Assim, escrever sobre a migração brasileira, a partir das mulheres paraguaias, traz um novo olhar sobre esse processo, descortinando realidades que sempre existiram, mas que não eram consideradas. A vida dessas pessoas foi violada e transformada com a chegada do/a outro/a, porém, isso simplesmente não foi levado em consideração e as adequações buscadas para coexistir num mesmo espaço permaneceram nos porões da história.

Nas várias formas de coexistirem, vivenciadas e produzidas pelos/as brasileiros/as e paraguaios/as, predominam as tentativas paraguaias de compreensão e aproximação, traduzidas

a partir da fala e da convivência. Com o passar dos anos e da permanência migrante naquele território, vários pressupostos baseados na alteridade foram construídos, no entanto, algumas resistências permanecem. Sobre isso nos relata Lenir, ao ser questionada se continua falando em português, mesmo morando a tantos anos no Paraguai:

> *A português sempre, mas é um erro né, porque não deveria ser, tanto que agora o nenê vai na escola, daí nos primeiros dias ele não queria falar castelhano ele falava "eu quero que fala normal que nem a gente fala em casa" porque o meu marido mesmo sendo paraguaio a gente só fala português em casa, é errado más, aonde ele trabalha os patrões são todos brasileiros então ele também já entrou no ritmo, daí só quando encontra com o sogro e a sogra a gente conversa em castelhano, mas do contrário é português mesmo, não tem muita diferença do Brasil, quando tem reunião na escola daí que a gente sente a diferença, mas os professores hoje em dia já entendem bem, mesmo eu falando em português eles me respondem em castelhano é bem de boa, não tem muita dificuldade nisso.*[71]

Lenir mora no Paraguai há cerca de trinta anos e continua usando a língua portuguesa diariamente, mesmo sendo casada com um paraguaio. A educação dos filhos também foi feita nesse idioma e a situação escolar se repete, na qual as crianças brasileiras se recusam a falar o espanhol. Em diversos pontos de sua fala são elencadas situações colonizadoras, que acompanharam os migrantes ao se mudarem, passando a existir uma naturalização da dominação dos povos e aprisionando e transformando subjetividades. Eis uma representação assim como Quijano destaca em seus estudos acerca da colonialidade do poder:

> Hay, por supuesto, una relación entre procesos históricos que se regeneran a partir de América y los cambios de subjetividad, o mejor dicho de la intersubjetividad de todos los pueblos que se van integrando en el nuevo patrón de poder mundial. Y esos cambios llevan a la constitución de una nueva subjetividad, no solo individual, sino colectiva, de una nueva intersubjetividad (QUIJANO, 2003, p. 215).

As subjetividades vão se metamorfoseando e construindo uma nova realidade social, na qual o "normal" é remodelado de acordo com os/as pessoas de fora. Esta circunstância foi evidenciada na narrativa de Lenir, quando ela destaca que o filho reclama ao proferir a sentença: "eu quero que fala normal que nem a gente fala em casa".

A realidade social é transmutada, causando uma marca indelével na sociedade, muitas vezes impedindo o povo paraguaio de dar continuidade a sua história, como pontua Oyérónké:

[71] ENTREVISTA. **Lenir Maciniak** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 31:05 (aprox.), som.

“Las personas colonizadas también perdieron la capacidad de hacer su propia historia sin la intromisión extranjera” (OYÉRÓNKÉ, 2021, p. 216).

Lenir, ao afirmar que morar no Paraguai não tem muita diferença em relação a morar no Brasil, transparece a mudança histórica promovida pelo/a migrante nesse território, realidade que pode ser analisada a partir de dois polos: o primeiro é relativo à dominação colonial daqueles/as que chegam e o segundo está direcionado ao processo de adaptação ao/a outro/a desenvolvido pelo nativo. Neste sentido, segundo Larrosa:

> Lo que ocurre es que estas dos dimensiones (lo familiar y lo extraño) de la comprensión suelen ser articuladas de un modo sucesivo y dialectico de forma que el momento de la negatividad, el extrañamiento, quedaría de alguna forma recuperado en un movimiento final y concluyente de re-familiarización (LARROSA, 2002, p. 77).

Essa *re-familiarización* é notada quando nossa entrevistada destaca que hoje o diálogo na escola se faz possível porque as professoras já compreendem o português O diálogo é configurado em um bilinguismo onde cada um fala seu idioma, apresentando uma nova maneira de vivenciar a realidade local. Pode-se notar assim, que os/as brasileiros/as recorrentemente descartaram experiências e convenções sociais do povo paraguaio, no entanto, percebe-se também que os/as paraguaios/as buscaram manter alguns pressupostos nacionais, como por exemplo, quando Lenir discorre sobre a situação das reuniões escolares que ocorrem em espanhol. As relações de coexistência são permeadas por lugares de poder, nesse sentido, de acordo com Fanon: “As repressões, longe de quebrar o ímpeto acentuam os progressos da consciência nacional” (FANON, 1986, p 55).

As transformações causadas pela presença migrante foram incontáveis, todavia, as formas de resistências também se fizeram presentes, dado que, para uma nação, um ponto de extrema importância é a manutenção de sua identidade nacional, como destaca Bidaseca: “Las diferencias se presentam como amenazas a la identidade” (BIDASECA, 2010, p. 38).

Diante da ameaça da transformação identitária, algumas posturas foram adotadas diante do/a outro/a, com a intenção de demarcar simbólica e concretamente quem eram estrangeiros e que havia a necessidade de buscar formas de adaptabilidade. Assim, como os nativos estavam fazendo, uma hibridização comportamental necessária para que diferentes povos possam coabitar em um mesmo espaço.

# CAPÍTULO III

## "LO QUE HIZO CRECER LA REGIÓN FUE EL TRABAJO DE LOS MIGRANTES": O TRABALHO SUAS NUANCES, REPRESENTAÇÕES NA VISÃO DAS MULHERES PARAGUAIAS

*"Los migrantes te van a trabajar sábado, domingo, de noche y los paraguayos típicos no trabajan a los sábados y domingos, cualquier cosa ya no se va a trabajar, no siembra nada, el estar así". Blanca Estela Ramires Flecha*

Este capítulo, inicialmente, apresentará uma análise sobre as transformações causadas pelos/as migrantes brasileiros/as no Paraguai de acordo com a visão das mulheres paraguaias. Faz um paralelo com a noção capitalista de trabalho e o uso da terra, baseada nos processos de colonização e construídos, historicamente, a partir da exploração e da dominação de corpos, mentes e espaços.

Posteriormente, se tece um balanço das diferenças entre a noção de trabalho, defendida e postulada pelos/as migrantes. Como estes implantaram suas concepções de vida no país vizinho, construindo hierarquizações sociais a partir da prática laboral. Analisa-se, também, as noções etnocêntricas postuladas pelas pessoas de ambas as nacionalidades, dando continuidade a padrões sociais pautados na colonialidade do ser, do saber e do poder.

E, por fim, apresentam-se as aproximações e os distanciamentos resultantes da obrigatoriedade de coexistência entre os povos das duas nacionalidades. Discorrer-se a respeito das relações de poder e das resistências alavancadas ao longo dos anos, cujas existências, possibilitaram a emergência de uma nova realidade social, pautada no etnocentrismo e na alteridade, onde sujeitos sociais distintos foram obrigados/as a conviver.

### **3.**1 **"Os migrantes trouxeram o progresso" visão capitalista do uso da terra**

Ao longo da história da humanidade, constituíram-se hierarquias que delegaram o correto ou não em relação ao trabalho e ao uso dos recursos naturais. A partir do processo de colonização dos corpos e das subjetividades do mundo ocidental, o capitalismo fomentou uma organização social baseada na exploração da terra e das pessoas.

Dentre as transformações possibilitadas pela migração brasileira ao Paraguai, o uso e o trabalho com a terra tiveram uma representação primordial enquanto marcação da diferença. Uma situação permeada por contraposições entre os/as nativos/as e os/as que chegavam, tendo em vista que os/as brasileiros carregavam em seu âmago a noção da exploração do espaço como sinônimo para a aquisição de bens e serviços, hábito que ainda não era experienciado pela população paraguaia de algumas regiões.

A compreensão social de vida e de trabalho dos dois povos, obrigados a coexistirem, eram fundamentados em pressupostos dessemelhantes. Instaurou-se no Paraguai uma colonialidade do poder que passou a marcar o imaginário de pessoas distintas, impondo transformações e desqualificando os modos de vida, conforme destacou Lugones, ao discorrer sobre os processos coloniais:

> Conforme a colonialidade infiltra cada aspecto da vida pela circulação do poder nos níveis do corpo, do trabalho, da lei, da imposição de tributos, da introdução da propriedade e da expropriação da terra, sua lógica e eficácia são enfrentadas por diferentes pessoas palpáveis cujos corpos, entes relacionais e relações com o mundo espiritual não seguem a lógica do capital. A lógica que seguem não é consentida pela lógica do poder (LUGONES, 2014, p. 948).

Os/as estrangeiros levaram para o Paraguai uma nova forma de encarar a vida, baseada na propriedade privada e no capitalismo, fundamentada em pressupostos sociais etnocêntricos, sem a compreensão do outro e de uma noção calcada no imaginário das mulheres paraguaias, conforme narrado por Nilda:

> *Los brasileros ya trabajan todos con máquinas y a los paraguayos es difícil todavía eso, se procura, pero está encima de nosotros la tecnología de los brasileros, está por encima todavía. Los brasileros usan más tecnología con la tierra, tienen más facilidad de trabajar con máquinas. Y los paraguayos no tienen grandes extensiones que conozco por aquí, son más brasileros, entonces los brasileros plantan su soja, plantan todo tipo de cosas agrícolas en grandes cantidades, hasta la mandioca ya están plantando en grandes cantidades y todos lo que ellos pueden vender, ellos procuran de plantar*[72].

A exposição da entrevistada apresenta uma celeuma de conjecturas segregacionistas de uma lógica naturalizada e perversa acerca dos/as migrantes em relação aos/às paraguaios/as. Haja vista que o seu posicionamento hierarquiza os povos, colocando-os em lugares sociais

[72] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizueña** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

estanques, como se a usurpação do espaço nacional pelos/as estrangeiros fosse causada pela característica do trabalho dos/as nativos/as de não dominar as tecnologias agrícolas.

O ultrage social constituído a partir da exploração capitalista é apagado com a imposição subjetiva de uma nova forma de trabalho que classifica, os supostamente capacitados e os que não fazem parte desse flanco social. Denota-se, assim, os abusos da vida, que Rolnik define como cafetinagem:

> Se a base da economia capitalista é a exploração da força de trabalho e da cooperação intrínseca à produção para dela extrair a mais-valia, tal operação – que podemos chamar de "cafetinagem" para lhe dar um nome que diga mais precisamente a frequência de vibração de seus efeitos em nossos corpos (ROLNIK, 2018, p. 32).

O espaço, a força de trabalho e o imaginário social são extirpados em nome do desenvolvimento imposto pela propriedade privada e pelo lucro. O denominado avanço não é coletivo, e sim para uma camada ínfima da sociedade que detêm os meios de produção e explora a força vital daqueles/as que não fazem parte desse núcleo, os corpos são anulados e sofrem o efeito de uma cultura baseada na exploração.

O ponto nodal da narrativa está calcado nos ideais capitalistas que permeiam as relações sociais a partir da chegada do/a outro/a, apresentando um sistema arbitrário de vida e de produção: "*todo lo que ellos pueden vender, ellos procuran plantar"*. Ensejo que exprime as dissimetrias relacionadas à compreensão da vida e do trabalho, pois, para Nilda o/a estrangeiro está focado em produzir coisas que pode vender e não o que é necessário para o consumo.

A construção do imaginário social, e das subjetividades nesse contexto, é de extrema relevância, uma vez que para o sucesso da migração, fazia-se necessário engendrar, em ambos os grupos, as relações pautadas nas diferenças. A razão de tal mecanismo está delineada à qual povo estava preparado para alavancar plantações e transformar o Paraguai em um país produtor e sobre qual população não fazia parte dessa conjuntura, conforme pode ser analisado na narrativa de Lenir:

> *Eu acho que se não fosse os brasileiros, não estava como está hoje, muitos tem preconceito daí falam "ah os brasileiros vieram e destruíram tudo plantando soja", mas é o que dá, é o que faz o Paraguai crescer é a plantação, porque tu não vê ou raramente vê um paraguaio que tenha ali um sítio ou uma*

> *fazenda, é raro, a maioria são brasileiros, tanto que quem abriu tudo as colônias foram os brasileiros*[73].

Ao se expressar, a nossa entrevistada coloca seu posicionamento em relação à migração pautada em singularidades temporais e realidades consideráveis como o avanço em relação ao Paraguai antes das circunstâncias apresentadas. No imaginário social, o avanço capitalista, construído a partir da aniquilação da natureza e de povos primitivos, é considerado desenvolvimento, excerto naturalizado e assimilado como verdade.

Lenir pondera sobre a atuação dos/as brasileiros/as e as mudanças construídas no novo lugar. Ela, indiretamente, fundamenta preconceitos em relação ao colonizado, pelo motivo de destacar que se não fossem os migrantes o cenário e a realidade paraguaia seriam diferentes. Como ela diz: "*se não fossem os brasileiros, não estava como está hoje*". Depreende-se, por esta razão, a construção de invenções a respeito do colonizado. Para Lugones:

> [...] o processo de colonização inventou os/as colonizados e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais, e que precisam ser transformados (LUGONES, 2014, p. 941).

O colonizado, nativo da região ocupada pelos/as chegados/as, tem a sua imagem construída embasada em preconcepções, absorvidas a partir de um processo de subjetivação que passa a povoar mentes e a dominar corpos. Os discursos hierarquizantes são, inclusive, adotados pelos/as que têm seu território e costumes usurpados. A construção de múltiplas invisibilidades é atravessada pela construção imaginária do/a outro/a.

Esta é uma realidade de longa duração na história ocidental, utilizada para a violação e para a espoliação de povos distintos, considerados inferiores. Lenir, ao narrar acerca de seus posicionamentos a respeito dos/as migrantes em relação aos/às paraguaios/as, está reproduzindo um discurso calcado sobre as mentalidades ao longo da história. Segundo Quijano: "[...] el patrón de poder fundado en la colonialidad implicaba también un patrón cognitivo, una nueva perspectiva de conocimiento." (QUIJANO, 2005, p. 801).

A nova perspectiva de conhecimento produzida em algumas regiões do Paraguai, com maior incidência de migrantes, foi carregada de invenções coloniais a respeito dos/as nativos/as e do trabalho por eles/as desenvolvido. Interessante notar a assimilação dos novos discursos

[73] ENTREVISTA. Lenir Marciniak. (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 0:31:18 min. (aprox.), som.

pelas mulheres paraguaias, propagando-os como uma nova verdade. Blanca, quando questionada sobre como estaria o Paraguai sem a presença dos/as migrantes, narra:

> *Estaría peor, a mi parecer estaría peor, porque nosotros recibimos mucha ayuda de los brasileros, como te dije, les dan trabajo a los paraguayos, eso es buenísimo, hacia nuestra casa, por ejemplo, en Cordillera no hay progreso porque no hay migrante. Alla no hay progreso y acá hay mucho progreso, allá no hay trabajo, no hay silo, como acá, empresa brasilera, empresa de silo de los brasileros, por acá hay muchísimo y hay muchísima diferencia*[74].

O relato de Blanca aduz a uma celeuma de representações acerca dos/as migrantes, da transformação do espaço e do imaginário construído nas localidades por eles/as habitados. Faz-se mister analisar como ela vê aqueles/as que chegam como sinônimo de progresso, traduzindo o seu trabalho e as formas de vida como superiores àquelas experenciadas pelos/as paraguaios/as.

Nesse sentido, a memória não é só representação, mas significados atribuídos pelos sujeitos em sua vida prática. No trabalho com a memória, o sentido de determinado passado possui relação com questões colocadas no presente porque são constitutivas e mediadas socialmente e culturalmente por ele. Por isso, a necessidade de pensá-las a partir do movimento histórico, das relações de trabalho colocadas nesse espaço e das temporalidades vividas pelos sujeitos, evidenciando elementos que podem ser responsáveis por determinadas narrativas, como valores ou a incorporação de memórias instituídas.

Em sua fala, Blanca constrói uma analogia entre as localidades, reafirmando a necessidade da presença dos/as brasileiros/as para a transformação do Paraguai em um lugar mais dinâmico e desenvolvido e, em consonância, tem como padrão a produção baseada no agronegócio, suprimindo outras maneiras de fazer uso da terra. Segundo Said (2007), são novas configurações de poder que precisam ser estudadas.

As transformações causadas pelos/as migrantes não se deram somente no âmbito do espaço, a comutação ocorreu nas diversas territorialidades, avançando diferentes fronteiras, povoando, paralelamente, o imaginário e as subjetividades. As mulheres paraguaias passaram a defender a presença do/a diferente como essencial para as melhorias em seu país. Gomes pontua: "El colonizado aparece, así como lo "otro de la razón", lo cual justifica el ejercicio de un poder disciplinario por parte del colonizador." (GOMES, 2005, p. 153).

[74] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 1:08:45 min. (aprox.), som.

Assim, os/as nativos/as são vistos/as pelas próprias mulheres paraguaias como dependentes dos/as brasileiros/as para conseguirem se sobressair dentro dos padrões capitalistas de trabalho e este é o contexto que externaliza a justificativa de dominação por parte daqueles/as que chegam. Blanca diz: "*hacia nuestra casa no hay progreso porque no hay migrante*", uma frase impactante que denota o peso da presença migrante no imaginário social, como sendo sobre aqueles/as que chegaram para salvar o país do abismo que se concretizaria longe do trabalho, enquanto sinônimo de lucro e de exploração alavancado a partir da nova realidade.

Uma fração da sociedade é sacrificada em nome da instauração de outra, a população paraguaia de algumas regiões do país, passa a negar suas origens e vivências, classificando-as como inferiores em relação àquelas/es que chegam. Notam-nas como impróprias para o progresso, necessitando, assim, de uma submissão ao/a outro/a, ao/à diferente, classificado no imaginário como superior. Ao escrever sobre os processos de colonização e suas marcas profundas da história da humanidade, Santos destaca: "A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal" (SANTOS, 2018, p. 647).

A postura brasileira, em relação ao trabalho, é a nova unidade de medida utilizada por parte da população como equânime ao progresso. O/a estrangeiro/a, o/a outro/a apresenta uma vida diferente, o trabalho passa a ter outros significados que vão além da subsistência. Algumas regiões paraguaias passaram a assimilar as vivências migrantes como algo almejado, tendo, como objetivo primordial, o progresso. Olga, ao ser questionada sobre as diferenças entre as comunidades brasileiras no Paraguai em relação às paraguaias narra:

> *Yo te voy a poner el ejemplo de Itakyry es un pueblo de unos trecientos años por ahí creo que ya tiene o doscientos no sé, ponedle, fue uno de las capitales de Alto Paraná, es como un pueblito tranquilo y pueblito nuevo, San Alberto es impresionante, en Itakyry el 90% de la población es de paraguayo y San Alberto es 90% de brasileros, yo te apunto que donde están los migrantes, crecen más en el sentido de instituciones, en Itakyry por ejemplo hace poco que tiene Banco, nunca tuvo banco, y San Alberto tiene como cinco o seis banco, se nota su crecimiento porque hay más migrantes, hay más sojero, nosotros los paraguayos creo que 1% que planta soja, casado con hijas de brasileros (risos).*
> *Hay mucha diferencia donde en la población hay más brasilero, Katuete por ejemplo, esta de viento en popa, Puente Kiha ya no es así, en katuete hay más brasilero que en Puente Kiha*.[75]

[75] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

A opinião das mulheres paraguaias foge do comportamento esperado da relação com os/as migrantes, pois elas atribuem à chegada deles/as o crescimento de seu país. Olga apresenta um comparativo entre alguns municípios paraguaios que possuem o diferencial populacional, alguns deles mais povoados por brasileiros/as do que outros. De acordo com a opinião dela, é essa presença massiva de migrantes que traz algumas benesses ao lugar por conta da produção de *comodities* em larga escala alavancadas pelos/as estrangeiros/as.

A comparação entre as localidades é uma constante nas narrativas das nossas entrevistadas, uma amálgama peculiar, já que, o/a estrangeiro/a, que, costumeiramente, é visto como aquele que está "a mais" (KRISTEVA, 1994), nesse caso, apresenta uma nova característica: ser considerado o/a salvador de uma pátria à qual sem a sua presença não seria desenvolvida.

Curioso notar que em sua narrativa ela afirma que alguns paraguaios também estão envolvidos no plantio de soja, no entanto, ela finaliza sua assertiva enfatizando que provavelmente esses homens paraguaios entraram nesse ramo por serem casados com filhas de brasileiros. Este ensejo traz à tona novamente a colonialidade do poder, construindo novas subjetividades de maneira passiva e indireta, concretizando uma divisão racial do trabalho (QUIJANO, 2003).

Engendrou-se no Paraguai uma nova desigualdade social, pautada na divisão racial do trabalho. Nas entrelinhas da história narrada pelas mulheres, constata-se que em seu imaginário os/as migrantes possuem uma propensão maior ao trabalho chamado por elas de "desenvolvido". Enquanto isso, os/as paraguaios/as não pertencem a este mundo e só conseguem fazer parte dele por meio do auxílio dos/as estrangeiros/as, reflexo de uma classificação subjetiva a respeito de quem é apto ou não a essa atividade.

Ao percorrer as páginas da imprensa internacional, identificam-se distintas imagens construídas acerca dos/as brasileiros/as no Paraguai, bem como sobre a maneira imperiosa de como estes construíram suas histórias e fortunas naquele território. Um exemplo disso foi evidenciado na matéria intitulada "El dueño de la gran cosecha paraguaya", do jornal argentino *El pais*, na qual a jornalista Francisca Risatti discorre sobre a história de Tranquilo Favero, brasileiro que se tornou o "rei da soja" no Paraguai:

> Tranquilo Favero es el más conocido de los 'brasiguayos', como llaman en Paraguay a los miles de brasileños que cruzaron la frontera a partir de los años 60 con el fin de comprar tierras e instalarse para cultivarlas. Llegó al país en 1968 con la idea de pasar un fin de semana, pero prácticamente nunca regresó. Compró una propiedad rural en el este paraguayo, cerca de la zona limítrofe

> que demarca el Río Paraná, y desde allí comenzó a forjar un imperio agropecuario que se extendió a todo el territorio y le granjeó el mote de rey de la soja, por ser el mayor productor en pleno auge de los precios de las materias primas. El Grupo Favero explota hoy más de 160.000 hectáreas y produce alrededor del 8% de la oleaginosa en todo Paraguay, el cuarto exportador mundial después de Brasil, EEUU y Argentina.
> El fundador de la empresa, de 80 años, asegura, en los vídeos de la compañía, que su grupo fue "uno de los pilares" del desarrollo agrario que ha posicionado a Paraguay entre los líderes sojeros. Fue pionero en la mecanización de la actividad, que impulsó el avance de las explotaciones a gran escala en la región oriental del país.[76]

A publicação da imprensa vem a calhar com as narrativas das mulheres paraguaias, enaltecendo a presença brasileira como aquela necessária para o crescimento de um país atrasado em relação à produção agrária capitalista. Eis a antiquada crença acachapante do pioneirismo desenvolvimentista.

O posicionamento do fundador da empresa, considerado como "rei da soja", também evidencia traços de um discurso hierarquizante, uma vez que ele se coloca como um dos responsáveis pelo desenvolvimento do país. Crenças prosaicas que traçam uma marca divisória indelével na sociedade paraguaia, invisibilizando os/as nativos/as dentro de uma lógica naturalizada e perversa incapazes de desenvolver o seu próprio território.

A presença impositiva do estrangeiro desperta, na população paraguaia, uma certa familiarização, já que a ele se atribui o sucesso e o desenvolvimento do país. Os/as brasileiros/as passaram a fazer parte do universo físico e subjetivo dos/as paraguaios/as, em um jogo de resistências e alteridades, inaugurou-se uma vivência diversa, onde recorrentemente o/a migrante é colocado/a como peça fundamental. Nesse sentido, Larrosa pontua:

> De alguna manera nos habríamos familiarizado a la presencia entre nosotros del otro extranjero en tanto que lo habríamos convertido en algo propio de nuestro mundo, en algo que se plegaría, aunque con una cierta resistencia, a las buenas intenciones que proyectamos sobre su figura, a las representaciones sabias con que imaginamos comprenderlo y a las formas de identidad en las que reconocemos nuestra hospitalidad (LARROSA, 2002, p. 78).

As mudanças provocadas por aqueles/as que chegaram, e transformaram de maneira tão drástica a vida dos nativos, bem como a sua imagem, impregnou na mentalidade da população como uma necessidade pela qual o país precisaria passar para alcançar um novo lugar no

[76] Diario El país, 24/05/2018. Versão Digital.

mercado produtivo, implantado pelo mundo ocidental como correto. O estrangeiro começou a ser assimilado como algo próprio do universo paraguaio.

Elucida-se, em muitos casos, a existência de uma justificativa para a presença dos/as estrangeiros/as, como se a população paraguaia já não conseguisse se perceber sem a figura do/a diferente em seu território, pois passaram a se reconhecer no outro/a, nas peculiaridades ambivalentes de uma nova colonialidade do poder. Nilda, ao ser questionada sobre a questão das terras utilizadas pelos/as brasileiros/as, responde:

> *Lo que ellos tienen también es gracias al esfuerzo de su trabajo en ese sentido yo no estoy así para juzgar tanto esa parte, porque todo lo que tienen es gracias al esfuerzo de su trabajo y que los paraguayos en su época no tenían ese coraje de enfrentar, ahora si cada quien ya quiere tener su oportunidad porque es más fácil, la época en que nosotros vinimos era un lugar muy difícil de conseguir vivir por la falta de calle, de rutas, falta de energía, todo teníamos que ingeniarnos en aquella época, pero ahora ya todo es fácil, entonces la gente reclama mucho de eso, de que debería de ser de los paraguayos, pero yo me pongo en el lugar de ellos y también porque en la época que nosotros vinimos no se procuraron*[77].

Ao fazer um paralelo entre a publicação do jornal argentino e as narrativas das mulheres, percebe-se a alusão a uma justificativa para a entrada e a permanência dos/as migrantes no Paraguai. Colocando-os/as, de tal maneira, em uma escala de valor superior aos/às nativos/as, classificando-os/as como mais capazes e corajosos/as para o trabalho.

Nilda relata, sobre os tempos remotos da chegada dos/as migrantes, quando a realidade do Paraguai era diferente, pois não havia estruturas confortáveis e necessárias para viver como existem hoje. Ela alega que aqueles/as que chegaram tinham uma tendência maior para o trabalho, afirmando que os/as paraguaios/as não tinham uma predisposição para transformar a sua realidade difícil. Deste modo, ela julga os/as estrangeiros/as como dignos/as de permanecer naquele território. Ainda elucida acerca dos conflitos existentes sobre a apropriação de terras, nos quais algumas pessoas julgam ser injusto que os/as brasileiros/as ocupem tão grandes extensões de terras para benefício próprio, enquanto os/as paraguaios/as não possuem condições mínimas para sobreviver. A nossa entrevistada não se aprofunda nessas questões divergentes por julgar que os/as migrantes ocupam um lugar que lhes pertence por merecimento, no entanto, é notável a presença de um conflito de interesse, indireto e nas entrelinhas.

[77] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizueña.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

Apesar disso, a imprensa se manteve implacável em relação aos/às brasileiros/as no Paraguai, apontando, de maneira enfática, os conflitos por terra e ainda denunciando os benefícios ofertados a uma elite agrária, em detrimento da miséria de uma grande parcela da população. O projeto *De olho no Paraguai*[78] apresenta uma série de trinta e seis reportagens e conta o que fazendeiros e empresários fazem no Paraguai. A respeito da migração brasileira destacam:

> Los conflictos por tierras en el Paraguay son antiguos y se originaron en el proceso de privatización de las Estancias de la Patria. Durante los años 70 y 80, los conflictos se intensificaron con la transferencia de tierras originalmente destinadas a la reforma agraria para los aliados del dictador Alfredo Stroessner. Muchas de estas tierras fueron vendidas o arrendadas a colonos brasileños.
> Pero fue en 2011 que los conflictos de tierras en Paraguay ganaron nueva escala, a partir del caso de Ñacunday. En el departamento de Alto Paraná, a 70 kilómetros de Ciudad del Este, organizaciones campesinas ocuparon 28.000 hectáreas de una propiedad que pertenece a la empresa Agro Toro SA, del Grupo Favero – de Tranquilo Favero, empresario y latifundista brasileño. Los campesinos fueron desalojados en febrero de 2012.
> El caso fue ampliamente difundido al involucrar a otros colonos y arrendatarios brasileños en la zona. Comenzaron a realizar tractorazos[79] demandando la expulsión inmediata de los campesinos. En los años siguientes, el tractorazo se convirtió en un mecanismo muy común entre los propietarios de tierras en Paraguay, especialmente los brasileños, para expresar su descontento con el gobierno. (CASTILHO & BASSI, 2017).

Esta reportagem apresenta um panorama histórico do processo migratório, elucidando alguns agravantes por ele alavancado. Ela vem ao encontro com o pincelado pela nossa entrevistada, a respeito de algumas reclamações de que a terra deveria ser dos paraguaios, destarte, faz-se relevante compreender que existem convicções distintas sobre esse acontecimento e, de maneira recorrentes, elas são marcadas por vestígios de uma postura colonial da vida e dos acontecimentos históricos.

Os conflitos supramencionados foram representativos e tiveram uma grande repercussão tanto no Paraguai quanto no Brasil. Remeteu-se à ocupação de uma área significativa por parte dos/as paraguaios/as que reclamavam para si o direito daquela porção de

[78] De Olho no Paraguai é uma iniciativa do De Olho nos Ruralistas, um observatório brasileiro sobre agronegócio. O projeto jornalístico divulga informações que não costumam ser valorizadas pela grande imprensa. Disponível em: https://deolhonosruralistas.com.br/deolhonoparaguai/.

[79] Movimento da extrema direita argentina, onde maquinários agrícolas são utilizados para protestos. Mais informações podem ser encontradas no seguinte artigo: BIDASECA Karina e MARIOTTI Daniela. Viejos e nuevos actores en la protesta rural en la Argentina. Una reflexión desde la cuestión de género. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 5, jan/jun 2001, p.148-189.

terra que estava nas mãos de estrangeiros. A movimentação dessas pessoas apontou um descontentamento latente, no entanto, sua luta foi invisibilizada e anulada pelas vozes do capitalismo. Em pouco tempo, famílias foram desalojadas e um contramovimento emergiu, os detentores do poder econômico, que dominam as subjetividades da nação, construíram um combate condenando, mais uma vez, as minorias sociais, culpabilizando-as por seu próprio infortúnio.

Reproduziu-se, mais uma vez, as desigualdades capitalistas que conservam as hierarquias, sacrificou-se vidas em nome do progresso econômico da nação, realidade naturalizada a partir dos processos colonizadores inaugurados com a expansão do capitalismo comercial. Consoante a Santos os: "Direitos humanos são desta forma violados para poderem ser defendidos, a democracia é destruída para garantir sua salvaguarda, a vida é eliminada em nome da sua preservação" (SANTOS, 2018, p. 652).

Outro ponto importante, que de maneira periódica acaba sendo esquecido tanto pela imprensa quanto pelas narrativas das mulheres, é a experiência de brasileiras e brasileiros pobres que migraram rumo ao Paraguai. Esse processo migratório foi extremamente heterogêneo, vivenciado de maneiras múltiplas, já que ao mesmo tempo em que alguns construíram fortunas, outros foram vítimas de um sistema opressor. A miséria experimentada no Brasil foi apenas transferida para o outro país, compreendido como esperança de dias melhores, mas que se traduziu em mais do mesmo. Baller, ao escrever sobre os/as migrantes, destaca:

> Houve na realidade o prolongamento do exercício das atividades realizadas no Brasil e a consequente reprodução dos mesmos atores históricos no Paraguai. Ou seja, para a grande maioria desses brasileiros, o êxito no trabalho rural não se concretizou, uma vez que se reproduziu naquele país o mesmo grupo de trabalhadores rurais que existia no Brasil. (BALLER, 2014, p. 71).

Destarte, evidencia-se o processo de longa duração da manutenção das desigualdades sociais, amiúde ocorre a mudança do espaço, porém os lugares sociais ocupados pelos sujeitos se mantêm. O universo capitalista se concretiza mediante a conservação da miserabilidade no mundo.

A percepção das mulheres paraguaias, a respeito dos/as estrangeiros/as, pode ser resultado da conjuntura secular da dominação das subjetividades, que as induz a perceber o/a migrante como alguém de sucesso, em detrimento de seus conterrâneos, uma justificativa para amenizar as rivalidades e arrazoar a necessidade de coexistência. Para as mulheres paraguaias,

com as quais dialogamos, a chegada e a permanência dos/as brasileiros/as em seu território, foi responsável pela transformação do espaço. Lorena, ao ser questionada sobre como o Paraguai mudou após a chegada dos/as migrantes, nos conta:

> *Se cambió totalmente en la limpieza primero, acá Kumanda Kai ya no hay más montes, echaron todo, ya se queda como campo y hasta Hernandarias ya es campo, ya limpieza total. Los brasileros trabajan más para la "roça" ellos hasta hoy plantan la soja, maíz por hectárea siempre, mil hectáreas, mucho se cambió*[80].

Para ela, existia um Paraguai antes e há um totalmente diferente após a chegada do/a outro/a. Aos/às migrantes é atribuída a grande transformação do espaço, são considerados/as como aqueles/as que limparam o país, retiram as matas e deixaram a terra propícia para o trabalho. Lorena nota os/as migrantes como trabalhadores/as que se esforçam mais pelo trabalho rural: "*los brasileiros trabajam más*".

O paralelo construído entre migrantes e nativos é cruel e injusto e, em vista disso, a percepção de trabalho e de vida dos povos era vivenciada de maneira distinta. No entanto, essa diferença construída no imaginário social foi alavancada por uma história colonizadora através de um discurso de progresso e expansionismo econômico experienciado a partir da produção direcionada para o lucro e não para a subsistência.

Os valores sociais e de vida são transformados em nome do capital, a modernidade atropela e oprime as pessoas. Nesses novos padrões de poder o colonizado é inferiorizado e subjugado, de acordo com Gomes: "Cuando hablamos de la modernidad como 'proyecto' nos estamos refiriendo también y principalmente, a la existencia de una instancia central a partir de la cual son dispensados y coordinados los mecanismos de control sobre el mundo natural y social." (GOMES, 2005, p. 147).

O mundo natural e social do povo paraguaio foi remodelado em nome da modernidade capitalista colonial, traduzida e evidenciada de maneiras diversas. Sendas subjetivas construíram na percepção da nação o progresso como objetivo final, sob o qual vidas e experiências foram descartadas. A identidade da nação passa a ser construída a partir de um maniqueísmo, onde o/a brasileiro/a é sinônimo de trabalho e progresso e o/a paraguaio/a o oposto. Dicotomias hierarquizantes pautadas, na desigualdade social do trabalho, uma metamorfose do poder colonial adaptada às necessidades de dominação.

[80] ENTREVISTA. **Lorena Morel.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 1:20:24 min. (aprox.), som.

## 3.2 **“Brasileiros trabalham de dia e de noite se precisar, os paraguaios não fazem isso”: a representação do que é ser trabalhador/a**

No encontro dos mundos dos/as brasileiros/as e dos/as paraguaios/as houve um choque cultural e, como vivenciado historicamente, ao ocorrer essas convergências, um grupo dominou o outro. Neste caso os/as migrantes implantaram no Paraguai a maneira de viver experienciada no Brasil, trazendo na bagagem hábitos e costumes relacionados à convivência social e às formas de trabalhar, atreladas ao capitalismo moderno.

O universo social e cultural do povo paraguaio, obrigado a coexistir com os/as estrangeiros foi transformado. As noções de comunidade e de modos de vida foram colocadas em xeque, haja vista que os/as que chegaram ignoraram a realidade local e viviam como se ainda estivessem em seu país de origem. Não foi construída uma relação pautada na alteridade que partisse de ambos os lados, os/as paraguaios/as foram submetidos às novas práxis. Segundo Segato:

> Quando o mundo do “um” e de seus outros marginais, periféricos, entra em contato com o mundo da multiplicidade, ele o captura e transforma a partir de dentro. Isso é consequência do padrão de colonialidade do poder, que confere posição universal a um mundo e lhe atribui grande influência sobre o outro. (SEGATO, 2021, p. 114).

Brasileiros/as, marginais de seu mundo, passam o subjugar o/a outro/a em razão de uma superioridade construída no decorrer da história e resultado de um modelo de colonialidade ocidental no qual os/as dominados/as se convencem de sua inferioridade e passam a adotar as regras de um jogo de poder articulado pelas vozes do/a colonizador/a. A narrativa de Blanca a respeito das diferenças, ao encarar o trabalho, elucida o padrão supramencionado:

> *Los migrantes te van a trabajar sábado, domingo, de noche y los paraguayos típicos no trabajan a los sábados y domingos, cualquier cosa ya no se va a trabajar, no siembra nada, el estar así, el paraguayo es vivir así como decía un profesor de antropología que conversábamos sobre la vida de los paraguayos, en la casa de los paraguayos ellos no cultivan una plantita, verduras, nada, en cambio la mayoría de los brasileros tienen su huerta, cultivan, comen verdura y eso a mí me encanta de ellos, crían pescaditos,*

> *cosas que nosotros los paraguayos muy poco hacemos, como te digo, trabajan de sol a sol, de noche, de día, domingo, sábado, igual trabajan, así es*[81] .

O olhar etnocêntrico da nossa entrevistada está direcionado ao seu povo, os/as migrantes são colocados/as em uma posição universal superior em detrimento dos/as paraguaios/as. A forma de encarar a vida e o de trabalhar daqueles/as que chegaram é assimilado como correto e mais esforçado. Com isso, evidencia-se o olhar colonial através de uma postura classificatória.

Deste modo, faz-se relevante compreender que os sujeitos narram suas trajetórias de vida e de trabalho a partir de seus referenciais e, que através deles nos possibilitam compreender o contexto de mudanças vivenciadas. Mudanças nas formas de viver e trabalhar, provocadas por transformações estruturais e de reorganização dos modos de viver suas relações de gênero, trabalho, alavancando outras perspectivas de vida.

Os relacionamentos, construídos a partir da coexistência estre esses povos, inaugura diversas formas de dominação, concretizando-se, além do âmbito financeiro e permeando lugares privilegiados do inconsciente social, perpetuando formas de pensar que perduram por épocas. São reflexos de um efeito e uma consequência de atos históricos travestidos pelo lucro e pelo acúmulo de capital. Santos, ao escrever sobre dominação pontua: "As relações de dominação sempre implicam outras relações além daquelas de dominação." (SANTOS, 2018, p. 310).

Blanca, ao fazer o comparativo entre os povos das duas nações, alegando que os/as brasileiros têm uma predisposição maior ao trabalho, externaliza outra forma de constituição das relações de poder e de dominação, que vão além da posse da terra. Ela justifica a presença migrante a partir de seu posicionamento ao perceber o/a estrangeiro como merecedor do espaço, em consequência do tempo e das ações dispensadas ao lugar.

No entanto, outra análise pertinente ao ponderar sobre relações sociais, entre grupos distintos, diz respeito as formas de resistências. Toda relação de poder é permeada também por resistências e, ao classificar o trabalho dos/as brasileiros/as como mais esforçado, ela traz à tona a diferença de encarar a vida defendendo, indiretamente ou inconscientemente o seu povo, pois o/a outro/a tem a terra porque o nativo não a utiliza da mesma maneira. Segundo Tedeschi e Tedeschi:

> [...] as práticas de resistências possuem as mesmas características que as relações de poder: são móveis, produtivas, inventivas. Não apresentam uma

[81] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 1:08:45 min. (aprox.), som.

> libertação em relação ao poder a partir de um lugar de exterioridade deste; ao contrário, as práticas de resistência ocorrem ali mesmo onde há relações de poder – relações de poder e práticas de resistência são como duas faces da mesma moeda. Nesse sentido entendemos que não só as resistências podem fundar novas relações de poder, como novas relações de poder também podem dar origem a novas formas de resistência (TEDESCHI & TEDESCHI, 2019, p. 515).

As formas de resistências são intrínsecas, assim é evidente que a defesa de Blanca não aparece na narrativa de maneira objetiva, porque o trabalho forçado, que esgota todas as forças da humanidade e enquadrado no padrão capitalista, tem sido defendido e divulgado como a maneira correta de viver na contemporaneidade, descartando outras experiências de vida. O capitalismo moderno transformou a vida da humanidade, à qual, em um anseio pelo acúmulo de bens materiais, esgota suas forças físicas e explora de maneira inconsequente o meio ambiente. Trabalhar mais converteu-se em sinônimo de qualidade e, por isso, os povos que não se adaptam a essa maneira de perceber a vida passam a ser inferiorizados.

Blanca, ao dizer que os/as brasileiros/as trabalham durante o dia e a noite se precisar, acredita ser esta uma qualidade significativa desse povo e, em contrapartida, destaca que os/as paraguaios/as não são assim, pois eles/as delimitam seu tempo de trabalho, uma crença postulada pela visão capitalista da posse e do usufruto do espaço, difundida pelo senso comum.

As diversas formas de poder ocupam e colonizam o senso comum das comunidades para poder impor seus propósitos, desestabilizando nações e desconsiderado tradições milenares de vida. Lorde destaca: "Há muitos tipos de poder: os que são utilizáveis e os que não são, os reconhecidos e os desconhecidos." (LORDE, 1984, p. 11).

Ao longo da vida, deparamo-nos com numerosos poderes que nos rodeiam e colonizam nossas mentes e nossos corpos. A presença migrante no Paraguai é transfigurada como uma configuração arbitrária de dominação, balizando as opiniões das mulheres, conduzindo-as a perceber uma vida diferente como correta, anulando as vivências de seu povo, como Blanca destaca: "*La mayoría de los brasileros tienen su huerta, cultivan, comen verdura y eso a mí me encanta de ellos*".

A identidade das nações, constituída a partir do pensamento ocidental, cria padrões, delega funções, hierarquiza povos e culturas, forçando uma adaptação ao ignorar as assimetrias, encaminhando ao obscurantismo social baseado nas classificações prepotentes do uso da vida. Nilda, ao ser questionada sobre as diferenças entre o trabalho do/a migrante e do/a paraguaio/a, afirma:

> *Yo creo que sí, porque por departamento, en los lugares en donde viven los brasileros, ellos tienen muchas tierras, de más tierras tienen y ahí los paraguayos ya comienzan a tener menos oportunidades, porque el costo de la tierra ha aumentado muchísimo y los brasileros que entraron, en su época, hace 30, 35 años atrás trabajaban y trabajaban muy fuerte y con el resultado de su trabajo iban comprando tierras y tierras igualito como está sucediendo en el Chaco, los paraguayos no son tenaces así para el trabajo y ellos ya desafían, desafían el trabajo, ellos tienen carácter, ellos deciden y están tomando gran parte del Chaco, también ahora. Canindeyu y Chaco es donde se encuentran más brasileros, pero casi se extiende por todo el Paraguay, pero el lugar que hay más, es Chaco, Alto Paraná y Canindeyu.*
> *Ellos, los brasileros si hay necesidad trabajan hasta de noche y los paraguayos ya quieren limitarse, ya es horario de descanso, ya es horario de tereré y los brasileros cuando hay trabajo ellos trabajan con todo*.[82]

A narrativa de Nilda elucida um panorama da situação de terras no Paraguai após a chegada migrante. Ela aponta os principais estados onde se encontram mais brasileiros/as e as mudanças por eles/as ocasionadas, bem como a justificativa para essa conjectura imperiosa que está calcada na predisposição ao trabalho dos/as que chegam.

Suas opiniões carregam uma marca colonial acerca das atividades realizadas por aqueles/as que chegam, em detrimento dos povos tradicionais, hierarquizando culturas e maneiras de compreender a vida, na qual os indivíduos são responsabilizados pelas suas escolhas, partindo e acreditando no princípio da meritocracia, anulando vontades em nome do capitalismo, que de acordo com Crary: "o indivíduo, redefinido como um agente econômico em tempo integral" (CRARY, 2014, p.55).

A percepção, do/a outro/a como superior aos conterrâneos, nas atividades relacionadas ao trabalho, pontua uma violência histórica instada nos corpos como território, marcando aqueles/as que fogem do padrão estipulado de poder do universo capitalista. Ocorre, desta maneira, o que Said denomina de imposição cultural: "[...] as culturas sempre manifestaram a tendência de impor transformações completas às outras culturas, recebendo-as não como elas são, mas como, para o benefício do receptor, elas devem ser." (SAID, 2007, p. 108).

O processo migratório impulsionou múltiplas transformações no território paraguaio, permeando várias fronteiras, construindo imposições culturais. O povo paraguaio foi paulatinamente conduzido a uma adaptação ao/a outro/a desde a forma de falar, até a maneira correta de trabalhar em um sistema pautado por complexidades e contradições, aproximações e distanciamentos.

[82] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizudeña** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. . Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

Nilda analisa que a massiva presença migrante diminuiu as oportunidades para os/as paraguaios/as por conta do acúmulo de terras nas mãos estrangeiras. Com o aumento da população, o espaço passa a ser mais disputado, gerando uma concentração material nas mãos de uma ínfima camada social em detrimento das demais que passam a viver na miséria social, característica do capitalismo moderno.

O constructo social contemporâneo, baseia-se na acumulação de capital, exploração do meio ambiente e das forças de trabalho. Um cenário propício para o benefício de poucos, uma autoridade sistêmica invisível que controla vidas, resultando na desigualdade social violenta. Fomentando a raça como outro princípio, como organizador das relações de poder, outro marcador da diferença.

No Paraguai se concentrou um agrupamento de desigualdades amparadas pelas novas relações de poder contemporâneas. A descrição de Nilda apresenta um cenário social que foi se incorporando de maneira tímida, mas que assolou a realidade social da nação. Analisada de maneira estigmatizada, inclusive pelas vozes paraguaias, já que a desigualdade social, o acúmulo de terras pelos/as brasileiros/as, parte da culpabilização dos/as paraguaios/as julgados/as como não adeptos/as ao trabalho.

O descanso e o lazer são fatores descartados na sociedade atual, julgar o infortúnio de um povo por seus hábitos culturais, ou por não quererem mutilar seus corpos e mentes em nome da acumulação de capital, é uma das muitas mazelas da contemporaneidade. São utilizadas para justificar a miséria social e para naturalizar a dominação. Rolnik, ao escrever sobre os abusos da vida, destaca:

> [...] a fonte da qual o regime extrai a sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva – para não dizer ontológica -, o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater. (ROLNIK, 2018, p. 33).

A força econômica se metamorfoseia para gerar uma aderência social e para se dissolver em outras formas de dominação. Assim, o fato de as pessoas terem que trabalhar até suas forças serem sugadas pela máquina capitalista, passa a ser sinônimo de cultura e aqueles/as que não compartilham desse hábito são desprezados e colocados à margem. É uma esquematização complexa da vida colocada à serviço do capital introjetado na sociedade de maneira invisível, mas dominando de maneira enfática e cruel, principalmente, aqueles/as que necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver ao giro cruel da máquina social que induz à acumulação de posses em detrimento do bem-viver.

A aquisição e a acumulação de bens povoam as subjetividades humanas, violentam corpos e mentes e levam em consideração, o desenvolver que se postula sobre o discurso acumulativo. A massa social definha seus corpos, e almeja conquistar seu espaço e, nesse caminho, sua força e vida são sorvidas em nome da riqueza das novas oligarquias sociais.

Poder trazer para a história da migração as vozes das mulheres paraguaias, apresenta uma nova leitura da presença migrante no Paraguai, pois rompem com as hierarquias de conhecimento. Porém, algumas lógicas se repetem, pois, o discurso capitalista moderno, pautado na meritocracia, disseminado em larga escala, também é assimilado por elas. As distintas colonizações de corpos e mentes, tão úteis para a manutenção do sistema, fazem-se presentes em todas as realidades.

Elva, ao ser questionada sobre os motivos da presença massiva migrante no Paraguai, narra:

> *Mira, yo realmente tengo muchas familias amigas migrantes y conversando con ellos, la mayoría dicen que es por buscar nuevas oportunidades "vine a formar mi futuro, vine atrás de mi futuro, buscar nuevas oportunidades" eso es lo que les trajo y realmente consiguieron, pero ese es otro capítulo, porque al venir ellos y al esforzarse tanto, abriéndose caminos en medio del monte, todo eso que ya sabemos, con mucha lucha y mucho sacrificio nos enseñó también a nosotros, a mirar un poco más allá, a levantar más temprano, en fin a trabajar, a querer también construir, querer también formar. […]lo que hizo crecer la región fue el trabajo de los migrantes y hoy día ya también con el trabajo de los paraguayos que vio eso, noto eso y procura de salir más adelante también.*[83]

Elva construiu um relacionamento próximo com os/as migrantes e, a partir disso, ela assimilou que a presença deles/as no Paraguai surgiu dos anseios de construir uma vida melhor, o que na verdade é a realidade de muitos povos que optam pela mobilidade como meio de transformar a vida. Deste modo, destaca-se novamente a heterogeneidade dessa migração. Alguns foram em busca de uma realidade melhor, almejando continuar trabalhando com a terra, enquanto outros/as viram naquele país a oportunidade de expandir seu capital com a implantação da agricultura mecanizada e da exploração de mão de obra barata auxiliados por programas governamentais. De acordo com a WWF[84] Paraguai:

[83] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

[84] A WWF - *World Wide Fund for* Nature é uma Organização não governamental internacional que atua nas áreas da conservação, investigação e recuperação ambiental. O trabalho da WWF no Paraguai teve início em meados dos anos 90 com o desenvolvimento de uma visão de biodiversidade na Mata Atlântica de Alto Paraná, uma visão tri nacional desenvolvida pelo Brasil, Argentina e Paraguai.

> El sector de agricultura a pequeña escala no es una prioridad en la política nacional y se ve afectada por la falta de inversión, mientras que la agricultura mecanizada se beneficia de incentivos, exoneraciones fiscales y acceso a créditos, así como un bajo cumplimiento de las normativas ambientales y laborales. El resultado ha sido un modelo de agricultura que favorece la concentración de la tierra, riqueza y poder político en pocas manos.[85]

O Paraguai faz parte do rol de países conhecidos pela produção in natura de larga escala de *commodities.* Essa realidade de maneira recorrente, atribui-se ao trabalho de migrantes, não apenas de brasileiros, que optaram pela vida nesse país, a partir de meados do século XX, advindos de uma conjuntura social caracterizada pela monocultura e pela exploração do meio ambiente a partir de técnicas mecanizadas e de melhoramento genético.

Como resultado de um processo de longa duração, a camada social que já possui poder aquisitivo, recebe vários incentivos para continuar produzindo, tendo acesso a diversas vantagens e exonerações fiscais, podendo, inclusive, quebrar algumas regras em nome do capital. A produção e o retorno financeiro justificam os danos ao meio ambiente e, consequentemente, à humanidade.

Para justificar alguns abusos sociais são construídas narrativas de dominação das subjetividades que são engendradas de maneira à naturalizá-las pela maioria da população, condicionando corpos e mentes a acreditar na lógica capitalista como a única e correta forma de vida, em detrimento de outros hábitos, costumes e visão de trabalho. Ao argumentar a coexistência com os/as brasileiros/as, a nossa entrevistada postula os caminhos árduos por eles/as percorridos ao chegar em um país com o solo ainda dominado por matas nativas. A exploração e a abertura de tais espaços são assimiladas como progresso, na visão do universo capitalista de lucro. Ela ainda destaca: "*nos enseñó también a nosotros, a mirar un poco más allá, a levantar más temprano*".

Além de transformar a realidade local, a partir do desmatamento para a implantação da agricultura em larga escala, acontece, concomitantemente, a metamorfose social, induzindo sujeitos plurais a trilharem um caminho imposto para abastecer a máquina capitalista. Vive-se em um axioma de colonização dentro da própria colonização ocidental, sustentando invisibilidades e fomentando preconceitos, como o fato de os/as paraguaios/as terem aprendido a trabalhar com os/as migrantes. Isso é resultado de uma visão etnocêntrica e colonizadora que

[85] WWF Paraguai: https://www.wwf.org.py/que_hacemos/proyectos/iniciativa_de_transformacion_de_mercados_mti/la_expansion_soja_en_paraguay/#:~:text=El%20crecimiento%20del%20sector%20en,80%25%20de%20las%20tierras%20agr%C3%ADcolas. Acessado em: 23 de agosto de 2022.

hierarquiza a humanidade, construindo identidades a partir de um maniqueísmo, vigilando os corpos em nome da acumulação do capital, controlando vontades e disseminando prescrições, dizendo como gastar a vida, destruindo-a em nome da acumulação. Segundo Santos: "O capitalismo experimenta hoje um dos momentos mais destrutivos da sua história recente, como testemunham as novas formas de acumulação primitiva por despossessão, a reedição da rapina colonial." (SANTOS, 2018, p. 298).

O sistema colonial, desde sua gênese, desqualifica sujeitos e culturas milenares, defendendo a sua noção de progresso, que diz respeito à exploração de pessoas e do meio ambiente. Através dele, dá-se o fortalecimento de uma classe social, historicamente dominante, um poder aprimorado por ajustes subjetivos, propagados pela invenção do outro. No Paraguai a história se repete, como Elva defende: "*lo que hizo crecer la región fue el trabajo de los migrantes"*.

Luciana, filha de migrantes, nascida no Paraguai, ao ser questionada sobre a diferença entre o trabalho migrante e o nativo, conta-nos:

> *Existe muita piada com relação a isso (risos), eu acho que o paraguaio ele é mais descansado eu acho que ele aproveita mais o momento e o brasileiro gosta de correr atrás e vamos lá e não para um momento pra curtir, pra conversar, e o paraguaio não, ele para pra tomar terere, pra conversar, isso é legal, embora muitas pessoas não gostem disso, mas eu acho esse costume bem legal, porque eles conversam, tem essa comunicação, de parar um tempo pra viver, aproveitar a companhia um do outro*[86].

Construiu-se um universo de significações entre os dois povos e isso é engendrado como um padrão de verdade. Acontece uma homogeneização dos seres dentro de uma nação, baseado na nacionalidade, estipulando padrões para cada um deles, ignorando particularidades e focando, unicamente, em convenções sociais construídas a partir da colonialidade. De acordo com Lugones: "Ao produzir essa classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e sociais." (LUGONES, 2020, p. 57).

No Paraguai, a classificação entre nativos/as e migrantes foi calcada na noção de trabalho, nos moldes do capitalismo moderno. Um muro subjetivo, entre aqueles/as que trabalham e os/as que não querem ou não têm predisposição, como se isso fizesse parte dos

[86] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrigues.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 0:26:18 min. (aprox.), som.

aspectos genéticos de uma nação, são as nuances coloniais que atravessam as relações e que constroem verdades pautadas em estereótipos.

As novas identidades construídas no Paraguai são fundamentadas em perspectivas etnocêntricas, porque, ao povo desse país, atribuiu-se a identidade baseada no conceito de preguiça, uma transgressão grave aos hábitos sociais construídos a partir da colonialidade e do capitalismo, visão tecida, imposta em processos de subjetivação, abalizada por estrangeiros/as e nativos/as, conforme pontua Woodward: " As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem". (WOODWARD, 2014, p. 25).

Existe uma vigilância sobre os corpos, na tentativa de enquadrá-los nos padrões de dominação. A arbitrariedade social estipula o caminho a ser percorrido e os sujeitos que não se enquadram nessa interposição são classificados como inferiores. Não obstante, indiretamente perdem o direito de experienciar suas vidas de acordo com sua cultura e vontades particulares. Curiel destaca:

> A colonialidade do poder implica relações sociais de exploração/dominação/conflito em torno da disputa pelo controle e domínio do trabalho e seus produtos, da natureza e seus recursos de produção, pelo controle do sexo e seus produtos, da reprodução da espécie, da subjetividade e seus produtos, materiais e intersubjetivos, inclusive o conhecimento e a autoridade, e seus instrumentos de coerção (CURIEL, 2020, p. 127).

A autora apresenta um panorama das diversas formas de dominação e controle sobre corpos e o ambiente por eles ocupados, estipulando padrões para legitimar os processos de colonialidade do poder. Fazendo uma analogia com a narrativa de Luciana, pode-se notar que a cultura de trabalho dos/as paraguaios/as foge do modelo disseminado e colocado como correto na atualidade. O hábito de se recusar a gastar a vida em nome da acumulação de capital é um padrão de resistência vivenciado no Paraguai e abominado pela sociedade ocidental. Relevante destacar que nenhum comportamento tanto de brasileiros/as quanto de paraguaios/as é universal e padronizado, mas nas entrevistas coletadas foram essas nuances que se fizeram presentes. Assim, destacar essas diferenças pautadas em relações de poder e resistências, apresenta as particularidades vivenciadas no Paraguai, país no qual os/as estrangeiros/as alavancaram transformações e construíram classificações que passaram a ser vistas e reproduzidas como verdades. Isto invisibilizou e degradou formas de vidas que fogem do padrão social imposto.

Para Luciana, a forma de encarar a vida dos/as paraguaios/as é um hábito interessante, mas, ela destaca que muitos julgam o jeito mais tranquilo de experienciar o trabalho como algo

negativo, visto que, a regra atual é trabalhar incansavelmente para acumular capitais e colaborar para o giro econômico, colocando isso acima do cuidado com a própria vida.

Ao fazer relação com os posicionamentos construídos, sobre os dois povos que passam a coexistir, Lenir, brasileira, radicada no Paraguai, levanta um outro ponto ao ser questionada sobre as relações de trabalho e se havia diferença entre migrantes e nativos/as. Ela destaca:

> *Ah tem sempre os que falam né, mas eu acho que tem o certo e o torto em todas as nacionalidades, tem os que fazem bem-feito em todos os lugares, um pouco é o preconceito dos brasileiros contra os paraguaios.*
> *Geralmente se fala que um trabalho mal-feito foi feito por um paraguaio aí dizem "Por isso ficou assim, se fosse um brasileiro estava mais bem feito", mas não é bem por aí.*[87]

A entrevistada discorre sobre um tema delicado e invisibilizado no cotidiano, as vivências alavancadas a partir de posturas preconceituosas que são difundidas como verdades, aportando uma missão civilizatória que controla posturas e corpos, postulando quem é apto ou não para determinadas atividades ao ter como base a nacionalidade. Lenir pontua que muitos dos discursos reproduzidos sobre o trabalho dos/as paraguaios/as partem do preconceito brasileiro, em contrapartida, esse fator não aparece nas narrativas das mulheres paraguaias.

Elas destacam a predisposição brasileira para trabalhar, em detrimento de seus conterrâneos, os/as estrangeiros/as são vistos por elas como os responsáveis pelo desenvolvimento da sua nação, como sinônimo de progresso. Reflexos das contradições culturais emergentes a partir dos processos de colonização dos corpos e das mentes, que naturalizam a discriminação. Fanon, ao escrever sobre a postura do colonizado frente ao colonizador, pontua: "Diante do mundo arranjado pelo colonialista, o colonizado a todo momento se presume culpado" (FANON, 1968, p. 39).

No imaginário construído pelas mulheres paraguaias, o/a migrante foi peça-chave para que seu país se transformasse. A postura de enxergar aquele/a que chega como superior nas atividades relacionadas ao trabalho pode ter sido construída a partir de um sentimento indireto e, inclusive, indefinido de culpa, pois, para chegar ao padrão que elas julgam como melhor, segundo elas próprias, foi preciso o/a estrangeiro/a. Isso também pode ser atribuído a falta de controle que a população paraguaia, de maneira geral, teve em relação à migração. Os/as migrantes foram adentrando em seu território, impondo padrões culturais, trazendo na bagagem novas perspectivas, vivenciando-as e veiculando-as como universais. As vivências conhecidas

[87] ENTREVISTA. **Lenir Marciniak.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 0:31:18 min. (aprox.), som.

e assimiladas até a presença migrante se tornar uma realidade, foi absorvida e apagada, sua reprodução passou a ser considerada negativa, tendo em vista a classificação social positiva que os/as brasileiros/as receberam por encararem a vida de uma maneira diferente. Isso pelo motivo de assimilarem o trabalho e o esforço físico como única forma de progresso. Já o descanso, o diálogo e a compreensão de uma vida mais tranquila são aspectos que deixaram de se encaixar nos novos aspectos de progresso no Paraguai.

O cuidado com a vida, a não adaptação aos moldes de produção capitalista, foram disseminados como "trabalho malfeito" atribuindo ao povo paraguaio a característica de não possuir habilidades para realizar uma tarefa bem-feita e com sucesso. Esta abordagem categoriza culturas e reforça padrões sociais pautados nas diferenças culturais, utilizadas para desqualificar e subjugar pessoas.

Deste modo, as peculiaridades das realidades sociais impostas pela migração, apresenta novas configurações de poder evidenciando padrões sociais, conforme postulado por Said: "[...] sempre dividiram o mundo em regiões que possuem diferenças reais ou imaginadas." (SAID, 2007, p. 72). Essa dissonância, engendrada entre os povos, parte de uma necessidade social de rotular nações para que as desigualdades sejam justificadas.

Populações inteiras são desqualificadas pela necessidade humana de dividir e posicionar sujeitos, utilizando instrumentos degradantes para defender a colonização de territórios, corpos e mentes a partir de um discurso de progresso inalcançado por falta de vontade e de determinação dos/as nativos/a; realidade latente ao longo da história da humanidade.

Os/as que ocupam o lugar e constroem uma forma de vida alheia à realidade alcançada, são, por diversas vezes colocados/as com aqueles/as que salvaram a população de uma vivência sem o progresso. Nos moldes capitalistas, subterfúgio ultrajante utilizado em situações inteiramente diversas e desiguais, ao ser questionada sobre um ponto positivo da presença de brasileiros no Paraguai, Nilda narra:

> *Positivo es la oportunidad que ellos tienen grandes extensiones de tierra, los que pueden y negativo es que eso genera falta de oportunidades a los paraguayos que ahora se dan cuenta, los paraguayos aprendieron ya, aprendieron la forma de trabajar de ellos.*[88]

Ao retratar o que na sua opinião são as mudanças positivas e negativas motivadas pela migração, ela continua a promover a hierarquia social do trabalho, reconhece que os/as

[88] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizueña** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

paraguaios/as sofrem com a falta da terra, agora ocupada pelos/as brasileiros/as, no entanto, a justificativa da posição social elevada dos/as estrangeiros/as perpassa o saber trabalhar, atualmente ensinado em seu país.

A realidade desses dois povos, obrigados a coexistirem, gerou múltiplas experiências de aproximações e distanciamentos. Indivíduos distintos se influenciam mutuamente, ocasionando novas perspectivas de vida, ora respaldadas na reciprocidade e por vezes em rivalidades.

## 3.3 Aproximações e distanciamentos: trabalho e cultura transformados após a radicação dos/as migrantes brasileiros no Paraguai

A migração de brasileiros/as para o Paraguai apresenta aspectos diversos, perpassando o tempo de permanência, a origem geográfica de quem migrou, as condições financeiras, resultando, assim, em situações variantes que possibilitaram a radicação de alguns e o retorno ao Brasil de outros/as. Desta forma, quem optou pela continuidade de suas vidas naquele país, passou a influenciar e a sofrer influências do povo e da cultura paraguaia em uma existência baseada em complexidades e contradições.

Os relacionamentos entre as pessoas dos dois países evidenciaram que uma troca cultural mais próxima também é possível. As realidades desses povos foram transformadas em uma influência mútua, o que construiu uma nova conjuntura de uma mescla de acercamentos e antagonismos. Sobre este fenômeno Nilda narra:

> *Si se cambió totalmente y gracias a dios estamos felices, no hay motivos para que uno esté dudando, cuando llega un brasilero yo ya sé que tengo que tener un arroz frito ahí y tener también la cultura paraguaya si hay, tengo que poner todo en la mesa, todo uno mescla*.[89]

A entrevistada destaca padrões culturais alterados na culinária, enquanto recebia um/a brasileiro/a em sua casa. A sua mesa se transformara em uma mistura, e é, justamente, no cotidiano que a hibridização cultural acontece. Um espaço a parte, além das rivalidades e opressões e, nesse sentido, a respeito das vivências humanas Santos pontua: "[...] possibilidades humanas além do capitalismo, o colonialismo e o patriarcado" (SANTOS, 2018, p. 312).

[89] ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizueña** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

As experiências humanas também se constroem fora dos espaços das rivalidades e das opressões. No dia a dia, durante as trocas de elementos culturais, concretizam-se relacionamentos baseados na alteridade, responsáveis por possibilitar uma convivência mais próxima. Nas singularidades temporais convergentes, sujeitos sociais distintos encontram-se em labirintos silenciosos maneiras outras de coexistir.

A trajetória, tanto de migrantes quanto de paraguaios/as, é transformada a partir do outro/a. As convenções sociais dos povos se atraem e se distanciam de acordo com as necessidades diárias, pois a coexistência não é construída apenas nos universalismos, além dos extremos, já que se instaura uma linha tênue que aproxima as pessoas.

É no cotidiano e nas relações pessoais que as opiniões são moldadas, algumas passam a reforçar hábitos e a classificar povos, de acordo com a sua nacionalidade. No entanto, outras os aproximam e os conduzem à criação de novos laços, baseados no afeto e na admiração. O aprendizado mútuo, no qual o/a diferente se torna complementar, transgride as identidades nacionais, porquanto, de acordo com Hall: "[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. " (HALL, 2015, p. 30).

Divisões históricas são calcadas a partir de identidades nacionais; diferenças são construídas para segregar e hierarquizar nações, assim como ocorreu no Paraguai, no qual em diversas situações os/as brasileiros/as migrantes foram colocados em um pedestal, em detrimento aos/às nativos/as. No entanto, em meio a estas imposições culturais universalizantes, ocorreram aproximações significativas. Elva faz um relato detalhado de como era a alimentação de sua família antes do contato com os/as migrantes e como esta passou a ser após este contato:

> *Un gran cambio, un cambio hermoso puedo decir, porque yo quite mucho lucro con eso, podemos hablar sencillamente de la alimentación. La alimentación comparando los dos países, se ve muchas riquezas en la alimentación de los migrantes, yo vine de Caaguazú y nosotros de las campiñas, no hablando de Asunción, la capital, que es otra cosa, pero nosotros en el interior de Paraguay nuestra forma de alimentación era rutinaria, la comida se prepara toda en una "panela" una olla, ahí se pone las verduras, la carne a eso se agrega fideo "macarrão", arroz, está también el maíz descascado, blanco, no es el maíz de maicena, ni el "milho rojo" y sí el maíz blanco que es el locro y se pone todo en la misma olla, se cocina todo y se pone ese en plato, después de eso había un postre, por supuesto, alguito de cosas dulces que podría ser el arroz con leche o mismo el maíz blanco con leche que se llama masa morra, entonces era así nuestra alimentación y me encantó cuando llegué y la mesa estaba "farta", la mesa llena, arroz, feijão, la carne, las verduras, todo lo que se podía poner en la mesa ahí estaba y yo adopte eso para mi vida rápidamente, no soy tonta, adopte para mi familia y noto que es una alimentación muy excelente, me encanta, nosotros siempre*

> *tenemos el feijão en nuestra despensa, nos encanta esa comida, esa forma de alimentarnos y hoy cada vez más se ve que es lo correcto, que es la que tiene que ser, entonces en eso también mi vida cambió*.[90]

A história das mulheres caminha por outros espaços e traz à tona diferentes perspectivas do cotidiano. Estes registros apresentam elementos culturais riquíssimos, recorrentemente invisibilizados. A alimentação, por exemplo, é de importância indiscutível para humanidade, só a partir dela os corpos se mantêm sãos para fazer história. Em contrapartida, dela pouco se fala, pois faz parte, por meio do imaginário patriarcal, do universo feminino. Segundo Bidaseca: "Los cuerpos son el acervo de la memoria de la humanidad que está siendo asediado por la lógica del exterminio y la necro-política." (BIDASECA, 2018, p. 66-67).

Na lógica colonizadora, ocidental e patriarcal, construída historicamente, alguns fatos e corpos valem mais do que outros. As corporeidades, as memórias e os afazeres femininos são habitualmente desconsiderados. Destarte, as mulheres paraguaias exteriorizam elementos sobre a migração que vão além do público e do político. Ao descrever a culinária, como os/as paraguaios/as preparavam e consumiam as refeições, torna-se uma história a parte. Ela raramente pertenceu a história tradicional, mesmo que para a nossa entrevistada, essa apresentação foi feita para dizer por quais motivos ela mudou e, com sentido ainda, de classificar a comida brasileira como certa. Esta é uma narrativa inédita para a historiografia, pois evidencia as experiências femininas como ato político de percepção e de mudança; pois o mundo privado, esquecido, foi conjuntamente transformado pela migração.

No entanto, as várias aproximações construídas não anulam os distanciamentos e o sentimento de usurpação territorial, já que as mulheres paraguaias ressaltam sua indignação com relação as datas e festas comemorativas brasileiras que repercutem no Paraguai. Olga aborda esta questão:

> *Cuando hay futbol sí, yo veo también cuando es el día de la madre en Brasil, acá todo el mundo festeja, los dueños de mueblería, los funcionarios "a día das mães" y no sé qué, esos días recién fue el día de la madre en Brasil el diez de mayo por ahí y nosotros es el 15 de mayo, entonces en una mueblería, cada uno de su funcionario paraguayo o descendiente de brasileño hablaba que "día da mãe" y todo así y yo me calle, después decía así "mañana es el día de la madre y así" y yo dije, no, el día de la madre acá en Paraguay es él 15 de mayo no es mañana. Uno puede saludar a su mamá lo que quiera, pero no así, porque no es el día, el día de la madre es el 15 de mayo, yo comenté, hay cosas que no están bien, está bien que son descendientes, pero tienen que*

[90] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

> *respetar lo que es la cultura de cada país, pero las brasileños y descendientes son fanáticos, son fanáticos a full.*[91]

Olga narra imposições culturais objetivas por parte dos/as migrantes brasileiros radicados no Paraguai, mas que vivenciam o seu cotidiano como se estivessem no Brasil. Tais nuances evidenciam que as dominações perpassam vários aspectos da vida, desde o patriotismo até a comemoração de uma data de uma nação à qual você já não vivencia de maneira física.

A herança da cultura nacional marca as subjetividades transfiguradas em um instrumento de poder primoroso, encarregado de segregar nações e de construir identidades para delimitar quem está dentro de um determinado círculo social ou não. Com isso, acaba se tornando um marcador da diferença e em constructos sociais acachapantes, por vezes responsáveis pela disseminação de preconceitos. Neste sentido, Silva destaca que:

> A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um modo transcendental, mas do mundo do cultural e do social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2014, p. 76).

Nossa entrevistada faz um desabafo a respeito de uma sobreposição cultural, na qual os/as estrangeiros/as continuam a difundir no Paraguai, costumes correspondentes aos hábitos brasileiros. Eles são nuances impositivas, já que são reproduzidas como fabricações de identidades e de diferenças, não obstante, existe uma determinação do espaço migrante, no qual também se traduz em datas comemorativas.

A postura de Olga, ao reivindicar a data referente ao dia das mães no Paraguai, representa uma forma de resistência, diante a absorção do seu espaço nacional pelo/a outro/a. Assim, as relações sociais e culturais desenvolvidas nesse espaço territorial são dominados por uma dualidade cabível entre as afinidades e os afastamentos.

O lugar social paraguaio foi reinventado por meio da presença marcante do/a migrante brasileiro. As datas comemorativas brasileiras passaram a ser de suma importância em alguns lugares, nos quais os símbolos nacionais paraguaios são por vezes depreciados para atender às necessidades de estrangeiros/as. Esta situação pode ser exemplificada na publicação do jornal *Ultima Hora,* intitulada: "Modifican fecha de desfile en Katueté por festejos en el Brasil":

[91] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

> Julio César Brítez, intendente del distrito de Katueté, departamento de Canindeyú, modificó la fecha del desfile estudiantil que debía realizarse este 14 de mayo por la Independencia Nacional, pasará al 24 de este mes.
> Dicha modificación se dio con la ayuda de 5 concejales de la Junta Municipal ya que el desfile coincide con el día de la madre en el Brasil, y esto podría generar una ausencia masiva, considerando que la gran mayoría de los alumnos son hijos de migrantes brasileños, informó Elías Cabral, corresponsal del Diario Última Hora.[92]

O desfile em comemoração à independência do Paraguai é remarcado para uma data futura, por coincidir com uma demanda estrangeira de celebrar o dia das mães. Situação inteiramente diversa que evidencia uma hierarquização cultural, na qual as necessidades da nação paraguaia são colocadas em segunda instância, pois valoriza-se o/a "de fora" e isso contribui para o acirramento de conflitos.

A influência brasileira nessas regiões é extremamente marcante e dominante. São caracterizadas por continuidades e rupturas, faltando, por vezes e por parte do/a estrangeiro/a, uma adequação à nova realidade, como Lenir afirma: "a*s vezes não me sinto assim que é no Paraguai*". A liberdade em viver conforme se vivia no Brasil, sem prejuízos, dá a falsa impressão de permanência no país de origem.

Um evento nacional postergado para evitar a falta massiva dos/as migrantes, evidencia uma relação de superioridade racial e cultural, através dos moldes do colonialismo, acirrando com isso as rivalidades, construídas entre as nações. O social e o simbólico se aproximam e se contradizem à medida em que o reconhecimento de um grupo acontece de maneira discrepante em relação ao outro. Neste caso, tanto o idioma quanto a tradição do país de origem dos/as brasileiros/as caminham livremente pelo Paraguai. Woodward, ao escrever sobre a construção e manutenção das identidades, destaca que:

> O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e as relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são "vividas" nas relações sociais (WOODWARD, 2014, p. 14).

O social e o simbólico, dos/as brasileiros/as migrantes levados na bagagem, contribuiu para um novo nicho social no lugar chegado, e, mesmo que de maneira não objetiva, foi sobreposto ao simbólico e social do povo paraguaio. De forma incisiva, às práticas culturais do

[92] DIÁRIO *ULTIMA HORA, 01*/05/2017 Versão digital.

Paraguai foram usurpadas arbitrariamente. A diferenciação social classifica pessoas e a atitude do/a migrante brasileiro/a marcou uma elevação hierárquica, aplicada contra os/as paraguaios/as que se tornaram submetidos/as à nação estrangeira em seu próprio território nacional. Elva, ao ser questionada sobre os costumes estrangeiros que se disseminaram no Paraguai, narra:

> *No se puede cortar la esencia del pueblo acá "día dos país é dos veces día das mães é dos veces", todo es dos veces y nos felicitan a nosotras en el día das mães en el domingo y después en el otro también (risos) y así, inculturación total estamos.*[93]

Elva apresenta uma realidade atual, na qual os laços entre migrantes e nativos/as se aproximam. Ela comenta que as comemorações são duplicadas para poder atender as convenções sociais dos povos das duas nações. Essa situação inaugura o processo de alteridade necessário para a coexistência entre os diferentes e ela ainda destaca, que não é possível cortar a essência de um povo, deste modo adequações são necessárias. Larrosa destaca:

> En la tradición hermenéutica, por tanto, la comprensión del otro extranjero, suele ser considerada como un proceso dialéctico que, comenzando por un momento de extrañamiento, se resolvería finalmente en una recuperada re-familiarización (LARROSA, 2002, p. 78).

A migração brasileira ao Paraguai inaugurou variadas formas de relacionamentos entre as pessoas que foram obrigadas a conviver em conjunto. Majoritariamente, os hábitos dos/as estrangeiros/as foram sobrepostos aos/às dos/as nativos/as e, em alguns casos, isso despertou um sentimento de revolta. Já em outros a situação foi assimilada com normalidade, o que dependeu do grau de familiaridade.

O processo dialético de aproximação e distanciamento entre migrantes e nativos não é estático. Ele caminha por rivalidades e companheirismos e na necessidade colaborativa para se viver em comunidade, homens e mulheres passam a buscar alguma adaptabilidade com o/a diferente e isso é algo que tende a ser recíproco entre as duas nacionalidades. A respeito das datas comemorativas Luciana nos conta: "*Comemoramos as duas, meu marido é brasileiro,*

[93] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

*então quando é dia dos pais no Brasil a gente comemora e quando é dia dos pais daqui e gente comemora também*"[94].

Evidencia-se, deste modo, que os hábitos paraguaios também passam a fazer parte do universo migrante. As relações de poder são construídas de ambos os lados, e na necessidade de coexistirem, encontraram-se formas de complementariedades e resistências capazes de construir um imaginário social repleto de nuances correspondentes às duas nacionalidades. Portanto, a convivência com o/a diferente transforma corpos e subjetividades.

No cotidiano e nas pequenas formas de conviver, vivências foram sendo alteradas, coexistir com o/a diferente mudou realidades, compreensões de mundo e de experiências. A vida é uma constante reflexão de atitudes, principalmente, ao sair da zona de conforto devido à necessidade de se adaptar a uma nova realidade social, pautada nas regras do/a estrangeiro e o contrário também acontece. A atitude narrada por Elva aponta justamente para as maneiras de resistências construídas:

> *Vos sabes que hay un folleto dominical y que de ahí se rige y era en portugués, entonces que yo hacía, cuando me daban a mí la lectura, yo la pasaba al español, miraba la biblia y lo pasaba todo al español entonces así despacito y con mucho amor fuimos cambiando sin que se notara, de repente cuando vimos ya llego el folleto en español, las celebraciones eran ponedle mixtas, en portugués y en español, las lecturas a mí me correspondía pasar las lecturas al español, entonces el comentario podría ser en portugués pero las lecturas eran en español y así fue, despacito, despacito, algo natural que ni nos dimos cuenta*.[95]

As formas de poder, exercidas socialmente, por vezes não se apresentam de maneira impositiva, mas, em contrapartida, em pequenas nuances transformadoras de realidade. Elva, ao escolher ler em espanhol durante uma missa organizada em português, demarca seu território e expressa sua resistência à realidade dada. Apesar disso, o enfrentamento ocorre de maneira subjetiva.

Nem todas as batalhas são travadas diretamente, pois a discordância também ocorre no silêncio e nos enfrentamentos encadeados nos labirintos dos relacionamentos. A nossa entrevistada percebia a imposição cultural estrangeira, entedia que estava adentrando em um território já dominado pelo/a outro/a, mas isso fez com que ela desenvolvesse técnicas para

[94] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrigues.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 0:26:18 min. (aprox.), som.
[95] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

demonstrar a sua própria cultura, afirmando-se enquanto paraguaia, defendendo o direito de uso de seu idioma.

Elva entendia a existência de um "nós" e um "eles/as", em percepção da alteridade compreendida em sua essência. O ataque ou recusa imediata desencadearia um conflito, deste modo, ela escolhe caminhos diferentes e efetivos, em uma relação de poder silenciosa, uma batalha, constituída aos poucos, a partir da consciência grupal, conforme postula Carvajal: "A alteridade significa que nem tudo começa e termina no seu umbigo e que existem outras pessoas além de você." (CARVAJAL, 2020, p. 201).

A construção da coexistência entre paraguaios/as e migrantes passa por constantes transformações, já que ao almejar uma sociedade homogênea e tranquila para sobreviver, as mulheres paraguaias buscam encontrar justificativas positivas para a presença estrangeira tão marcante em seu país. Blanca, ao ser questionada sobre a hipótese de se viver melhor onde estão os estrangeiros, narra:

> *Claro que sí, muchísimo mejor, las escuelas por ejemplo, yo le decía a mi papá, que veíamos en la televisión que las escuelas se caían y hacia nuestra casa se caen y nadie hace caso y acá nosotros hacemos actividades y la escuela nunca se cayó, nuestra escuela está hermosa, la comunidad participa muchísimo y a parte son muy guapos y guapas los migrantes, son muy responsables en las actividades, no van a sacar ni un poquitito de dinero que se recauda, la confianza que ellos tienen, en la escuela siempre hacíamos las actividades y nunca te van a sacar provecho, ellos trabajan y nunca te van a sacar provecho, todo es para la escuela y trabajan a full y eso yo no veía hacia mi casa, allá es totalmente distinto*.[96]

Para morar em um lugar cercados por migrantes brasileiros/as, a população paraguaia desenvolveu várias técnicas pautadas nas relações de poder, e, por vezes, transvestidas de adaptabilidades. Ao escolher traduzir uma leitura bíblica para o espanhol e ao trazer a família para trabalhar na escola, pode-se transmitir a impressão de uma conformidade, no entanto, estas são as formas de trazer o/a diferente para a realidade social desejada.

Utiliza-se a presença do estrangeiro para desenvolver técnicas de trabalho para melhorar a qualidade de vida de toda a comunidade, justamente em uma espécie de troca. Eles/as chegaram para ocupar um lugar em um território nacional alheio, mas são chamados para transformá-lo em benefício de todos/as. Segundo Larrosa: "La comprensión y la apropiación

[96] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 1:08:45 min. (aprox.), som.

del otro son como las dos caras de una misma ambición, ambas igualmente metódicas y arrogantes." (LARROSA, 2002, p. 79).

Compreender o/a outro/a e trazê-lo/la para a realidade nacional, converte-se em uma maneira de resistir às transformações impostas para poder fazer parte delas. Ainda assim, nas justificativas positivas a respeito dos/as migrantes, elas entram em uma escala de significações, avaliando-os/as como mais aptos/as para concretizar o progresso nacional.

O/a migrante, ao chegar e defender os aspectos culturais de seu país de origem se coloca em uma posição diferente do/a nativo/a. Com isso, ele passa a valorizar os símbolos nacionais de maneira mais enfática, inclusive, como uma defesa e uma veiculação maior do que a vivenciada antes da mudança, pois o Brasil passa a ser representado pelo sentimento melancólico, onde tudo era melhor. Por meio desta seara, Kristeva escreve: "[...] a fé extinta nas origens desperta bruscamente na terra chegada, criando uma identidade completa, mais exclusiva quanto mais dela foi anteriormente perdido." (KRISTEVA, 1994, p. 31).

Essa fé sobre o Brasil e seus aspectos culturais, carregados e reproduzidos pelos/as migrantes no Paraguai, gera nesse país chegado um sentimento de inferiorização. Aqueles/as que chegam representam o progresso, o trabalho e a maneira considerada correta de viver, e para sustentar este papel, faz-se necessário desqualificar os/as conterrâneos, como justificativa de seu próprio infortúnio. De acordo com Albuquerque: "O discurso de valorização do trabalho do imigrante como condição do desenvolvimento gera hierarquias classificatórias entre 'nós' e os 'outros'" (ALBUQUERQUE, 2010, p. 169).

Blanca, em sua narrativa, defende que a escola de sua cidade não está em situação de calamidade porque os/as migrantes se dedicam muito para mantê-la em boas condições, auxiliando nas promoções propostas, trabalham bem, dedicam-se mais e não se aproveitam da situação. Ela enfatiza: "*no van a sacar ni un poquitito de dinero que se recauda*", indiretamente, ela diz que os/as paraguaios/as fariam diferente e usa como justificativa as localidades nas quais não há a presença massiva de brasileiros/as.

Este é reflexo de um jogo entre a alteridade e o etnocentrismo dentro das comunidades com alta presença de migrantes. Elas inauguram uma forma inédita de coexistência, utilizando-se de justificativas arcaicas para manter relacionamentos e trocas cotidianas. Historicamente, os processos migratórios deixam marcas nos lugares de saída e de chegada, a condição de resistência e a diferença colonial permeiam as relações interpessoais dos dois povos distintos, que por vezes passam a fazer parte do mesmo lado da moeda.

A percepção do/a brasileiro/a, como trabalhador voltado para o desenvolvimento pessoal e social, assinala pontos nodais da história da humanidade. Justificou-se sob vários vieses desiguais e impositivos, a colonização de lugares, corpos e mentes. Esses processos históricos classificatórios marcam opiniões e, por vezes, acabam degradando pessoas, mesmo que não seja de maneira intencional. Narra-nos Luciana, ao ser questionada sobre as transformações que os/as migrantes causaram no Paraguai:

> *Sim eu acho que sim, porque teve mais crescimento, mais desenvolvimento com a entrada dos brasileiros, porque o paraguaio é mais sossegado, mais retraído, eu acho que não se importam, não sei se são todos, mas eles são um pouquinho mais quietos eu acho que os brasileiros deram uma movimentada*.[97]

Na visão de Luciana, enquanto filha de migrantes, assim como das demais mulheres paraguaias com as quais dialogamos, a entrada e a permanência dos/as brasileiros/as no Paraguai foi o marco inicial do desenvolvimento do referido país. Atrelado e esse fato, concomitantemente, atribuiu-se a falta de predisposição dos/as paraguaios/as para o trabalho. Verifica-se que as relações humanas são pautadas nas diferenciações, entre um "nós" e um "eles/as", vinculadas a diversos fatores, como: raça, classe, sexualidade, nacionalidade no qual, recorrentemente, as minorias ou marginais do mundo colocado em marcha pelo capitalismo tornam-se aqueles/as que nadam contra a maré ao optarem por uma vida pautada em outros moldes não impositivos.

Deste modo, para que a colonização das mentes seja efetiva, é preciso disseminar a ideia de trabalho, esforço e de acúmulo de capital, pois se a maior parte da humanidade decide contrariar o sistema colonizador capitalista europeu, as elites conservadoras terão seus privilégios atacados e esta é uma situação inimaginável para uma classe historicamente privilegiada.

Faz-se necessário povoar o imaginário social com as noções de trabalho, esforço acumulação de bens materiais, por vezes inúteis, como o caminho certo para gastar a vida. Outrossim, ao manchar a imagem daqueles/as que se recusam a isso, apontando-os/as como sossegados/as ou não adeptos/as ao trabalho, podendo, desta maneira, ter seus direitos usurpados, em nome do "progresso", construindo, desta forma, um processo de inferiorização das pessoas colonizada (OYĚWÙMÍ, 2021).

[97] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrigues.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 0:26:18 min. (aprox.), som.

Perante o exposto, evidencia-se que as transformações causadas com o advento da migração brasileira ao Paraguai foram diversas e por vezes hierarquizantes. A força do capitalismo ocidental e da colonialidade transvestida com novos padrões agiram de maneira efetiva na reorganização social e geográfica, resultando em aproximações e distanciamentos pautados na resistência e nas relações de poder.

Importante ressaltar que algumas abordagens e versões em relação a esse processo migratório continuam sendo transmitidas, com a naturalização de conceitos que obscurecem as experiências, não permitindo a compreensão sobre quais sujeitos se fala. Isso impossibilita a visibilidade das disputas ocorridas passando a ideia de um processo tranquilo nesse espaço de fronteira.

Há que se destacar que mesmo passando várias décadas, amiúde, são aos mesmos referenciais a que se recorre nas abordagens sobre o processo migratório. Nesse sentido, ao evidenciar estas questões o objetivo não é identificar possíveis lacunas deixadas pela historiografia, mas explicar que o caminho traçado por ela vem servindo a consagração de versões dominantes de relação culturais de gênero.

# CAPÍTULO IV

## O PRESENTE: A COEXISTÊNCIA NA ATUALIDADE

*Yo creo que a las brasileras se las identifica por el buen trabajo, hacen muy bien las cosas. No es diferente de las paraguayas, pero en el trabajo es mejorcito" – Olga Victoria Vera Cañete*

Este capitulo que representa a parte final desta tese, expõe as relações sociais vivenciadas na atualidade, primeiramente, fazendo uma análise dos vínculos estruturados entre as mulheres brasileiras e paraguaias, discorrendo sobre os distanciamentos e também sobre as aproximações construídas por essas mulheres ao passarem a coexistir, percorrendo o universo doméstico e as relações de trabalho.

Posteriormente se discorre sobre as cidades paraguaias, habitadas de forma massiva por brasileiros/as e sua forma de organização peculiar, na quais existem placas de comércios em português, nomes de bairro, destacando a proliferação de uma cultura que até alguns anos atras era alheia a esse lugar, evidenciando a migração com traços impositivos e coloniais.

Na parte final deste capítulo faz-se uma análise sobre como estão as relações entre migrantes, seus descendentes nascidos no Paraguai e paraguaios/as, pontuando sobre as novas formas de vida, que ocorrem numa codependência, dando ênfase nas narrativas das mulheres e como elas percebem esses feitos simbólicos e concretos do processo migratório, no qual o português impera de maneira veemente.

### 4.1 Trabalho doméstico como marcador da diferença entre mulheres brasileiras e paraguaias

A migração brasileira ao Paraguai provocou e germinou muitas marcas, pautadas em aproximações e distanciamentos que evidenciam como as relações interpessoais de culturas diferentes hierarquizam povos, indicando um processo de colonialidade de corpos, mentes e também do cotidiano, no qual mulheres e homens passam a classificar as diferenças.

Ao estudar o processo migratório de brasileiros ao Paraguai a partir da ótica das mulheres paraguaias, aparecem pontos da história geralmente esquecidos pela historiografia tradicional, como por exemplo o cuidado com a casa e com os filhos. A percepção da vida e

dos acontecimentos sucede de forma diferente, dependendo da posição social que o sujeito ocupa, e costumeiramente no decorrer dos anos, com hábitos estruturados na diferença de gênero, manteve-se a visão masculina e financeira da vida e da história. De acordo com Godoy: "El pensamiento misógino que discrimina y desvaloriza a la mujer abarca al conjunto de la sociedad". (GODOY, 2013, p. 14).

Perante o exposto, discutir a história da migração a partir da visão das mulheres, denota uma nova história, com suas particularidades que fogem do padrão cultuado da economia e da política. O feminino passa a fazer parte do arcabouço histórico, não considerado como um outro fragmento ou parte, mas complementando o fazer historiográfico, tendo em vista que o mundo é composto por distintos sujeitos, por isso a história deve ser um campo plural.

Além dos pressupostos capitalistas do trabalho com a terra e da acumulação do capital, as mulheres paraguaias destacam outras diferenças, apontando particularmente para distinções entre mulheres migrantes e paraguaias, destacando o universo doméstico e as distintas formas de administrá-lo, lugar social importante para a manutenção e o desenvolvimento do capitalismo, no entanto desvalorizado, esquecido e frequentemente invisibilizado.

O ser mulher na sociedade não vivencia uma única definição ou categoria, na pluralidade mundial, o universo feminino é marcado por distinções, dependendo da raça, classe social, nacionalidade, marcadores sociais da diferença que abalizam dentro de estruturas sacramentadas quais mulheres podem ou não ocupar alguns espaços. Nesse sentido a interseccionalidade auxilia na produção de conhecimento levando em conta as particularidades e definições do que é ser mulher, Chong pontua:

> La interseccionalidad también es fructífera para analizar las divisiones sociales que generan y producen oportunidades y privilegios. Pues si bien, todas las mujeres portamos marcadores de raza, etnia, clase o edad, la interseccionalidad, hemos dicho, contribuye a profundizar en los contextos socioculturales de las mujeres indígenas, pero también sirve para estudiar como la piel blanca, el fenotipo, la juventud, hacen que las personas tengan más éxito laboral y emocional (CHONG, 2019, p. 431).

A marca social construída para cada povo, ditando padrões sociais de comportamento supostamente corretos e incorretos, enquadra sujeitos e colabora para a construção de subjetividades, nos quais as pessoas se colocam em posições de inferioridade ou superioridade dependendo da coexistência com o diferente. As mulheres paraguaias vivenciaram no cotidiano essa diferença na construção do imaginário coletivo ao conviver com as brasileiras que chegaram em seu território, ao ser questionada sobre as distinções entre paraguaias e migrantes

Carmem narra: "*Trabajan más las brasileras, yo tengo algunas sobrinas que ya son brasileras, las brasileras siempre usan más limpieza que las paraguayas, pero hay también brasilera que son demasiado puerca, pero algunas, no son todas, como nosotras paraguayas*".[98]

Coexistir com um povo diferente, inevitavelmente leva a comparação, essa análise que se constrói, ao longo dos tempos foi utilizada para classificação do bom ou ruim, dentro de um maniqueísmo social, balizando o "civilizado" e o "não civilizado", desqualificando formas de vidas historicamente construídas. Carmen ao se referir as brasileiras marca uma diferença, assimetria que a leva a valorizar o outro em detrimento de si, dizendo que elas trabalham mais.

Afirmação que pode levar a diferentes reflexões, tendo em vista que a noção do trabalho também é socialmente construída, e o capitalismo exacerbado da atualidade postula o trabalho em excesso como algo positivo, um efeito simbólico produzido pelo discurso, para atender a tal demanda, mulheres de diferentes lugares gastam a vida no universo privado, limpando, lavando e cuidando dos filhos em nome da perversidade do capital.

Essa hostilidade em relação a vida em nome do trabalho e a construção do capital, esconde e invisibiliza o trabalho doméstico, destinado praticamente de maneira preponderante as mulheres e também hierarquiza a definição do feminino usando como métrica a qualidade e a constância na realização dessas tarefas. Ser boa mãe ou boa doméstica, além de ser uma atividade geradora de lucro para o capitalismo, produz distinções entre as mulheres, como narrou Carmen, "*las brasileiras usan más limpieza que las paraguayas*". Nesse sentido Federici destaca: "O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural." (FEDERICI, 2018, p. 43).

Além de naturalizado o trabalho doméstico, impõe padrões de como deve ser feito, num labirinto silencioso, o universo capitalista e androcêntrico dita as regras da sociedade, estigmatizando a vida das mulheres dentro de padrões universais impostos subjetivamente. Os seres humanos, o trabalho e o modo de experenciar a vida são distintos e de maneira habitual, a sociedade busca uniformizar pessoas, utilizando para esse fim moldes que não se encaixam em todas as sociedades, que no entanto povoam o imaginário social, criando diferenças.

O diferente historicamente foi visto como negativo, porém esse protótipo de vida, que não reconhece a pluralidade universal humana precisa ser repensado. Essas questões do mundo privado, são a base para a constituição da sociedade, mesmo não reconhecido no mundo político, o que acontece no interior da casa e do seio familiar, são resultantes de imposições

[98] ENTREVISTA. **María Carmen Morel de Viera** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 28 min. (aprox.), som.

sociais e reproduzem a identidade instrumentalizada gerando distinções. Elva ao ser questionada sobre o cotidiano e as diferenças entre as mulheres paraguaias e brasileiras, narrou:

> *A mí por ejemplo me encantó cuando vi cómo eran las brasileras, las señoras dueñas de casa, como tenían la casa muy higiénica por más pobre que fuese, siempre tenían sus cubiertos tan limpitos, los utensilios de la cocina, la casa limpita, el cafecito en la hora, que no es costumbre paraguaya, pero que a mí me encantaba*.[99]

Elva pontua as diferenças vivenciadas no dia a dia das mulheres, descrevendo como as mulheres brasileiras organizavam a casa e a mantinham limpa, em detrimento das paraguaias que não tinham esse hábito, escala de valor marcada pela disparidade, na qual uma é considerada uma boa trabalhadora doméstica e a outra não, não levando em consideração os pressupostos culturais dos grupos.

Conviver com os migrantes em seu país levou as mulheres paraguaias a analisar como a organização diária feminina é distinta, situação normal, dado aos hábitos e costumes que permeiam as organizações sociais, no entanto a problemática se constrói quando o outro parece ser melhor e é tratado como tal, subjugando o próprio ser e sua prática como disforme. A sociedade ocidental, colonizadora, incrementa padrões e destaca diferenças. Segundo Bourdieu:

> Não há de menos inocente do que a questão, que divide o mundo douto de saber se se devem incluir no sistema dos critérios pertinentes não só as propriedades ditas <<objectivas>> (como a ascendência, o critério da língua, a religião, a actividade econômica, etc.), mas também as propriedades ditas <<subjectivas>> (como sentimentos de pertença, etc.), quer dizer, as *representações* que os agentes sociais tem das divisões da realidade e que contribuem para a realidade das divisões. (BOURDIEU, 2004, p. 120).

As subjetividades criadas socialmente marcam e hierarquizam diferenças a partir do inconsciente coletivo, os sentimentos de pertença vão além da nacionalidade, eles permeiam o cotidiano, questionando escolhas e organizações sociais, o/a outro/a, o diferente chega e se coloca numa posição de segurança, impondo padrões e vivenciando a cultura de seu país de origem, causando no lugar chegado um estranhamento, o etnocentrismo dos/as brasileiros/as que migraram ao Paraguai, marcou recorrentemente as mulheres paraguaias, que receberam as

[99] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

mudanças impostas com ares da alteridade, na sua narrativa Elva complementa: *"de ahí aprendí yo a 'gostar' de café"*[100].

O mundo ao longo da história foi dividido entre os povos e suas culturas, as aproximações causaram guerras e desentendimentos, o processo de colonização ocidental marcou a violência a partir da supressão de vidas, culturas e vivencias, a violência como padrão de imposição de uma forma de vida considerada "evoluída" em detrimento das demais, como pontuado por Bourdieu propriedades objetivas e subjetivas que contribuem para as divisões. A migração brasileira ao Paraguai carregou muitos desses traços de violências simbólicas, marcando os lugares e as mentes das pessoas com sua imposição cultural.

A colonização das subjetividades, a imposição de padrões de vida, o silêncio arquitetado em relação ao outro, a persistência da cultura em um lugar distinto da nacionalidade de origem acentua a diferença, evidenciando a ideologia postulada por um grupo, segundo Godoy: "La ideología es la forma de pensar y actuar que pone en evidencia la idea que se hacen los individuos de la sociedad y de si mismos." (GODOY, 2013, p. 34).

As mulheres paraguaias ao analisar as maneiras de viver e organizar a casa das mulheres brasileiras, passaram a considerar os seus padrões e culturas como inferiores, desqualificando suas próprias funções, nas palavras de Olga: *"Yo creo que a las brasileras se las identifica por el buen trabajo, hacen muy bien las cosas. No es diferente de las paraguayas, pero en el trabajo es mejorcito"*[101].

É reflexivo analisar que ao ser questionada sobre as diferenças entre as mulheres se coloque o trabalho doméstico daquela que chega como superior, as percepções das mulheres sobre a migração perpassam várias áreas e experiências, o cotidiano que foge do padrão capitalista universal e masculino de produção e de geração de renda, marca uma diferença entre as maneiras que a migração brasileira foi vivenciada no Paraguai a partir do gênero, trazendo periodicamente as práticas dos povos chegados como melhores.

Outro aspecto costumeiramente invisibilizado das análises historiográficas são as emoções que rodeiam e moldam as sociedades, nesse sentido ao trabalhar com as narrativas femininas envoltas pelas práticas do cotidiano, são os sentimentos e as emoções que demarcam o lugar social, também construídos pela ideologia, ao afirmar que as mulheres brasileiras trabalham melhor que as paraguaias, existe por trás disso uma formação do pensamento que

[100] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.
[101] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

classifica o que é o trabalho e ainda mais, o que é uma tarefa bem realizada, de acordo com Wolff:

> Nossos pensamentos, ideologias, engajamentos são levados também, por aspectos que podem ser vistos como afetivos e emocionais. O sensível, aquilo que sentimos, ou também aquilo que expressamos através de reações corporais, faz parte da experiência e, portanto, faz parte da história. (WOLFF, 2021, p. 237).

A construção cultural do trabalho e das atividades domésticas, são estruturações afetivas e emocionais, o mundo privado e as exigências por ele carregado foram historicamente relegados as mulheres, e para as mulheres paraguaias em contato com as brasileiras, ao construírem uma hierarquia do trabalho, evidencia os sentimentos travestidos de diferenças que fogem do padrão do que é considerado bom socialmente, ao expressarem isso a partir das narrativas, manifestam a ideologia que é sensível a elas, de uma mulher como padrão.

Ao destacar que a casa das mulheres brasileiras é uma casa mais limpa e que elas fazem um trabalho melhor, as mulheres paraguaias se anulam no seu lugar de poder, uma vez que a casa, com todas as atribuições domésticas é o lugar social organizado pelo feminino, e a construção de uma hierarquia nesse espaço, traz sentimentos de estranhamento que afetaram como as mulheres paraguaias se construíram culturalmente ao longo dos anos.

A chegada dos/as migrantes em solo paraguaio transforma a concepção de sociedade que as mulheres paraguaias conheciam tanto na produção fora do ambiente privado, como já pontuado, mas também na experiência de trabalhadora doméstica, narrativas que convergem para efeitos econômicos e sociais estigmatizantes, utilizando a instrumentalização das formas de vidas para desqualificar práticas tradicionais de determinadas culturas, situação calamitosa de dominação de um povo sobre o outro.

A dominação simbólica notada nas narrativas das mulheres paraguaias converge para uma combinação heterogênea de vivências hierarquizadas, o capitalismo e suas noções de produção fabrica estigmas sociais, em tentativas moralizantes de dizer como as pessoas devem agir e se comportar para serem aceitos dentro de padrões sociais, mesmo que estes sejam convergentes para exaurir qualquer forma de vida, considerada irrelevante para a sua propagação.

A cultura paraguaia se transforma após o advento da migração brasileira, visto que ela permeia todos os aspectos da vida da população tradicional do Paraguai, perpassando os ambientes públicos e privados. A colonialidade do poder evidencia novas formas de

sobreposições culturais, trazendo em seu âmago, costumes antigos, de valorização de uns/umas em detrimento e subalternização de outros/as. Lugones pontua: "A modernidade e a colonialidade nos fornecem uma compreensão complexa da organização do trabalho. Deixam-nos ver o encaixe entre racialização total da divisão do trabalho e a produção de conhecimento." (LUGONES, 2020, p. 59).

Reproduzindo culturas ultrajantes a colonialidade e a modernidade, de maneira subjetiva, continuam a categorizar povos e culturas. Atualmente as singularidades desses processos são mais veladas e podem ser percebidas a partir de analises críticas de discursos, as mulheres paraguaias provavelmente não notam suas compreensões da migração como um processo de colonização do tempo presente, no entanto, o que para elas é apenas uma aproximação com o/a diferente, carrega formas contemporâneas de apropriação e dominação.

Não se pode deixar de destacar que o/a brasileiro/a que chega, tampouco traz de maneira objetiva a vontade da segregação, todavia a partir da postura etnocêntrica em relação aos povos tradicionais do lugar chegado, compreende-se a noção acachapante que o senso comum constrói de sobreposição hierárquica de uns em relação a outros/as. A vivência dos próprios costumes, em detrimento dos demais, apresenta a parcialidade de posturas.

As rotinas se constroem de maneira ímpar, o mundo é constituído de maneira distinta, o problema não está na diferença propriamente dita, mas como ela é encarada pelas pessoas, sendo utilizada para classificar e distanciar. Luciana, filha de migrantes, nascida no Paraguai, pontua as diferenças que nota na rotina das mulheres brasileiras e paraguaias:

> *Elas são diferentes, na limpeza, elas não ligam muito pra essas coisas, mais são só algumas, outras são muito caprichosas. Eu acho que tem a questão da história dos índios, que eles não ligavam muito, ficavam na cabaninha, e ainda tem gente que não saiu da cabaninha. Mas eu acho importante, não ficar só na limpeza, tem que viver a vida e eles param, as vezes eles param no meio do trabalho pra tomar tereré (risos).*[102]

Além de pontuar as diferenças na realização das tarefas domésticas, destacando que as mulheres paraguaias não demonstram muito interesse pela limpeza de suas casas, Luciana levanta outros pressupostos históricos em sua narrativa, justificando seus hábitos por conta da descendência dos indígenas, fato esse travestido de significações, uma vez que esses povos foram historicamente subjugados.

[102] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/04/2023. 45 min. (aprox.), som.

No entanto, mesmo utilizando as raízes indígenas para pretextar sua concepção a respeito dos hábitos e costumes das mulheres paraguaias, Luciana destaca que é importante se desvencilhar da limpeza excessiva e aproveitar a vida, o que para ela também e gracioso. Nesse sentido a narrativa dela e a forma como pondera a respeito do descanso, concluindo com risos, evidencia como ao mesmo tempo que o descanso é necessário, também parece algo anormal, que não cabe na rotina. A educação das mulheres para o mundo privado, periodicamente anula o direito ao descanso, uma vez que suas tarefas não são reconhecidas como trabalho. A vista disso, Federici destaca:

> É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou contra qualquer setor da classe trabalhadora. (FEDERICI, 2018, p. 42).

Mulheres gastam suas vidas em nome do incansável trabalho doméstico, resquícios de uma educação patriarcal que mantém essa atividade como feminina e não a reconhece como importante. Outrossim, periodicamente classificam numa escala de valor, como essas tarefas devem ser realizadas, desqualificando as mulheres que não se encaixam nesse padrão. A promoção das desigualdades e a divisão simbólica dos povos, vai além do político, perpassando também o mundo privado.

O diálogo com as mulheres traz à tona perspectivas diferentes a respeito da migração, elencando novas distinções criadas entre os povos que passaram a coexistir. Repetidamente as mulheres e suas vivências foram relegadas ao esquecimento e suas histórias não eram reconhecidas como história propriamente dita, segundo Tedeschi: "[...] setores marginalizados como o feminino foram por muito tempo participantes ativos da história, mas submergiram muitas vezes no anonimato". (TEDESCHI, 2014, p. 24).

A humanidade é marcada pelas desigualdades, quando se fala de história das mulheres as marcas são profundas, deste modo, destacar como elas percebem e narram a coexistência com o/a diferente no processo de migração, aponta para uma nova perspectiva, salientar nas páginas da história as diferenças na administração das atividades domésticas, é uma transformação bem vinda para a concepção da migração brasileira ao Paraguai.

As atividades domésticas também direcionam e aportam para o reconhecimento da identidade étnica de uma nação e ela ademais da função de representar um povo, dizer quem faz parte de um grupo, também destaca quem não faz parte, criando uma linha subjetiva, a partir de hábitos e costumes, dizendo quem pertence e quem não pertence. Deste modo, para além da

realização das tarefas da casa, a forma de fazê-lo delimita e representa quem o faz. De acordo com Bourdieu:

> As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou problemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradoiros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do grupo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios da di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (BOURDIEU, 2004, p. 113).

Estimas a respeito da mulher paraguaia construídas por elas mesmas, a partir da colonialidade das subjetividades, ao olhar a mulher brasileira que chega e realiza as tarefas diárias de maneira diferente, organizando a casa e a rotina de acordo com os padrões impostos por outra cultura, cria nas mentalidades paraguaias a noção de melhor, padrões sociais que postulam a identidade de um país, utilizados para diferenciar com base em organizações seculares de sociabilidade.

Blanca ao ser questionada sobre as diferenças na realização das tarefas domésticas entre mulheres brasileiras e paraguaias, narrou:

> *Es diferente ¿sabes cuál es la diferencia? Ellas son muy guapas (risos) muy guapas, a cada rato limpian su casa, su muy guapas también en la comida, trabajos manuales, hacen croché, tapetes hermosos y las paraguayas algunas nomas que son guapas, yo no soy guapa, yo siempre le digo a mi marido, yo no soy guapa, pero las brasileras son muy guapas y muy limpias. Y eso cambió en mi rutina, porque yo también trato, en los días que tengo tiempo trato de limpiar también mi casa. Cubiertos nosotros le llamamos a los utensilios que usamos en la cocina y de ellos brilla y el mío no, yo quiero también que sea así, yo quiero copiar las cosas lindas.*[103]

Fazer ver e fazer crer, destacando desigualdades que desqualificam as mulheres paraguaias, seguindo um padrão capitalista e ocidental, adotando um consenso de sentido que dignifica o modelo seguido por outros grupos e desqualifica a própria essência cultural. Blanca descreve a mulher migrante como sendo o modelo de mulher que ela quer se tornar nos tempos livres, compara o seu trabalho e os seus utensílios domésticos com os de outras mulheres, que

[103] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/05/2023. 29 min. (aprox.), som.

não seguem sua mesma rotina, atribuindo esses fatores a nacionalidade de cada uma, numa escala de valor acachapante.

A casa e as atividades domésticas ao longo da história foram o cartão de visita das mulheres, a organização da casa, a educação dos filhos e também as responsabilidades com o marido, classificavam uma boa ou má mulher socialmente. Esses costumes continuam incrustados na sociedade, levando incontáveis mulheres a duplicarem as jornadas de trabalho para darem conta das expectativas sociais em relação ao feminino.

Blanca é professora, trabalha fora o dia todo, mas ao chegar em casa, continua trabalhando, limpando, lavando, cozinhando e se comparando com outras mulheres, das quais ela pouco conhece sobre a rotina, mas quer desempenhar todas as funções disseminadas como femininas, para se sentir bem consigo mesma, atendendo necessidades de uma sociedade perversa que descarrega sobre as mulheres um sem fim de tarefas que precisam ser cumpridas para que possam se definir como mulher, vestígios de um patriarcado estruturado, vivenciando a partir do inconsciente colonial capitalístico, nas palavras de Rolnik:

> [...] "Inconsciente colonial capitalístico" a política de inconsciente dominante nesse regime, a qual atravessa toda sua história, variando apenas suas modalidades junto com suas transmutações e suas formas de abuso da força vital de criação e cooperação. (ROLNIK, 2018, p. 36-37).

O inconsciente colonial capitalístico está tão incrustado nas subjetividades que as pessoas estão habituadas a gastar suas vidas em nome do trabalho e da realização permanente de atividades numa repetição incansável, modelo cultural que cerceia liberdades e vivencias culturais milenares, ditando regras do que é certo e também do que considera errado, levando as pessoas a desqualificar seu próprio estilo de vida. O brilho das panelas utilizado como métrica do que é ser mulher.

Ao destacar que quer copiar as coisa bonitas Blanca consuma modelos de colonialidade, visto que, historicamente, povos foram considerados desqualificados e inferiorizados por padrões arbitrários depreciativos, a métrica utilizada na comparação, imposta por tentativas moralizantes a desqualifica como mulher, pois ela ao narrar as qualidades das mulheres migrantes, enfatiza "yo no soy guapa", que no Paraguai significa uma pessoa trabalhadora, dedicada, nossa entrevistada anula todas as funções sociais que ela realiza, por não conseguir atingir um padrão que ela se coloca, de acompanhar a rotina de outras mulheres.

Todas as esferas da vida passam a ser colonizadas, ditando regras, escolhendo padrões de forma fluida e subjetiva, tomando lugares, corpos e mentes dentro de uma normalidade, onde

as violências são imperceptíveis, ou tomadas como verdades, o "progresso" acima de tudo, deixou-se de imaginar uma vida sem trabalho, a identidade de um povo se constitui sob as tarefas e como elas são realizadas, a vida feliz está pautada no acúmulo, viver bem é gastar a vida em nome do capitalismo que enxerga determinadas classes sociais como número e massa de manobra, e essa mentalidade do mundo político se manifesta dentro dos lares, roubando a vida de incontáveis mulheres. O modelo de vida instaurado na contemporaneidade corrobora para a aniquilação de vidas que fogem do trabalhar para acumular, segundo Crary: "Houve uma deterioração prolongada e paulatina de formas e espaços mais antigos". (CRARY, 2014, p. 51).

Formas de vida e espaços antigos que não serviam ao capital foram considerados abjetos, as mulheres alteraram suas rotinas, alternando entre trabalho fora do ambiente familiar e as tarefas domésticas, lidando ainda com a desqualificação de suas atividades, caminhando entre a liberdade financeira possibilitada pelo trabalho e a segunda jornada, em casa, uma vez que a percepção sexista da sociedade continua delegando ao feminino determinadas tarefas.

O mundo passou recentemente por muitas mudanças, as mulheres atingiram direitos inimagináveis há alguns anos atrás, no entanto a moral social não entende essas transformações e de maneira recorrente atrela somente às mulheres determinadas responsabilidades. A educação feminina ainda é povoada por esferas limitantes, que ditam o que é ser mulher e como determinadas tarefas devem ser realizadas, numa reprodução social da violência simbólica a partir da colonialidade subjetiva de corpos e mentes. Nas palavras de Godoy: "Aun en la actualidad el trabajo doméstico femenino pasa desapercibido, considerado una prolongación de la naturaleza femenina y por lo tanto una actividad natural". (GODOY, 2013, p. 19).

A luta feminista ainda tem um longo caminho a ser trilhado, os princípios que abalizam pressupostos culturais históricos, ainda carregam em seu âmago a constituição social da diferença, a interseccionalidade necessita ser trabalhada e entendida, para que a percepção sexista da sociedade e da diferença não repita desigualdades históricas, além da legislação, o mundo precisa de uma educação moral para a igualdade e a alteridade, pois como destaca Corvalán: "A pesar de los avances de la mujer en todas las áreas del ser y hacer de la persona humana, el término feminista sigue teniendo para muchos/as un significado negativo y aún despectivo." (CORVALÁN, 2013, p. 55-56).

Nesse sentido tanto mulheres como homens, tem a necessidade de compreender que a sociedade é múltipla, os padrões socias coloniais e capitalistas não podem e nem devem apagar culturas milenares em nome do que é considerado "progresso", a vida precisa ser mais do que

apenas trabalhar e comparar sua rotina com outros/as, colocando um nível a ser alcançado, desqualificando posturas.

### 4.2 A dominação e seus rostos

Andar pelas ruas de Nueva Esperanza e Katuete transparece a impressão de que se está caminhando por cidades brasileiras, a cultura dos migrantes aparece em diversas formas, seja no idioma falado, nas programações das rádios locais e inclusive em placas de comércio. A suplantação cultural de uma nação sobre a outra é evidente, muitos brasileiros/as que vivem no Paraguai, imaginam que permanecem no Brasil, ou tentam marcar o território com seus arcabouços históricos.

A colonização acontece de múltiplas maneiras, e a utilização da linguagem é um forte indício de suplantação de uma cultura sobre a outra, as placas dos comércios em português trazem à tona desigualdades latentes entre brasileiros/as e paraguaios/as, aqueles/as que chegaram suprimiram a cultura local, impondo de maneira objetiva e subjetiva seus modos de vida, evidenciando a desvalorização em relação ao lugar chegado. Na placa a seguir, pode-se perceber várias nuances de imposição do português:

**Fotografia 8 - Espaço Mulher**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 29/04/2023.

Uma colonização travestida de migração, marcando mais uma barreira entre os/as migrantes e os povos originários, percebe-se uma busca constante dos/as brasileiros/as por marcarem um espaço que os diferencie e separe dos/as paraguaios/as, desenvolvendo técnicas emblemáticas, nas palavras de Bourdieu a respeito de marcadores de diferenças: "[...] Estratégias simbólicas de apresentação e representação de si que eles opõem às classificações e as representações (deles próprios) que os outros lhes impõem". (BOURDIEU, 2004, p. 123).

Na imagem acima, toda a propaganda e divulgação do espaço estão em português, se não fosse o número de telefone paraguaio, poderia ser facilmente confundida com uma placa localizada em uma cidade brasileira. Marcação da resistência em aderir aos padrões do novo local, estratégias simbólicas para marcar a diferença. Elva ao ser questionada sobre as placas em português em território paraguaio narrou:

> *Esas cosas sí que ya son de la parte legal, yo fui concejal municipal acá en Nueva Esperanza y una de las primeras cosas que nosotros hicimos fue quitar una ordenanza donde obligaba a los comercios a las propagandas para que sean en castellano, se empezó a hacer, pero es tan fuerte la costumbre que otra vez empezaron a hacer, talvez sean personas que no saben de esa ordenanza, talvez esa ordenanza no se publicó como de debería, pero es así. Para nosotros es importante porque estamos en una región fronteriza, entonces también tenemos que tener la identidad, la identidad tenemos que mantener, tampoco porque nos guste, que estemos bien que nosotros no tenemos que defender nuestra identidad y nuestro territorio. La ordenanza decía que en todo caso se haga en dos o tres idiomas, así como hay en otros lugares, "bem-vindo, bien venido, tereg̃uahẽ porãite". Pero realmente no se cumple, entonces convivimos con esa, yo ya desde a fuera verdad.* [104]

A narrativa de Elva discorre sobre como o fato das divulgações dos comércios no idioma dos migrantes incomoda ao povo paraguaio, que sente sua identidade sendo usurpada por aqueles/as que chegam. Se construiu uma relação pautada em aproximações e distanciamentos entre essas pessoas, existem situações nas quais os/as paraguaios/as elevam os/as brasileiras a um patamar superior, em se tratando principalmente na questão das atividades laborais, no entanto, também notam a espoliação do espaço promovida pelo advento da migração.

Criar uma lei para que as fachadas dos comércios sejam no idioma do país, traz à tona como a dominação brasileira é significativa no Paraguai, tanto no que se refere ao universo privado como político, o poder colonial contemporâneo faz crer que a utilização da cultura e do

[104] [104] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

idioma no país vizinho é natural, invisibilizando experiências e tradições, subjetivamente ocorre a negação de direitos.

Nossa entrevistada destaca que um limite foi interposto, ao longo de sua narrativa ela preponderantemente defende a presença migrante no país, no entanto, em alguns quesitos Elva sente que sua nação precisa de proteção, e para isso ela utiliza o poder que está em suas mãos para tentar salvar a identidade de seu país, pois há nessa região uma reconfiguração social pautada na migração.

As relações sociais construídas em algumas regiões do Paraguai após a migração de brasileiros/as inauguram novas formas de vida e de percepção da realidade, uma situação inteiramente diversa, mas que ao mesmo tempo propaga formas de dominação postuladas ao longo dos anos a partir da colonização, que parte do pressuposto que o lugar chegado necessita ser "civilizado" nos moldes daqueles que chegam.

A coexistência de povos diversos num mesmo espaço traz à tona as rivalidades e contradições, como a história postula continuamente, porém em cada contato existem especificidades que necessitam de um olhar diferente ao serem analisadas, no nosso caso estamos discorrendo sobre a percepção feminina, conjuntura que abarca novos olhares, acrescentando a historiografia a possibilidade de outros panoramas, como destaca Chong: "Es decir, si hablamos de divisiones sociales, éstas tienen formas propias de organización, son intersubjetivas, tienen experiencias, vivencias, representaciones, y esto afecta la manera em que se teorizan las divisiones y sus conexiones entre los distintos niveles". (CHONG, 2020, p. 36).

As mulheres que muitas vezes, para alguns setores da sociedades continuam vivenciando os seus tradicionais papeis, de mãe, esposa e trabalhadora doméstica, a partir da reprodução do patriarcado, podem e devem fazer parte da história, são protagonistas de suas vidas, uma vez que são sujeitos sociais atuantes, que continuam a lutar por seus direitos e a superar barreiras, deste modo precisamos entender suas formas de organização, não conservando olhares disciplinados para a desigualdade. O olhar das mulheres paraguaias sobre a migração apresenta um arcabouço riquíssimo, pois é atravessado pelo público e pelo privado, um olhar dual, que apresenta outras perspectivas sobre o mesmo assunto. Olga ao ser questionada sobre as placas em português narra:

> *Y la evidencia está ahí todo, no soy yo lo que afirmo, está la evidencia, un barrio, por ejemplo, acá hay "Bairro do mel", está en portugués, porque no le pode barrio de miel. Esas cosas, pero yo digo que eso depende mucho de la autoridad, porque acá los que tiene este "sinal de dinheiro" son los brasileros y por este "sinal de dinheiro" hasta el mono baila. Hay muchos*

> *brasileros pobres acá también, que lucha, yo veo mucha gente acá que tiene plata son migrantes, los que tiene silo, sabemos que puede ser que trabajen más, nosotros somos más quietos, más tranquilos, los paraguayos verdad.*[105]

Em sua narrativa ela apresenta vários fatores relativos a migração e como ela os percebe, ela sente sua identidade sendo usurpada por aqueles/as que chegam, para Olga parece inaceitável que até um bairro tenha nome em português, e ela atrela essa dominação a questões econômicas, destacando que o poder está nas mãos daqueles que possuem dinheiro, que os/as brasileiras tem um domínio cultural naquela região porque são eles os que dominam o capital, culpabilizando novamente o povo paraguaio, que não tem poder porque não gosta de trabalhar, singularidades próprias da situação vivenciada que afetam as divisões e as conexões experimentadas por indivíduos sociais distintos.

Ao tocar nesse assunto com Olga, ela apresentou uma entonação diferente ao falar sobre o "Bairro do Mel", como se sentisse uma dor profunda ao ver esse nome ser utilizado em sua cidade, como se algo estivesse fora do lugar. Ao vivenciar esses momentos nas narrativas, temos que compreender que as emoções também tem uma história, e que os sentimentos apresentados pelos/as narradores/as evidenciam a subjetividade experienciada pela pessoa e também de quem as ouve, nas palavras de Rosenwein: "Os historiadores devem ter em mente que as emoções descritas nas fontes provavelmente não são janelas para uma realidade objetiva e externa, mas ajudam a desvelar a realidade subjetiva do escritor da fonte''. (ROSENWEIN, 2011, p. 31). Narrador e ouvinte recorrentemente entrelaçam suas subjetividades, por esse motivo a história não é uma ciência neutra.

[105] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

**Fotografia 9 - Bairro vale do Mel**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 29/04/2023.

A foto da propaganda do bairro citado por Olga apresenta uma combinação complexa de símbolos culturais dos dois países, uma amalgama peculiar encontrada nas cidades paraguaias povoadas por migrantes brasileiros/as, o nome do bairro em português e as outras informações relativas a ele em espanhol. Um fenômeno complexo de regiões fronteiriças, aspecto pontuado por Elva na narrativa acima, onde ela destaca a necessidade de se fixarem as realidades identitárias de cada povo, para não incorrer no risco de suprimir um, em relação ao outro. Baller ao estudar o processo migratório de brasileiros/as ao Paraguai pontua:

> [...] entendo que a massiva migração que houve por parte dos brasileiros ao Paraguai durante a segunda metade do século XX, acabou gerando a afirmação de brasilidade dentro do outro país, momento em que datas, nomes comemorativos, costumes, símbolos nacionais brasileiros, entre outras possibilidades e momentos de manifestação acabam sendo erigidos externamente ao rigor transnacional em que uma dada comunidade está instalada e dado como uma mera promoção desse aspecto cultural que é praticado (BALLER, 2020, p. 88).

A geração de brasilidades dentro do Paraguai colabora para a criação de relações etnocêntricas entre as pessoas, tendo em vista o incomodo gerado a partir da supressão da cultura paraguaia em vários aspectos, uma migração massiva e atípica da contemporaneidade, uma vez que transforma o lugar chegado, tendo como pressupostos os hábitos relativos aos/as migrantes, edificando uma relação desigual, com sumárias supressões pessoais e grupais.

Ao notar as placas em português e perguntar para as mulheres sobre o assunto evidenciou alguns sentimentos que revelam como as mulheres se sentem incomodadas com essa afirmação colonial brasileira dentro do Paraguai, no entanto para Carmem, esse fato não tem muita importância, quando questionada sobre o tem ela respondeu apenas: *"Y seguramente ellos tienen permiso para hacer eso".*[106]

A História Oral que ampara metodologicamente as entrevistas tem esse poder de trazer para a historiografia as várias nuances de um mesmo processo, transparecendo como um mesmo assunto, pode ser experienciado de maneiras distintas. Para Carmen as placas em português não a incomodam e a crença de que eles têm permissão para fazê-lo é algo que para ela já basta. A brasilidade no Paraguai tem muitas faces e a zona de contato criada por migrantes e paraguaios/as também. Nesse sentido ao escrever sobre os termos do embate cultural Bhabha destaca:

> Os termos do embate cultural, seja através do antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou éticos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição (BHABHA, 2013, p. 21).

Não há preestabelecimentos sociais e culturais quando se trata da migração brasileira no Paraguai, uma vez que ela pode ser experienciada de maneiras distintas de acordo com o sujeito social, o que para algumas não tem um significado importante, pode ser bastante relevante para outras, dinâmicas sociais comuns nas aproximações entre pessoas diferentes. Os encontros e desencontros também seguem uma performance baseada em pressupostos culturais, que afeta mais a uns/as do que a outros/as, evidenciando a multiplicidade em relação a este processo. Blanca ao ser questionada sobre as placas em português na sua cidade, narra:

> *Yo quiero cambiar en castellano, sabes porque, todos los profesores decimos, ¿por qué está escrito en portugués? No está escrito en castellano, porque nosotros vivimos en Paraguay, no es que nosotros no queremos que estea en*

[106] ENTREVISTA. **María Carmen Morel de Viera** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 28 min. (aprox.), som.

> *brasilero, en letras brasileras, pero es que nosotros vivimos en Paraguay, pero ¿Qué vamos a hacer? Si se les permiten que escriban en portugués, siempre decimos, pero todavía no se cambia, entonces respetamos mucho.*[107]

Blanca é enfática, sua vontade é mudar todas as placas do português para o espanhol, defendendo a ideia de que estão no Paraguai, então ela não entende por quais motivos, o seu idioma não é valorizado, a sua narrativa é permeada por questionamentos a esse respeito, não compreendendo a desvalorização dos pressupostos culturais do Paraguai. Percebe-se também que esse assunto é discutido entre os pares que vivenciam essas transformações.

A vivencia em um território povoado predominantemente pelos migrantes, leva os/as paraguaios/as a refletirem sobre a sua cultura e as mudanças que são experienciadas, Blanca diz que ela e seus colegas de trabalho discutem sobre o assunto, se questionando o motivo de existiram placas em português, se estão vivendo no Paraguai, contradições presentes em um mundo, onde a colonialidade do poder é vivificada, construindo padrões e criando rivalidades, as placas dos comércios marcam um território e transmitem uma mensagem daqueles que chegaram.

Constrói-se uma nova sociedade no Paraguai, pautada na inferiorização do povo, nuances de uma colonização dos dias atuais, na qual o capitalismo moderno continua a gerar desigualdades, transformando a vida, ditando regras, marcado cultura e espaços, as placas em português passam diversas mensagens de poder, edificando o que Quijano (2003) chama de processo de "re-identificação histórica", uma vez que Blanca pontua que as mudanças não acontecem, a cultura brasileira continua a se perpetuar, então cabe a eles respeitar.

O processo migratório sofrido em algumas regiões do Paraguai marcou a predominância de uma nação sobre a outra, a construção de uma re-identificação forçada, a aceitação e o respeito em relação a um povo que se sente dominante, a hierarquização cultural, as proposições e construções que marcam a diferença e delimitam a dominação de uns/as sobre os demais. Trazendo um padrão e também uma miscigenação, onde um povo já não consegue se definir sem o outro.

As cidades de Katuete e Nueva Esperanza possuem características próprias, complexas, resultantes da coexistência e da combinação entre pessoas de nacionalidades diferentes, há uma predominância da cultura brasileira, más existe também uma combinação de fatores, nas quais

[107] ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/05/2023. 29 min. (aprox.), som.

as pessoas das duas nacionalidades foram influenciadas reciprocamente. Nas palavras de Luciana:

> *Sim. Aqui nas festas tem bastante coisa brasileira, bastante coisa brasileira, porque os brasileiros que vem eles também aprendem, eles gostam de sopa paraguaia, tem brasileiro que de manhã cedo já come tortilha e cocido e são brasileiros. A gente vai pegando um pouco um do outro, vai ficando misturado, e vai se perdendo algumas coisas, vai misturando e quando vê tem uma outra cultura ali de repente.*[108]

Pode-se afirmar que persiste um padrão de dominância brasileira, as fontes apontam para isso, entretanto, existe uma via de mão dupla, pois os/as brasileiros/as também adotam alguns hábitos pertencentes a cultura paraguaia, a coexistência e convivência humana constrói esses laços, as fronteiras da identidade são porosas, oscilantes, de acordo com Chong: "Me parece que los intersticios son reflejos de una aguda observación sobre lo que ocurre entre las fronteras de las identidades, pues son cambiantes, dinámicas, imprecisas e impredecibles" (CHONG, 2020, p. 48).

Na cultura das cidades paraguaias com alta incidência brasileira há um novo nicho social, que se mistura e se naturaliza, a imagem a seguir mostra como essa coexistência e miscigenação é naturalizada:

[108] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/04/2023. 45 min. (aprox.), som

**Fotografia 10 - Loja de roupas**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora. 29/04/2023.

A foto evidencia uma mistura naturalizada, português e espanhol na mesma frase, "Loja de roupas e calzados", apontando para uma nova realidade estruturada com a coexistência de dois povos. Como narrado por Luciana, "*um vai pegando um pouco do outro*" e nesse "pegar" existe uma troca, ainda que seja desigual, nesse ambiente poroso fronteiriço as identidades se constroem de múltiplas maneiras, ligadas por um fio invisível e impreciso, moldando e construindo especificidades para o local.

Todavia, essa remodelação social, está calcada em padrões hierarquizantes, a convivência constrói simultaneidades, más a sobre posição brasileira no Paraguai é uma marca, uma ferida no cotidiano e na vida dos/as paraguaios/as que viram seu país e sua identidade sendo transformados pelo/a outro/a, porém não podemos preservar narrativas históricas classificatórias, delimitando espaços para uns/as e para outros/as, uma vez que as histórias e posicionamentos sociais não são homogêneas.

Nas singularidades temporais e sociais, incontáveis sujeitos se formam a partir do lugar social, e tanto passado como presente devem ser compreendidos como dinâmicos, sem maniqueísmos históricos, que extirpam a possibilidade de relações de poder, pois, muitas ações

dos/as paraguaios/as em relação aos brasileiros podem ser analisadas por outros vieses, além daquele da acomodação e/ou adaptação, Saying destaca: “Preservar el pasado como una realidad fija tiene un efeto estabilizante en las relaciones de clase y género, con su disposición a silenciar mujeres y a los hombres marginales o jóvenes”. (SAYING, 2017, p. 259).

A história não pode fixar verdades, falar da migração brasileira ao Paraguai a partir da mulheres paraguaias, busca justamente questionar essa história migratória estável e masculina, evidenciando que a coexistência entre os povos originários e migrantes construiu uma trama de relações que vai além das masculinidades e das relações econômicas, calcadas pelo patriarcado e pelo capitalismo, já que as mulheres experienciam recorrente as várias esferas da sociedade, falando das diferenças culturais ao lavar uma louça e também das sobreposições construídas pelos migrantes nos aspectos públicos e políticos.

A dominação brasileira no Paraguai é perceptível, as cidades habitadas por migrantes são diferentes daquelas que não são, a identidade do local é transformada a partir de uma combinação peculiar de fatores que aproximam e distanciam essas pessoas que passaram a coabitar um mesmo espaço. Encontrar pessoas falando espanhol, português e guarani em uma mesma localidade foi naturalizado, faz parte dessas localidades, mesmo com as rivalidades construídas, as partes se complementam e a partir disso almejam a construção de uma forma melhor de viver e coexistir.

### 4.3 Coexistir: um caminho só de ida

A migração brasileira para o Paraguai é uma marca registrada em algumas localidades do país, desde meados do século XX a mudança e permanência de mulheres e homens brasileiros/as transformou os espaços, as formas de produzir, a cultura e o cotidiano paraguaio. As migrações tem essa característica pungente de transformar o lugar saído e também o chegado, ainda mais em se tratando de um processo tão significativo como o que estudamos.

Ao dialogar com as mulheres sobre a conjuntura atual da migração, alguns pontos foram salientados, como a questão do trabalho e o idioma, destacaram que o trabalho migrante desenvolveu a região, no entanto em contrapartida elas pontuam que a imposição do português é um dos maiores contratempos, uma vez que mesmo depois de tanto tempo ele ainda tem uma predominância na região, os/as migrantes tem uma resistência considerável a falar o espanhol e mais ainda o guarani. Ao ser questionada sobre a presença dos/as brasileiros/as na atualidade Elva narra:

> *Talvez de materia económica del Paraguay si no hubiera habido esa migración, todavía estaba esa riqueza casi intacta, digo la riqueza material de suelo, como los árboles, el aire, talvez si no hubiera la migración estaba más intacto, pero como hubo la migración, entonces se abrió esta región a la agricultura con todo lo que eso conlleva, pero al mismo tiempo vino el progreso, muchas familias paraguayas que nunca conocieron el progreso, lo conocieron acá. Fue por los migrantes que nos mostraron, como ellos trabajaban, como te dije nosotros somos un pueblo, más tranquilo, nosotros con poca cosa, si vos vas hacia Caazapá, más al fondo del Paraguay, vas a ver que con poca cosa nos contentamos, tenemos nuestra plantación pequeña de mandioca, de maicito, de porotito y ahí se desenvuelve el paraguayo, pero acá nosotros vemos que se puede hacer más y mucho de los paraguayos también con eso se alentaron y empezaron a trabajar de la misma manera verdad, entonces hoy día también hay familias paraguayas que plantan el maíz, la soja y van progresando, produciendo.*[109]

Elva discorre sobre as diferenças entre as localidades com presença migrante brasileira e as que não possuem, destacando como a forma de organizar a vida é distinta, o progresso é atribuído as formas de vida produzidas pelo capitalismo moderno que constrói desigualdades e mantem hierarquias, nuances de um padrão racista de classificação social, resultante de um poder colonial, nas palavras de Quijano:

> Ese resultado de la historia del poder colonial tuvo dos implicaciones decisivas. La primera es obvia: todos aquellos pueblos fueron despojados de sus proprias y singulares identidades históricas. La segunda es, quizás, menos obvia, pero no es menos decisiva: su nueva identidad racial, colonial y negativa, implicaba el despojo de su lugar en la historia de la producción cultural de la humanidad. En adelante no eran sino razas inferiores, capaces solo de producir culturas inferiores. (QUIJANO, 2003, p. 221).

As singularidades do povo paraguaio foram aos poucos sendo suprimidas em nome da nova maneira de viver imposta por aqueles/as que chegavam, os/as paraguaios/as ao passar a conviver com os/as migrantes, tiveram suas subjetividades alteradas, levando-os a acreditar que a vida experienciada pelo diferente era mais significativa, com mais valor social atribuído, eles eram o oposto do vivido, um diferente almejado, por ser considerado melhor numa escala classificatória inventada para produzir mais, descartando pessoas e culturas.

O capitalismo neoliberal e suas formas de representatividade têm esse poder de descartar culturas que não seguem seu padrão. O poder colonial produz essa dominação que vai se emaranhando no cotidiano e naturalizando as diferenças, Elva narra as distinções entre os povos, numa escala de valor natural, dizendo que algumas famílias paraguaias só conheceram

[109] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

o progresso, por aprenderem a trabalhar com os/as brasileiros/as. A migração aporta suas marcas em vários sentidos, transformando regionalismos, produzindo efeitos simbólicos, colonizando corpos, mentes e ressignificando a vida de incontáveis pessoas, Elva na sequência em sua narrativa, conta como o português foi naturalizado:

> *Yo particularmente pienso que nosotros lo que le facilitamos la vida, nosotros muy rápido hablamos el portugués, yo te cuento una pequeña historia, vino un señor paraguayo de Coronel Oviedo y trajo su familia y él se admiraba ¿Cómo que van a hablar en portugués? Mis hijos no van a hablar en portugués decía él, mis hijos no, van a ser paraguayo, paraguayo. Y nosotros le decíamos que uno no deja de ser paraguayo porque habla varios idiomas, pero él no. Y cuando el señor se dio la vuelta su hijo que estaba jugando con los otros niñitos ya vino y le dijo "obrigado" (risos). Fue muy simpático, porque tan fácil aprendemos nosotros, no hablamos bien, pero es fácil para nosotros.* [110]

Aproximações e distanciamentos marcam as relações nesses espaços, existem as resistências relativas aos/as migrantes, mas é algo do qual de acordo com Elva não se pode fugir, o português está emaranhado nos vínculos sociais, naturalizando mais uma forma de se comunicar no Paraguai, porém nessa narrativa, outro ponto pode ser salientado, pois ela pontua que os/as brasileiros/as só permanecem falando o português porque os/as paraguaios/as lhes facilitam a vida, com uma aptidão maior para aprender novos idiomas, não há coexistências sem marcações de poder.

A busca por essa assimilação da cultura migrante pode ser ressignificada como a busca pelo rompimento da dominação da outra cultura, fazer parte também pode definir um rompimento no padrão hierárquico construído com a chegada do/a outro/a, Bourdieu ao falar sobre os princípios da identidade pontua: "[...] qualquer unificação que assimile aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre outra, da negação de uma identidade por outra". (BOURDIEU, 2004, p.129).

A construção do cotidiano desses dois povos que foram obrigados a coexistir, é permeada pelas relações de poder, as aproximações e os distanciamentos edificados, tem a intenção criar a convivência com marcações definidas a partir de resíduos sociais de ambas as partes, o aprender o português, para as mulheres paraguaias é uma maneira de compreender o jogo de poder que domina as nações. Luciana ao ser questionada sobre como o português se

[110] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

reproduz naquela região narra: "*Acho que o paraguaio acha que o brasileiro é superior e por isso ele quer pertencer falar o português".* [111]

As opiniões que se formam, também são dotadas de pressupostos hierarquizantes, Luciana ao opinar sobre os motivos pelos quais os/as paraguaios/as falam em português, carrega em seu âmago as visões imperialistas emaranhadas nas subjetividades históricas. As duas mulheres Elva e Luciana narram sobre o mesmo ponto, o português dentro do Paraguai, uma realidade atípica, que, no entanto, carrega pressupostos historiográficos já vivenciados, de dominação e apropriação, dentro dos processos de colonização.

Elva destaca que o português se proliferou nessas regiões porque os/as paraguaios/as são mais adeptos a aprender novos idiomas, apontando para a linha tênue das relações de poder que constituem os relacionamentos, trazendo para o seu povo a responsabilidade pelos acontecimentos, o português impera naquele lugar também porque os/as povos originários querem, do contrário isso não seria possível, já Luciana percebe a situação como uma subjugação do povo paraguaio, que não querendo pertencer a sua própria cultura, procura assimilar uma outra julgada superior.

São as contradições que marcam a construção da história, os acontecimentos, mudanças e transformações não podem ser percebidos numa linearidade inquestionável, os preconceitos, as diferenças sociais que marcam as subjetividades pessoais não são homogêneas, assim como esse processo migratório, que permeia e marca a vida das pessoas envolvidas de múltiplas maneiras, e nesses pontos de vista ímpares se constrói a realidade diária que se entrelaça com a história.

Há uma configuração de poder que se construiu no Paraguai, e o português é um dos guardiões dela, dentro dos diálogos construídos com as mulheres evidencia-se com frequência a permanência do idioma, e como mesmo após tanto tempo do início da migração ele perdura e se ressignifica, onde os/as filhos/as dos migrantes já nascidos em solo paraguaio, continuam a falar a língua alheia, daqueles/as de fora, quebrando as raízes nacionais, invadindo algumas fronteiras, germinando arbitrariedades, segundo Baller: "As relações existentes entre Brasil e Paraguai, ou mais propriamente entre brasileiros paraguaios – território e sujeito - possuem vetores de conflitos na longa duração, em vários e diferentes momentos da história dos dois países." (BALLER, 2020, p. 90).

[111] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/04/2023. 45 min. (aprox.), som

As diferenças entre estes dois povos é uma marca histórica que transfere para o presente as feridas do passado, relembrando os conflitos, marcando a cultura local com as imposições daquele que chega, do que já foi inimigo e que hoje caminha livremente naquele território impondo e transferindo suas culturas, quebrando algumas fronteiras sociais e construindo outras, porque a marca da convivência é a diferença. Sobre a proliferação do português no Paraguai, Olga narra:

> *Cada uno tiene su punto de vista, yo mi punto de vista arrasa más la otra cultura, la del Brasil acá, por los jóvenes y nosotros mismos somos culpables porque hablamos en portugués, a los chicos que nacieron acá en Paraguay, porque no hablamos en castellano, aunque ellos nos respondan en portugués, pero nosotros los paraguayos tenemos que inculcarles, hablarles como corresponde. Yo nunca digo que hablemos en guaraní porque es difícil hasta para nosotros, pero nuestra cultura, nuestro idioma es el castellano y el guaraní, sobre todo el castellano que tenemos que priorizar para hablar con la gente que no es de nuestro idioma y acá es cada día más Brasil que Paraguay. La cultura brasilera es predominante.*[112]

Olga explica a partir do seu ponto de vista, por quais motivos a cultura brasileira se permanece no seu país, e ela traz um conjunto de conjecturas sobre o português no Paraguai, destacando que nessa relação de troca e coexistência, ambos grupos carregam a culpa por essa realidade pautada na instrumentalização da linguagem como objeto de poder dos migrantes, os/as paraguaios/as colaboram para que os/as brasileiros/as se sintam tão à vontade com sua língua nativa, em virtude de aprendem a falar o idioma, facilitando a comunicação, permitindo uma zona de conforto para aqueles/as que chegam.

As relações construídas nessas regiões são heterogêneas e apresentam uma quimera de detalhes que constroem as particularidades acarretadas pela presença massiva de migrantes em solo paraguaio, para Olga o ideal seria que os/as paraguaios/as começassem a falar o espanhol com as crianças, filhas de migrantes que nasceram em solo paraguaio, para assim, construir um novo hábito, almejando conservar o espanhol nas relações estabelecidas nessa localidade, situação inteiramente adversa, já que, como notado durante o desenvolvimento deste trabalho o português está enraizado, edificando uma cultura incomum, a esse respeito, complementando a ideia da narrativa de Olga, Luciana pontua sobre como o português está emaranhado inclusive nas instituições nacionais, como a escola: "*É muito português, inclusive o professor da Manuele*

[112] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

*(filha), ele fala português, ele dá aula em espanhol, mas para conversar com as crianças "olha desce daí" é em português."*[113]

A preocupação de Olga é latente e compreensível, dado que, como ela destaca, a região em alguns aspectos já é mais Brasil do que Paraguai e o português não é um idioma paraguaio, no entanto nessas regiões, os três idiomas caminham juntos, e é comum, ouvir espanhol, guarani e português, sendo falados num mesmo lugar, sobre esse assunto, de acordo com Elva, em alguns anos é possível que o português se torne um idioma oficial nessa região: *"Yo creo que sí, nosotros tenemos muchos amigos brasileros que hablan guaraní, por el contacto, por la costumbre, hay un intercambio".* [114]

A narrativa de Elva apresenta uma tranquilidade em relação a migração, diferente de Olga, que fala sobre as sobreposições culturais experienciadas em solo paraguaio, assim, percebe-se que as marcas construídas pela migração são assimiladas de maneira diferente pelas mulheres paraguaias, diferenças escamoteiam as vivencias, num processo de encontro e exclusão respectivamente. Anzaldua ao falar da coexistência com o desconhecido e/ou diferente pontua acerca das fronteiras psicológicas que precisam ser transpostas:

> Al percibir información y puntos de vista contrapuestos, se ve sometida a una saturación de sus fronteras psicológicas. Ha descubierto que no puede contener ideas o conceptos en limites rígidos. Los límites y los muros que se supone que deben mantener fuera las ideas indeseables son hábitos y patrones de conducta arraigados, hábitos y patrones que son el enemigo interior. La rigidez es la muerte. (ANZALDUA, 2016, p. 135-136).

As mulheres paraguaias precisaram construir novos conceitos dentro de um processo de adaptação, na coexistência e trocas culturais com a população migrante resultante do advento da migração, a rigidez não seria uma opção, dadas as condições e o número massivo de brasileiros/as que entraram no país, as relações de trocas e adaptação são meios de resistências, pensados para transpor limites.

Apesar da propagação preponderante do português e dos hábitos culturais estruturados pelos/as migrantes, as mulheres paraguaias ao narrar sobre as diferenças nas relações socias, destacam que há uma coexistência e busca pela adaptação concomitante com uma vontade de estruturar e disseminar a cultura paraguaia, indicando que a presença de brasileiros/as naquele

[113] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/04/2023. 45 min. (aprox.), som

[114] ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

território acarreta consequências boas e ruins, nesse sentido, vem ao encontro, o conceito de regionalismo de Bourdieu, para analisar as tentativas de conservação ou transformação cultural:

> O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, que coletivamente e em estado de organização, em que está em jogo a conservação ou transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas, como simbólicas. (BOURDIEU, 2004, p.125).

As tentativas individuais de vivenciar sua cultura, como narrado por Olga que se recusa a falar o português ou os esforços coletivos como o empreendimento de criar uma lei para proibir as placas e propagandas em português evidenciam as várias formas de resistências construídas nesse período, as marcas da migração são muitas, mas junto com elas crescem as formas de tentar barrá-las, na transmutação de forças simbólicas. A importância dispensada para a disseminação do português no Paraguai e evidente, uma das diferenças citadas recorrentemente pelas mulheres, mas nem todas tem a mesma opinião sobre o assunto, Carmen ao ser questionada sobre as principais diferenças entre paraguaio/as e migrantes, narra:

> *Si hay muchas diferencias, y siempre los brasileros no quieren hablar en nuestro idioma, nosotros procuramos de hablar en portugués, pero ellos no. Acá hay muchos brasileros y todos los paraguayos hablan en portugués, yo nomás que casi no hablo portugués, porque mi marido tiene un patrón brasilero y el habla también en portugués. Es un poco difícil pero no tiene importancia porque ellos ya viven en Paraguay como nuestros hermanos, a mí me gusta hablar con ellos.*[115]

Carmen destaca que os/as brasileiros não querem falar o idioma dos/as paraguaios/as, quando em contrapartida os/as paraguaios/as facilmente se adaptam ao português, a migração com marcas de colonização, que apresenta uma situação inteiramente adversa, construindo relações pautadas em dissimetrias, na qual uma cultura prevalece em relação a outra, criando uma norma coletiva entre aqueles/as que chegam, influenciando decisivamente nos povos originários que passam a cultivar meios de conviver, a partir de uma coexistência imposta com nuances de superioridade.

Carmen coloca seu posicionamento em relação a situação vivenciada com a presença do/a outro/a, dizendo que para ela não tem importância a proliferação do idioma daqueles/as

[115] ENTREVISTA. **María Carmen Morel de Viera** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 28 min. (aprox.), som.

que chegam, afirmando que gosta de falar com eles/as, reiterando assim as muitas formas de assimilar a migração, o regionalismo e suas forças simbólicas, marcam as assimetrias, definem quem está de um lado e quem está do outro, porém, não limita a propagação do diferente, que pode ou não envolver processos e tentativas de repelir o/a outro.

As formas desenvolvidas para coexistir com os/as brasileiros/as, assinalam discordâncias entre as mulheres, haja vista que para algumas o processo de chegada e permanência ocorre de maneira naturalizada, a adaptação a aquele que chega traveste a realidade como uma norma inquestionável, enquanto para outras, a afirmação da cultura paraguaia deveria ser o ponto nodal das relações, nesse ensejo, Olga defende: "*No hay que hablar portugués en nuestro país. Hay mujeres paraguayas acá que ya son brasileras, solo hablan en portugués, se envuelven demasiado con los brasileros".*[116]

A presença migrante além de marcar a diferença entre um "nós" e um "eles/as", apresenta outras formas de divisões sociais, pautadas nos níveis de aproximações edificados socialmente. Para Olga a presença migrante está transformando paraguaios/as em brasileiros/as, ressignificações pessoais, a partir da colonialidade de corpos e de subjetividades, assim, dentro da história das mulheres também existem hierarquias.

As mulheres paraguaias assimilam de maneiras diferentes a chegada e permanência dos migrantes, para algumas a disseminação da culturas daqueles/as que chegam é tranquila, não é algo que traz algum tipo de preocupação, no entanto para outras a questão é bastante distinta, como Olga que defende que não se poderia permitir a proliferação do português, nessa mescla heterogênea, constituem-se classificações sociais da diferença, pautadas nos níveis de assimilação, convivência e na utilização da fala dos/as migrantes, produzindo novas identidades a partir da colonialidade, como destaca Lugones: "Ao produzir essa classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da vida social e permite o surgimento de novas identidades geo-culturais e sociais". (LUGONES, 2020, p. 57).

Na porosidade da vida em sociedade com suas fronteiras fluidas a coexistência entre migrantes e paraguaios/as abaliza o surgimento de novas identidades sociais, os/as que foram, por meio de um sistema capitalista, desbravadores e com nuances de aspectos coloniais, obrigados a coexistirem, numa relação de troca, predominantemente desigual, são influenciados mutuamente e criam novos espaços e assimilações, nos quais os diferentes se complementam e se distanciam num equilíbrio de forças invisíveis, onde um/a não existe sem o outro/a.

[116] ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

A naturalização da presença migrante em território nacional, apresenta situações inteiramente adversas, que não se presenciam de maneira recorrente, nessas localidades do Paraguai, a cultura e a disseminação das práticas culturais brasileiras é tão forte, que os/as paraguaios/as que vem de outras regiões encontram certas dificuldades para se relacionarem e/ou se comunicarem, sobre esse aspecto, Lorena narra uma situação peculiar:

> *Ayer por ejemplo vinieron los doctores en nuestro puesto de salud y la mayoría de los pacientes eran brasileros y los doctores eran paraguayos y ellos no comprenden porque hay diferencia en nombre de enfermedad, por ejemplo, y ahí había una paraguaya que comprende portugués y ahí le explicaba.*[117]

As peculiaridades das formas de coexistir no Paraguai são diversas, podemos refletir sobre os/as médicos/as que se deslocam em seu país para fazer atendimentos, e chegam numa localidade na qual não conseguem se comunicar com seus pacientes por não falarem o mesmo idioma, entabula-se uma realidade social instrumentalizada a partir da linguagem do outro, tendo em vista, que necessitou-se de uma pessoa de origem paraguaia, para fazer a ponte comunicativa entre os dois lados, evidenciando mais uma vez, como o/a migrante não domina o idioma do país que escolheu para viver.

As localidades nas quais existe a presença massiva de brasileiros/as em muito se diferencia das demais, principalmente em relação ao idioma utilizado, os/as migrantes transformaram em demasia o local chegado, vivendo em colônias, recusando-se a abrir mão de seus pressupostos identitários, vivendo como se continuassem em solo brasileiro, Luciana cresceu nesse ambiente, onde a vida no Paraguai era uma extensão do Brasil, porém em dado momento, sua família decidiu mudar para outra região, onde não havia a presença migrante e foi obrigada a coexistir com os/as povos originários daquele país, assim ela narra:

> *Hoje eu vejo que deveria ter dado mais valor pra aprender o guarani, porque é importante. Os meus irmãos já falam porque eles tiveram mais contato com paraguaios, quando nos mudamos lá da colônia que tinha só brasileiros e fomos pra Haui, tinha muito contato com os paraguaios. A gente cresceu com o português, daí quando a gente mudou, parece até que mudou de país mesmo, mas não tínhamos mudado de país, só fomos para um lugar que tinha mais paraguaio, daí foi bem diferente, mas eu fiquei pouco tempo lá. Mas foi uma mudança incrível porque todo mundo falava guarani, não fava espanhol, os*

[117] ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete, 29/04/2023. 37 min. (aprox.), som.

> *que falavam eram poucos e aquilo foi muito diferente pra mim, foi parecido com uma mudança de país*.[118]

O Paraguai se transforma em um país de muitas faces e diversas culturas, o/a migrante traz consigo sua perspectiva de vida brasileira e dissemina para as próximas gerações, que continuam a reproduzir esses arcabouços culturais em outro país, sentindo um estranhamento no convívio com as comunidades originárias da localidade. Essa narrativa de Luciana evidencia como a presença migrante no país teve suas raízes pautadas num novo sistema de colonização, deixando marcas profundas abrasileiradas nas regiões com maior incidência do processo migratório, transformando o lugar em uma espécie de extensão brasileira, na qual os hábitos e costumes paraguaios foram colocados à margem.

É preciso, talvez, construir interrogações a partir da análise da situação colonial histórica e social dessas mulheres em sentido estrito, sobre as formas de colonização e de opressão insidiosas e difusas, sem colonizador visível. Trata-se de formas inéditas do que posso dizer de ausência da posse de si, dos indivíduos para os quais o sentimento de humilhação é reforçado, mas, ao mesmo tempo, entendido, diluído e, às vezes, indiscernível em sua especificidade, quando se refere ao outro. As fronteiras visíveis e invisíveis nesse espaço, territórios produzem mais enfermidades, mas ao mesmo tempo podem proteger os indivíduos, os grupos.

A migração do/a outro/a adquire, atualmente, outras formas: a colonização interior, psíquica, é multiplicada na mundialização, com ausência de fronteiras interiores e exteriores, com a emergência de uma reflexividade contínua, conduzindo a uma crise paradoxal no ser, uma espécie de colonialidade do ser invisível, mas presente. Estes efeitos subjetivos remetendo a uma migração histórica, se traduzem por um empobrecimento, um estreitamento interior e tendem, assim, a apresentar os elementos de estatuto de colonizado, estendendo ou apagando, generalizando as formas anteriores de colonização. Por isso as mulheres paraguaias vivem essa fluidez discursiva em relação ao outro, uma relação de amor e ódio ao mesmo tempo.

[118] ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/04/2023. 45 min. (aprox.), som

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração de mulheres e homens brasileiros/as ao Paraguai acarretou mudanças na vida dos povos originários desse país, as relações construídas foram predominantemente hierárquicas, nas quais os hábitos culturais daqueles/as que chegaram eram colocados em evidência, um processo migratório com marcas coloniais, abalizando e transformando as realidades e o cotidiano do povo paraguaio.

O encontro colonial do tempo presente vivenciado por esses sujeitos históricos edificou marcas que representam as localidades paraguaias povoadas por migrantes brasileiros/as, nas quais as identidades culturais são heterogêneas, pautadas em aproximações e distanciamentos, a partir de resistências postuladas pelos dois povos que foram obrigados a coexistir. A linguagem e formas de domínio conservam as diferenças sociais calcadas por um processo de longa duração, marcado pelas diferenças culturais e identitárias que separam povos distintos.

As mulheres paraguaias no contato com o/a outro/a, no espaço de fronteira criaram representações, pensam, veem e narram esse contato a partir de múltiplas singularidades históricas e culturais, com complexidades e contradições, por vezes pautadas na alteridade e também no etnocentrismo, principalmente no que diz respeito ao idioma e aos hábitos migrantes, efeitos simbólicos produzidos pela coexistência.

O Paraguai desde de seu processo de independência da Espanha, passou por transformações e conflitos, internos e externos para manter sua soberania, por incontáveis vezes foi usurpado, seja por guerras ou por questões políticas internas, sobrevivendo à mercê de oligarquias corruptas que enriqueciam às custas de um país que ficava cada vez mais dilacerado, situação que propiciou os processos migratórios e denotou diferenças culturais em seu território.

O povo paraguaio pobre sofreu incontáveis usurpações, não sendo levado em consideração em momentos decisivos da história daquele país, resultando na manutenção da pobreza e das desigualdades sociais. No momento que o processo migratório de brasileiros/as ao Paraguai foi idealizado e colocado em prática, a população pobre, trabalhadora foi deixada de lado, em nome do dito progresso alavancado pelo capitalismo.

A conservação da miséria de um povo é pressuposto primordial para o desenvolvimento do capitalismo, que corrói corpos e formas de vidas milenares que não se encaixam na realidade social postulada no trabalho e exploração de pessoas e do espaço. Em nome do desenvolvimento do capital, culturas milenares foram desconsideradas, como se pôde verificar ao longo desta

tese, usando ferramentas ideológicas que transformaram a raiz das subjetividades do/a paraguaio/a.

Projetos de reforma agrária foram criados, no entanto, a corrupção, o desvio de verba, fez com que a concentração de riqueza se conservasse nas mãos de poucos, campesinos/as paraguaios/as continuaram numa situação de subserviência histórica, uma vez que os programas não eram eficientes e sim intencionados para alavancar apenas uma parcela da população, infelizmente, no sistema capitalista a continuidade da miséria é necessária para manter privilégios, a ditadura de Stroessner postulou marcas amargas nas vidas das pessoas e no país.

Um país arrasado com a ditadura, porque é isso que esse regime de governo proporciona, colocando em prática profusas dominações ideológicas para maquiar o processo, deste modo, enquanto a população se preocupava em venerar símbolos nacionais, os/as migrantes chegavam em números significativos, criando novas formas de desigualdades sociais, colocando o povo paraguaio a margem, alheio ao desenvolvimento econômico.

Importante ressaltar que os/as migrantes brasileiros/as no Paraguai, formam um grupo heterogêneo, composto por milionários e miseráveis, enquanto uns optavam por esse país para aumentar suas fortunas, comprando e arrendando terras, para outros essa era a única opção de continuar trabalhando com a terra, tendo em vista a mecanização agrícola emergente no Brasil que expulsou incontáveis famílias de suas terras em nome progresso financeiro, que como sabemos, não se importa com vidas e hábitos e sim com lucro financeiro. O Paraguai representou aspectos diferentes, para os diversos grupos de migrantes, por isso não há como definir de maneira harmoniosa quais brasileiros/as escolheram esse caminho.

A chegada dessa população migrante marcou o país, não apenas na produção, mas também no espaço comunitário, hábitos e costumes brasileiros foram mantidos e disseminados, uma extensão do Brasil foi assimilada naquele território e com isso o povo paraguaio foi perdendo espaço, uma nova forma de vida alterou praxes de maneira impositiva, de repente, um antigo inimigo de guerra, era o vizinho mais próximo.

Em meio a essa seara de transformações sociais, pensar a história das mulheres e tentar compreender como as mulheres paraguaias vivenciaram esse processo, é revirar a historiografia construída dentro dos pressupostos patriarcais e androcêntricos e com isso encontrar uma história potente e pulsante, que foi invisibilizada durante anos, num esquecimento programado, falar da migração a partir das vozes das mulheres é narrar uma outra história, que compreende aspectos relacionados a questões políticas e econômicas, mas que no entanto também abrange as relações cotidianas, o cuidado com os filhos e com a casa, as hierarquias despercebidas.

Nas complexidades e contradições da construção historiográfica, a partir da colonialidade das subjetividades, ditou-se quais aspectos sociais eram dignos ou não de fazerem parte da história, e as mulheres infelizmente, fizeram parte de esquecimentos programados, a história política e econômica, foi predominantemente considerada mais importante, os aspectos cotidianos, as vivencias do universo doméstico relegado milenarmente as mulheres, não eram classificadas como relevantes.

Atualmente muito já se conquistou a respeito dos direitos das mulheres, no entanto existe ainda um longo caminho para superar, os preconceitos e desigualdades continuam a acontecer, por vezes de forma velada, travestidos de significações, muitas vezes a legislação vigente se adequa as novas perspectivas historiográficas, mas a moral social vivenciada na cultura diária continua a construir assimetrias, em se tratando da mulher paraguaia, Corvalan destaca:

> Aunque la legislación paraguaya haya avanzado hasta ponerse al nivel de los países de la región, la aplicación de las normas sigue siendo avasallada por jueces que todavía consideran que "el hombre debe arreglar los asuntos de la casa para dentro y el Estado de la casa para fuera"; es decir, como una complicidad encubierta, por una cínica abstención de intervenir en la intimidad de las personas. (CORVALÁN, 2013, p. 163).

As mulheres são subjugadas por crenças limitantes que ditam o seu destino, e as conquistas celebradas atualmente são resultado de numerosas lutas para quebrar esses padrões limitantes, assim crenças restritivas, travestidas de cuidado e por vezes de zelo, podem também ser analisadas como uma maneira de interferir na vida e ditar regras, a nossa sociedade ainda vivencia vestígios do patriarcado que continua empenhando-se para manter suas garras hierarquizantes, definindo posições de poder.

As mulheres que narraram suas histórias para a estruturação deste trabalho, são exemplos de luta, uma vez que durante suas trajetórias tiveram que encarar o universo patriarcal e androcêntrico, quebrar barreiras e enfrentar transformações sociais para construir suas histórias, para uma mulher a luta por qualquer posição social, sempre será em dobro, a sociedade continua ditando padrões a serem seguidos pelas mulheres, dentro de um processo de longa duração, pautado em dissimetrias e preconceitos.

Assim falar das mulheres se trata de uma reflexão sobre figuras interrompidas e trajetórias silenciadas, a nova forma de construir a história recorrendo a elas, é também a busca por saldar uma dívida histórica, dado que, a nossa história recorrentemente, excluiu pessoas, escolhendo seus heróis dentro de um padrão eurocêntrico, e a colonialidade do ser e do saber

ditaram padrões desiguais, agrilhoando aqueles/as considerados "fora" do ditame, às invisibilidades históricas.

A história das mulheres paraguaias carrega em seu âmago várias definições e rotulações, após a Guerra da Tríplice Aliança, algumas delas foram encaixadas em padrões como o de reconstrutoras, enquanto outras permaneceram no esquecimento, e esse esquecimento é ainda mais significativo, quando se trata das mulheres pobres, por esse motivo, o conceito de interseccionalidade se faz ainda mais relevante, pois nos leva a compreender que dentro do universo feminino, também existem classificações, a regra não é a mesma para todas.

As mulheres retratadas neste trabalho, fazem parte de um arcabouço histórico pouco convencional, uma vez que são mulheres pobres, trabalhadoras, que ao almejar construir uma vida melhor, passaram a coexistir com migrantes de origem brasileira, sua cultura e seus hábitos cotidianos passaram por ressignificações históricas no contato com o/a outro. A partir delas, se conhece uma outra versão da história da migração, trazendo novas definições, saindo das questões políticas e econômicas, que geralmente representam a história sobre esse assunto.

Os/as brasileiros/as ao chegarem no Paraguai, passaram a viver em colônias, nas quais eram predominantemente ocupadas por brasileiros/as, o contato com os/as paraguaios/as era limitado, na maioria das vezes isso acontecia por meio do/a professor/a, serviços de saúde ou outro serviço público, deste modo, essas regiões como pode ser notado ao longo da pesquisa, era como uma extensão do Brasil dentro do Paraguai, o arcabouço cultural da região era pautado pelos costumes migrantes.

Situação que se mantém até a atualidade, como postulado pelas mulheres, se tem a impressão de que existe um mini Brasil, dentro do Paraguai, marcando a identidade local a partir da recusa em relação a cultura do país chegado, acontecendo assim, um movimento contrário, no qual são os/as paraguaios/as que buscam uma adaptação em relação a aqueles/as que chegam, aprendendo o português e se adaptando as particularidades culturais, se instaura uma nova percepção da realidade.

Migrantes no Paraguai vivem e se comportam como se estivessem no Brasil, impondo suas formas de vida, de grandes hábitos a pequenas influências, transformando a rotina, muitas vezes sendo inclusive considerados pioneiros na região e fundadores de cidades, como no caso de Katuete e Nueva Esperanza. Na mistura heterogênea residual desse contato e coexistência, existe numa simbiose onde um povo não se enxerga sem o outro.

Hierarquias invisíveis assimiladas ao longo do processo que são naturalizadas e mantidas como normais, como por exemplo a continuidade e disseminação do português nessas

regiões, foi o ponto nodal das entrevistas, no qual as mulheres paraguaias centraram suas observações, elas frequentemente destacaram como entre os/as brasileiros/as migrantes, existe uma recusa em relação ao espanhol, e ainda mais enfática quando se trata do guarani.

Construiu-se, deste modo, no Paraguai uma dominação cultural por meio da linguagem, os/as que chegaram instituíram linhas divisórias, baseadas no idioma, levando assim os/as paraguaios/as a aprender o português, utilizado também como instrumento de assimilação de poder, já que as mulheres paraguaias em suas narrativas destacam que o seu povo tem uma facilidade maior para aprender novos idiomas, em detrimento dos/as migrantes.

Nas aproximações e distanciamentos, os meios para marcar os de cá e os de lá, partiram de vários lugares, o aprender o português, pode ser entendido como uma forma de suplantação cultural, o que de fato foi, uma marca colonial disseminada a partir da linguagem, mas também tem um potencial de resistência, que transparece quando se destaca uma predisposição maior dos/as paraguaios/as para aprender novos idiomas. Assim coexistir na fronteira, banhada por processos migratórios, significa viver no plural, os traços culturais são absorvidos mutuamente.

A migração fabrica identidades variadas, da coexistência entre dois povos culturalmente distintos, nasce uma nova forma de existir, pautada na mistura desses dois grupos, lapidado por padrões etnocêntricos de subjugação de uma nação, mas também com vestígios de alteridade, quando no cotidiano, traços são incorporados na forma de compreender a vida, na relação de troca, não há a possibilidade de um ser imune em relação ao outro, mesmo com as dissimetrias impostas pela migração.

As mulheres paraguaias, em suas narrativas conseguiram abarcar as várias nuances metamorfoseadas, possibilitadas pela migração, e seguindo um caminho adverso a aquele esperado, quando questionadas sobre as diferenças entre migrantes e nativos, surge a questão do trabalho e elas o colocam numa hierarquia de valor, defendendo aqueles que chegam, como mais adeptos ao trabalho e que isso justifica seu progresso, em detrimento do povo paraguaio, que não possui uma predisposição as atividades laborais.

A defesa do migrante como trabalhador, invisibiliza as diferentes formas de assimilar a vida e também a dominação capitalista por trás dessa realidade instaurada no Paraguai, a noção de progresso difundida através de uma ideologia dominante, conduz as pessoas a gastarem suas vidas, trabalhando incansavelmente para acumular bens, acarretando a acentuação das desigualdades sociais e postulando a forma considerada correta de viver, anulando ou subjugando quem escolhe não se dobrar a esses padrões universalizantes calcados no aprisionamento de corpos ao trabalho.

O trabalho como instrumento de poder, que diferencia classes e povos, difundindo a ideia de que a miséria é protagonizada pela preguiça, isentando, deste modo os paradigmas acachapantes dessa globalização do capitalismo, onde vidas são perdidas em nome do progresso que nesse caso, é sinônimo de trabalhar, gastando a força vital em nome do acúmulo e da geração de riqueza e principalmente, o lucro daqueles/as que já são donos dos meios de produção. A recusa então, de fazer parte desse processo, acarreta o julgamento, no qual se dissemina a ideia de que os/as paraguaios/as não gostam de trabalhar.

No universo doméstico não é diferente, as mulheres também se colocam numa escala de valor, postulando que as mulheres brasileiras possuem uma predisposição maior para cuidar da casa. A migração é carregada de comparações, interessante analisar que são as mulheres paraguaias que ao se compararem com as brasileiras, julgam o seu próprio trabalho como inferior, os processos de colonialidade de corpos e mentes se evidenciam.

A vida das mulheres paraguaias passou por um processo de ressignificação, entre a calma e a inquietação, entre aceitação e distanciamento, elas construíram uma nova forma de enxergar o mundo e as pessoas, recorrentemente separando em categorias diferentes escalas do que é considerado positivo e negativo em relação a migração e aos/as migrantes.

Em diferentes planos o/a migrante é colocado como superior, em relação ao trabalho, a organização da comunidade, as atividades domésticas, más há também a defesa do espaço nacional, situação nas quais as mulheres paraguaias, defendem sua nação, como no caso da linguagem, elas aprendem o português e entendem que isso é um fator de superioridade em relação aos migrantes, que na visão delas, aparentam não ter aptidão para exercitar um novo idioma.

Mesmo que seja a falta de vontade dos/as brasileiros/as que vivem no Paraguai de aprender o idioma do país chegado, partindo do pressuposto de superioridade racial, como narrado pelas mulheres, o/a paraguaio/a ao aprender um novo idioma, se coloca numa posição de poder, pois pode transitar pelos dois "mundos" compreendendo e sendo compreendido. A imposição cultural que abalou as estruturas conhecidas e a história do país, vai sendo ressignificada, a partir da necessidade da coexistência.

Os/as migrantes ao chegarem no Paraguai e se recusarem a aderir a cultura local preservam estereótipos e ambivalências, e as relações cotidianas são pautadas em distanciamentos programados, mesmo que subjetivamente, ao colocar uma placa de divulgação comercial ou mesmo de fachada em português, postula a hierarquia entre "os/as de lá e os de cá". São conflitos velados, que evidenciam a não aceitação do/a outro.

Mais de meio século depois do início do processo migratório, ainda revelam-se nuances de desigualdades raciais entre esses sujeitos históricos que coexistem há tanto tempo. A marca social da diferença entre brasileiros/as e paraguaios/as perpetuada sobretudo pela linguagem e o uso dela, consequência simbólica de tessituras desiguais produzidas pela migração com nuances coloniais.

Brasileiros/as e paraguaio/as construíram um lugar social muito atípico no Paraguai, no qual existe ao mesmo tempo uma supressão e uma complementação cultural, uma hibridização cultural, mesmo que desigual, há uma reciprocidade, o cotidiano, a escola, o trabalho, as festas, apresentam características dos dois países, feijão e sopa paraguaia são servidos na mesma mesa, uma pergunta em espanhol, respondida em português e vice-versa, o guarani permeia de maneira tímida as relações.

Inaugurou-se uma nova forma de vida, tanto para migrantes quanto para as comunidades originárias daquele país, na qual a coexistência era imposta, era preciso conviver com o/a diferente, na procura pela adaptabilidade e continuidade da vida, ambos buscaram formas de adaptação, claro que, como pontuado ao longo deste trabalho, de maneira desigual, onde os/as brasileiros/as vivenciaram seus hábitos e costumes livremente num território alheio.

Nessa nova forma de vida, encontrada por pessoas diferentes, que necessitam conviver por motivos diversos, dentro de singularidades hierárquicas, numa situação inteiramente diversa, um não existe sem o outro, dentro das misturas e rivalidades, formou-se uma cultura nova, resultante da miscelânea edificada com o processo migratório.

Em se tratando da história da historiografia e as mulheres nos seus cotidianos, há um imenso flanco a ser pesquisado e compreendido, existe a necessidade de revisão historiográfica acerca dos enfoques sobre migrações, mulheres, fronteira, e questionar a ideia de um tempo cindido entre passado, presente e futuro, e estático evidenciando a continuidade histórica presente de um passado colonial, mas que sob o olhar feminino passa a um olhar contra colonial.

**REFERÊNCIAS**


ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras:** os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010, 268 p.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região.** Revista Fronteiras, Dourados, MS, v. n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ANZALDÚA, Gloria. **Bordelands La Frontera: la nueva mestiza.** Traducción de Sonia Saldivar. Madrid: Capitán Swing, 2016.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **"De Criciúma para o mundo":** gênero, família e migração. In: Revista Campos, UFPR, v. 3: 31-49, 2003.

BALLER, Leandro. Revista Territórios & Fronteiras. Cuiabá, vol. 5 n. 2, p. 297- 304, 2012. Resenha de: ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010, 268p

BALLER, Leandro. Discursos fronteiriços: As sociabilidades em áreas rurais de fronteira. In: **Revista TEL**, Irati, v. 7, n.1, p. 230-243, jan. / jun. 2016- ISSN 2177-6644.

BALLER, Leandro. **Fronteiras transnacionais e interculturalidade em zonas de contato.** In. Fronteras de género, subjetividades e interculturalidad. Primera edición / Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones sociales: [Brasil]: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

BARBOSA, Marialva. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. In: **Intercom – RBCC**. São Paulo, v. 41, n.2, p.21-36, mai/ago. 2018.

BATISTA, Luiz Carlos. **BRASIGUAIOS NA FRONTEIRA: caminhos e lutas pela liberdade e pela resistência camponesa.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.

BAREIRO Line, SOTO Clyde y MONTE Marly. **Alquimistas. Documentos para outra historia de las mujeres.** Centro de Documentacíon y Estúdios, Asunción, 1993.

BENITES, Sacha Aníbal Cardona. **A la sombra de los perobales.** Historia del poblado de Punta Porã. Genesis de dos ciudades 1870-1902. Imprensa Salesiana, Paraguai, 2019.

BHABHA, Homi k., **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. – 2. ed.- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 441 p. – (Humanitas).

BIDASECA, Karina. **Perturbando el texto colonial.** Los estudios (pos) coloniales en América Latina, Buenos Aires, Editorial SB, 2010.

BIDASECA, Karina. **La revolucion será feminista o no será. La piel del arte feminista descolonial.** Buenos Aires: Prometeu Libros, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. – 7°. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CACERES, Kelda Kelly Vera. **La participación política de las mujeres en Paraguay.** El caso del MKP y de la democracia participativa. Foz de Iguaçu – PR – Trabalho de conclusão de curso, UNILA, 2016.

CARVAJAL, Julieta Paredes. **Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Mathilde Endlich Orth. 12ª .ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHIAVENATO, Júlio José. **STROESNNER: retrato de uma ditadura.** 2ª. Ed. – São Paulo, SP: Brasiliense 1980.

CHONG, Natividad Gutiérrez. **Interseccionalidad.** In. Dicionário Crítico de Gênero. Organizadores: Ana Maria Colling, Losandro Antonio Tedeschi – Dourados, MS: 2° Edição, UFGD, 2019.

CHONG, Natividad Gutiérrez. **Interseccionalidad: identidades e interstícios.** Primera edición / Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones sociales: [Brasil]: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

COLLING, Ana Maria. **As chinas gaúchas: a invisibilidades do feminino na Guerra do Paraguai.** XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS. São Leopoldo/RS, 2014.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro. **A história e as mulheres: "**novas encruzilhadas, outros sujeitos**".** In. Estudos de gênero e estudos de mídia: (des) construções contemporâneas / Eliane Cadoná; Editora URI, 2020.

CORVALLAN, Graziella. **Movimiento feminista paraguayo.** Su construcción social. Servilivro, Asunción, Paraguay, 2013.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono.** São Paulo: Cosac Naify, 2014

CURIEL, Ochy. **Construindo metodologías feministas a partir do feminismo decolonial.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

GODOY, Marilyn. **Indígenas, vassalhas y campesinas.** Asunción, Servi Livro, 2013.

GOMEZ. Santiago Castro. Ciencias sociales, violência epistêmica y el problema de la "invención del outro'. In: LANDER, Edgardo. (org) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, n. 10, 2002.

CYRRE, Magda Regina Lourenço. **Reflexões sobre o discurso jornalístico:** contribuições para interpretação. In: Revista Entrelinhas – Vol. 7 n.1 (jul/dez.2013).

DÁVALOS, Serafina. **A cien años de Humanismo.** Centro de Documentacíon y Estúdios, Asunción, 2007.

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR Carlos. **O nome dos outros.** Narrando a alteridade na cultura e na educação. In.: Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença/organizado por Jorge Larrosa e Carlos Skliar ; tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira S.A. 1968.

FARINA, José Arce. **Las fuerzas armadas y el stronismo.** Asunción, El Lector, julio de 2014.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2018.

FERRER, Renée. **La liberación de la mujer a través de la escritura.** América sin nombre: Boletín de la Unidad de Investigación de la Universidad de Alicante "Recuperaciones del mundo precolombino y colonial en el siglo XX Hispanoamericano", n.4, pp.28-34, 2002.

FIORETIN, Marta Isabel Schneider. **A experiencia da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010).** Dissertação de mestrado em História - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

FIORETIN, Marta Isabel Schneider. **Imigrantes brasileiros radicados no Paraguai (1970-2016):** as relações entre os migrantes e seus descendentes e a sociedade paraguaia. Tese de Doutorado em História – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017, 188 p.

FIORENTIN, Carlos Gómes. **1954 El contexto histórico.** Asunción, El Lector, abril de 2014.

FOGEL, Ramón. **Luchas campesinas: tierra y condiciones de producción.** Asunción, CIPAE, Comité de Iglesias para Ayudas de Emergencias & CERI, Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GLAUSER, Marcos. **Extranjerización del territorio paraguayo.** Asunción, Fundación Rosa Luxemburgo BASE-IS, 2009.

GODOY, Maria Paola Ayala. **Migración Brasileña en el Paraguai:** el caso “brasiguayos”, las dificultades sociales y diplomáticas que acarrea. Foz de Iguaçu – PR – Trabalho de conclusão de curso, UNILA, 2014.

GOMEZ. Santiago Castro. **Ciencias sociales, violência epistêmica y el problema de la "invención del outro'**. In: LANDER, Edgardo. (org) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 145 a 161.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KLAUCK, Roberto Carlos. **A Luta dos Brasiguaios pelo Acesso a Terra no Paraguai (1970-1980).** In.: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. ISSN 2175-4446, (ON-LINE). 21 a 23 de setembro de 2011, p. 871- 882.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos.** Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARROSA, Jorge. **Para qué nos sirven los extranjeros.** Educação & Sociedade, ano XXIII, n° 79, Agosto/2002.

LAFARGUE, Paul. **O direito a preguiça.** Tradução Alain François. São Paulo: Edipro, 2016.

LIMA, Lana Lage da Gama e SOUZA, Suellen André de. **Patriarcado.** In. Dicionário Crítico de Gênero. Organizadores: Ana Maria Colling, Losandro Antonio Tedeschi – Dourados, MS: 2° Edição, UFGD, 2019.

LINE, Bareiro. **Atando Cabos.** In. DÁVALOS, Serafina. A cien años de Humanismo. Centro de Documentacíon y Estúdios, Asunción, 2007.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero e migrações –** trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 14, núm. 26-27, 2006.

LORDE, Audre. **Los usos de lo erótico:** el erótico como poder. Traduzido por tate ann de Uses of the Erotic: The Erotic as Power, in: LORDE, Audre. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial.** Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MALDANER, Aline Kammer. **Redes de interações transfronteiriças entre os municípios de Pato Bragado (Paraná -Brasil) e Nueva Esperanza (Canindeyu-Paraguay).** Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2016.

MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade.** São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Paradidáticos.Cultura).

MASI, Fernando. **Política exterior del Brasil, integración regional y modelo económico del Paraguay.** In.: Política Exterior Brasileña Oportunidades y Obstáculos para el Paraguay. Coor. Diego Abente Brun. Ed. Editorial Servilibro, Asunción PY, junio de 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar.** 2. ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

MEZZADRA, Sandro. Derecho de Fuga: migraciones, ciudadanía y globalización. Madri: Traficante de Sueños, 2005.

NICKSON, Andrew. **Colonización brasilera en la Region Oriental del Paraguay.** Asunción, CERI, Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005.

NICKSON, Andrew. **El régimen de Stroessner (1954-1989).** In. História del Paraguay. Coord. Ignácio Telesca. Asuncíon, Santillana S.A. , 2010.

OYÉWÚMI, Oyérónké. **A Invenção das mulheres.** Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.1ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do tempo, 2021.

PERROT, Michele. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência.** In: Cadernos Pagu (4) 1995: pp. 9-28.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. – 7° ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

POTTHAST, Barbara. **La mujer en la história del Paraguay .** In. História del Paraguay. Coord. Ignácio Telesca. Asuncíon, Santillana S.A. , 2010.

PRATT, Mary Louise. **A crítica na zona de contato:** nação e comunidade fora de foco. Universidade de Stanford, 1999.

PRATT, Mary Louise. **Ojos imperiales. Literatura de viajes y transculturación.** Trad. De Ofelia Castillo – México : FCE, 2010.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latinoamericanas. Compilado por Edgardo Lander 1° .ed. – Buenos Aires: CLACSO, 2003.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.** In: Quijano, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RODRÍGUES, José Carlos. **Dictadura y sociedad civil (1954-1989).** Asunción, El Lector, julio de 2014.

RODRIGUES, Fatima E. e TOSCO, Pablo. **Tierra sim ellas.** 06 de novembro de 2018. Disponível em https://labs.revista5w.com/tierrasinellas/maria-dominga.html. Acesso em: 09/05/2021 às 08 h 48 min.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos.** [tradução Ricardo Santhiago], São Paulo : Letra e Voz, 2011.

SAID, W. Edward. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. – 1°. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994)

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução às epistemologias do Sul.** In: Boaventura de Sousa Santos: Construindo as Epistemologias do Sul. Volume I Buenos Aires: CLACSO, novembro de 2018.

SAYIG, Rosemary. Las mujeres y las historias de la Nakba : Entre ser y conocer. IN: ABU-LUGHOD, Lila. Nakba: Palestina 1948 y los reclamos de la memoria / 1a edición para el alumno - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CANAÁN Editorial, 2017.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade:** em busca de chaves de leitura y de um vocabulario estratégico descolonial (*) In: Cadernos CES. Coimbra/PT. N. 18. Dezembro de 2012.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda.** 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SOUCHAUD, Syvain. **A visão do Paraguai no Brasil.** Contexto Internacional – vol. 33, n. 1, janeiro/junho 2011.

SZEKUT, Andressa e OLIVEIRA Jorge Eremites de. **A presença de brasileiros na recente colonização do Paraguai.** Mediações, Londrina, V. 21 N. 2, p. 303-331, 2016.

SILVA, Henrique Manoel da. **Fronteireiros:** as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katuete, no Departamento de Canindeyú – 1970 -2000. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC – Florianópolis – SC, 2007.

SILVA, Tamy Amorim da. **Por uma "outra história das mulheres" paraguaias –** um estudo das publicações do Centro de Documentación y Estudios – Areamujer. 13° Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11, Florianópolis – SC, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e diferença.** In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozez, 2014.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória:** pensando um perfil de historiador etnográfico. Universidade Luterana do Brasil, 2007.

SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. In: **Revista Biblos**. Rio Grande do Sul, 19:109-125, 2006.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Limites de gênero,** limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais. In.: HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral, v.12 n. 1-2, jan.-dez.2009. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres.** Dourados-MS, UFGD, 2014.

TEDESCHI, Losandro Antonio e BALLER, Leandro. **Fronteras fragmentadas y múltiples identidades:** una investigación de fronterizos transnacionales entre Brasil y Paraguay. *Estudios Políticos* núm, 44. Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio; TEDESCHI, Sirley Lizott. **A História das mulheres (séc XX e XXI):** entre poder, resistência e subjetivação. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 508-529, jan./abr. 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Cruzar y vivir la frontera:** narrativas de la experiencia migratoria de mujeres migrantes. Primera edición / Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones sociales: [Brasil]: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

VALINOTTI, Ana Monstserrat Barreto. **Mujeres que hicieron historia en el Paraguay.** Asunción, Servi Libro, 2011.

VALINOTTI, Ana Monstserrat Barreto. **Voces de la mujer en la historia paraguaya.** Proyecto voces de la mujer en la historia paraguaya, 200 años después, Tomo I. Asunción, abril de 2012.

VEIGA, Ana Maria e PEDRO, Joana Maria. **Gênero.** In. Dicionário Crítico de Gênero. Organizadores: Ana Maria Colling, Losandro Antonio Tedeschi – Dourados, MS: 2° Edição, UFGD, 2019.

VILLAMAR, Carmem Villareal del, RIBEIRO, Gisele Maria Almeida. **Abdelmalek Sayad e o pioneirismo do pensamento pós-colonial nos estudos migratórios.** In. A

contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad (recurso eletrônico) Gustavo Dias, Lucia Bógus, José Carlos Alves Pereira, Dulce Dias (orgs.) – São Paulo : EDUC, 2020.

VILHAGRA, Luis Rojas. **La economia durante el stronismo.** Asunción, El Lector, mayo de 2014.

VILLAMAR, Carmem Villareal del, RIBEIRO, Gisele Maria Almeida. **Abdelmalek Sayad e o pioneirismo do pensamento pós-colonial nos estudos migratórios.** In. A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad (recurso eletrônico) Gustavo Dias, Lucia Bógus, José Carlos Alves Pereira, Dulce Dias (orgs.) – São Paulo : EDUC, 2020.

WOODWART, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual.** In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozez, 2017.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Gênero, emoções e afetos na política.** In Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul / organização de Cristina Scheibe Wolff – 1.ed. – Curitiba, 2021.

**FONTES ORAIS**

ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 16/06/2021. 1:08:45 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Blanca Estela Ramires Flecha** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/05/2023. 29 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 1:14:12 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Elva Antonia Mareco Romero** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Lenir Marciniak.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 30/06/2021. 0:31:18 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrigues.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/06/2021. 0:26:18 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Luciana Bustamante Rodrígues** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 30/04/2023. 45 min. (aprox.), som

ENTREVISTA. **María Carmen Morel de Viera** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 22/05/2021. 15 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **María Carmen Morel de Viera** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 28 min. (aprox.), som

ENTREVISTA. **Nilda Ramona Torres de Brizudeña** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. . Nueva Esperanza. 14/06/2021. 1:15:39 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 31/05/2021. 1:55:54 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Olga Victoria Vera Cañete** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Nueva Esperanza. 29/04/2023. 26 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Lorena Morel.** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete. 05/06/2021. 1:20:24 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA. **Lorena Morel** (Áudio – mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Katuete, 29/04/2023. 37 min. (aprox.), som.

**FONTES DA IMPRENSA**


ABC COLOR. *Hay mas de 500.000 brasiguayos en Paraguay*, 23 oct. 2008, Versão Digital. Disponível em: <https://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/hay-500000-brasiguayos-en-el-paraguay-1113963.html>. Acessado em 14 de set. 2020.

ABC COLOR. *Nulo control de las autoridades en la frontera facilita la ilegalidad*, 29 de agost. 2005. Disponível em: < https://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/nulo-control-de-las-autoridades-en-la-frontera-facilita-la-ilegalidad-852871.html>. Acessado em: 15 de jun. 2021.

ABC COLOR. *Hay mas de 500.000 brasiguayos en Paraguay*, 23 oct. 2008, Versão Digital. Disponível em: <https://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/hay-500000-brasiguayos-en-el-paraguay-1113963.html>. Acessado em 14 de set. 2020.

ABC COLOR. *Itapú: cuando la abundancia ahoga*, 23 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/cultural/2021/05/23/itaipu-cuando-la-abundancia-ahoga-i/>. Acessado em 14 de set. 2020.

ABC COLOR. *Cuestionan invasión brasileña que genera pérdida de identidade*, 22 de set. 2004. Disponível em: https://www.abc.com.py/edicion-impresa/locales/cuestionan-invasion-brasilena-que-genera-perdida-de-identidad-787107.html. Acessado em: 15 de jun. 2021.

ABC COLOR. *Exigem poner fin a invasión brasileña*, 22 de jul. 2003. Disponível em: < https://www.abc.com.py/edicion-impresa/interior/exigen-poner-fin-a-invasion-brasilena-710403.html>. Acessado em: 15 de jun. 2021.

EL PAÍS. El dueño de la gran cosecha paraguaya, 18 de mayo de 2018. Disponível em: <https://elpais.com/economia/2018/05/24/actualidad/1527176301_447075.html>. Acessado em 22 de out. 2023.

ULTIMA HORA. *Stroessner y otros militares se repartieron miles de ha.* 06 de agost. 2020. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/stroessner-y-otros-militares-se-repartieron-miles-ha-n2898449>. Acessado em 20 de set. 2020.

ULTIMA HORA. *Países limitan tierras a extranjeros, y Paraguay descuida hasta frontera,* 10 de nov. De 2019. Disponível em: < https://www.ultimahora.com/paises-limitan-tierras-extranjeros-y-paraguay-descuida-frontera-n2853960>. Acessado em 03 de out. de 2020.

ULTIMA HORA. *Una marcada influencia de Brasil se observa en los distritos paranaenses,* 22 de set. de 2013. Disponível em: < https://www.ultimahora.com/una-marcada-influencia-brasil-se-observa-los-distritos-paranaenses-n724787> Acessado em: 22 de agost. De 2023.

ULTIMA HORA. *La costumbre extranjera es fuerte competencia para la tradición local*, 23 de set. 2013. Disponível em: < https://www.ultimahora.com/la-costumbre-extranjera-es-fuerte-competencia-la-tradicion-local-n724786>. Acessado em 22 de set. 2021.

ULTIMA HORA. *Modifican fecha de desfile en Katueté por festejos en el Brasil*, 01 de maio 2017. Disponível em: < https://www.ultimahora.com/modifican-fecha-desfile-katuete-festejos-el-brasil-n1082510>. Acessado em 07 de agost. 2021.

ULTIMA HORA. *Aqui é Paraguai, mais você 'tein' que falar em português,* 22 de set. de 2003. Versão impressa.

ULTIMA HORA. *Somos extranjeros en nuestra propia tierra*, 31 de julh. 2011. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/somos-extranjeros-nuestra-propia-tierra-n450462.html>. Acessado em 14 de jun. De 2021.

ULTIMA HORA. *Brasil, la República con vocación de Imperio*, 31 de jan. 2021. Disponível em: < https://www.ultimahora.com/brasil-la-republica-vocacion-imperio-n2925407>. Acessado em: 14 de jun. 2021.

# ANEXOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Pelo presente documento,

**Eu** Blanca Estela Ramires Flecha .Documento de identificação n°: 2045982, paraguaia, domiciliado/residente no município de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, em 16/06/2021 e 30/05/2023, **como subsídio à construção de sua tese de doutorado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Nueva Esperanza: 25/08/23

(Assinatura do entrevistado/depoente)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Pelo presente documento,

**Eu** Elva Antonia Mareco Romero Documento de identificação nº: 1.715.865, paraguaia, domiciliado/residente no município de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, em 30/06/2021 e 29/04/2023, **como subsídio à construção de sua tese de doutorado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Nueva Esperanza: 25/08/23

(Assinatura do entrevistado/depoente)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Pelo presente documento,

**Eu** María Carmen Morel de Viera Documento de identificação nº: 1395300, paraguaia, domiciliado/residente no município de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, em 22/05/2021 e 29/04/2023, **como subsídio à construção de sua tese de doutorado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Nueva Esperanza: 25/08/23

María Morel de Viera.

(Assinatura do entrevistado/depoente)

Pelo presente documento,

**Eu** Nilda Ramona Torres de Brizuenã. Documento de identificação n° 1010976, paraguaia, domiciliado/residente no município de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai em 14/06/2021, **como subsídio à construção de sua tese de doutorado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Nueva Esperanza: 25 / 08 / 23

(Assinatura do entrevistado/depoente)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Pelo presente documento,

**Eu** Luciana Bustamante Rodrigues Documento de identificação n°: 4.815.789, paraguaia, domiciliado/residente no município de Katuate – Canindeyu – Paraguai, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade Katuete – Canindeyu – Paraguai, em 30/06/2021 e 30/05/2023, **como subsídio à construção de sua tese de doutorado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Katuete: 24/8/2023

Luciana Bustamante R.

(Assinatura do entrevistado/depoente)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Pelo presente documento,

**Eu** Olga Victoria Vera Cañete Documento de identificação nº: 1.975.725. paraguaia, domiciliado/residente no município de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Nueva Esperanza – Canindeyu – Paraguai em 31/05/2021 e 29/04/2023, **como subsídio à construção de sua tese de doutorado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Nueva Esperanza 25/08/2023

(Assinatura do entrevistado/depoente)

Pelo presente documento,

**Eu Lenir Marciniacck** RG: 145730414 emitido pelo(a): SSP/PR, domiciliado/residente na rua Iguatemi 1581, bairro centro. Eldorado-MS **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a)**: ELISANDRA TOMASCHESKI, CPF: 025.462.430-80 RG:2.529.806 ,emitido pelo(a):SEJUSP/MS, Domiciliado/residente no ASSENTAMENTO ITAMARATI, RUA F CASA 07 SEDE **sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a)**, na cidade de Nueva Esperanza, Canindeyu-Paraguai, e Eldorado Estado de Mato Grosso do Sul, em 30/06/2021 e 01/05/2023, **como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS.** O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Eldorado: 28/08/2023

gov.br Documento assinado digitalmente
LENIR MARCINIACK
Data: 28/08/2023 18:24:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

(Assinatura do entrevistado/depoente)